



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
DOUTORADO

**“Ontem, Simonton. Hoje, McIntire”: O surgimento
e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana
Fundamentalista do Brasil na cidade do Recife
(1956-1995).**

JOSÉ ROBERTO DE SOUZA

RECIFE

2019



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
DOUTORADO

**“Ontem, Simonton. Hoje, McIntire”: O surgimento
e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana
Fundamentalista do Brasil na cidade do Recife
(1956-1995).**

JOSÉ ROBERTO DE SOUZA

Tese apresentada à Banca de Defesa Pública, como pré-requisito final da pesquisa do Doutorado, objetivando cumprir as exigências necessárias do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UNICAP. Linha de Pesquisa: Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade, Identidade e Religião. Orientador Prof. Dr. Drance Elias da Silva.

RECIFE

2019

S729o

Souza, José Roberto de.

“Ontem, Simonton. Hoje, McIntire : o surgimento e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil na cidade do Recife (1956-1995) / José Roberto de Souza, 2019
210 f. : il.

Orientador: Drance Elias da Silva

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.
Doutorado em Ciências da Religião, 2019.

1. Protestantismo - Recife. 2. Fundamentalismo.
3. Presbiterianismo. I. Título.

CDU 284(81)

Aos meus amores: Edilza, Roberta e Thiago, que me
proporcionam uma alegria indescritível, e uma
gratidão sem limites.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Poderoso e Eterno Deus-Trino, a nossa profunda gratidão, pois sem o Seu auxílio constante jamais chegaríamos até aqui.

A minha querida esposa Edilza, que tem sido uma verdadeira auxiliadora idônea, companheira, amiga e, principalmente, incentivadora nas batalhas.

Aos nossos queridos e amados filhos: Robertinha e Thiaguinho, filhos da Aliança. Presentes de Deus na nossa vida.

Aos meus queridos pais: Sr. Josias (in memoriam) e D. Lourdes, os quais me ensinaram lições que jamais aprendi em nenhum outro lugar.

Aos meus irmãos Rosemary e Robson, os quais permanecem sendo alvos nas minhas orações.

Ao meu orientador e amigo, Professor Doutor Drance Elias da Silva, a minha profunda gratidão, pois, mesmo diante de tantos compromissos, aceitou o desafio de ser o meu orientador. Obrigado, professor Drance, pelas suas ricas sugestões, e acima de tudo por sua amizade.

Aos Professores Doutores: Carlos André Silva de Moura (UPE), Roberto Mauro Cortez Motta (UFPE), José Afonso Chaves (UNICAP) e José Tadeu Batista de Souza (UNICAP), agradeço imensamente pelo prazer e privilégio de tê-los na minha banca.

Ao amigo, tutor e grande incentivador Professor Dr. Stefano Alves dos Santos, muito obrigado por tudo.

À HEBRON-ASSEC, em memória do seu presidente, o saudoso Presbítero Josimar Henrique, pelo fiel acompanhamento e apoio, sem o qual seria quase impossível ter chegado até aqui. Obrigado a todos que fazem parte dessa honrosa empresa e família. Vocês são sempre lembrados em minhas orações.

Ao Programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo seu valioso investimento durante o processo do meu doutoramento (2015-2019).

Aos Reverendos Augustus Nicodemus, Cláudio Henrique, Daniel Carneiro, Douglas Leaman, João Alves (In memoriam), José Vasconcelos, Luciano Gomes, Martorelli Dantas e Sérgio Victalino, registra a minha profunda gratidão pelas ricas informações e inúmeros materiais cedidos que contribuíram muito para a construção desta tese.

A Igreja Presbiteriana do Ibura (UR 1), onde atualmente tenho o prazer de servir ao Senhor no ministério pastoral. Ao Conselho da referida Igreja, pelo apoio ministerial durante esse tempo. Tempo de desafios, mas acima de tudo de paz e amizade. Meus agradecimentos aos presbíteros Carlos e Edvaldo.

Ao Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), onde tive o prazer de me formar (2001), e hoje tenho a grata satisfação de ser professor dessa Casa de Profetas (desde 2006).

Ao Colegiado da PPGCR-UNICAP, externo e amplio meus agradecimentos a todos. Serei sempre grato a vocês.

Aos amigos de sala do PPGCR-UNICAP, meu(s) muito(s) obrigado(s). Bom demais esse tempo de convivência com vocês.

Aos amigos de caminhada acadêmica e de encontros para resenhas e risadas: Edjaelson Pedro, Márcio Vilela, Maurício Amazonas, Paulo Julião e Fúlvio Leite. Obrigado pelas conversas, sugestões e apoios. “Vamos em frente, que atrás vem gente!”.

Ao casal de amigos queridos Humberto e Manu, pela amizade e constante e sincera torcida.

Ao teólogo Tiago Felinto pela rica contribuição no processo de correção.

A todos, muitíssimo obrigado!!!

“Se é verdade que o real é relacional, pode acontecer que eu nada saiba de uma instituição acerca da qual eu julgo saber tudo, porque ela nada é fora das suas relações com o todo.” (BOURDIEU, O Poder Simbólico, 1989).

TÍTULO: “Ontem, Simonton. Hoje, McIntire”: O surgimento e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil na cidade do Recife (1956-1995).

RESUMO

A pesquisa buscou analisar o surgimento e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB), sendo fruto de um cisma da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), ocorrido na cidade do Recife em 1956. Em meados do século XX, o movimento fundamentalista protestante norte-americano atraiu simpatizantes da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), na cidade do Recife. O principal líder do movimento foi o Reverendo Israel Gueiros (1907-1996), o qual se destacou como porta-voz do movimento na cidade. A organização desse novo movimento religioso, fruto dos inúmeros embates entre o Rev. Israel e a sua antiga denominação, resultou na sua disciplina eclesiástica, e posterior “desligamento” da denominação. Acompanhou-se, portanto, o início da fundação da IPFB, a partir do exame dos Jornais o “*Brasil Presbiteriano*” (pertencente à IPB) e “*A Defesa*” (pertencente a IPFB), bem como alguns Livros de Atas do Presbitério de Pernambuco, da Congregação dos Professores do Seminário Presbiteriano do Norte (SPN) e alguns outros documentos oriundos dos concílios da IPB e da IPFB. Através dessas fontes, e utilizando as observações teóricas sociológicas de Pierre Bourdieu sobre o “campo”, são perceptíveis as diferenças entre os grupos que dirigiam essas denominações, incluindo os argumentos e as estratégias utilizadas pela Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) no combate aos fundamentalistas, como também as acusações e argumentos feitos pelo Rev. Israel Gueiros à IPB, o qual afirmava a necessidade de abertura de um novo seminário na cidade do Recife. Com isso, percebemos que esses embates tiveram como principal motivo a perda de espaço político eclesiástico por parte do Rev. Israel Gueiros, ao invés de um discurso em relação a um detrimento ou ameaça à ortodoxia. Desta forma, essa pesquisa contribui para as discussões sobre como a academia pode avançar em sua compreensão acerca da temática do Fundamentalismo Protestante no Brasil.

Palavras-chave: Protestantismo no Recife; Fundamentalismo; Presbiterianismo

ABSTRACT

The research sought to analyze the emergence and development of the Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB - Fundamental Presbyterian Church of Brazil), being the result of a schism of the Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB - Presbyterian Church of Brazil), which took place in the city of Recife in 1956. In the mid-twentieth century, the fundamentalist American protestant movement attracted supporters of the Presbyterian Church of Brazil (IPB) in the city of Recife. The main leader of the movement was Reverend Israel Gueiros (1907-1996), who stood out as spokesman for the movement in the city. The organization of this new religious movement, product of the numerous clashes between the Rev. Israel and his former denomination, resulted in his ecclesiastical discipline, and subsequent "detachment" from the denomination. Therefore, the beginning of the IPFB's foundation was analyzed, following the examination of the "Brasil Presbiteriano" ("Presbyterian Brazil", belonging to the IPB) and "A Defesa" ("The Defense", belonging to the IPFB), as well as some minutes of the Presbitério de Pernambuco (Presbytery of Pernambuco), the Seminário Presbiteriano do Norte (SPN - North Presbyterian Seminary) Teachers' Congregation and some other documents from the IPB and IPFB councils. Through these sources, and using Pierre Bourdieu's sociological theoretical observations about the "field," the differences between the groups that ran these denominations are noticeable, including the arguments and strategies used by the IPB in the fight against fundamentalists, as well as the accusations and arguments made by Rev. Israel Gueiros to the IPB, which affirmed the need to open a new seminar in the city of Recife. Thus, we realize that these clashes were mainly due to the loss of ecclesiastical political space on the part of Rev. Israel Gueiros, rather than a discourse regarding a detriment or threat to orthodoxy. Thus, this research contributes to the discussions about how the academy can advance in its understanding about the theme of Protestant Fundamentalism in Brazil.

Keywords: Protestantism in Recife; Fundamentalism; Presbyterianism

LISTA DE IMAGENS

1. ALADIC, 1986, Reverendos Israel Gueiros e Carl McIntire.....	84
2. Relatório do Revendo Alexander Reese.....	117
3. Correspondência da Miss Margareth Harder.....	128
4. Jornal o “NORTE EVANGÉLICO”, refutação do SPN.....	151
5. Jornal o “NORTE EVANGÉLICO”, disciplina do Reverendo Israel Gueiros...	152
6. Jornal o “NORTE EVANGÉLICO”, exoneração do Reverendo Israel Gueiros.	153
7. Reverendo Carl McIntire pregando na abertura do Sínodo da IPFB.....	158
8. Reverendo Israel Gueiros pregando e sendo traduzido por um coreano.....	159
9. Reverendo Israel Gueiros com Carl McIntire na Alemanha.....	160
10. Organização do Sínodo da IPFB.....	163
11. O Primeiro número do Jornal “A DEFESA”	166
12. Reverendo Israel Gueiros pregando no programa “A LUZ DO MUNDO”	167
13. Folder de divulgação do Orfanato Dr. Porfírio Gueiros.....	179

ABREVIACÕES E SIGLAS

ALADIC – Aliança Latino Americana de Igrejas Cristãs

CAIC- Concílio Americano de Igrejas Cristãs

CE – Comissão Executiva

CFICA- Concílio Federal de Igrejas de Cristo na América

CIEF – Confederação das Igrejas Evangélicas Fundamentalistas

CMI – Concílio Mundial de Igrejas

CIIC – Concílio Internacional de Igrejas Cristãs

FENIP – Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas

ICCC – Internacional Council of Christian Churches

IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil

IPFB – Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil

JET – Junta de Educação Teológica

JURET – Junta Regional de Educação Teológica

SC – Supremo Concílio

SPN – Seminário Presbiteriano do Norte

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - DEFININDO OS CONCEITOS PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO SOBRE A ORIGEM DO FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE ESTADUNIDENSE.....	23
1.1.Os antecedentes que contribuíram para o surgimento do liberalismo protestante teológico.....	25
1.2.Os denominados controvertidos modernistas liberais.....	39
1.3.Os fundamentalistas contra-atacam os modernistas liberais.....	42
1.4.Os embates entre os concílios fundamentalistas e os liberais.....	54
1.5.Carl McIntire o patrono do fundamentalismo protestante brasileiro.....	63
CAPÍTULO II - OS VENTOS DO LIBERALISMO E DO FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE TEOLÓGICO CHEGAM AO BRASIL.....	68
2.1. Os embates da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil entre os tradicionais, conservadores e liberais.....	69
2.2. O alinhamento do protestantismo brasileiro em prol do fundamentalismo estadunidenses contra os liberais protestantes.....	80
2.3. O surgimento de uma liderança nacional em defesa do movimento fundamentalista protestante em terra brasilis.....	87
2.4. O alastramento do fundamentalismo protestante através das literaturas e as suas publicações em solo brasileiro.....	95
2.5. A consolidação do fundamentalismo protestante estadunidense no Brasil através de uma declaração da liderança nacional.....	101
CAPÍTULO III - OS EMBATES EM PROL E CONTRA O DISCURSO FUNDAMENTALISTA ADENTRAM OS PORTÕES DO SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE.....	108
3.1. Os conflitos iniciais entre o Reverendo Israel Gueiros com a congregação dos professores do Seminário Presbiteriano do Norte.....	110
3.2. O Seminário Presbiteriano do Norte diante o liberalismo teológico defendido e ensinado por um dos seus professores o Reverendo Hershey Julien.....	119

3.3. A campanha do Reverendo Israel Gueiros para abertura de um novo seminário na cidade do Recife.....	125
3.4. A reação da IPB para com as acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros.....	129
3.5. O processo disciplinar do Reverendo Israel Gueiros e a sua saída da Igreja Presbiteriana do Brasil.....	143

CAPÍTULO IV - A ESTRUTURA E OS MÉTODOS DA IGREJA PRESBITERIANA FUNDAMENTALISTA DO BRASIL, O SEU ALASTRAMENTO, E AS CRISES NAS DÉCADAS DE 1985 e 1995.....

4.1. A fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil: o apoio de McIntire e de alguns pastores nacionais.....	156
4.2. A expansão da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil: o seminário, as suas igrejas filiais e as suas congregações.....	160
4.3. O método de propagação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil: o jornal, o rádio e o orfanato.....	164
4.4. O arrefecimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil: saídas de pastores e igrejas para a Igreja Presbiteriana do Brasil, e o retorno da Igreja Presbiteriana do Recife.....	180
4.5. A atual situação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil e a sua relação com a Igreja Presbiteriana do Brasil.....	189

CONSIDERAÇÕES FINAIS193

REFERÊNCIAS.....198

INTRODUÇÃO

No contexto atual acadêmico, mais especificamente na área das Ciências da Religião, percebe-se que a pauta do momento é o discurso em prol da diversidade religiosa e uma busca contra a intolerância, visando com isso os direitos humanos, através da liberdade de expressão. Por esse motivo, talvez um dos adjetivos mais nefasto e pejorativo que alguém possa receber é ser chamado de fundamentalista. Em suma, a regra é: de um fundamentalista, toda distância é curta.

Todavia, não custa lembrar Leonardo Boff (2002) quando diz: “Na verdade, o termo fundamentalismo tornou-se palavra de acusação. Fundamentalista é sempre o outro” (p. 10). “Não poucas as vezes, estes termos pejorativos são usados irresponsavelmente para rotular adversários políticos e eclesiásticos, e com generalizações injustas” (LOPES, 2002, p.5). Isso lembra as palavras do Dr. Rodrigo Franklin de Souza, da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), quando no IV Congresso da ANPTECRE, realizado em Recife, nos dias 4 a 6 de setembro de 2013, no Campus da UNICAP, participando da Mesa de debates sobre “Fundamentalismo e Diálogos”, indagou nas suas palavras introdutórias: “Até que ponto o discurso contra o fundamentalismo não nos torna também um fundamentalista?”¹

Mas o certo é que, independentemente do conceito que tenhamos, é possível perceber que o(s) movimento(s) fundamentalista(s) não somente têm crescido, como também têm cada vez mais atraído a atenção dos estudiosos. Lopes (2002) chega a afirmar:

[...] o fundamentalismo está em evidência no mundo. Em todo o mundo, grupos religiosos fundamentalistas estão crescendo rapidamente. Na América Latina, grupos pentecostais radicais se multiplicam e mudam as estatísticas gerais. Na Coreia do Sul e no Taiwan, centros do Confucionismo neotradicionalista se firmam. No Japão, uma nova versão radical do Budismo cresce rapidamente. E o fundamentalismo do mundo islâmico é conhecido por todos. Nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, o fundamentalismo cristão ganha força, após um período de aparente extinção. Muito embora existam profundas diferenças entre grupos mencionados, eles têm em comum o desejo de retornar aos fundamentos e às origens de sua religião, e estão dispostos a lutar para isto (p. 5).

¹ Para um aprofundamento nesse assunto, recomendam-se as obras de ALVES (2005), GEERING (2009), ARAÚJO (2010), GOUVÊA (2012) e SOUZA (2014).

O professor Roberlei Panasiewicz, membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Minas, o qual tem pesquisado sobre pluralismo e o diálogo inter-religioso, lembra que:

O termo fundamentalismo tem perpassado a reflexão de distintos pensadores nas últimas décadas. Sua utilização tem servido para justificar atitudes religiosas fanáticas, um retorno à sociedade pré-moderna ou mesmo práticas violentas. É imprescindível que esse termo seja usado no plural, porque existem diferentes fundamentalismos. Sua origem histórica encontra-se no universo religioso, entretanto, a sua abrangência na sociedade atual ultrapassa esse universo e ocupa o espaço da política e da economia, carregando consigo um traço claramente ideológico. Ter consciência de sua pluralidade é resguardar as várias especificidades que o fenômeno vem produzindo.²

Apesar de haver inúmeros movimentos ou indivíduos que possam ser classificados dentro desse grande bojo que é o(s) fundamentalismo(s), deteremo-nos no fundamentalismo protestante que surge no início do século XX, nos EUA, e que chega ao Brasil na década de 1950. Na realidade, o desejo de pesquisar sobre essa temática surgiu por um motivo muito específico.

Tudo começou quando fomos convidados para lecionar uma disciplina de História da Igreja no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), aqui mesmo na cidade do Recife, no início do ano de 2006. Tínhamos concluído o curso de Teologia, nessa mesma instituição, em 2001. Agora voltávamos para essa “Casa de Profetas” (é assim que carinhosamente o SPN também é chamado), na qualidade de docente. Entre algumas disciplinas que lecionamos, e que nos chamou e prendeu a nossa atenção, desde o primeiro momento, destacou-se a disciplina História da Igreja Presbiteriana do Brasil. Tal fenômeno se deu mais especificamente quando percebemos que, na cidade do Recife, há duas Igrejas Presbiterianas que completam aniversários na mesma data (IP do Recife e a Primeira IP do Recife). Em outras palavras, elas atribuem seu nascimento ao mesmo dia e no mesmo ano. Elas têm as mesmas idades. Foi aí que pensamos: “Como pode isso? Foram fundadas no mesmo dia? Por que uma dessas se denomina como a Primeira Igreja Presbiteriana do Recife? Qual o critério? Quem de fato é a Primeira?” Foi então que

² PANASIEWICZ. Fundamentalismo Religioso: História e Presença no Cristianismo. Disponível In: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf> Acesso em 17/02/2015.

percebemos que, na realidade, essas duas igrejas eram apenas uma, havendo um cisma na década de 1956.

Esse cisma foi fruto de embates entre o pastor da Igreja Presbiteriana do Recife, na época o Reverendo Israel Gueiros, com o Seminário Presbiteriano do Norte, e mais ainda com a própria IPB. Procurou-se descobrir os motivos que levaram a isso. E há quem afirme que os motivos teriam sido por questões relacionadas a posicionamentos doutrinários divergentes. Ou seja, alguns diziam que o Rev. Israel Gueiros teria se levantado contra o SPN, pois afirmava que o mesmo tinha aberto as portas para a propagação de ensinamentos liberais teológicos, assim como ocorreu nas instituições protestantes nos Estados Unidos. Por esse motivo, há quem pense e afirme que o Rev. Israel Gueiros abraçou os ideais do fundamentalismo protestante liderado pelo pastor norte-americano, Carl McIntire. Todavia, os documentos que passamos a ter acesso mostravam algo contrário. A causa do cisma estava mais relacionada por questões voltadas não a motivos doutrinários, mas sim por embates, devido a perdas de espaços político-eclesiástico.

Quanto maior era o conhecimento desse assunto, aumentava o desejo pela pesquisa. Queríamos saber os verdadeiros motivos sobre o surgimento e o desenvolvimento do movimento fundamentalista na década de 1956, na cidade do Recife. Com isso, entre o descobrimento e o despertar por esse tema, e agora com a construção dessa pesquisa de doutorado, já se passou mais de uma década: ouvindo pessoas, juntando documentos e lendo uma tonelada de materiais. Por esse motivo, a nossa tese é que o cisma provocado na década de 1956, resultando na formação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, inicialmente foi motivado pelas disputas pela liderança de uma demarcação política eclesiástica.

Mas, para que possamos entender o surgimento do movimento fundamentalista ocorrido nessa ocasião aqui em Recife, faz-se necessário entender primeiramente o motivo que levou o surgimento do fundamentalismo protestante nos Estados Unidos. Até porque o fundamentalismo estadunidense é o patrono do fundamentalismo no Brasil.

As fontes são unânimes em relação à origem do fundamentalismo protestante, tendo em vista que sempre se transportam em afirmar que, “historicamente, o fundamentalismo recebeu seu nome em decorrência da publicação da obra *The*

*Fundamentals*³. Essa surpreendente obra provocou o maior impacto no desenvolvimento do protestantismo conservador nos Estados Unidos no século XX” (HINDSON, 2009, p. 31-32).

Creemos que, mesmo já existindo vários trabalhos feitos, e outros ainda no processo de pesquisa, tratando sobre a questão do fundamentalismo, percebe-se, porém, uma lacuna que precisa ser preenchida: a que estuda a questão do fundamentalismo protestante, mais especificamente trabalhos que nos informem o surgimento e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil. Documentos de meados do século XX, bem como Atas de Presbitérios, da Diretoria e dos professores do SPN, de Igrejas locais, bem como tantos outros documentos e depoimentos, são capazes de causar uma profunda motivação de pesquisar o assunto proposto.

O presente trabalho tem como título: “Ontem, Simonton. Hoje, McIntire”: O surgimento e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil na cidade do Recife (1956-1995). Como já afirmado, há inúmeros documentos e depoimentos que comprovam não só a possibilidade da pesquisa, mas, acima de tudo, a sua importância. Isso porque há inúmeras perguntas que surgem no decorrer dos fatos:

1. As acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros, afirmando que o SPN tinha aberto as suas portas para o liberalismo teológico (Modernismo), são de cunhos teológicos ou políticos eclesiais?
2. O liberalismo que surgiu no início do século XX, no Seminário de Princeton (EUA), pode ser comparado com as acusações feitas pelo Rev. Israel ao SPN?
3. Por que a IPB se preocupou desde o início com o movimento fundamentalista liderado pelo Rev. Israel, tendo em vista ser algo aparentemente localizado (Recife) e composto de um grupo tão pequeno, pois nem mesmo a sua própria Igreja local apoiou totalmente o seu pastor? Qual era a maior ameaça disso?
4. As críticas feitas pelo Rev. Israel Gueiros à IPB fazem sentido? Total, em parte ou em hipótese alguma?
5. Qual a importância do Rev. Carl McIntire na fundação e desenvolvimento do fundamentalismo no Brasil?
6. Qual o efeito do rompimento entre o Rev. Israel Gueiros e a sua antiga denominação (IPB)?

³ Cf. a Obra Os Fundamentos, editada por TORREY R.A. (2005).

7. A IPFB existe ainda hoje? Ela continua com os mesmos ideais do seu fundador?
Qual a relação que a mesma tem com a IPB?

Algo notório é que se tornou comum nas agendas acadêmicas das Universidades e Faculdades em todo o Brasil, dentro das inúmeras opções promovidas pelos seus eventos acadêmicos, sejam em forma de Simpósios, Congressos, Colóquios e até mesmo em forma de Minicursos, a temática voltada para a questão do fundamentalismo. Todavia, quando se fala nesse assunto, há quem tenha dificuldades de fazer as justas separações e classificações. Por exemplo, Gondim (2009) lembra que:

Fundamentalismo soa mal. A palavra lembra anacronismo intolerância e violência. Mas não foi sempre assim. O fanatismo que se confunde com o fundamentalismo não estava presente nos primeiros movimentos internos dos protestantes que procuravam defender o que eles consideravam essencial para preservar a fé. Teólogos identificaram a secularização como sinal de decadência, o avanço das ciências modernas como ameaça para a fé e a crítica literária aplicada à Escritura como prenúncio do fim do mundo. Daí, consideravam inegociáveis: a inerrância da Bíblia, o nascimento virginal de Jesus Cristo, seu sacrifício expiatório e sua ressurreição corpórea e seu iminente retorno para estabelecer um reino milenar na terra (p.6).

Como já afirmado, atualmente há inúmeros trabalhos sendo feitos por acadêmicos de várias áreas, em relação ao movimento fundamentalista. Isso significa pesquisas feitas no âmbito da Sociologia, Antropologia, Teologia, na área de História etc. Todavia, na grande maioria esses trabalhos, têm se dado uma atenção maior ao aspecto das barbáries praticadas por movimentos fundamentalistas. Por sua vez, em alguns casos, cometem-se algumas injustiças por não fazerem as devidas separações. Por exemplo, quando ouvimos algo relacionado a fundamentalismo, dificilmente esquecemos as cenas dos atentados de 11 de setembro de 2001.

Pretendemos com essa pesquisa contribuir com uma lacuna ainda aberta e, conseqüentemente, pouco conhecida, que é o surgimento do fundamentalismo protestante, mais particularmente sobre o surgimento e desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil.

Serão trabalhadas apenas as duas denominações presbiterianas brasileiras: a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB), restringindo a pesquisa apenas ao estado de Pernambuco, especificamente à cidade do

Recife, por ter sido a região onde houve os embates. É certo que, em alguns momentos, para um melhor entendimento, serão utilizados lugares e épocas que extrapolam o proposto. O trabalho se deterá apenas ao fundamentalismo protestante, oriundo dos Estados Unidos.

Pretendemos contribuir para que haja um conhecimento mais amplo em relação à implantação e desenvolvimento do fundamentalismo protestante em solo brasileiro (IPFB), bem como mostrar a reação de uma denominação ligada ao ramo do protestantismo histórico (IPB).

A realização desta pesquisa acontece dentro de um contexto completamente atual, tendo em vista a lembrança constante dessa temática através de inúmeros atentados, sendo muitos atribuídos ao crescimento de grupos radicais, classificados como fundamentalistas. Por sua vez, a temática clama por uma definição do que vem a ser um fundamentalista.

Quanto aos objetivos geral e específicos, primeiramente estudamos o surgimento e o desenvolvimento histórico da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB) na cidade do Recife (1956-1995), bem como a reação da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). O recorte histórico se justifica pela data da fundação da IPFB (1956), enquanto a outra data (1995) está relacionada ao segundo período de migração de pastores da IPFB para a IPB, culminando no retorno da IP do Recife. Em seguida, estabelecemos reflexivamente os conceitos sobre Fundamentalismo, Modernismo e Liberalismo Teológico. Isso contribuirá para um melhor esclarecimento e conhecimento da historicidade da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB), bem como para identificar a pluralidade desses termos e as suas aplicações. Com isso, pretendemos responder a algumas perguntas: Quando falamos de Fundamentalismo/Fundamentalistas, podemos generalizar esses termos? Qual a ameaça promovida pelos Modernistas considerados como liberais pelas igrejas protestantes históricas no Brasil?

Em seguida, mapeamos os ventos que trouxeram o fundamentalismo para o Brasil. Na sequência, apresentamos os embates e a crise entre o Rev. Israel Gueiros com a sua “antiga” denominação, a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), resultando no seu despojamento e a formação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB). Nesse sentido, pretende-se responder a algumas perguntas: As acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros em relação à IPB ter aberto as portas para a infiltração do Liberalismo

Teológico nos seus seminários procedem? Por qual motivo a IPB se preocupou nacionalmente e (por que não dizer) até mesmo internacionalmente, tendo em vista aparentar ser esse um caso isolado? Por fim, procuramos problematizar e aprofundamos os interesses e os métodos utilizados pela Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB) que resultaram num rápido alastramento no Brasil. Procuramos, ou melhor, tentamos dar respostas a algumas questões, entre elas: O que fez o movimento fundamentalista crescer em tão pouco tempo, com aberturas de várias igrejas, congregações, orfanato, jornal, programa de rádio etc?

Além disso, analisamos a crise vivenciada pela Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB) na década de 1980, que resultou numa adesão e retorno de alguns pastores, oficiais e membros para a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Tentaremos com isso entender algumas questões, entre elas: O que levou Igrejas e Pastores da IPFB passarem para a IPB nas décadas de 1985 e 1995?

Como bem sabemos, o empreendimento de uma pesquisa se constitui numa tarefa que pressupõe várias etapas. A saber, o da coleta de dados, os instrumentos mais apropriados para tal fim e, subsequentemente, sua análise, bem como o nível em que a pesquisa se dará. Enfim, é um conjunto de elementos a serem bem orquestrados pelo pesquisador, sem nunca perder de vista as necessidades postas pelo objeto de estudo.

Portanto, para a realização deste trabalho, utilizamos a técnica de pesquisa bibliográfica. Para isso, fizemos uso de alguns teóricos que de alguma forma abordaram o assunto relacionado ao protestantismo e ao fundamentalismo. É certo também que a pesquisa nos proporcionou um trabalho de campo, considerando que alguns dos personagens envolvidos nesse enredo ainda permanecem vivos e alguns ativos nas suas comunidades eclesiais. Utilizamos inúmeros documentos, incluindo jornais, atas, cartas etc. Muitos deles não foram sequer citados ou mesmo examinados.

Já como fundamentação teórica, para um melhor entendimento do assunto pesquisado, utilizamos o conceito de disputas de “campo”, de Pierre Bourdieu. Este entende que todo o campo “é um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22). Para ele, qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade. “Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de

suas disposições” (BOURDIEU, 2004, p. 29). Dentro dessa perspectiva, o conceito de campo nos ajudará a entender como foram construídas estrategicamente relações de poder pelos diversos agentes sociais na construção de um espaço social marcado por novas ideias políticas, religiosas e, principalmente, com relação ao futuro da igreja, tendo por pano de fundo a questão do combate ao liberalismo teológico protestante, bem como o surgimento do fundamentalismo teológico protestante.

Percebemos que o espaço social se configura como um campo de poder capaz de modificar, solidificar e redefinir o que é interessante para a construção da hegemonia da elite dirigente da denominação, mesmo que seja afastando aqueles que se contrapõem a esta hegemonia. “Dos protozoários ao homem, todos os organismos têm um problema comum a resolver: a sobrevivência. Seres vivos são seres de carência [...]. Isto quer dizer que a sobrevivência depende da eficiência dos mecanismos desenvolvidos pelo organismo[...]” (ALVES, 1984, p.7-8). Bourdieu considera o espaço social como um espaço multidimensional, formado por um conjunto aberto de campos relativamente autônomos, isto é, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações. O conflito é evidente em todo tipo de campo e cada um, dentro das suas possibilidades, procura legitimar suas posições, alianças e oposições, configurando, portanto, um espaço social marcado pela lógica dos interesses de cada grupo. O espaço social é formado por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas, possuindo lógica própria e irreduzível. O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, onde os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 50).

A instituição religiosa é, portanto, uma organização humana composta por agentes produtores e consumidores de capital simbólico religioso, participantes de um campo religioso que abarca conflitos de poder. Nesta instituição, há uma liderança pensante, eleita. Em algumas ocasiões, age de forma autoritária ou consensual, e que, por sua vez, detém o poder sobre o capital simbólico religioso e é capaz de legitimar e de qualificar, bem como de deslegitimar ou desqualificar determinados agentes produtores de capital simbólico, bem como o próprio capital simbólico por eles produzido, a fim de manter o controle do campo.

Por sua vez, verifica-se que uma igreja contribui para a manutenção da sua ordem política mediante o reforço simbólico das divisões desta ordem. Na sua função de

manutenção, a instituição religiosa naturalmente lança mão de vários instrumentos tanto de defesa quanto de ataque.

É neste ponto que Bourdieu coloca a necessidade que há em toda a situação de revolução/crise em encontrar seu profeta, pois o “profeta é aquele que pode contribuir para realizar a coincidência da revolução consigo própria, operando a revolução simbólica que a revolução política requer” (BOURDIEU, 1998, p. 78).

Com o objetivo de entender o surgimento de determinados conceitos, como fundamentalismo, modernismo e até mesmo o que caracteriza um liberal teológico, utilizamos a obra “Futuro e Passado”, de autoria de Reinhart Koselleck, onde o mesmo lembra que:

É preciso estabelecer a distinção entre conceito e palavra, ainda que não me atenha à divisão dos linguistas. De forma evidentemente simplificada, podemos admitir que cada palavra remete-nos a um sentido, que por sua vez indica um conteúdo. No entanto, nem todos os sentidos atribuídos às palavras eu consideraria relevantes do ponto de vista da escrita de uma história dos conceitos (KOSELLECK).

Outro autor utilizado, não no campo da teoria, mas como um referencial bibliográfico, foi Antônio Gouveia Mendonça. Este, além de ser um dos pioneiros do curso de Ciências da Religião no Brasil, é o grande contribuinte para a compreensão da inserção do protestantismo brasileiro, pois é de sua autoria o clássico “O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil”. Além de várias parcerias em publicações de livros, Mendonça também possui inúmeros artigos publicados em livros, revistas e anais de congressos, seminários e encontros. Mendonça não somente é uma referência ao protestantismo clássico, mas um conhecedor como poucos do seu desdobramento histórico. Quanto ao liberalismo protestante, afirmou: “A compreensão dos fenômenos históricos e sociais depende, na maioria das vezes, do percurso de longos e sinuosos caminhos. [...] As ideias do liberalismo refletiam-se na teologia do voluntarismo conversionista, do perfeccionismo pessoal e do denominacionalismo” (MENDONÇA, 2008, p. 359-360).

Quanto à questão da reação de determinadas instituições religiosas, Mendonça afirma que “toda a religião que chega a graus sofisticados de organização do poder para a manutenção do dogma, seja por meio de instâncias pessoais ou coletivas (concílios), de

tradições, ou magistérios, de códigos canônicos ou confissões de fé, mostram um grau máximo do Sagrado e, como consequência, da centralidade do poder” (MENDONÇA, 2008, p. 262).

Utilizamos como fontes ainda não exploradas em pesquisas diversos livros de atas de alguns presbitérios, de algumas igrejas locais, bem como alguns jornais da época dos embates, seja o da IPB (Norte Evangélico), como também o da IPFB (A Defesa), e ainda fizemos uso de documentos pessoais, incluindo algumas correspondências.

Muitos desses materiais tivemos acesso diretamente aos originais, os quais estão localizados no Arquivo do Seminário Presbiteriano do Norte (SPN) e nas respectivas igrejas citadas conforme especificado abaixo:

1. Jornais Locais da IPB e da IPFB:

- a) O Norte Evangélico (periódico do Presbitério de Pernambuco – Anos: 1956, e outros posteriores a essa data);
- b) A Defesa (periódico da Igreja presbiteriana Fundamentalista do Brasil – Anos 1957 em diante).

2. Atas Pertencentes à IPB:

- a) Livros de Atas, da Congregação dos Professores do Seminário Presbiteriano do Norte: (1947-1951 e 1955-1959);
- b) Livro de Atas, número 2, da Comissão Executiva do Presbitério de Pernambuco: (1950-1958);
- c) Livro de Atas, volume III, da Diretoria do Seminário Presbiteriano do Norte – IPB: (1953-1965);
- d) Livro de Atas, número 8, da Assembléia Geral do Presbitério de Pernambuco: (1956-1967).

3. Atas de Igrejas Locais:⁴

⁴ Essas atas geralmente se encontram nos arquivos das próprias igrejas locais supracitadas.

- a) Igreja Presbiteriana do Recife (foi a 1ª igreja fundada na cidade do Recife pela IPB, onde no ano de 1956 tornou-se IPFB, retornando para IPB na década de 1995);
- b) Primeira Igreja Presbiteriana do Recife (foi a que deu continuidade aos trabalhos da IPB, e não aderiu ao movimento fundamentalista do Rev. Israel Gueiros);
- c) Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, no Bairro do IPSP-Recife (é a maior representante hoje, do movimento fundamentalista. Sendo o seu pastor o Rev. José Vasconcelos, o mais antigo pastor da IPFB).

Essas atas nos permitiram acompanhar a pauta de cada reunião, os assuntos relevantes de cada época, as decisões conciliares, bem como os motivos que levaram a tais decisões. Os assuntos tratados nessas reuniões eram privativos aos membros desses concílios.

Por sua vez, os jornais eram os meios de comunicação para todos os membros das Igrejas. Os assuntos tratados nos presbitérios e nas igrejas que os membros pudessem ter acesso eram publicados nos jornais.

Bem sabemos que esta pesquisa, assim como tantas outras, teve pela frente um grande desafio, tendo em vista a coleta de dados e ainda o ineditismo do objeto de pesquisa (o nascedouro do fundamentalismo protestante no Brasil). Todavia, mesmo diante da complexidade do assunto, somos motivados a pesquisá-lo, considerando o fato de que, por menor que seja a nossa contribuição, deduzimos que a mesma servirá como uma fonte a mais para pesquisas de outros pesquisadores.

CAPÍTULO I - DEFININDO OS CONCEITOS PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO SOBRE A ORIGEM DO FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE ESTADUNIDENSE

No início do século XX, mais especificamente entre os anos de 1910 e 1915, foi publicada nos Estados Unidos uma série de brochuras, originalmente em 12 volumes, que surpreendentemente provocou um dos maiores impactos na história do protestantismo conservador. Essa coletânea recebeu o nome de *The Fundamentals* (Os fundamentos). Mesmo que alguns estudiosos questionem a data e até mesmo a origem do nome “fundamentalismo”, por sua vez, as fontes são unânimes em afirmar que a origem do fundamentalismo protestante se deve a esta obra.

Para muitos, o surgimento do fundamentalismo protestante é fruto dessa ocasião específica. Porém, não podemos esquecer que nenhum feito histórico é fruto de um momento isolado. Nenhum acontecimento que se torna um marco significativo na história aparece completamente pronto. Antes de um movimento se consolidar, inúmeros fatores anteriores se fizeram necessários para que houvesse essa “perpetuação” histórica. Com o fundamentalismo protestante não foi diferente. Mesmo que a obra *The Fundamentals* seja o grande marco zero, para se falar sobre o assunto, não podemos esquecer que houve ainda outros feitos que são extremamente relevantes para se entender este episódio.

O teólogo Hermisten Maia ratifica isso quando diz:

[...] todo pensamento, não é resultado de um ato ou de um novo conceito que irrompeu na história, determinando uma nova forma de pensar e de analisar a realidade. Ele é produto de uma evolução histórica, permeada por transformações econômicas, filosóficas, religiosas, educacionais e políticas, entre outras, estando todas elas entrelaçadas, tornando-se, portanto, praticamente impossível determinar com precisão qual foi a causa primeira, qual elemento teve um papel mais preponderante nesta transformação. (2004, p. 209-210).

Essas naturais transformações, afirmações e ramificações de conceitos na história nos fazem lembrar Roger Bastide, que disse em certa ocasião que: “A sociedade e a religião concorrem igualmente, portanto, com vistas a transformar o espontâneo em institucional”. (2006, p. 257).

Apesar da nossa proposta de pesquisa limitar-se à questão do fundamentalismo protestante brasileiro, que surge em meados do século XX, faz-se necessário para uma melhor compreensão um resgate histórico do fundamentalismo norte-americano, que

surge no início do século XX, sendo esse o grande patrono do fundamentalismo em *terra brasilis*. Na realidade, antes de tratarmos da questão do fundamentalismo estadunidense, precisamos trazer à tona referências, mesmo que de formas concisa, de alguns movimentos, personagens e conceitos, desejando com isso evitarmos supostos anacronismos.

Como bem sabemos, há uma tendência natural para que as palavras no decorrer da história ganhem outros significados e conseqüentemente aplicações distintas a sua própria origem. Ou seja, com o passar do tempo, os termos tendem a se transformar, ganhando outros significados. Basta lembrar, por exemplo, que palavras como liberalismo, fundamentalismo e modernismo possuem significados múltiplos, às vezes distintos até mesmo das suas origens. Sem falar que os mesmos ainda correm riscos de mudanças.

Reinhart Koselleck (1923 – 2006), um dos maiores eruditos entre historiadores contemporâneos e provavelmente o principal construtor da ideia de uma “história dos conceitos”, autor da obra “Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos” (2006), expõe claramente o que ocorreu com o conceito “revolução”. Na época de Aristóteles, este conceito significava, grosso modo, um movimento cíclico ou um retorno. Porém, os acontecimentos incontroláveis de 1789 na França alterariam o entendimento do termo. A partir de então, ele passou a representar todas as revoluções, tendo como base a Revolução Francesa. Para o autor, o termo evoluiu para a forma de um “coletivo singular”.

No decorrer da sua obra, Koselleck leva o leitor numa viagem erudita em busca da possibilidade de determinação temporal, além de propor estabelecer uma relação muito mais complexa entre a história social e a história dos conceitos. De maneira clara e coerente, o autor nos informa a força peculiar das palavras. Sem elas, o “sofrer e o fazer humanos” não poderiam ser experimentados muito menos transmitidos. Com esta visão, indica-nos que a “história social” para poder proceder de maneira precisa não pode abrir mão das perspectivas teóricas da “história dos conceitos”. Premissa válida, sobretudo, para aqueles historiadores que trabalham numa perspectiva estrutural, na longa duração. Conhecer a fundo os conceitos trabalhados seria na opinião de Koselleck o primeiro passo a ser dado.

Pensando, portanto, nessas observações e recomendações feitas por Koselleck, percebemos a necessidade de trabalhar nesse primeiro capítulo alguns conceitos que estão ligados aos movimentos fundamentalistas protestantes estadunidenses, cujo surgimento se deu no início do século XX, bem como o fundamentalismo protestante brasileiro, que tem início em meados do século XX. Isso nos ajudará não somente a evitarmos qualquer tipo de confusão com os termos que serão citados, mas, acima de tudo, a estabelecer um limite, pois não pretendemos e nem teríamos condições de esgotar os múltiplos significados desses termos.

Alister E. McGrath, falando sobre a dificuldade dos estabelecimentos dos recortes históricos, relembra que:

Definir períodos históricos é algo notoriamente complexo. Parte do problema encontra-se na falta de consenso universal em torno das características que identificam um determinado período. [...] Há também imensas dificuldades para se chegar a uma definição em relação a alguns dos movimentos intelectuais do período [...] (2005, p. 67).

Como bem sabemos, há determinados movimentos que surgem como fruto de uma reação de defesa a algum tipo de ameaça para com a hegemonia existente, tendo em vista o aparecimento de um movimento novo. Podemos lembrar, por exemplo, o surgimento do fundamentalismo protestante nos Estados Unidos, que surge em resposta ao liberalismo teológico. Diga-se de passagem, é o mesmo argumento que será utilizado para o surgimento e desenvolvimento do fundamentalismo protestante no Brasil.

1.1. Os antecedentes que contribuíram para o surgimento do liberalismo protestante teológico

Não precisa ser um etimologista para saber que os nomes escolhidos os pais para seus filhos têm significados distintos entre a cultura ocidental e a oriental. Enquanto o primeiro escolhe geralmente a partir de uma homenagem a ser feita, relacionada também a uma boa sonorização do próprio nome ao ser pronunciado, os orientais por sua vez escolhem os nomes dos seus filhos geralmente a partir do contexto do próprio nascimento, sendo isso muito comum, por exemplo, entre os judeus. Basta uma simples conferida nos significados dos nomes bíblicos. Em suma, as escolhas dos nomes próprios sempre estão associadas entre o antes e o momento do nascimento. Por sua vez, o mesmo critério não acontece no mundo dos conceitos relacionados a um determinado fato histórico. Em outras palavras, as nomenclaturas que ora utilizamos para falar de algum movimento não

surgem no momento em que os fatos estão acontecendo. Pelo contrário, surgem na maioria das vezes bem depois dos fatos concretizados. Eis o motivo da necessidade da construção de uma linha do tempo, mesmo que de forma concisa, quando desejamos abordar um período da história.

Desejamos desde já deixar claro que a nossa maior pretensão com esse capítulo introdutório não é fazer dele uma explanação do movimento liberal protestante teológico, nos qual sejam vistos os principais personagens e as ideias esboçadas desse movimento. A nossa intenção é criar uma ponte histórica onde possamos contemplar o surgimento do fundamentalismo protestante como uma reação ao liberalismo protestante teológico. Até porque “é errado chamar de fundamentalismo qualquer coisa antes da ascensão da teologia protestante liberal”. (OLSON, 2001, p. 571).

Para que possamos entender o aparecimento do movimento que ganhou o nome de liberalismo teológico, entre os séculos XIX e XX, gostaríamos em primeiro lugar tentar fazer uma cronologia da Era Cristã, mesmo que de forma resumida, mas que nos permita perceber a relação da fé cristã com o “mundo”. A história relata que, dos séculos I ao III da Era Cristã, a igreja sofreu todos os males de perseguições. Isso resultou em aprisionamentos dos cristãos, açoites e muitas vezes mortes. Porém, no século IV, com o Imperador Constantino, a situação mudou. Os cristãos, a partir desse momento, passaram a gozar de liberdade de crença e de outros privilégios. Mas é com o Imperador Teodósio que a religião cristã passou a ser a religião oficial do Império. Nesse caso, se até o século III os cristãos sofriam e eram perseguidos, do século IV em diante, não ser cristão era deixar de gozar dos privilégios.

Dos séculos V ao XV da Era Cristã, houve um período denominado Medieval, ou, como preferem alguns, Idade Média⁵. Esse período foi caracterizado como “teocêntrico”. Isto é, tudo necessariamente passava pelo crivo da igreja, e essa daria a resposta de conformidade segundo a vontade de “Deus”. Basta lembrar a situação do grande físico Galileu Galilei (1564-1642), que com seus 70 anos de idade resolveu refutar os antiquados conceitos astronômicos existentes da sua época. Por esse motivo, foi considerado pelo “Santo” Ofício um herege, e teve de comparecer perante o Tribunal da

⁵ O termo “Idade Média” foi criado por escritores do Renascimento e parece ter sido adotado, de maneira geral, perto do final do século XVI. Os autores renascentistas ansiavam por desacreditar o período intermediário, que se instalara entre as glórias da Antiguidade clássica e sua época. Portanto, eles criaram o termo “Idade Média” como referência a uma fase monótona e estagnada, que separava dois períodos importantes e criativos (MACGRATH, 2005, p. 67).

Inquisição, em Roma, para uma retratação. Foi o que fez na manhã do dia 22 de junho de 1633, ajoelhado diante os seus opositores para poupar a sua vida. Lá ele abjura seus “erros e heresias” e renega todas as suas fantásticas e extraordinárias descobertas.

Durante essa época, a metafísica era considerada a “rainha das ciências”. A fé era o elemento preponderante durante esse momento. Ninguém poderia pensar, ou melhor, manifestar o que criam, caso isso fosse contrário aos dogmas da igreja. Eis o motivo de alguns considerarem esse contexto como a “Era das trevas”. Almeida, lembrando o período histórico do físico Galileu, diz:

Foi nos dias de Galileu, quando mais se digladiavam teólogos que pretendiam ser cientistas e cientistas que pretendiam ser teólogos, que o papa Urbano VIII, pontífice de 1623 a 1644, assinou o seu infalível (!!!) decreto: “Em nome e pela autoridade de Jesus Cristo, cuja plenitude reside em Seu vigário, o Papa, declaramos que a afirmação de que a terra não é o centro do mundo e de que ela se desloca com um movimento diurno é coisa absurda, filosoficamente falsa; e errônea, quanto a fé. (1981, p. 27).

Todavia, entre os séculos XIV e XV, ou até mesmo um pouco antes, o “mundo” passa a ver, a viver e a conviver com transformações extremamente significantes que modificam toda a sua estrutura. Podemos lembrar o surgimento da Renascença⁶, a Imprensa, a Era das grandes navegações, as mudanças no campo social e consequentemente no universo econômico. Isso em muito contribuiu para o surgimento de um advento no meio da cristandade, que veio a ser chamado de Reforma Protestante do século XVI.

Para que possamos entender e perceber alguns efeitos oriundos da Renascença, resolvemos listar alguns itens citados por R. N. Champlin:

- a. Perda de prestígio e autoridade por parte da Igreja Católica Romana;
- b. Adoção de certas ideias pagãs, novas formas culturais e uma moralidade nova;
- c. Mudanças nos costumes, com o enriquecimento de muitos e uma vida luxuosa;
- d. Surgiram os livre-pensadores, com suas atitudes de crítica, tanto positiva (feita pelos reformadores protestantes)

⁶ Esse termo é aplicado como designação histórica de um período de tempo que foi vivido pela Europa Ocidental, entre os séculos XIV e XVI. Porém, somente entre 1855 e 1860 é que esse termo começou a ser realmente usado para indicar esse período de tempo, e isso nas obras de Michelet e Burckhardt. [...]. As obras clássicas gregas e latinas não eram desconhecidas durante a Idade Média, mas também não eram enfatizadas. Durante a renascença, reviveu o interesse por essas áreas do pensamento e realização. E isso serviu de estímulo para que os estudiosos buscassem maiores conhecimentos sobre a idade greco-romana, E daí resultou um efeito secularizador, que tendeu por diminuir o predomínio até então exercido pela Igreja Católica Romana sobre o oeste europeu. [...] A renascença foi um importante fator para o desenvolvimento da ciência moderna. A ciência conseguiu desprender-se de vez da filosofia, adquirindo direitos e valias próprios (CHAMPLIN, 2014, p. 658).

quanto negativa (feita pelos pensadores céticos); e. Formação das pedras fundamentais das sociedades modernas, com política desvinculada da Igreja; a arte e literatura seguem temas seculares, e não mais exclusivamente religiosos; f. Um notável efeito foi o lançamento do alicerce da ciência moderna, que se tornou essencialmente secular, e não mais religiosa, pois libertou-se do apadrinhamento romanista; g. Foi lançada a base sobre a qual floresceram filósofos posteriores, como John Locke e Hume, os quais foram instrumentais na introdução do empirismo e do ceticismo, figuras exponenciais que separaram a filosofia e a ciência da religião; h. Foi facilitado em muito o caminho para a maneira de pensar; foram fornecidas raízes ao liberalismo. Na verdade, a Reforma embotou temporariamente a influência secularizadora da renascença, embora tivesse sido muito ajudada pelas modificações impostas pela renascença; i. A secularização da era moderna foi o desabrochar da semente plantada durante a renascença. Portanto, esse movimento foi decisivo na determinação da direção que a cultura haveria de tomar na Europa, e, em seguida, nas Américas; j. Finalmente, a renascença assinalou o fim da Idade Média e o começo da era moderna. (2014, p. 658-659).

Agora com o surgimento da Reforma Protestante, a centralidade e a autoridade dessa “nova” igreja deixam de ser as suas tradições e seus dogmas e passa a ter a máxima do *Sola Scriptura* (Só as Escrituras). Em outras palavras, tudo agora deveria passar pelo crivo das Escrituras. Foi isso que o reformador Martinho Lutero disse na ocasião do seu julgamento. Ou seja, que poderia mudar de opinião, desde que fosse convencido pelas Escrituras de que estava equivocado. Outro grande legado da Reforma foi a proclamação do sacerdócio universal. Isto é, a crença e a propagação de que qualquer pessoa poderia ter livre acesso a Deus, sem que pra isso precisasse de um mediador humano. Todos poderiam se dirigir a Deus, onde quer que estivessem, havendo a necessidade apenas de um elemento: a fé.

De fato, a Reforma “quebrou” com a hegemonia da Igreja Católica Apostólica Romana e que com isso contribuiu também num avanço em relação ao desenvolvimento de um novo mundo (Max Weber, na sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, há de confirmar isso). Contudo, não podemos esquecer que, apesar de tudo isso, a Reforma Protestante continuou com as suas bases alicerçadas na questão da fé. As pessoas continuaram a depender da direção proveniente das Escrituras Sagradas para saber a vontade de Deus para as suas vidas.

Tentando explicar esse processo comum de reações de pessoas, ou de grupos que tentam se libertar de instituições que mantêm o controle do monopólio e que, para isso,

batalham pela preservação dos seus dogmas, faz bem observar as palavras de Bastide, que evoca Durkheim e Henri Desroche:

Quer aceitemos ou não o ponto de vista de Durkheim sobre os estados de efervescência social dos quais adviria a religião, um fato é certo: os estados de efervescência não são duradouros – são “exaustivos”, escreve Durkheim. Ocorre em seguida uma incidência do fervor no sociológico; a religião se desenvolve, a partir dessa incidência, como instituição de gesto da experiência do sagrado. Essa “administração” do sagrado por parte da Igreja decerto possui um valor positivo: permite a sua continuidade na forma de uma comemoração, e como que de uma lembrança surda, mas, por outro lado, a instituição se volta contra o vivido para aprisioná-lo atrás das grades dos seus dogmas ou da sua liturgia burocratizada, de modo a que ele não mais desperte em inovações perigosas, em outro discurso que não o único discurso aceito pela ortodoxia, ou não se exalte em desmedida. Toda Igreja constituída possui decerto os seus místicos, mas desconfia deles, delega-lhes seus confessores e diretores espirituais para dirigir, canalizar e controlar os seus estados extáticos, isso quando não os trancafia em algum convento de onde seus gritos de amor desvairado não conseguem se fazer ouvir. A sociedade vai mudando, porém, ao redor desse bloco que quer manter um passado enterrado. Daí os despertares, os movimentos de reformas, as heresias, os messianismos e os milenarismos, para tentar lutar contra a defasagem sempre crescente entre as infra-estruturas móveis e as superestruturas conservadoras. Daí todos esses “Deuses sonhados” de que fala magnificamente Henri Desroche e todos esses delírios místicos que abalam, a intervalos regulares, os fundamentos das Igrejas. (BASTIDE, 2006, p. 263).

Tal cenário nos faz lembrar Bourdieu, sociólogo francês, quando afirma que o campo religioso é caracterizado pela disputa em torno do capital simbólico-cultural, no caso a legitimidade religiosa. É nisso que esses agentes estabelecidos no campo tendem geralmente a entrar em conflito quando novos agentes surgem. É certo que esses agentes religiosos e as relações que travam entre si são complexas e envolvem as posições hegemônicas e as não-hegemônicas. Costuma-se esquecer que, nas posições hegemônicas ou não-hegemônicas, há divisões internas, diferenciações, alianças e enfrentamentos.

Durante um grande período da história, as disputas foram travadas no campo da força física, lembrando, por exemplo, as inúmeras Cruzadas que ocorreram no período medieval. Por sua vez, após as mudanças oriundas dessa nova Era, denominada de Moderna⁷, notamos que as disputas permaneceram, mas com novas regras. Se antes tudo

⁷ A Idade Média (adj. medieval) é um período da história da Europa entre os séculos V e XV, que tem como marco inicial a Queda do Império Romano do Ocidente e termina durante a transição para a Idade Moderna. Tradicionalmente, o período histórico conhecido como Idade ou **História Moderna** é delimitado como tendo ocorrido após a queda da cidade de Constantinopla perante os turcos otomanos, em maio de 1453, e antes da tomada da prisão de Bastilha por populares no início da Revolução Francesa, em julho de 1789. Por sua vez, Roger Olson, em sua obra **História da Teologia Cristã** (1999), referindo-se a modernidade,

tinha que passar pelo crivo da fé, agora absolutamente qualquer coisa precisava que se submeter à “deusa” razão (uma referência ao Racionalismo)⁸. Se antes o mundo vivia em “trevas” (uma referência à Idade Medieval), a partir de então passou a viver na “luz” (uma referência ao Iluminismo).

Todavia, a história confirma que os séculos XVI e XVII foram de suma importância para o pensamento e o progresso do mundo contemporâneo. O historiador Hobsbawm chega a dizer que esse contexto foi “crucial no desenvolvimento do período moderno”. (1998, p.196).⁹ Para que se percebam as mudanças entre o período medieval e o moderno, expõe-se a comparação no mundo da filosofia, citada por Hermisten:

A Filosofia Moderna apresenta três características, que a distingue da Filosofia Medieval e que refletem as mudanças desde o século 14. Elas: 1. *Autonomia da Filosofia*. A Filosofia se desvincula da Teologia, não tendo mais comprometimentos explícitos com nenhum sistema teológico. A Filosofia passou a ser estudada por si mesma e não mais para oferecer uma base racional à Teologia, como ocorria na Idade Média. [...]; 2. *O Pluralismo das Perspectivas Filosóficas*. Como decorrência da autonomia da Filosofia em relação à Teologia, o filósofo

faz uma indagação e responde: O que é modernidade? Alguns comentaristas a descrevem como disposição cultural, um conjunto de perspectivas e atitudes que durou de 1650 a aproximadamente 1950. Grosso modo, era sinônimo de iluminismo e de seus reflexos culturais posteriores. E está supostamente suplantada pelo que se chama de “pós-modernidade” desde a década de 1960. [...] Recapitulando e resumindo, o pensamento iluminista moderno focalizava a total competência da razão e sua autoridade sobre a tradição ou a fé, a uniformidade da natureza em vez do controle e das intervenções sobrenaturais e o progresso inevitável da humanidade pela educação, razão e ciência. Para os pensadores iluministas, o principal papel da religião na modernidade era a educação moral da humanidade e não a especulação metafísica ou a doutrinação nos dogmas a respeito de coisas que estavam além do alcance da investigação racional. O *Zeitgeist* (espírito da era) do iluminismo e da modernidade de modo geral era centralizado no ser humano. O ensaísta iluminista Alexander Pope deu os seguintes conselhos aos partidários do iluminismo: “Conheça, pois, a si mesmo. Não procure perscrutar Deus. O estudo apropriado da humanidade é o homem”. Expressou, também, o fascínio que o iluminismo tinha pela ciência e pelas leis naturais, ao escrever: “A natureza e suas leis estavam envoltas nas trevas. Deus disse: ‘Haja Newton! e tudo se fez luz’”. (p. 554-555). Para que possamos perceber a filosofia da era moderna, lembramos as palavras do poeta iluminista inglês Alexander Pope quando expressou de forma sucinta o espírito da cultura moderna: Conhece a ti mesmo, não desejes especular sobre Deus, o objeto do estudo da humanidade é o próprio homem” (Cf. ROGER & OLSON, 2003, p. 48).

⁸ Essa palavra portuguesa vem do termo latino ‘ratio’, ‘razão’. De modo geral, esse termo indica o princípio de que à razão devemos dar o lugar de preeminência, em nossa maneira de tomar conhecimento das coisas. Três Definições Básicas: a. O racionalismo é a crença de que é possível o homem obter a verdade contando unicamente com a razão, ou, pelo menos, principalmente por meio de razão, ainda que com a ajuda de outros métodos. Os séculos XVII e XVIII viram o aparecimento do desenvolvimento do racionalismo sistematizado nas filosofias de Descartes, Spinoza e Leibnitz, mas o racionalismo sempre foi uma importante postura filosófica; b. Ou a crença que todas as coisas podem ser explicadas por meio da razão (se ao menos tivermos a paciência de esperar), e que todas as verdades podem ser organizadas formando um único sistema. Esse tipo de racionalismo requer muita fé para ser aceito. Sartre é um exemplo dessa variedade de racionalismo; c. Em um sentido restrito, o racionalismo é a crença de que a fé religiosa é destituída de alicerce racional. Em outras palavras, um racionalista desse tipo é alguém que não vê qualquer significação na religião, pensando ser a mesma contraditória, insensata, ilógica e fantasiosa [...] (CHAMPLIN, 2014, p. 544).

⁹ Para uma melhor compreensão sobre a complexidade e a multiplicidade do conceito de modernidade, e até mesmo referências a pós-modernidade, sugerimos conferir: HARVEY, David (1993), FEATHERSTONE, Mike (1997), JENKINS, Keith (1997), CANCLINI, Nestor G. (2003).

moderno sente-se livre para sustentar qualquer sistema que apresente elementos de racionalidade ou de pretensa racionalidade, já que a história revela que em nome da razão, muitas vezes, se nega o raciocínio. Dentro deste pluralismo, encontramos sistemas que afirmam a existência de Deus (panteísmo e deísmo), a criação do mundo, a imoralidade da alma, a lei moral, etc., e outros que negam algumas ou todas estas afirmações. Por outro lado, devido à pluralidade de disciplinas que surgem, resultantes de novas perguntas, que não podiam ser respondidas no “currículo” tradicional, tornou-se impossível apresentar uma visão globalizante do saber; 3. *O Progressivo Desinteresse pela Metafísica*. No pensamento grego e medieval, a metafísica era considerada a rainha das disciplinas filosóficas e, conseqüentemente, de todas as ciências. Agora, ela já não ocupa o primeiro lugar, nem mesmo nos autores que a cultuam, como por exemplo, Descartes, Espinosa, Leibniz, entre outros. Como sintoma disso, encontramos Voltaire (1694-1778), em 1764, escrevendo no Dicionário Filosófico, com aguda ironia e menosprezo pela metafísica. [...] Neste período, as atenções se voltam para a “Epistemologia” e para a “Metodologia”, tão amplamente tratada por Descartes (1596-1650) e perpetuada, ainda que não exclusivamente, na Lógica de Port-Royal (1662), escrita por Pierre Nicole (1625-1695), discípulo de Descartes. Os filósofos impressionados com o progresso científico das ciências naturais, querem usar os mesmos métodos em suas pesquisas para obterem progressos semelhantes. (2004, p. 210-212).

Ainda falando desse contexto de transição entre a Idade Média, a Reforma e posteriormente a chegada do Iluminismo, Grenz & Olson lembram que “o Iluminismo não ocorreu dentro de um vácuo. Pelo contrário, foi resultado do desenvolvimento de vários fatores sociais, políticos e intelectuais que levaram a essa era traumática da história da humanidade”. (2003, p. 16-17). Grenz & Olson continuam afirmando e relembando que as mudanças foram extremamente radicais:

O Iluminismo colocou os seres humanos, e não Deus, no centro da História. Ao contrário do pensamento da Idade Média e da Reforma, que via a importância das pessoas relacionada a seu lugar na história do agir de Deus, os pensadores do Iluminismo determinavam a importância de Deus em termos de seu valor para a história da vida de cada um. Deus foi, portanto, tirado de sua posição exaltada nos céus, para os quais apontavam as catedrais góticas, e colocado no mundo de assuntos humanos. [...] Antes dessa era, a revelação divina costumava ser consultada como árbitro supremo de verdade; a tarefa da razão humana era procurar compreender a verdade oferecida através dessa revelação. A busca pela verdade era governada pela frase atribuída a Anselmo: Creio para que assim possa compreender”. [...] No Iluminismo, entretanto, a razão humana substituiu a revelação imposta externamente na posição de árbitro da verdade, pois a razão passou a determinar o que vinha a ser a revelação. A tese de Anselmo foi invertida, A nova mentalidade poderia ser resumida como “Creio naquilo que posso compreender”. Empregar a razão aonde quer que sistematizar o que era oferecido pela experiência e seguir a razão aonde que ela conduzisse, ao invés de aceitar cegamente as superstições

proclamadas pelas autoridades externas: estes tornaram-se os meios iluministas de se obter conhecimento. (2003, p. 15-16).

Como é comum na história, tudo que surge tem o seu início e fim, como um ciclo a ser concluído. Com isso, percebemos que, com o fim do século XVIII, o mesmo ocorreu com a era do Iluminismo. Mas é certo também que o mundo continuou no seu processo de ebulição:

A essa altura, muitos pensadores haviam abandonado a religião da razão e optado pelo ceticismo ou pelo relativismo religioso. Esses pensadores concluíram que, no fim das contas, a razão é uma resposta inadequada para as questões básicas sobre Deus, moralidade e sentido da vida. Apesar do Iluminismo ter chegado ao fim, a teologia nunca mais seria a mesma. [...] O encerramento da Idade da Razão pareceu deixar a religião numa situação complicada. A impressão era de que o século 18 havia apresentado apenas duas alternativas. Podia-se optar pela ênfase cristã tradicional sobre o pecado e a salvação divina, sustentada pela Bíblia e pela Igreja. Ou, então, restava seguir o racionalismo cético que surgiu como produto final da mente individual esclarecida. (GRENZ & OLSON, 2003, p. 25)

Uma observação interessante é que, com a chegada do século XIX, as duas aparentes opções existentes, que seriam a continuidade na crença de uma ortodoxia conservadora e a opção pelo ceticismo, não foram aceitas por todos. Por sua vez, uma nova corrente teológica passou a surgir:

[...] alguns teólogos recusaram a aceitar essas opções. É evidente que eles sabiam que não havia como contornar a Idade da Razão. A teologia jamais seria capaz de ressuscitar o antigo sistema de crenças, pois as autoridades tradicionais da Bíblia e da Igreja haviam sido destronadas para sempre. Enquanto concordavam que a teologia não podia simplesmente voltar à ortodoxia dogmática pré-iluminista, também recusavam-se a aceitar o racionalismo cético pós-iluminista como única alternativa. Para essa nova classe de intelectuais, a única forma de avançar em meios aos resultados do Iluminismo era incorporar sua motivação básica na busca por novas formas de compreender a fé cristã. (GRENZ & OLSON, 2003, p. 25 e 26)

Diante desse cenário de busca por uma saída, no qual o objetivo era tentar reconstruir a teologia nesse universo pós-iluminista, surgem três grandes nomes da teologia alemã do século XIX: Immanuel Kant, G. W. F. Hegel e Friedrich Schleiermacher¹⁰. Cada um com a sua particularidade:

¹⁰ Para um aprofundamento sobre esses personagens, as suas ideias e obras, cf. OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. Relembrando o contexto vivenciado por esses personagens, o professor Pedro Lima de Vasconcelos, na sua obra **Fundamentalismos**: matrizes, presenças e inquietações, diz: “[...] os estudos críticos apontavam que certas afirmações bíblicas, tomadas literalmente, seriam simplesmente ‘falsas’. Era preciso, portanto, revelar o aspecto mítico dos textos e

Esses três pensadores eram parecidos, no sentido de que cada um buscava criar um espaço para o elemento religioso da vida. Porém, diferiam acentuadamente, pois cada um propunha uma dimensão distinta como essência da religião – a moral (Kant), a intelectual (Hegel) e a intuitiva (Schleiermacher). A influência de cada um desses três pensadores estendeu-se por todo o cenário intelectual do século 19; primeiro de modo competitivo e, depois, fundindo-se para formar aquilo que veio a ser a teologia protestante liberal do século 19 e que encontrou seu epítome num quarto pensador alemão – Albrecht Ritschl. (GRENZ & OLSON, 2003, p. 26)

Infelizmente, a extensão desse trabalho não permite uma exploração dos múltiplos significados, personagens e aplicações relacionados à questão da teologia liberal, mas serão trazidas à tona algumas questões ligadas a esse movimento, tendo em vista que o mesmo é visto como a grande mola propulsora para o surgimento do fundamentalismo protestante.

Tentando explicar a funcionalidade da teologia liberal, Eduardo Gross relembra que:

No âmbito da teologia, tem-se convencionado denominar de liberalismo teológico as reflexões sobre fé em diálogo com as aquisições do conhecimento pelo uso da razão – no âmbito filosófico e no das ciências. Trata-se da tentativa de construção de uma teologia adequada ao período da Modernidade. Para isso, há um acento na mediação entre os elementos humanos (como a razão, o sentimento, a história) e o caráter divino da religião. Em especial, os ensaios neste sentido feitos durante o século XIX recebem tal denominação. A ênfase na liberdade de pensamentos, comum aos teólogos liberais, teve como consequência uma grande variedade de concepções nesta corrente [...]. A crítica ao dogmatismo, característica de todo liberalismo, no âmbito teológico implicou a discussão das fórmulas dogmáticas tradicionais, mantidas pelos reformadores, e na do modo de se compreender os textos bíblicos. Embora já tivesse havido questionamentos filosóficos desde o início do Iluminismo, o aprofundamento dos métodos de pesquisa histórica no século XIX permitiu que se percebesse a dependência que os dogmas tradicionais e os textos da Escritura tinham em relação a seus contextos. (2008, p.527).

destacar seu sentido moral. O que importava era o efeito que a palavra da Escritura pudesse causar na experiência religiosa do indivíduo (em conformidade com o subjetivismo derivado das obras do filósofo Kant sobre o conhecimento e a religião, e com o que sistematizara o teólogo Friedrich Schleiermacher, em fins do século XVIII). A revelação como dissera Schleiermacher, a essência da religião ‘não é pensamento nem ação, senão intuição e sentimento’. Sobre essa base, a investigação dos textos bíblicos pôs em dúvida, entre outros temas, os milagres narrados na Bíblia, interpretando-os como expressões de uma religiosidade piedosa e eivada de credices, e não de realidades, e não de realidades objetivas” (2008, p. 23).

Notamos que uma das grandes questões que incitam as críticas feitas aos teólogos liberais está ligada à forma que esse grupo passa a ver e a interpretar as Escrituras, tendo em vista a sua relação com o que se convencionou como Método Histórico-Crítico¹¹:

Particularmente, no que se refere ao estudo da Bíblia, o liberalismo teológico foi uma condição importante para o desenvolvimento do Método Histórico-Crítico. Este se caracteriza pela utilização dos conhecimentos linguísticos, literários e históricos para analisar os textos, colocando em questão dados tradicionais não corroboráveis por critérios externos. O aprofundamento da compreensão histórica levou ainda ao surgimento do historicismo, concepção ou ideia cultural ou religiosa a partir de seu contexto histórico, provocando a reflexão sobre o relativismo. Ao tentar adaptar a mensagem cristã ao mundo moderno, o liberalismo teológico procurava liberar esta mensagem de tudo que fosse considerado secundário ou nocivo a tal adaptação. Assim, era comum a distinção entre o essencial ou o núcleo do cristianismo e o supérfluo ou o seu invólucro. Uma das formas de pesquisar qual seria essa essência foi a distinção entre o > Jesus histórico e o Cristo da fé, de que modo que se multiplicaram as descrições da vida de Jesus a partir da visão histórica moderna. Estas refletiam um grande otimismo em relação aos métodos científicos, uma característica do século XIX, e deixavam transparecer certa ingenuidade em relação à influência do próprio intérprete no processo de reconstrução histórica. [...] A ênfase no caráter moral da religião é outra característica do liberalismo teológico. A crítica às especulações metafísicas e ao dogmatismo fez com que o vínculo entre a religiosidade e o comportamento pessoal ganhasse relevância. Nas pesquisas sobre a essência do cristianismo ou nas vidas de Jesus elaborada sob a influência do liberalismo manifesta-se esta tendência de dar relevância maior à moralidade. [...] Embora o liberalismo tenda a acentuar a individualidade e mesmo a intimidade da religião, e a manter em segundo plano as consequências sociais e políticas do cristianismo, o caráter anti-hierárquico e crítico desta corrente abriu caminho para o desenvolvimento de movimentos que se preocupavam com a responsabilidade religiosa coletiva, como, por exemplo, o > Evangelho Social, nos Estados Unidos do início do século XX. Cabe destacar que, mesmo que em geral os movimentos de cunho evangelical e de reavivamento tenham se contraposto ao liberalismo teológico, optando por formas teológicas mais conservadoras, o intimismo e o individualismo religioso, assim como o moralismo, muitas vezes foram traços em comum com as vertentes liberais. Mesmo que tanto o individualismo quanto a redução da mensagem cristã com vistas à sua adaptação ao mundo moderno tenham sido criticadas, por exemplo, pela teologia dialética ou neo-ortodoxa, o liberalismo teológico

¹¹ Faustino Teixeira, lembrando esse contexto da aplicabilidade do método histórico-crítico, diz ele: “Na origem do fundamentalismo, há esse sentimento de desorientação. E isso aconteceu seminalmente no mundo protestante. É uma reação ao processo modernizante vivido pelo protestantismo liberal em seu procedimento de “adaptação cognitiva” à modernidade. A teologia liberal protestante, no século XIX, abraçou alguns pressupostos modernizantes com a assunção do método histórico-crítico na leitura e interpretação da Bíblia, a relativização da tradição dogmática da igreja e a ênfase numa leitura ética do cristianismo. A reação foi imediata entre grupos de protestantes para os quais esse revisionismo liberal estaria corroendo aquilo que para eles era essencial no campo da fé. Em reação aberta, sinalizaram que certos artigos da fé não podem ser negociados com a modernidade, por serem essenciais e fundamentais”. (TEIXEIRA, 2014, p. 104).

possibilitou avanços irrenunciáveis: a superação do conflito explícito entre a > fé e a ciência ou a razão; a consciência da presença de elementos culturais acessórios no cristianismo; a pesquisa crítica profunda e destemida da história do cristianismo e da Bíblia, atualizando os princípios já iniciados pela Reforma nesta direção. (GROSS, 2008, p. 572-573)

Um grande erro que tem se repetido na análise dos fatos históricos é não se levar em consideração os limites de cada época. Ou seja, não podemos continuar a cair no erro de querer interpretar os acontecimentos passados utilizando as lentes do século presente. Devemos lembrar que estamos vivendo em pleno século XXI. Isso nos ajudará a entender que todo movimento sempre será passível de erros. Por sua vez, isso não significa que os equívocos praticados não possam ser denunciados. Claro que podem e devem! Mas, por mais que venhamos encontrar e apontar alguns erros que foram cometidos no passado, devemos levar em consideração a privacidade e os limites da época desses personagens. E aqui, muito particularmente, quando olhamos para a teologia liberal, devemos relembrar o que já foi dito, isto é, ela surge em reação as duas opções da sua época: a não aceitação ao ceticismo e a não aceitação à ortodoxia conservadora. Isso porque os liberais estavam decididos a “reconstruir a fé cristã à luz do conhecimento moderno. Os liberais acreditavam que certos desenvolvimentos culturais desde o Iluminismo, simplesmente não podiam ser ignorados pela teologia cristã, mas deveria ser assimilados de modo positivo”. (GRENZ & OLSON, 2003, p. 58).

Na realidade, o que podemos perceber é que, “desde o início, o movimento liberal se comprometeu a lançar pontes para suprir a lacuna que havia entre a fé cristã e o conhecimento moderno”. (MACGRATH, 2005, p. 138). É certo também que, na proporção em que a teologia liberal foi se desenvolvendo, se afirmando e se ramificando, encontrou pela frente não somente aliados, e não só fez discípulos, mas os seus naturais opositores.

O professor da Universidade de Oxford, Alister E. McGrath, que tem lecionado na área de teologia sistemática, ciência da religião e outras disciplinas, autor de vários livros traduzidos no Brasil, referindo-se às propostas promovidas pelo movimento teológico liberal, afirma:

Era necessário que o programa liberal apresentasse um grau significativo de flexibilidade em relação à teologia cristã tradicional. Seus principais escritores alegavam que essa renovação dogmática era essencial, se o cristianismo tinha a pretensão de continuar sendo uma opção intelectual viável em meio ao mundo moderno. Por essa razão,

eles exigiram um certo grau de liberdade, por um lado, quanto ao legado doutrinário do cristianismo e, por outro lado, quanto aos tradicionais métodos de interpretação bíblica. Naqueles pontos em que os métodos clássicos de interpretação bíblica ou os dogmas tradicionais parecessem ameaçados pelos avanços do conhecimento humano, era imperativo que fossem descartados ou reinterpretados, para que se alinhassem àquilo que agora se sabia a respeito do mundo. (MCGRATH, 2005, p. 138-139).

Todavia, faz-se necessário salientar que a proposta da teologia protestante liberal de adequar a ortodoxia protestante conservadora, com as mudanças promovidas pela ciência moderna, como era de se esperar, também trouxe as suas consequências:

As consequências teológicas dessa mudança de direção foram intensas. Diversos dogmas cristãos vieram a ser considerados extremamente ultrapassados em comparação com as normas culturais modernas; esses dogmas receberam dois tipos de tratamento: 1. Foram abolidos como algo que se baseava em pressupostos ultrapassados ou equivocados. A doutrina do pecado original é um desses casos; atribuíram-na a uma interpretação equivocada do Novo Testamento, feita à luz dos escritos de Agostinho, cuja opinião nessas questões havia sido obscurecida pelo seu envolvimento excessivo com uma seita fatalista (os maniqueístas). 2. Foram reinterpretados de uma maneira mais adequada ao espírito da época. Várias doutrinas centrais, relacionadas à pessoa de Jesus Cristo, podem ser incluídas nessa categoria, inclusive sua divindade (reinterpretada como declaração das qualidades personificadas em Jesus, as quais a humanidade em geral poderia ter esperanças de reproduzir). (MACGRATH, 2005, p. 139).

Diante das mudanças promovidas pela teologia protestante liberal¹², no meio do cenário cristão, e estando certos os seus pioneiros e discípulos, de que não haveria uma adesão fácil, eles apelaram para a funcionalidade prática dessa nova proposta teológica:

O liberalismo, pressentindo as prováveis dificuldades em basear a fé cristã em um apelo exclusivo às Escrituras e à pessoa de Jesus Cristo, buscou ancorar essa fé na experiência do homem comum e interpretá-la de formas que fizessem sentido para a visão moderna. O liberalismo inspirava-se na visão de uma humanidade que avançava em direção a novos estágios de progresso e prosperidade. A teoria da evolução deu uma nova vitalidade a essa crença, que foi nutrida pela robusta evidência do equilíbrio e do progresso cultural que se verificavam na Europa Ocidental, ao final do século XIX. A religião, cada vez mais, era vista como algo relacionado às necessidades espirituais da

¹² “O protestantismo liberal, isto é, a teologia protestante do século XIX, inspira-se em dois princípios aparentemente contraditórios de Kant: a) a remoção da religião da esfera especulativa; b) a redução do cristianismo aos limites da razão. Partindo desses princípios, Schleiermacher, Hegel, Feuerbach, Nietzsche, Strauss, Baur, Ritschl e Harnack tendem para a secularização total do Cristianismo, alcançando tal meta por ambos os caminhos traçados pelos racionalistas, o filosófico (os quatro primeiros) e o histórico-filosófico (os quatro últimos)” (Cf. MONDIN, 1987, p. 9).

humanidade moderna, proporcionando-lhe um direcionamento ético. (MACGRETH, 2005, p. 139).

A proposta apregoada pelos teólogos liberais, de um mundo melhor, que seria fruto natural de uma vida guiada pela ética, e não por conceitos religiosos, teve a sua propaganda interrompida. A possibilidade de um mundo quase que perfeito, segundo os liberais, foi surpreendentemente desmoronada por acontecimentos que marcaram o cenário mundial, como a Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, a Segunda.

Schaeffer, que foi contemporâneo desse contexto histórico, lembrando esse momento, chega a afirmar:

[...] na hora em que se desencadeava a fúria da primeira guerra mundial – em breve seguida pela segunda – nasceu na consciência desses homens a ideia de que estavam enganados. Em lugar de verem o seu humanismo materialista fazer aparecer vastas igrejas espalhando-se pelo mundo e levando-o ao bem, constataram estupefatos que a sua religião fictícia não satisfazia as necessidades espirituais do homem. As igrejas não se enchiam; e ainda mais, o niilismo¹³ e o agnosticismo¹⁴ desenvolviam-se. Na Alemanha, pátria da Alta Crítica, o niilismo, que tinha causado [...]. A Igreja falou, sim, mas sem autoridade. Como protestante, tinha renunciado à autoridade da Igreja católica romana, autoridade de que esta se tinha investida a si própria; como modernista, perdera a da Palavra de Deus. Do que ela precisava, a todo custo, era duma nova autoridade, sem apoio, suspensa no vácuo, mas suficientemente sólida, contudo, para que se pudesse ter – apoiada sobre ela – uma certa visão do mundo. (SCHAEFFER, s/data, p. 15).

A ideia seria a possível crença de se viver guiado por uma consciência ética, e não religiosa, que, segundo os liberais, ao invés de ajudar, atrapalhava a humanidade em ter a sua própria liberdade de escolhas. Isso porque a mesma tinha de conviver com uma consciência de cobranças constantes e a melhor opção, nesse caso, seria esquecer esses conceitos pregados durante séculos pela igreja e passar a viver e conviver segundo um padrão ético que guiasse a todos de igual modo. Dessa forma, o mundo seria melhor. Dentro desse contexto e pensamento, nota-se que as “obras práticas de caridade, movimentos para o melhoramento econômico-social são frequentemente enfatizados no lugar da salvação da alma e a esperança do outro mundo (os céus)”. (CHAMPLIN, 2014, p. 801). Com os seus ensinamentos e crenças, diziam os liberais: “A sociedade está avançando em direção à realização do Reino de Deus, que será um estado ético de

¹³ Niilismo: Doutrina que nega, de forma absoluta, que o homem possa atingir a verdade, e rejeita toda a crença. É a filosofia do desespero. (Nota da própria citação do original).

¹⁴ Agnosticismo: Doutrina ou sistema filosófico que declara ser absoluto incognoscível, inacessível ao espírito humano. Os agnósticos negam a possibilidade de conhecer as causas primárias e o fim último das coisas, assim como o ser de Deus. (Nota da própria citação do original).

perfeição humana”. (PIERARD, 1992, p. 428). Schaeffer relata o que viu como consequência da proposta apresentada pela teologia liberal:

Fiquei impressionado de ver que grande número de estudantes não cristãos, encontrados na Europa, não somente em nada creem, mas nem mesmo têm a faculdade de justificar tal atitude, nem de fundar o seu cepticismo na razão. A sua incapacidade de se elevarem até à ideia de uma certeza, parece-me ainda mais desesperadora que a do ateísmo materialista. Para eles, o mundo é um amontoado de partículas rodopiantes, sem relação entre si; sentem-se ao mesmo tempo solicitados, dum lado pela necessidade da fuga, de outro pela estabilidade. (SCHAEFFER, s/data, p. 23).

Trazendo à tona esse contexto do liberalismo teológico, o qual é chamado por Schaeffer de Velho Modernismo, e considerando o mesmo que em seguida surge um outro movimento, que ele vai denominar de Neo-Modernismo, diz ele:

É claro que uma das causas primordiais do deslize da teologia no terreno do pragmatismo¹⁵, foi o esforço obstinado dos liberais para pôr o seu pensamento de acordo com as tendências modernas do pensamento científico. Não é uma simples coincidência, que o Velho Modernismo tenha nascido de que a ciência, no sentido lato do termo, lhe revelaria o segredo de todos os mistérios; e por sua vez o Neo-Modernismo, no momento em que o homem perdeu essa certeza, e em que o termo dominante do vocabulário científico era “relativismo”. (SCHAEFFER, s/data, p. 17).

A teologia liberal, como passou a ser chamada, fez com que muitas pessoas, durante um bom tempo, acreditassem nessa proposta teológica como a melhor saída para se viver da melhor maneira possível. Mas, como afirmam os críticos, vieram as guerras e o tiro saiu pela culatra. “A 1ª Guerra Mundial marcou o fim do progresso do século otimista e preparou o palco para a corrente de características pessimistas dos anos que se seguiram. Assim também, o fim da teologia do otimismo que havia permeado o século 19 foi declarado [...]”. (Grenz & Olson, 2033, p. 73). McGrath lembra que “A Primeira Guerra Mundial assistiu a uma decepção crescente, embora não viesse a representar uma rejeição total, em relação à teologia liberal [...] Alegava-se que a guerra havia acabado com a credibilidade atribuída a essa abordagem”. (2005, p. 144). Mas, apesar de tudo isso, é bom que se saiba que o liberalismo não se extinguiu.

¹⁵ Pragmatismo: Doutrina que subordina o pensamento à ação e toma o valor prático por critério de verdade. No seio do Cristianismo, este caminho conduz-nos a colocar a experiência acima das Escrituras, e a tomar os dados da experiência antes das declarações da Escritura. Visto nada haver de mais mutável que a experiência, essa doutrina é a filosofia da incerteza. (Nota da própria citação do original).

1.2. Os denominados controvertidos modernistas liberais

Existem várias definições em comum para explicar o liberalismo teológico, bem como o seu desenvolvimento, como dito anteriormente. Em suma, “o liberalismo religioso é um produto da filosofia moderna, da ciência moderna e da iluminação moderna, que intentam conservar a essência do cristianismo na era iluminada científica ou moderna [...] através de uma reinterpretação da fé cristã”. (RAMM, 1975, p. 89-90).

São salutares a definição e a explicação dada por Champlin, quando o mesmo relembra a etimologia do termo liberal e as suas nuances:

A base linguística do termo ‘liberal’ é a palavra latina *liberalis*, ‘pertinente ao liberto’, em contraste com os escravos, que não podiam promover suas ideias e realizações. [...] O liberalismo, explicado de modo geral, é uma atitude para com as ideias ou sistemas sociais, econômicos, políticos e religiosos, que não se valhe de dogmas fixos, e que, além disso, promove alterações que ocorrem por meio da razão e da experiência. No campo da teologia, tende por opor-se a teorias fixas sobre a inspiração das Escrituras, favorecendo antes o uso da crítica histórica e da aplicação das descobertas da ciência que envolvam algo das crenças religiosas. Se o *fundamentalismo*, que é o oposto do liberalismo, continua a confiar nas revelações da Bíblia, assentando suas crenças essencialmente sobre a Palavra escrita de Deus, o liberalismo assevera que essas revelações, apesar de conterem alguma verdade, não podem ser consideradas a base de toda verdade. Ademais, todas as épocas, incluindo aquelas em que a Bíblia foi produzida, representaram estágios da verdade a que os homens já tinham alcançado, tanto no campo religioso quanto em qualquer outro campo do conhecimento humano. [...] Por conseguinte, qualquer busca pela verdade precisa ir além dos documentos sagrados, embora, como é óbvio, não possa ignorar as Sagradas Escrituras como marcos orientadores importantes. Porém, devem ser considerados marcos, e não a estação final da verdade. (2014, p. 800).

Como é sabido, uma só palavra pode ter inúmeros significados. De igual modo, um único significado pode ser visto em várias palavras. É o caso, particularmente, do sinônimo entre o liberalismo teológico e o modernismo teológico. Pensando nos movimentos de onde se oriunda os termos, Pierard afirma isso ao dizer que “liberalismo teológico, também conhecido como modernismo, ele é a grande mudança no pensamento teológico, ocorrida em fins do século XIX”. (1992, p. 424). Isso significa que, quando utilizarmos os termos liberais teológicos e modernistas teológicos, estaremos nos referindo a um mesmo grupo.

Contudo, desde já é bom que saibamos que “o liberalismo teológico não é uma religião ou uma organização ideológica possuidora de templos, funcionários ou sociedades [...] Esta tendência apresenta-se hoje sob diversos outros títulos: Modernismo, Racionalismo, Nova Teologia etc.” (ALMEIDA, 1981, p. 37).

Trazendo à tona o conceito de modernismo e a sua relação com o fundamentalismo, R.N. Champlin diz:

Ser moderno, na opinião de alguns, é abandonar o que é tradicional e conservador e aderir ao que é moderno, substituindo antigas ideias por novas, presumivelmente alicerçadas sobre um fundo maior de pesquisa e conhecimento. Nesse caso, modernismo é um sinônimo aproximado de liberalismo. [...] Modernismo. Essa é a tendência humanística do pensamento religioso, cujo intuito é suplementar ou suplantar antigos credos e dogmas teológicos mediante uma nova erudição científica e filosófica, assim dando ênfase a ética prática, à justiça em termos os mais amplos, e ao avanço científico. Dessa forma, a palavra é usada como o oposto de Fundamentalismo. (2014, p. 329-330).

Segundo Alister McGrath, um detalhe interessante é que o aparecimento do conceito relacionado ao termo modernista, mesmo na sua maioria atribuída aos protestantes, é proveniente de um grupo de teólogos católicos, que posteriormente seguiu a mesma preocupação dos protestantes nos Estados Unidos.

O termo ‘modernista’ foi originalmente usado em referência a uma escola de teólogos católicos romanos em atividade ao final do século XIX, que adotava uma atitude crítica em relação às doutrinas cristãs tradicionais, em particular àquelas relativas à cristologia e à soteriologia. O movimento nutria uma atitude positiva em relação à crítica bíblica radical e enfatizava as dimensões éticas da fé, em detrimento daquelas que fossem mais teológicas. Sob muitos aspectos, o modernismo pode ser visto como tentativa de conciliação, por parte de escritores da igreja católica romana, frente à perspectiva iluminista, a qual eles haviam basicamente ignorado, até aquele ponto. [...] O surgimento do modernismo nos Estados Unidos seguiu um padrão semelhante. A expansão do protestantismo liberal, ao final do século XIX e início do século XX, foi vista de modo geral como desafio direto às perspectivas evangélicas mais conservadoras. (MCGRATH, 2005, p. 141-143).

Apesar de identificarmos o surgimento do termo ‘modernismo’ como atribuído a um grupo de teólogos católicos, seguidos posteriormente por um grupo de protestantes, essa terminologia possui as suas naturais e múltiplas atribuições:

[...] o termo ‘modernismo’ é bastante vago e não deve ser visto como algo que implique na existência de uma escola de pensamento característica, comprometida com determinados métodos comuns ou

atribuída a determinados mestres. Certamente é verdade que a maioria dos escritores modernistas se preocupavam em integrar o pensamento cristão ao espírito iluminista, em especial no que tange às novas concepções de história e de ciências naturais, que estavam em ascensão naquela época. (MCGRATH, 2005, p. 142).

No seu livro “História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas”, Roger Olson cita duas obras que influenciaram na divulgação interpretativa da teologia protestante liberal modernista. Ele chega a lembrar um marco histórico na difusão dessas obras:

Em 1901, no primeiro ano do século XX, dois livros significativos de teologia foram publicados em inglês, anunciando o que o título de um deles chamava de *Reconstruction in theology* [Reconstrução na teologia]. Outro livro mais simples foi o *What is christianity?* [O que é o cristianismo?]. Os autores eram, respectivamente, o presidente da Oberlin College do estado de Ohio (EUA) e o historiador eclesiástico mais importante do mundo da Universidade de Berlim. Juntos, os dois livros e as preleções que continham proclamavam de forma triunfante um novo tipo de teologia cristã para o novo século: a teologia liberal. Obviamente, em 1901, ela não era nova. Os autores e outros como eles estavam simplesmente popularizando para os pregadores e professores de teologia o que para eles era *fait accompli* (fato consumado): a ascensão de um tipo totalmente moderno de reflexão cristã protestante no século XIX. Seus livros transmitiam a leitores de todas as partes da Europa e da América do Norte dois dogmas básicos desse novo e moderno tipo de teologia: primeiro, a necessidade de reconstruir o pensamento tradicional cristão à luz da cultura, filosofia e ciência modernas e, segundo, a necessidade de descobrir a verdadeira essência do cristianismo, destituída dos dogmas tradicionais que não eram relevantes, nem possíveis de serem cridos à luz do pensamento moderno. Para muitos teólogos acadêmicos em 1901, a teologia liberal parecia ser a tendência inevitável do futuro. Ela deixaria no esquecimento as centenas de séculos de ortodoxia seca e empoeirada e de tradicionalismo autoritários, bem como os constrangimentos das contínuas derrotas da teologia nos conflitos com a ciência moderna. Demonstraria que o cristianismo autêntico e a teologia válida não são contra o novo e moderno espírito dessa era, mas trabalham a favor dele, visando a um mundo melhor para toda a humanidade. (OLSON, 2001, p. 545).

Como já foi dito anteriormente, para que se entenda a origem do termo “fundamentalismo”, “fundamentalista” ou até mesmo “modernista”, é necessário conhecer o desenvolvimento do liberalismo teológico radical nas principais denominações históricas dos Estados Unidos no final do século XIX e início do XX, bem como a reação por parte de alguns líderes cristãos a esse movimento. Foi durante esse período que inúmeras universidades cristãs, seminários e igrejas da Europa, e, em seguida, nos Estados Unidos, tiveram a sua base teológica influenciada pelos

pressupostos do Racionalismo. E a máxima do momento era afirmar que o sobrenatural não tinha a possibilidade nem poder de invadir a história. Ou seja, a história passou a ser vista apenas como uma relação natural de causas e efeitos.

Dentro desse contexto, surgiu o que passou a ser denominado de método histórico-crítico¹⁶. Segundo os adeptos desse método, os mesmos afirmavam que, “as fontes que os autores bíblicos usaram estavam revestidas de mitos, ou lendas criadas por Israel e pela Igreja apostólica. [...] Como resultado, surgiu um movimento dentro do cristianismo que se chamou de liberalismo” (LOPES, 2002, p. 8). Em contrapartida, surge o fundamentalismo. Nesse caso, “uma característica crucial do conceito de fundamentalismo vem à tona – a reação à modernidade, identificada com a sociedade secular, burocratizada, individualista e relativista”. (BELLOTTI, 2012, p. 58).

1.3. Os fundamentalistas contra-atacam os modernistas liberais

Fica claro que “o fundamentalismo nasceu em meio à controvérsia doutrinária entre cristianismo conservador e o liberalismo” (HINDSON, 2009, p. 26). A professora e historiadora Karina Bellotti lembrar que, “antes da controvérsia entre fundamentalistas e liberais (década de 1920), os liberais eram identificados como reformistas, por conta do envolvimento com projetos de reforma social, ou simplesmente evangélicos, pela ênfase na evangelização” (2008, p. 57)¹⁷

Não demorou para que as ideias e os ideais do liberalismo teológico se alastrassem e influenciassem as igrejas cristãs na Europa, chegando também aos Estados Unidos, onde passaram a defender os seguintes pontos:

1. O caráter de Deus é o de puro amor, sem padrões morais. Todos os homens são seus filhos e o pecado não separa ninguém do amor de Deus. A paternidade de Deus e a filiação divina são universais.
2. Existe uma centelha divina em cada pessoa. Portanto, o homem, no íntimo, é bom, e só precisa de encorajamento para fazer o que é certo.
3. Jesus Cristo é salvador somente no sentido em que ele é exemplo perfeito do homem. Ele é Deus somente no sentido de que tinha consciência perfeita e plena de Deus. Era um homem normal, não nasceu de uma virgem, não

¹⁶ Podemos ainda lembrar que, segundo o método histórico-crítico, as Escrituras Sagradas devem ser interpretadas a partir de uma libertação de premissas dogmáticas, onde a razão humana ocupa o principal critério de avaliação para se entender o texto bíblico.

¹⁷ Para se conhecer mais o protestantismo norte-americano a partir do início do século XX, cf. MARTY, Martin E. (1994), BRUCE, Steve (2000), ARMSTRONG, Karen (2001) e MARSDEN, George (2006).

realizou milagres, não ressuscitou dos mortos. 4. O cristianismo só é diferente das demais religiões quantitativamente e não qualitativamente. Ou seja, todas as religiões são boas e levam à Deus; o cristianismo é a melhor delas. 5. A Bíblia não é o registro infalível e inspirado da revelação divina, mas o testamento escrito da religião que os judeus e os cristãos praticavam. Ela não fala de Deus, mas do que estes criam sobre ele. 6. A doutrina ou declarações proporcionais, como as que encontramos nos credos e confissões da Igreja, não são essenciais ou básicas para o cristianismo, visto que o que molda e forma a religião é a experiência, e não a revelação. A única coisa permanente no cristianismo, e que serve de geração a geração, é o ensino moral de Cristo. Nem todas os liberais abraçavam todos estes pontos, e havia diferentes manifestações do liberalismo. Entretanto, todas elas estavam enraizadas no racionalismo (só a ciência tem a verdade) e no naturalismo (negação da intervenção de Deus no mundo) e queriam adaptar as doutrinas do cristianismo à moderna teoria científica e as filosofias da época. (LOPES, 2002, p. 8-9).

Para perceber o rápido alastramento da influência doutrinária produzida pelo liberalismo teológico no meio do protestantismo, é possível lembrar um episódio que ocorreu nos Estados Unidos com membros pertencentes à Igreja Presbiteriana do Norte:

Em 1923, nos Estados Unidos, 1293 pregadores da Igreja Presbiteriana do Norte assinaram um documento intitulado ‘A Afirmação de Auburn’ em que atacavam entre outras doutrinas cristãs, o nascimento virginal de Jesus e ofereciam como substituto o termo ‘encarnação’. [...] Essa afirmação declarava textualmente que uma Bíblia cheia de erros perde o valor para a igreja. O documento afirma que um sacrifício expiatório de Cristo, a sua divindade e a ressurreição corpórea eram apenas “teorias” e jamais teorias ou doutrinas únicas, como a Bíblia ensina. (MCINTIRE, 1952, p. 76).

Todavia, como era de se esperar, a reação conservadora não tardou para se pronunciar contra os pressupostos da teologia liberal. Olson afirma que:

A visão triunfalista dos teólogos protestantes liberais foi prematura. Embora esse novo tipo de teologia fosse uma influência a ser levada em conta na teologia protestante, não ficaria sem contestação. Já em 1901, teólogos protestantes ortodoxos da Europa e da América do Norte uniram forças para lutar contra ela. Não demorou a surgir entre eles uma coalizão de teólogos, pastores e cristãos leigos cultos para criar uma batalha teológica contra o que chamavam de “modernismo” da teologia. Essa nova e intensa forma de tradicionalismo ortodoxo se tornaria conhecida como “fundamentalismo”. Arraigados na ortodoxia protestante e impulsionada pelo espírito militante antimodernista (especialmente em teologia), os fundamentalistas fizeram uma

campanha para eliminar das denominações protestantes as influências liberais e modernistas. Acusaram a teologia liberal de ser uma religião diferente do cristianismo, de ser unitarismo disfarçado, mais racionalista e humanista do que centralizado no evangelho. (OLSON, 2001, p. 545-546).

A ala conservadora do protestantismo norte-americano resolveu contra-atacar se defendendo. Para isso, resolveu propagar, ou melhor, reafirmar os seus valores e alicerces da sua fundamentação teológica:

Diferente de movimentos tradicionalistas ou ortodoxos que visam o retorno ou a preservação de uma tradição, o fundamentalismo ancora-se no passado para lutar contra o que os fundamentalistas avaliam que sejam ameaças à sua identidade. Por isso, outra característica do fundamentalismo é a sua militância. (BELLOTTI, 2012, p. 58).¹⁸

O pastor Ricardo Gondim faz bem em lembrar que “no dia 1º de julho de 1920, o jornal *Baptist Watchman Examiner*, no intento de distinguir aqueles que criam no que consideravam os pontos fundamentais da fé, cunhou a palavra fundamentalismo”. (GONDIM, 2003, p. 84).

Ratificando tudo o que já foi dito em relação ao contexto histórico do que veio a ser o fundamentalismo protestante estadunidenses, podemos lembrar que:

O termo ‘fundamentalismo’ foi empregado no início do século XX por determinada corrente do protestantismo norte-americano que se opunha a toda espécie de inovação, adaptação e contextualização da mensagem bíblica. Pode-se dizer que é a resposta da teologia norte-americana aos desafios da teologia liberal, da Alta Crítica, do darwinismo e de tudo aquilo considerado danoso para a fé cristã. (SANTANA FILHO, 2017, p. 125-126).

É dentro desse contexto específico que o termo fundamentalista, ligado ao movimento protestante, fica melhor compreendido através das palavras de Hindson:

Fundamentalista é o nome com o qual são identificados os cristãos mais conservadores dos Estados Unidos depois de 1920 [...]. O fundamentalismo assumiu este nome com a publicação de uma série de volumes que defendia a historicidade bíblica do cristianismo. Essa série foi publicada originalmente em 12 volumes entre os anos 1910 e 1915, sob o título *The Fundamentals: A Testimony to the Truth* [Os fundamentos: um testemunho da verdade]. O projeto fora financiado por Lyman e Milton Stewart, como resposta a um sermão pregado por A. C. Dixon em 1909. Os irmãos Stewarts investiram 200 mil dólares

¹⁸ Para um aprofundamento sobre essa questão, relacionada ao militarismo fundamentalista, Cf. MARTY, Martin E.; *Fundamentals of Fundamentalism*. In: KAPLAN, Lawrence (Ed.). *Fundamentalism in comparative*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1992. p. 15-23.

para publicar, promover e distribuir mais de 300 mil volumes para pastores, missionários e obreiros cristãos ao redor do mundo. *The Fundamentals* continham uma coleção de artigos escritos por conhecidos acadêmicos, que defendiam os fundamentos básicos ou essenciais da fé cristã [...]. Os tópicos abordados na obra *The Fundamentals* incluíam a inspiração da Bíblia, a deidade de Cristo, o nascimento virginal, a ressurreição, a expiação, a segunda vinda de Cristo, evangelização, missões, a alta crítica, evolução e arqueologia” (2009, p. 15-16).

Karina Bellotti ratifica o surgimento e a reação dos fundamentalistas protestantes ao movimento liberal ao afirmar:

[...] a origem histórica do fundamentalismo decorre do movimento reformador protestante conservador americano no início do século XX, com o objetivo de promover uma restauração de pureza doutrinária baseada na inerrância bíblica, na interpretação literal do escrito sagrado e na obra redentora de Cristo na cruz, dentre outros fundamentos determinados pelos teólogos do Seminário de Princeton¹⁹, na série de folhetos “Os Fundamentos da Fé Cristã” (1911-1915). Tal movimento reformador ocorreu em face ao que esses teólogos consideravam uma interpretação modernista e liberal da Bíblia, promovida por teólogos alemães, que no final do século XIX empreenderam uma análise histórica dos escritos bíblicos tendo em vista descobertas arqueológicas e desenvolvimentos da filologia. Para os teólogos conservadores, a chamada “teologia liberal” ou “alta crítica alemã” dessacralizava a revelação de Deus contida na Bíblia. O que poderia ficar restrito ao círculo teológico ganhou as ruas entre os anos de 1910 e 1920 por conta de cruzadas antievolucionistas em relação ao ensino público, amalgamando uma série de ansiedades e desconfiças de significativas parcelas do povo americano frente à crescente modernização. [...] As cruzadas antievolucionistas entendiam que o evolucionismo retirava a importância de Deus na criação do mundo, e por isso angariaram grande apoio popular, a ponto de muitos estados americanos limitarem ou banirem o evolucionismo dos livros escolares. (BELLOTTI, 2012, p. 56-57).

Todavia, apesar de contar com uma grande parcela de pessoas que apoiavam as ideias fundamentalistas, objetivando com isso um retorno ao conservadorismo, devemos lembrar também que nem sempre as atitudes dos fundamentalistas tiveram total apoio

¹⁹ Esse seminário foi durante muito tempo o grande centro educacional teológico, na formação de inúmeros pastores que se tornaram pioneiros do protestantismo em vários Países. A. G. Simonton, pioneiro do presbiterianismo no Brasil, formou-se nesse seminário em meados do século XIX, e foi desafiado para a obra missionária, após ouvir um sermão do seu professor de teologia, o Rev. Dr. Charles Hodge. A liderança desse seminário era composta por teólogos renomados, entre esses, estavam Charles e Alexander Hodge (pai e filho), B. B. Warfield, Archibald Alexander e outros. Alguns desses chegaram a escrever artigos para combater o liberalismo. Warfield por exemplo, escreveu um artigo sobre a divindade de Cristo no compêndio *The Fundamentals*. Cf. a obra de NOLL (2001), *The Princeton Theology* (1812-1921).

dessa população conservadora. Podemos citar, por exemplo, um fato que ficou conhecido como o caso *Scopes*²⁰.

Em 1925, os fundamentalistas mostraram sua fase mais agressiva, ao fazerem lobby para um ensino criacionista nas escolas públicas. O professor de Biologia John T. Scopes, da cidade de Dayton, no estado do Tennessee, que tinha aprovado em sua legislação a proibição do ensino da teoria da evolução de Darwin, foi processado e condenado ao pagamento de uma multa simbólica devido o ensino evolucionista e seu caso se tornou nacionalmente conhecido. Fundamentalistas passaram a ser considerados intolerantes ao avanço da ciência. (FAJARDO, 2016, p. 252-253).

Porém, faz-se necessário lembrar que os fundamentalistas não foram totalmente adversos ao uso dos benefícios provenientes da ciência em seu favor. Pelo contrário, fizeram uso dos avanços tecnológicos para propagar a sua doutrina. Nota-se, por exemplo, o uso do rádio:

[...] o fundamentalismo não rejeita completamente o moderno, mas vive em uma relação simbiótica com ele, utilizando a tecnologia, os meios de comunicação e até a ciência (na figura do criacionismo) para servir aos seus propósitos. Isto é, o fundamentalismo tende a ser antimodernista, mas não totalmente antimoderno, visto que foi o cerne do fundamentalismo americano que evangelistas e pregadores desenvolveram uma ferrenha propaganda religiosa pelo rádio [...]. (BELLOTTI, 2012, p. 59).

O fato de ter reagido à modernidade não significa dizer que os fundamentalistas não fizeram uso de alguns dos seus elementos. Afirma Santana Filho:

O fundamentalismo protestante foi uma reação consciente à modernidade. No entanto, possui outra atitude paradoxal em relação a essa mesma modernidade. Usam todos os serviços e avanços da modernidade em sua comunicação. Só que faz esse uso para promover versões nostálgicas e simplistas do passado como modelo para o futuro. Por isso, o fundamentalismo é também um fenômeno da modernidade. (SANTANA FILHO, 2017, p. 137-138).

Quanto ao uso da ciência e da modernidade utilizados pelos concílios, compostos pelos liberais, e também pelos fundamentalistas, para se propagar as suas doutrinas, percebe-se McIntire lembrando um episódio que ocorreu com o seu concílio rival, o Concílio Mundial de Igrejas na sua primeira assembleia:

²⁰ Cf. em ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**; o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2001. p. 206.

Uma coisa era certa, nos preparativos bem elaborados para a organização da primeira assembleia histórica, toda a prioridade seria dada às relações com a imprensa e a publicidade. Fez-se evidente que o Concílio Mundial estava resolvido a manter o contato mais íntimo possível com o pessoal do rádio e da imprensa de modo que a sua história fosse contada em todas as partes do mundo. E o conseguiu brilhantemente. Devemos observar que, quando se trata de organização e técnica de promoção, aqueles que estavam em posição de destaque lançaram mão de tudo que a ciência e os métodos modernos podiam oferecer. Se pela força e pelo poderio o bom êxito fosse garantido, as perspectivas seriam maravilhosas para o futuro do Concílio Mundial. (MCINTIRE, 1952, p. 23).

Olson (2001), lembrando esse contexto militante por parte dos fundamentalistas, afirma que:

Dentre a ortodoxia protestante surgiu uma teologia militante em reação à teologia liberal e ao pensamento moderno em geral que foi chamada de fundamentalismo. Embora procurasse simplesmente preservar a teologia protestante clássica e impedir a acomodação liberal ao pensamento moderno, o fundamentalismo acabou desenvolvendo uma nova forma de teologia protestante racionalista, separatista e absolutista. Isto é, a teologia fundamentalista plenamente desenvolvida produziu sistemas absolutos de proposições doutrinárias internamente coerentes que devem ser aceitos na íntegra, sem questionamento, ou totalmente rejeitados. Qualquer pessoa que questionasse um único ponto do sistema doutrinário protestante fundamentalista seria acusada de heresia ou mesmo de apostasia. Em uma reação exacerbada típica do fundamentalismo extremo ao relativismo doutrinário da teologia liberal. (p. 569-570).

Quanto a prática militante e o procedimento inegociável, em relação ao seu discurso, por parte do movimento liderado pelos fundamentalistas, Santana Filho relembra que:

Não é um novo movimento religioso no sentido técnico do termo e nem é uma expressão ortodoxa, conservadora ou tradicional. O termo pertence a uma categoria em si mesma. Pretende sustentar uma crença ortodoxa e a correção da vida defendendo práticas antigas, que parecem se tornar esquecidas diante de novas fórmulas apresentadas e vividas no caminhar da Igreja. Os fundamentalistas rejeitam a sugestão de que estão fazendo algo novo. Um elemento fundamental na retórica fundamentalista é a afirmação que seu programa é baseado na autoridade de um passado que se tornou sagrado, representado por um texto privilegiado ou uma tradição ou ainda pelo ensino de um líder carismático. Há sempre a necessidade de mostrar que há continuidade entre ensino praticado e a herança. A ênfase na fidelidade às Escrituras e a pureza da tradição é uma característica emblemática do fundamentalismo. Mas ele é, antes de tudo, religioso, intolerante e militante. Não há moderação na defesa de suas posições. O que é defendido pelo grupo não pode ser negociado nem discutido. O fundamentalista convicto afirma que não dialoga porque este é o

artifício dos fracos. Dialogar é reconhecer que o outro pode ter razão em algum ponto. Nesse caso é como encará-lo considerando-o como alguém a quem posso falar com igualdade. (SANTANA FILHO, 2017, p. 126-127).

É certo que “o movimento fundamentalista foi posteriormente, fragmentado e polarizado, mas nos seus dias embrionários conseguiu reunir um amplo espectro de líderes conservadores” (HINDSON, 2009, p. 19). Não obstante os esforços por parte dos que foram denominados ortodoxos e, posteriormente, tidos como fundamentalistas, sendo alguns desses professores de seminários conservadores e de linha reformada calvinista, os seus esforços não foram suficientes para evitar que esses seminários fossem alcançados pela teologia liberal. Exemplo disso é o Seminário de Princeton que, “desde sua fundação, no ano de 1812, e até quando os teólogos liberais assumiram o controle, um pouco mais tarde nesse século, o Seminário de Princeton permaneceu como bastião da ortodoxia bíblica no mundo ocidental”²¹ (COUCH, 2009, p. 23).

Osiel Carvalho pontua alguns elementos que contribuíram como antecedentes do fundamentalismo protestante histórico. Diz ele:

Os principais antecedentes históricos do fundamentalismo foram: a teologia ortodoxa de Turretin²², que fora difundida no Seminário de Princeton; as doutrinas pré-milenaristas; e as discussões doutrinárias com os teólogos liberais. O movimento fundamentalista defendia a inspiração e inerrância das Escrituras, de modo que ela deveria ser interpretada de maneira literal. Além disso, os fundamentalistas se consideravam os guardiões dos valores e bons costumes da sociedade

²¹ Para um aprofundamento sobre a Teologia que predominou no Seminário de Princeton, no período dos teólogos conservadores, e que influenciou na formação dos pastores nordestinos brasileiros, Cf. CARVALHO, Osiel (2013), CASIMIRO, Arival (2003).

²² O teólogo ítalo-suíço, Francis Turretin (1623-1687), “escreveu uma obra em três volumes chamada *Institutiones Theologiae elenchiticae*. Nela Turretin faz um tratado sistemático das doutrinas cristãs, pois acreditava na inspiração verbal de toda a Escritura. Segundo ele as palavras da Bíblia foram transcritas diretamente pela direção do Espírito Santo. Portanto, as Escrituras seriam uma produção predominantemente divina e não humana, pois seus escritores foram diretamente usados por Deus para escreverem cada palavra do texto bíblico[...]. Os estudos de Turretin lançaram as bases para a formação teológica no Seminário de Princeton, no qual a maioria dos ministros presbiterianos dos Estados Unidos estudou no século XIX. Esse seminário se tornaria posteriormente um dos principais centros do fundamentalismo americano. A teologia sistemática de Turretin era leitura obrigatória para alunos e professores, pois era considerada uma teologia correta e a única verdadeira da doutrina protestante. Como manual, essa teologia sistemática era estudada durante todo o curso teológico em Princeton”. (Cf. CARVALHO, 2013, p. 46). “Uma dinastia de erudição teológica conhecida como “escola de Princeton” cresceu a partir dos ensinamentos de Turretin. Ela era exemplificada por Archibald Alexander, pela equipe de teólogos presbiterianos conservadores formada por pai e filho. Charles Hodge e Archibald Alexander Hodge, e por seu sucessor Benjamim Breckinridge Warfield. Durante o reinado teológico em Princeton de 1812 a 1921, a dinastia Alexander – Hodge- Warfield de teologia de Princeton traduziu o escolasticismo e a ortodoxia protestante do tipo Turretin para o contexto norte-americano do século XIX e criou os alicerces teológicos e doutrinários que deram origem ao fundamentalismo no século seguinte”. (OLSON, 2001, p. 572).

e, como tal deveriam fazer oposição aos avanços na modernidade que colocassem em risco tais valores. No intuito de conter o avanço das ideias difundidas pelos liberais os fundamentalistas promoveram uma série de ações para conter aquilo que acreditavam que poderia destruir o cristianismo [...]. Entretanto, o movimento fundamentalista não ficou restrito aos debates com os liberais, tendo em vista que a partir da década de 1920 os fundamentalistas passaram a influenciar a esfera pública estadunidense [...]. (CARVALHO, 2013, p. 45).

Referindo-se a esse contexto nebuloso em relação aos embates entre os fundamentalistas e os liberais que ocorrera nos Estados Unidos, a saída de alguns professores do seminário de Princeton e abertura do novo seminário de Westminster, Gondim relembra:

Nesse tempo, a Igreja Presbiteriana sofreu duros abalos. Em maio de 1922, Henry Emerson Fosdick pregou um sermão liberal: “Vencerão os fundamentalistas?” Depois de transcrito e impresso, sob o patrocínio da Fundação John Rockefeller, 130 mil cópias circularam pelos redutos presbiterianos. Pouco tempo depois os fundamentalistas deu o troco. Proclamou um sermão não menos cáustico: “Vencerá a incredulidade?” De repente, os crentes presbiterianos viram-se diante de uma situação paradoxal: ou se tornavam “liberais incrédulos”, ou passavam para o lado dos “fundamentalistas reacionários”. Centenas de milhares de crentes partiram para igrejas independentes. Quatro membros do Seminário de Princeton saíram para formar o Westminster Theological Seminary. Já não havia retorno para o divórcio entre os liberais e os fundamentalistas. Esse cisma passou subitamente para muitas denominações protestantes históricas. Obrigados por escolher lados, muitos preferiram sair em busca de uma opção até então inexistente. Com igrejas rachadas, posições entrincheiradas, o mundo protestante experimentou um clima separatista sufocante. (GONDIM, 2003, p. 85).

Aparentando ter perdido a batalha contra o liberalismo teológico, que tinha se infiltrado nos seus seminários, alguns professores chegaram à conclusão de que a melhor opção era se retirar e formar um novo seminário. E foi o que aconteceu:

Incapaz de abalar a estrutura de Princeton para permanecer firme em sua herança bíblica, Machen²³ liderou uma retirada da faculdade,

²³ John Gresham Machen (1881-1937) é tido por alguns historiadores como um dos últimos grandes defensores da teologia de Princeton. Cf. sua obra clássica em português, **Cristianismo e Liberalismo** publicada pelo Projeto Os Puritanos (2001). Ver ainda uma homenagem feita por esse mesmo projeto, num exemplar de 2006. Olson diz que, “um dos principais teólogos da reação fundamentalista foi J. Gresham Machen (1881-1937), presbiteriano conservador, leal à Confissão de fé de Westminster e às verdades atemporais descobertas e consagradas pelos teólogos protestantes ortodoxos dos séculos XVI e XVII. Além disso, havia forte ênfase à inerrância e verdade literal do registro bíblico e à falsidade da ciência e filosofia modernas, que eram céticas e evolucionistas. Machen deu seu grito de guerra com Christianity and liberalism [Cristianismo e liberalismo], publicado quando o fundamentalismo estava no auge da sua influência. Nesse livro, Machen se esforçou para desmascarar a teologia liberal, apresentando-a como falso evangelho e religião alternativa ao cristianismo”. (OLSON, 2001, p. 545-546).

juntamente com estudantes que o seguiram, estabelecendo o Seminário Teológico Westminster, na cidade de Filadélfia, no ano de 1929. Ele e outros presbiterianos conservadores organizaram um programa de missões mundiais para contrabalançar o trabalho de missionários liberais enviados por suas respectivas denominações. Em um irônico movimento, a Igreja Presbiteriana do Norte examinou e exonerou Machen e seus colegas, classificando-os de heréticos e cismáticos, causadores de divisões” (COUCH, 2009, p. 24).

O Rev. Carl McIntire, que estudou no Seminário de Princeton, chegando a ser aluno do Dr. J. Gresham Machen, relembra esse contexto histórico:

Quando eu ainda era estudante no Seminário Teológico de Princeton, em 1928, tive meu primeiro encontro na luta que então se faria e fiquei certo da existência do problema e da luta. O Dr. Pugh é membro da Junta de Diretores do Seminário Teológico de Princeton. O falecido Dr. J. Gresham Machen, professor do Novo Testamento, estava à frente da luta nas igrejas pela preservação do bom nome de Princeton. Conformer-se-ia o seminário com o programa liberal e inclusivista na igreja, ou permaneceria fiel ao seu padrão histórico? O Dr. Pugh uniu-se logo às forças que finalmente levaram à reorganização de Princeton de modo a colocá-lo em linha com tendências e correntes modernistas da época. O Dr. Machen era o autor do livro “O nascimento virginal”, “A origem da religião de Paulo”, “Cristianismo e liberalismo”, obras que se tornaram defesas eruditas da fé cristã. O seu livreto “Que é a fé?” levou-me à decisão de ir estudar em Princeton, de modo que eu pudesse estudar sob a orientação de um homem de tão grandes conhecimentos. Quando descobrir o que era a controvérsia e os seus problemas, e quando o Dr. Machen e o Dr. Robert Dick Wilson, professor do Velho Testamento, abandonaram Princeton para organizar um novo seminário, também fui com eles. (MCINTIRE, 1952, p. 156).

O Dr. Francis A. Schaeffer, que também foi um dos alunos do Seminário de Princeton, e que no momento da reação fundamentalista juntou-se ao Rev. McIntire (é certo que depois de um tempo ele diverge de alguns pontos doutrinários e não continua no mesmo grupo do McIntire), relembra a sua peregrinação teológica e o contexto dessa época, mencionando até mesmo a chegada do que ele vai chamar de Neo-Modernismo:

Na Europa e na América, grande número de cristãos que creem na autoridade da Escritura, fizeram a mesma experiência que eu. Do Modernismo (chamado também de Liberalismo ou Racionalismo), evoluíram chegando ao Agnosticismo, mesmo antes de chegarem a Cristo. No plano intelectual, o caminho lógico de todo o pensamento de tendência liberal deveria ser o passar do Liberalismo para o Agnosticismo. No momento preciso, esta necessidade lógica se impôs no seio do Liberalismo como uma sentença; acelerado pela primeira guerra mundial, este movimento levava o Racionalismo à catástrofe. Enquanto o mundo do sonho dos liberais se desmoronava à sua volta, o seu idealismo contemplativo tendia a degenerar num cinismo desesperado. Eles compreenderam que a Igreja tinha perdido a sua

autoridade. Para fazer face à situação, era preciso descobrir uma nova autoridade. Mas, onde encontrariam eles, se persistiam nas teorias da Alta Crítica, fonte de todos os males? Para acudir a esta necessidade, nasceu o Neo-Modernismo, chamado também Teologia Transcendente²⁴. Esperavam com ela conservar as teorias da Alta Crítica e encontrar, ao mesmo tempo, uma autoridade suficientemente forte para os preservar da queda logicamente fatal no Agnosticismo. (SCHAEFFER, s/data, p. 11-12).

A criação de um novo seminário não foi suficiente para cessar os embates entre os fundamentalistas e os liberais. Santos (2004) lembra que:

A fundação do Seminário Westminster não colocou ponto final à controvérsia doutrinária dentro da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e, conseqüentemente, não extinguiu a inquietação interior de Machen. Diante de indícios de que as tendências liberais haviam atingido até a Junta de Missões Estrangeiras, Machen passou a se preocupar com a condição doutrinária dos campos onde os alunos graduados em Westminster haviam de servir. Machen protestou veementemente contra o fato de a junta de Missões Estrangeiras ter apoiado um relatório intitulado *Rethinking Missions* [Repensando Missões], o qual, na opinião de Machen, era um ataque, do começo ao fim, à fé cristã histórica [...]. Juntamente com outros vinte e quatro líderes conservadores, Machen formou a Junta Independente de Missões Estrangeiras para acolher missionários conservadores e comprometidos com a doutrina calvinista. Mas os seus oponentes não deixariam isso por menos e, após várias articulações, a organização da Junta Independente de Missões foi declarada inconstitucional pela Assembléia Geral de 1934 [...]. Os membros da Junta Independente foram intimados a suspender suas atividades sob ameaças de sanções disciplinares. Como consequência, Machen foi levado a julgamento no seu presbitério, o qual se recusou a receber quaisquer justificativas que apresentassem questões doutrinárias. Machen foi assim despojado do ministério (p. 155).

Apesar de todas dificuldades e resultados contrários aos seus esforços, Machen e os seus aliados não se deram por vencidos e continuaram com seus objetivos, dessa vez através da abertura de uma nova denominação:

Machen apelou à Assembléia Geral, onde seu recurso mais uma vez foi indeferido. A única opção deixada a Machen e a outros 5.000 conservadores foi a formação de uma nova denominação em 1936, a Igreja Presbiteriana da América, que mais tarde veio a chamar-se Igreja

²⁴ Transcendente: aqui este adjetivo significa que a posição teológica do Neo- Modernismo difere tanto do Cristianismo Bíblico (“ortodoxia tradicional”; posição dos Reformadores e dos que lhes são fiéis) como do Modernismo tradicional (posição dos velhos Racionalistas do final do século XIX e princípio do século XX). O Neo-Modernismo fica ainda além destas duas posições, ocupando assim uma terceira que as reúne e concilia. (Nota da própria citação do original).

Presbiteriana Ortodoxa – OPC. Machen foi eleito o seu primeiro moderador (SANTOS, 2004, p. 156).

Todavia, como se não bastasse, essa nova denominação, apesar de tão pouco tempo da sua fundação, sofreu com disputas internas em função de aspirações políticas, opiniões divergentes em relação às interpretações escatológicas e também perspectivas diferentes aos limites da liberdade cristã. Com isso, o grupo se rompeu:

As tensões internas na nova denominação cresceram a tal ponto que, durante a segunda Assembléia Geral da OPC em 1936, Carl McIntire articulou a saída de Machen da presidência da Junta Independente de Missões e assumiu o posto [...]. Meses mais tarde, McIntire e alguns amigos deixariam a OPC para fundar o Sínodo Presbiteriano da Bíblia (ou Bíblico) (SANTOS, 2004, p. 156).

Enquanto grupos se formavam para combater o liberalismo teológico, fundando igrejas, concílios e até mesmo seminários, por sua vez, o Seminário de Princeton continuou com os seus objetivos. No ano de 1936, assume a direção John A. Mackay (1889-1983), que preside essa instituição durante 23 anos. O pastor Manoel Bernardino de Santana Filho, na sua obra “O Caminhar da Igreja: o conceito de missão no pensamento de John A. Mackay”, relembrando as primeiras ações desse novo presidente, diz:

Na aula inaugural no dia dois de fevereiro de 1937 ele [Mackay] falou sobre a “Restauração da Teologia” onde afirmou que seria necessário restabelecer a teologia a seu lugar de destaque, readquirindo seu espaço tanto na vida da Igreja como nos círculos acadêmicos. O jornal New York²⁵ Times assinalou em seu editorial que aparentemente um grande pensador estava chegando para liderar a comunidade acadêmica do Seminário de Princeton e que ele prometia falar com voz autorizada para colocar a juventude no luminoso caminho em direção a uma nova era teológica. O seminário abriu as portas para diversos pensadores europeus, especialmente alemães ou professores cujos países haviam sido invadidos pelas tropas nazistas. Um dos primeiros a chegar foi Otto Piper (1891-1982) que havia perdido sua cadeira de teologia sistemática na Universidade de Münster, depois de ter sucedido Karl Barth. Depois da ocupação da Tchecoslováquia em 1939 o professor Joseph Hromádka (1889-1969) viajou para os Estados Unidos. Ele foi professor por oito anos em Princeton nas cadeiras de Ética Cristã e Apologética. Houve de fato uma renovação teológica no Seminário de Princeton permitindo que a instituição participasse do debate teológico da época em ênfase na teologia dialética e suas diversas ramificações

²⁵ Editorial: A New Theological leader. *New York Times*, February 4, 1937, 20. (Citação feita pelo autor do texto).

entre Karl Barth, Emil Brunner e Friedrich Gogarten²⁶. (SANTANA FILHO, 2017, p. 212-213).

Dando continuidade aos seus projetos administrativos no Seminário de Princeton, e objetivando atrair novos alunos, Mackay resolve criar algumas Pós-graduações:

[...] Mackay realizou ampla reforma na instituição, renovando seus quadros, ampliando o espaço físico e estabelecendo relações acadêmicas com inúmeras instituições dentro e fora dos Estados Unidos. Criou um programa de doutorado em teologia no campo do Antigo que passou a ser oferecido em 1944, e mestrado em educação religiosa no mesmo ano. Abriu as portas da instituição para ouvir os mais renomados teólogos, pesquisadores e cientistas com significativa contribuição em suas áreas de atuação. Em maio de 1939, o conhecido cientista Albert Einstein proferiu palestra para a comunidade do Seminário de Princeton. Em 1951 visitou o seminário o teólogo Rudolf Bultmann, em 1952 o pastor Martin Niemöller e em 1953 Billy Graham. (SANTANA FILHO, 2017, p. 213-214).

Enquanto isso, relembando o investimento por parte dos opositores ao liberalismo teológico, Olson, em breves palavras, tentando traduzir o conservadorismo reivindicado por parte dos fundamentalistas, afirma:

Se a essência da teologia protestante liberal era o reconhecimento máximo das reivindicações da modernidade pelo pensamento cristão, a essência da teologia fundamentalista pode ser descrita como o reconhecimento máximo das reivindicações da ortodoxia protestante contra a modernidade e a teologia liberal. O âmago de sua postura e abordagem é o que se chama de ‘conservadorismo máximo’ da teologia cristã. Sua ambição é defender a inspiração verbal e infalibilidade (inerrância) absoluta da Bíblia, bem como todas as doutrinas tradicionais da teologia ortodoxa protestante que consideravam sob ataque pelo pensamento moderno e pela teologia liberal. De 1910 a 1960, aproximadamente, o empreendimento fundamentalista tornou-se cada vez mais intenso e separatista, quando diversos líderes fundamentalistas discordaram a respeito dos ‘fundamentos da fé’ e dos graus de separação da religião secular e modernista. [...] Já nas décadas de 1940 e 1950, muitos líderes fundamentalistas reconhecidos acrescentaram à lista das doutrinas essenciais o pré-milenarismo (a crença no reino de Cristo na terra por exatamente mil anos depois da segunda vinda) e o criacionismo da terra jovem (a crença que Deus criou toda natureza e tudo o que nela existe há menos de dez mil anos, em exatamente uma semana de vinte e quatro horas diárias). (OLSON, 2001, p. 570).

²⁶ No texto original, o autor sugere: Para o debate sobre a teologia dialética cf. ROBINSON, James M. (ed.). **The Beginnings of Dialectic Theology**. Translated by Keith R. Crim. Richmond: John Knox Press, 1968.

Um detalhe significativo lembrado por Karina Bellotti é que, bem mais do que um movimento religioso que atraiu pessoas interessadas nesse assunto, o fundamentalismo atraiu pessoas por outros motivos também: “Em poucos anos de militância, esse movimento tornou-se caixa de ressonância das angústias de uma parcela da população americana que não se via contemplada pelo progresso material e industrial pelo qual passava o país”. (BELLOTTI, 2010, p. 134).

Com isso, percebe-se que todos os personagens e movimentos que apareceram na história com suas propostas messiânicas tiveram pela frente os seus naturais simpatizantes e também os seus opositores. Em suma, toda proposta de mudança geralmente tende a ter os seus bons resultados e as suas consequências. Em outras palavras, os movimentos históricos que surgiram prometendo um excelente resultado com a quebra do conservadorismo existente tiveram que reconhecer que os resultados nem sempre foram o esperado.

Um dado curioso e instigante é que muitos adeptos que clamam por mudanças dentro das suas próprias instituições ficam estarecidos quando notam um resultado inesperado. Na maioria desses casos, essas mesmas pessoas passam a ter um espírito nostálgico, que agora clamam por um retorno. “Os sentimentos de inquietação, descontentamento e medo de perda da identidade também são fundamentais para o surgimento de líderes que identificam esses sentimentos aos inimigos a serem combatidos”. (BELLOTTI, 2012, p. 66). Aplicando isso à questão da inevitabilidade do conservadorismo pregado pelos fundamentalistas, em toda e qualquer época, Faustino Teixeira chega a afirmar que:

O fenômeno do fundamentalismo implica a ideia de uma “tradição sitiada”, de uma identidade ameaçada. Diante do risco globalizador, ele reage com a afirmação tradicional da tradição. Rejeita-se qualquer engajamento dialogal com a modernidade, e busca-se constituir um “mundo curado”, livre de surpresas”. (TEIXEIRA, 2014, p. 106).

1.4. Os embates entre os concílios fundamentalistas e os liberais

O grupo que saiu com McIntire, além de fundar a *The Bible Presbyterian Church* [Igreja Presbiteriana da Bíblia], criou também o Seminário Teológico da Fé (1938).

McIntire organizou também o Concílio Americano de Igrejas Cristãs (1941)²⁷, o qual tinha a função de representar os fundamentalistas e a Associação Nacional de Evangélicos (1942). Todas as denominações, igrejas e indivíduos que se identificavam com a causa fundamentalista, esses liderados por McIntire, criaram em 1948 o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC), o qual servia como oposição ao Concílio Mundial de Igrejas (CMI), que era acusado de ser ecumênico e liberal. O CIIC foi fundado pelo Dr. McIntire “em Amsterdam, Holanda, filiando-se ao mesmo 111 denominações” (MACHADO, 1979, p. 5). Neste concílio, McIntire foi presidente desde a sua fundação, sendo reeleito consecutivamente até a sua morte em 2002.

Relatando o surgimento do Concílio Americano de Igrejas Cristãs, em oposição ao Concílio (ou Conselho como alguns queiram chamar) Federal de Igrejas, McIntire expressa a sua alegria. Pois, mesmo diante das dificuldades, os fundamentalistas vão alcançando o seu espaço. Relata ele:

Voltando, contudo, ao ano de 1941, nos Estados Unidos, vemos que alguns grupos de crentes na Bíblia, havendo recuperado as forças após tremenda perseguição e grandes sofrimentos, resolveram fazer alguma coisa para salvar a situação. Compreenderam logo que o meio eficiente de enfrentar o programa do Concílio Federal era organizar outro concílio de igrejas que tivesse por denominador comum as grandes doutrinas evangélicas, saísse a campo, levantasse bem alto o seu estandarte e confiasse a Deus o seu testemunho, para que Ele mesmo o abençoasse e defendesse. Em 1941, portanto, foi organizado o Concílio Americano de Igreja Cristãs. Os problemas que o criaram e algo sobre a sua história estão registrados minuciosamente em outro trabalho nosso – *A Reforma do Século Vinte*. Deus fez aparecer o Concílio Americano. Onde quer que o Concílio Federal fosse com o seu testemunho falso, o Concílio Americano ia logo levar o testemunho verdadeiro, segundo as Escrituras. Quebrou-se o monopólio do rádio pelo Concílio Federal; o domínio que ele exercia em Washington até para exclusividade de nomeações de capelães para o exército e a armada foi desafiado. Constantemente, e através de todo o país, o testemunho do Concílio Americano foi ouvido na defesa da Bíblia Sagrada e da fé cristã e histórica, em oposição ao pacifismo radical e a aproximação do comunismo por parte dos líderes do Concílio Federal. [...] Uma das últimas ilustrações da eficácia do testemunho do Concílio Americano foi visto na primavera de 1948. No dia 30 de abril de 1948, o Presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman, recebeu uma delegação do Concílio Federal de Igrejas de Cristo na América que lhe apresentou um “Programa Positivo pela Paz”. O programa declarava os princípios pacifistas do Concílio e também dava expressão a alguns dos seus princípios socialistas. Imediatamente após aquela reunião em 13 de maio de 1948, uma delegação do Concílio Americano foi também

²⁷ Este concílio era formado por 17 grupos religiosos, dos quais somente a Igreja da Bíblia era declaradamente presbiteriana (MACHADO, 1979, p. 5). Teve como objetivo também, fazer oposição ao Conselho Federal de Igrejas, o qual possuía ideais ecumênicos.

recebida pelo Presidente dos Estados Unidos e lhe entregou um “Programa para a Liberdade e a Paz”. Deu primazia à liberdade; individual, deu ênfase ao ensino da Bíblia concernente ao direito e a responsabilidade do povo para estar preparado para defender-se contra o agressor. O presidente disse que estava satisfeito por haver encontrado um grupo de pregadores que não eram pacifistas. (MCINTIRE, 1952, p. 192-193).

Todavia, a “batalha” que estava acontecendo dentro de um espaço aparentemente restrito, apenas regional, ou no máximo nacional. Mas não tardou para que os ventos do liberalismo protestante teológico soprassem noutros territórios fora do contexto norte-americano, fazendo com que os fundamentalistas não tardassem para reagir. É dentro desse contexto que surge o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, como reação ao Concílio Mundial de Igrejas, que, além de ecumênico, tratava-se de um concílio que já tinha representantes do “mundo inteiro”²⁸. McIntire menciona esse momento histórico:

O Concílio Americano de Igrejas Cristãs, portanto, na dependência de Deus, com a convicção de que esta é a sua vontade, na sua sessão anual em Detroit, Michigan 18 de outubro de 1947, faz aqui a seguinte convocação: Pedimos a todas as organizações eclesiásticas que creem na Bíblia e verdadeira sucessão protestante através do mundo a enviar ao menos um representante devidamente credenciado (mais de um, se assim desejarem) para esta convocação com o fim de organizar e estabelecer um concílio internacional de igrejas cristãs. A finalidade de semelhante assembleia seria adotar um nome, firmar um padrão expressivo das doutrinas evangélicas comuns, apresentar uma organização democrática representativa para dar testemunho construtivo do nosso adorável Salvador Jesus e, ao mesmo tempo, tomar posição contra o Concílio Mundial de Igrejas. Esperando no Senhor para promover e guiar os nossos passos em tudo, e entregando todo nosso destino nas suas mãos, indicamos a cidade de Amsterdam, na Holanda, como o lugar para a nossa primeira assembleia, a reunir-se de 12 a 19 de agosto de 1948. [...] A primeira resposta à convocação veio num editorial do *Christian Century*, intitulado “Tentando ainda fazer perecer o Movimento Ecumênico”. Trechos da convocação foram citados, e assim se exprime o artigo de fundo: “O Concílio Americano de Igrejas Cristãs tem procurado há anos destruir o Concílio Federal. Agora propõe levantar as suas intenções malévolas até o plano universal e tentar exterminar o Concílio Mundial no seu nascedouro, simplesmente porque as igrejas que são membros do Concílio Federal declararam a sua intenção de unir-se ao Concílio Mundial. O fato de 25 denominações no Concílio Federal formarem apenas pequena percentagem das 124 contidas na organização, o fato de o Concílio Mundial ter no seu seio membros de organizações de fundo teológico

²⁸ McIntire lista os representantes do Concílio Mundial de Igrejas, mostrando assim, além das denominações desses representantes, as suas múltiplas nacionalidades. Diz ele: “O Concílio Mundial de Igrejas organizou uma comissão de noventa membros, a qual será o corpo executivo do Concílio no interregno das sessões da Assembleia de cinco em cinco anos. Os membros desta comissão, segundo a lista organizada pelo escritório central em Genebra, em fevereiro de 1949, são os seguintes: ...Cf. a lista completa em MCINTIRE, Carl. **A Moderna Torre de Babel**, 1952, p. 175-178.

conservador, o fato de toda agremiação no Concílio Mundial ter afirmado que aceita nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador – todos estes fatos não têm significação alguma para este pequenino grupo de fundamentalistas americanos, resolvidos no seu propósito de destruição calculada. Tal esforço para destruir o movimento ecumênico nesta conjuntura crítica na história cristã não é testemunho construtivo em favor do Senhor Jesus Cristo. Pelo contrário, é o testemunho da habilidade contínua do demônio para seduzir os homens, cujos olhos ficam cegos pelas suas próprias imaginações vãs para fazer a obra dele”. (MCINTIRE, 1952, p. 199-201).

Pelo fato desses concílios terem nomes parecidos, acontecia (e às vezes ainda acontece) quase sempre das pessoas se confundirem, como também questionarem as diferenças. Foi o que ocorreu certa ocasião quando o Rev. McIntire procurou saber a possibilidade de um espaço no rádio para realização de programações que tinham o intuito de propagar a mensagem fundamentalista:

Em uma manhã quente e úmida de julho de 1948, entrei no escritório da National Broadcasting Company, Radio Center, em Nova York, EUA, para uma entrevista, já marcada com a sra. Doris Corwith, encarregada de assuntos públicos. Eu fora perguntar-lhes se a N. B. C. disporia de tempo livre para fazer irradiação transoceânica de Amsterdão, Holanda, da reunião destinada a formar o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. Sua primeira resposta foi: “Eu falei com seu grupo, seus representantes, na semana passada, não foi?” ‘Não’, disse eu. Ela então mencionou seus nomes. ‘A senhora refere-se decerto ao Concílio Mundial de Igrejas’, sugeri. Ela desceu os olhos ao programa e folheto que eu lhe pusera nas mãos e leu o nome, Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. ‘Dois Concílios?’ perguntou. ‘Que é que há com os senhores? Por que não podem unir-se? Qual é a diferença?’ ‘Os denominadores comuns sobre os quais se erguerão ambos são muito diferentes’ respondi. ‘Um é amplo bastante para conter os católicos gregos e também os católicos romanos. Alguns católicos gregos já se uniram mesmo ao Concílio Mundial’, expus. ‘O outro possui um denominador comum sobre o qual somente igrejas protestantes, que sustentem o princípio histórico da Reforma, podem unir-se’. ‘Oh’, disse ela, ‘já compreendo. Os senhores são os fundamentalistas’. ‘Sim, alguns nos chamam assim; defendemos os fundamentos da fé’, repliquei. A sra. Corwith garantiu-me então que, se fosse concedido tempo ao Concílio Mundial de Igrejas, também o seria ao Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. Mais tarde, quando já estávamos em Amsterdã, chegou um telegrama que nos informava ter sido reservado tempo para uma transmissão do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. (MCINTIRE, 1952, p. 11).

McIntire, respondendo à pergunta, que segundo ele é feita por milhões de pessoas, em relação ao porquê da existência desses dois concílios, diz:

[...] Milhões de pessoas as fazem. Neste mundo que clama por unidade e paz, pergunta-se “Por que hão de existir divisões nas forças cristãs?”

Mas que são “forças cristãs”? Quais são as suas divisões? E quais as bases de união e cooperação? Oh, há tantas questões de que nos cumprirá tratar! Não há praticamente diferença entre o Concílio Mundial de Igrejas, e o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, no que diz respeito à estrutura de sua organização. São ambos concílios de igrejas no plano mundial. Nenhum deles pretende ser uma super-igreja e ambos repudiam tal ideia. O Concílio Mundial de Igrejas foi constituído formalmente em Amsterdam, de 24 de agosto a 4 de setembro de 1948, quando representantes de 146 denominações e igrejas ortodoxas adotaram a resolução de constituição. Um retrato íntimo do Concílio Mundial, dado pelo Departamento de Relações Públicas do Concílio, em Genebra, Suíça, diz: “A comunidade do Concílio não é feita de congregações locais, ou paróquias, ou de cristãos individuais, mas antes de cooperações nacionais de igrejas, credos ou denominações tais como a Igreja da Inglaterra, A Igreja Reformada dos Países Baixos, A Igreja Metodista do Brasil, A Igreja Presbiteriana de Nova Zelândia, o Patriarcado de Jerusalém que é ortodoxo oriental, a Convenção Batista do Norte dos Estados Unidos da América, a Igreja Luterana Evangélica da Finlândia, para mencionar apenas algumas”. Do mesmo modo, pode-se dizer que a comunidade do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs não é feita de congregações locais, paróquias, ou de igrejas individuais, mas antes de corporações nacionais de igrejas. Há uma diferença entre os dois, entretanto, quanto às corporações admitidas em seu seio. O Concílio Mundial falou de si como representando “igrejas não-romanas”. No boletim há pouco citado, lemos: “Estima-se, todavia, que oito de cada dez cristãos das igrejas protestantes e ortodoxas estão no Concílio Mundial em virtude de sua qualidade de membros”. O Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, por outro lado, não inclui nenhuma igreja ortodoxa oriental, mas confina-se às igrejas que são protestantes e de sucessão cristã histórica. O concílio Internacional de Igrejas Cristãs, portanto, é o único e real concílio protestante. [...] Há outras coisas que os dois concílios têm em comum, dentro de certos limites, mas há também muita coisa em que diferem vitalmente. Seus clamores, seus propósitos, seus programas, suas crenças, mesmo suas reuniões são diferentes; tão diferentes, na verdade, que vão em direção opostas. (MCINTIRE, 1952, p. 12-13).

Interessante uma observação feita pelo professor Pedro Vasconcelos em relação aos esforços e à militância por parte dos fundamentalistas:

A certeza era de que se estava a defender os fundamentos da fé cristã e a identidade cristã da nação, de tantas formas ameaçados. Além disso, o cenário apocalíptico vivido na Primeira Guerra induziu os protestantes conservadores a adotar posturas mais radicais. Para eles, de um lado, a grande guerra era sinalização do Apocalipse, por outro, a América era como um novo Israel, ‘uma nova nação messiânica eleita para manifestar a verdade no mundo’²⁹. (VASCONCELOS, 2008, p. 31).

²⁹ Cf. **AÇÃO DOS CRISTÃOS PELA ABOLIÇÃO DA TORTURA**: Fundamentalismo, integrismo; uma ameaça aos direitos humanos. São Paulo, Paulinas, 2001. p. 35.

Ainda criticando o procedimento do Concílio Mundial de Igrejas, e as suas práticas ecumênicas, McIntire relembra uma declaração oficial que foi adicionada à constituição desse mesmo concílio, que nos seus termos alega o seguinte:

a. O fundamento não é a pedra de toque pela qual a fé das igrejas ou das pessoas possa ser julgada; b. Que o Concílio Mundial não se interessa em que as igrejas interpretam este fundamento; c. Que a responsabilidade recai sobre cada igreja para decidir se quer cooperar nesta base. (MCINTIRE, 1952, p. 61).

Devido à exposição desses termos supracitados, McIntire levanta alguns questionamentos e ataca-os, mostrando haver uma mensagem contraditória, e que a mesma proporciona uma abertura para o que ele chama de “crente” e “descrentes” comungarem da mesma doutrina:

Ora, isto levanta a questão de integridade, honestidade e moralidade. Se o fundamento não é uma declaração pela qual a fé das igrejas ou dos indivíduos possa ser julgada, torna-se claramente coisa sem significado alguma. Contradiz diretamente a declaração de que o Concílio “é a comunhão de igrejas que aceitam Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador”. A comunhão firmada na aceitação de Nosso Senhor Jesus Cristo só terá significado verdadeiro se as igrejas que entram nessa comunhão possam ser julgadas por ela. É a presença de Cristo que determina a presença delas na organização. Se não é esta a significação, não há sentido nas palavras. Logo, a declaração deve ser e é pedra de toque. Colocar as duas declarações uma ao lado da outra é ridículo. Uma nega a outra. As autoridades que redigiram o ponto “a” foram bastante sagazes e compreenderam que não era suficiente para os seus fins, mas o que está na letra “b” satisfaz os seus propósitos na construção do seu idealizado Concílio Mundial. A batalha final será travada não no terreno do que as igrejas ou indivíduos “aceitam” – todos aceitam – mas no terreno da espécie do Cristo que aceitam. Assim que, o ponto “b” indicando que o Concílio não se interessava pela interpretação que as igrejas dessem ao termo “Deus e Salvador” se tornou necessidade imperiosa. Imaginemos um Concílio que se desinteressa sobre o que os homens creem a respeito de Cristo! Será possível! *Sursum corda!* Não será este o fato supremo que deve interessar às igrejas, pois diz respeito à salvação dos homens? Qual é a consequência disto? Abre as portas para os “descrentes” se unirem aos “crentes” é o fundamento para a igreja universal e apóstata. Destrói a unidade do testemunho em favor de um grande Deus e Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo. Oferece a diversidade de testemunhos a favor de vários cristos e um testemunho unido para nenhum cristo particular ou seja para uma confusão de cristos. Que pensará Cristo desta atitude? É uma ofensa a Ele: é um insulto a sua pessoa. É a negação de tudo o que Ele é e de tudo o que Ele fez. A carne e o sangue revelaram esta fórmula e a declaração oficial aos planejadores do Concílio Mundial e nunca o Espírito do Nosso Pai que está nos céus. Aqui está o ponto crucial de todas as dificuldades e heresias do Concílio Mundial. Poderá pretender as bênçãos de Deus quando assim desrespeita o Filho? É aqui que

começa o desvio do Concílio Mundial da fé cristã histórica. (MCINTIRE, 1952, p. 61-62).

McIntire, criticando a atitude de alguns que se dizem conservadores, mas que comungam com os adeptos do Concílio Mundial de Igrejas, chega a dizer que a doutrina proferida por esse concílio é proveniente dos demônios:

Os modernistas assumem o comando, enquanto os crentes na Bíblia pagam as contas. Os modernistas ajudam a determinar a natureza e o destino do ônibus; então eles arranjam o motoneiro e o condutor, enquanto os conservadores se satisfazem em ser os passageiros que pagam a passagem. [...] A Palavra de Deus não só nos proíbe sustentar e ter comunhão com a incredulidade, mas nos ordena a separarmos-nos deles e até a expormos e denunciarmos os falsos líderes. [...] As doutrinas dos modernistas no Concílio Mundial são doutrinas de demônios. (MCINTIRE, 1952, p. 179).

Diante das acusações feitas pelo Rev. McIntire ao Concílio Mundial de Igrejas, que segundo ele era um concílio não somente ecumênico, mas também herético, o mesmo menciona a necessidade da existência de um novo concílio que o sirva para contrapor. Eis, portanto, o motivo pelo qual McIntire justifica o surgimento do Concílio Internacional das Igrejas Cristãs:

Daí o aparecimento do Concílio Internacional das Igrejas Cristãs para insistir na “única interpretação” do Cristo apresentado nas Escrituras – e dar o seu testemunho claro, positivo, sólido e sem compromissos de sua fé naquele que morreu na cruz para nos salvar. O que se depreende ainda de tudo isso é que os homens se interessam mais em união do que em Cristo. Desde que não concordam sobre Ele, querem unir-se de qualquer modo, e usam o seu nome precioso apenas como pretexto e para esconder a desunião entre eles. Aí está a maldade. Em vez de se unirem pela fé no nome de Cristo, vão unir-se com a incredulidade e a confusão, e, para isto, tomam o nome de Cristo. Desde que para conseguir um movimento ecumênico não se podem unir pela crença no Cristo das Escrituras, vão unir-se de qualquer jeito e usarão “Cristo” para alcançar o seu alvo à sombra do prestígio do grande nome do “Deus e Salvador”, Usei o termo maldade acima: não o posso evitar. Há algo na alma crente que grita contra este esforço de tomar o nome precioso do nosso Salvador para traficar com ele e fundar organizações cujos alicerces contrariam tudo o que Ele ensinou a respeito de si mesmo. Ele há de julgar os homens por isto. A seção “b” contudo, destrói qualquer unidade de compreensão. Apresentar uma declaração em uma constituição e depois contrariá-la por meio de outras afirmações oficiais é formular um conceito de honestidade que até um pagão rejeitará. Os cérebros brilhantes que redigiam as letras “a” e “b” compreenderam que a sua tarefa não estava completa. Aqueles que não “acreditavam” e tinham “interpretação” diferente necessitavam de ter alguma certeza de que não seriam molestados e que gozariam de completa liberdade e igualdade. Para conforto dele foi escrito, então, o seguinte: “Cabe a cada igreja a responsabilidade de decidir se deseja

cooperar nesta base”. A base é que não há base. O que se diz na constituição não quer dizer o que está escrito lá e assim a “declaração oficial” protege uma variedade de pontos de vista. É irracional isto. O ponto “c”, entretanto, trata do termo “comunhão” na constituição. O concílio é a comunhão de igrejas que têm pontos de vista diferentes a respeito de Jesus Cristo como Deus e Salvador. Chamaremos isto comunhão, na perspectiva de variedades doutrinárias? A responsabilidade está com cada igreja para decidir se deseja tal mistura. Este fato completa o quadro. A porta está escancarada e este é o fundamento da organização que pretende salvar o mundo! (MCINTIRE, 1952, p. 62-63).

McIntire narra com detalhes a fundação histórica do Congresso que fez surgir a escolha do nome do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, sua Declaração Doutrinária, a citação de um dos preâmbulos da sua constituição, bem como as funções do próprio Concílio³⁰:

Na tarde de 11 de agosto de 1948, entrei na Igreja Reformada Inglesa de Amsterdam, Holanda. Ali deveriam unir-se as sessões de negócios do Congresso convocado para organizar um concílio internacional de igrejas cristãs. A comissão de organização pedira que a instalação fosse no dia 11 de agosto de 1948, de modo que algumas providências preliminares fossem tomadas. A pequena igreja estava repleta; 150 pessoas estavam presentes, representando diversos países. [...] Na noite daquele dia, no templo da igreja reformada cristã, houve culto devocional e pregação. Duas mil pessoas enchiam o templo, espalhando-se até pelos corredores. [...] Na manhã seguinte, de volta na igreja inglesa reformada, fez-se a chamada dos delegados, cuidadoso exame das suas credenciais e só então foram reconhecidos. O nome de “Concílio Internacional de Igrejas Cristãs” foi adotado por unanimidade. Foi um ato simples; cantou-se um hino e fez-se uma oração. A organização nascente, fazia uso de cinco línguas estrangeiras e assim logo se entregou à tarefa de dar seu testemunho. Foi uma semana inteira de trabalho árduo. (MCINTIRE, 1952, p. 203-204).

Segundo McIntire, houve quatro classes de pessoas que participaram do congresso, as quais exerceriam funções distintas:

[...] primeiro, delegados oficiais, eleitos pelas respectivas denominações; segundo, observadores, também eleitos e enviados pelas suas igrejas como observadores; terceiro, conselheiros oficiais líderes nas igrejas que não tiveram oportunidades de escolher delegados, mas obreiros que concordavam com os fins e os planos do congresso e desejavam ter parte na organização do testemunho cristão perante o mundo. O privilégio de votar, todavia, foi limitado aos delegados oficiais. Os outros serviam em comissões e tomavam parte nas discussões e deliberações, mas sem direito ao voto. A quarta classe era composta de convidados especiais. Estes pertenciam a vários grupos,

³⁰ Quanto a sua Declaração Doutrinária, o preâmbulo ora citado, e as funções do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, Cf. em McIntire, Carl. **A Moderna Torre de Babel**, 1952, p. 204-208.

não estavam devidamente credenciados, mas estavam vivamente interessados no testemunho e no programa. Havia delegados oficiais de 47 igrejas, observadores oficiais de sete igrejas, perfazendo um total de 71 grupos, com os 11 convidados. (MCINTIRE, 1952, p. 210).

Para a formação do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, eis a lista das igrejas que foram representadas pelos seus respectivos delegados oficiais:

Igrejas e os seus delegados oficiais: Igreja Evangélica Boliviana (Bolívia); Federação de Igrejas Batistas (nordeste do Brasil); Igreja Presbiteriana Conservadora (sul do Brasil); Igreja Batista do Canadá; União das Igrejas Batistas Regulares de Ontário e Quebec; Igreja Presbiteriana Nacional do Chile; Igreja Presbiteriana de Cristo (China); Igreja do Evangelho de Cristo (China); Igreja de Cristo de Ch'ing Chie (China); Igreja de Cristo de Honan, Shansi, Kiangsi, Anhwei (China); Igreja Missionária (China); Igreja de Hsuan Sheng, Hwei (China); Igreja Metodista Livre (China); Igreja de Ling Liang (China); Igreja Betel (China); Igreja de Cristo no Noroeste (China); Igreja Batista do Sul Tsinan (China); Igrejas da Missão Quaker (China); Igreja de Cristo Chinesa (China); Igreja de Cristo Presbiteriana Conservadora (China); Igreja Cristã da Aliança Chinesa (China); Igreja Protestante Evangélica (Inglaterra, Igreja episcopal); Igreja Metodista Sião (Nigéria); Igreja Sião (Nigéria); Associação de Igrejas Batistas das Selvas (Peru); Associação de Igrejas Batistas de Bukidnon (Filipinas); Igrejas Batistas de Luzon (Filipinas); Conselho de Igrejas Batistas de Palawan (Filipinas); Comunidade de Visayan de Batistas Fundamentalistas (Filipinas); O Defensor das Igrejas da Fé (Porto Rico); Igrejas do Evangelho Associadas (Est. Unidos); Comunidade de Batistas da Bíblia (Est. Unidos); Igreja Presbiteriana da Bíblia (Est. Unidos); Igreja Protestante da Bíblia (E.U.A.); Conferência de Igrejas Fundamentalistas (E.U.A.); Igreja Católica Evangélica (E.U.A.); Igreja Metodista Evangélica (E.U.A.); Associação Geral de Igrejas Batistas Regulares (E.U.A.); Igrejas Fundamentalistas Independentes (E.U.A.); Igreja Metodista Protestante (E.U.A.); Igreja Presbiteriana Ortodoxa (E.U.A.); Igreja Metodista do Sul (E.U.A.); Conferência Cristã do Rio Tioga (E.U.A.); Igreja Cristã Unida (E.U.A.). **Observadores oficiais:** Igreja Metodista (Áustria); Igreja Metodista da França (França); Comunidades de Igrejas Evangélicas Independentes (Grã Bretanha); Igrejas Evangélicas Luteranas Livre da Noruega (Noruega); Igreja Reformada da África do Sul (África do Sul); Igrejas Reformadas Cristãs e Igrejas Reformadas (Holanda). **Admitidos por conselheiros:** União de Defesa Protestante (França); Liga Britânica da Suécia (Suécia); Igrejas Reformadas e a Associação Reformada da Igreja Reformada Holandesa (Holanda). **Além destes foram conselheiros e hóspedes especiais:** Igreja Evangélica Livre e Igreja Batista da Alemanha (Alemanha); Igreja Evangélica Livre e Igrejas da Missão Bíblica Francesa (França); Igreja Luterana Latviana; Igreja Livre da Escócia; Igreja Mennonita dos E.U.A.; Igreja Mennonita da Europa. **Outras organizações representadas:** Missões – Sociedade de Evangelização do Alasca; Associação de Batistas para Evangelismo Universal; Batistas pelas Missões Nacionais; Missão Geral de Ceilão e da Índia; As Crianças para Cristo; Missão Cristã Europeia; Missão Fundamentalista Universal, Congo Belga; Comunidade de Cristãos hebraicos; Junta Independente de Missões Presbiterianas; Missão

Liebenzell; Missão Mino do Japão; Missão das Igrejas Cristãs Reformadas, Celebes; Comunidade Missionária para o Rádio Mundial. Instituições de Educação Cristã: Seminário Batista da Bíblia, Johnson City, N.Y.; Instituto Batista da Bíblia, Grand Rapids, Mich; Seminário Teológico da Fé, Wilmington, Del; Instituto Nacional da Bíblia, Nova York; Seminário Teológico do Norte da China; Seminário Teológico de Treinamento Espiritual – Nankin, China. Mais de cem visitantes especiais da Holanda e bom número de outros países estiveram presentes também. **Oficiais eleitos:** Presidente: Rev. Carl McIntire; Vice- Presidentes: Prof. J. J. van Dr. Schult; Rev. T. T. Shields; Rev. W. O. H. Garman; Dr. David Hedegard; Dr. Chia Yu Ming. Secretário Geral: Embaixador Arie Kok. Secretário Executivo: Rev. Henri F. M. Pol. Secretários: Rev. Francis A. Scheffer; Prefeito: A. Warnaar, Jr.; Rev. Rolf Lein. Tesoureiro: Rev. Ray F. Hamilton. (MCINTIRE, 1952, p. 211-213).

Ficou acertado no final do primeiro congresso do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs que o segundo congresso aconteceria nos dias 16 a 23 de agosto de 1950. Houve também sugestões para que o terceiro congresso se reunisse nos Estados Unidos em 1953, quando na ocasião haveria a segunda assembleia do Concílio Mundial. Como bem podemos perceber, os fundamentalistas uniram forças para o combate em prol dos seus ideais, ou seja, um contra-ataque à proliferação dos ensinamentos promovidos pelo liberalismo teológico, mas não mais num ambiente localizado e sim no mundo inteiro. Justificando o progresso do fundamentalismo em reunir vários segmentos ao redor do mundo, McIntire afirma: “Quando os homens se unem pela crença comum e resolvem honrar a Deus e a Sua Palavra, a Bíblia, há feliz comunhão vinda do céu, abençoada do Espírito”. (MCINTIRE, 1952, p. 215).

1.5. Carl McIntire o patrono do fundamentalismo protestante brasileiro

Nascido em 1906, Carl McIntire terminou seus estudos teológicos em 1931. Neste mesmo ano, foi ordenado ministro e pastoreou algumas igrejas. Entretanto, o debate com os liberais persistia e McIntire, juntamente com um grupo de pastores, sofreram um julgamento eclesiástico entre 1935 e 1936, que culminou com a cisão local da igreja. O grupo fundou a Igreja Presbiteriana Ortodoxa. Entretanto, a nova igreja atraiu adeptos de outras tradições reformadas.

O próprio McIntire no seu livro “Modern Tower of Babel” [A Moderna Torre de Babel] relembra o episódio que culminou na sua disciplina eclesiástica.

Eu estava no ministério há apenas três anos e tinha apenas 27 anos de idade. Eu havia acabado de assumir o pastado da Igreja Presbiteriana de Collingswood, New Jersey, uma igreja verdadeiramente missionária que possuía verdadeira paixão pelas missões, mas já havia deixado de contribuir para a Junta de Missões Estrangeiras. Devido a formação dessa Junta, o Dr. Pugh³¹ escreveu o seu Mandato³². Foi aprovado pelo Concílio Geral da igreja, submetido à Assembleia Geral de 1934 e, finalmente adotado. [...] Fui julgado pelo Presbitério de West Jersey. Naturalmente, combatemos o Mandato e a sua execução, por todos os meios lícitos ao nosso dispor, e tudo fizemos para informar o povo dos assuntos em foco, mas tudo o que fazíamos para impedir a execução do Mandato foi usado no tribunal como evidência contra nós. Dada a nossa vigorosa oposição, recebi sentença ainda mais severa. Ei-la: “(1) Que o acusado, o Rev. McIntire seja suspenso da comunhão da igreja e do cargo de ministro do Evangelho, até que venha no futuro a renunciar e abandonar a Junta Independente de Missões Estrangeiras e dar provas e evidências de arrependimento, tais quais forem exigidas pelo Presbitério de West Jersey”. (MCINTIRE, 1952, p. 157 e 160).

Quanto a não obediência por sua parte, que resultou na sua disciplina, McIntire justifica-se afirmando:

Se acreditávamos que a Junta de Missões Estrangeiras estava mandando missionários que pregavam outro evangelho, é obvio que não podíamos em sã consciência cristã sustentar tal trabalho missionário, não importa qual a atitude da Assembleia Geral quanto ao valor de tal obra. Não podíamos sustentar semelhante trabalho e ainda permanecer fiéis a Cristo. Além disto, nenhum erro havia em ser membro de uma junta missionária que estava espalhando o verdadeiro Evangelho. Cristo nos ordenou a ir por todo o mundo e pregar o Evangelho. [...] Quanto a Assembleia Geral, formada como tribunal de Jesus Cristo, em nome e sob a autoridade de Jesus, executou estas decisões, naturalmente vieram as divisões. A ideia de “unidade”, incluindo todos, não podia ser alargada de modo a compreender aqueles que protestavam contra um evangelho falso! Houve até afirmações na plataforma da Assembleia Geral de que era necessário extirpar o “cancro”. O presbiterianismo virou o relógio histórico do cristianismo e voltava arrependido na direção de Roma. Considero verdadeira blasfêmia dizer-se aos homens que não estão aptos a participar da comunhão porque não querem obedecer a uma ordem que alguém crê, diante de Deus, o força a fazer qualquer coisa que a Palavra de Deus proíbe. Aí estão os espectros da

³¹ Dr. William B. Pugh, foi “um dos membros da Comissão Central e de Finanças do Concílio Mundial, um homem que, comparecendo a todas as reuniões de âmbito mundial, tem sido parte importante do movimento ecumênico desde o seu início, é o Dr. William B. Pugh, secretário da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos. É até chamado “a cabeça executiva” da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Esteve presente quando o Concílio Federal de Igrejas foi organizado em 1908 e tem sido membro da comissão executiva desse Concílio por longos anos. É um autêntico político eclesiástico. Tem prestado serviço inestimável aos modernistas, colocando-os na liderança da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, assegurando e promovendo a causa deles, tanto no Concílio Federal como no Concílio Mundial”. (MCINTIRE, 1952, p. 155).

³² O “Mandato”, na realidade foi uma série de decisões que não acatadas, deveriam os “insubordinados”, serem disciplinados, que foi o que aconteceu com J. Machen, bem como, com o próprio McIntire. Para um aprofundamento e detalhamento referentes ao tal “Mandato”, cf. McIntire, **A Moderna Torre de Babel**, 1952, p. 155-166.

Inquisição, sem os castigos físicos. Estes problemas, envolvidos em todo o movimento ecumênico que o Dr. Pugh e todos aqueles que abraçam estas ideias, são de natureza mui profunda. Embora isto nos levasse a adorar a Deus numa tenda, até que o tabernáculo de madeira fosse construído, duzentos membros da minha igreja saíram comigo, deixando uma construção gótica no valor de (Cr\$ 7.500.000,00) sete milhões e quinhentos mil cruzeiros. Ainda estamos no tabernáculo para glória de Deus. (MCINTIRE, 1952, p. 160-161).

Em relação a este acontecimento e a essa nova fase, Machado chega a dizer que o Rev. Carl McIntire foi:

[...] pastor da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (Igreja do Norte), pastoreando a Igreja de Collingswood, New Jersey. Tendo sido deposto do ministério da Igreja, McIntire organizou com sete outros ministros, em 1938, a Igreja Presbiteriana da Bíblia, inaugurando em seguida, um movimento de separação nas comunidades protestantes. [...] The Bible Presbyterian Church começou com 8.000 membros mais ou menos e sempre tiveram como líder o então ministro presbiteriano McIntire. Este continuou a pastorear em Collingswood, mas agora a The Bible Presbyterian Church Collingswood. Desde cedo as ideias do novo grupo eclesial começaram a ser divulgadas em um jornal, que se torna muito importante e necessário na análise do mesmo, o Christian Beacon. (MACHADO, 1979, p. 5).

Porém, debates sobre escatologia, tradicionalismo, tabaco e álcool fizeram com que McIntire, que já tinha opiniões fundamentalistas a respeito desses assuntos, abandonasse a recém-criada igreja. Em 1937, McIntire fundou a Igreja Presbiteriana da Bíblia, na qual enfatizava o fundamentalismo e seus dogmas, ao mesmo tempo em que combatia o liberalismo, tabaco e o álcool. Com a Bíblia de Referência de Scofield, ensinava sobre as dispensações e o pré-milenismo em sua visão escatológica. Neste mesmo ano, fundou o *Faith Theological Seminary* [Seminário Teológico da Fé]. Um dos seus alunos mais notáveis foi o teólogo Francis Schaeffer. Logo após sua formatura, tornou-se o primeiro pastor ordenado pela Igreja Presbiteriana Bíblica.

Quanto à visão escatológica dos fundamentalistas em relação ao dispensacionalismo pré-milenista, Vasconcelos diz:

Não demoraria muito e esse último fundamento ganharia conotações muito específicas e acentuadas. A proclamação do retorno iminente de Jesus para julgar os pecadores e levar seus fiéis para a glória sem fim dava ao movimento fundamentalista, desde seus inícios, um evidente aspecto apocalíptico. Ele era devido à influência de uma corrente de interpretação bíblica chamada ‘dispensacionalismo pré-milenar’ [...] Seu primeiro apregoador nos Estados Unidos, o inglês John Nelson Darby, afirmava em meados do século XIX que a história humana é feita de ‘dispensações’ (períodos temporais únicos caracterizados pela

forma com que Deus se relaciona com os seres humanos: por exemplo, a dispensação da Lei, a partir de Moisés; a dispensação da graça, a partir de Jesus), que se sucedem de acordo com o plano divino, culminando, cada uma delas, com uma catástrofe (a expulsão do paraíso, o dilúvio, a crucificação de Jesus). O mundo moderno, com sua irrefreável tendência ao mal, à depravação e ao afastamento de Deus, era a expressão clara de que se estava vivendo o fim da penúltima dispensação, de que estava acontecendo a segunda vinda de Jesus. O Anticristo estava prestes a congregar as Igrejas apóstatas para pelejar contra os santos. Isso forçava uma intervenção iminente de Deus, para punir os ímpios (esta seria a ‘Grande Tribulação’ anunciada nos Evangelhos) e para proporcionar aos fiéis o desfrute da vitória de Cristo. Era o que indicavam as profecias bíblicas: a vinda de Cristo aconteceria antes, e não depois, do milênio afirmado no livro do Apocalipse, em seu capítulo 20, que por sua vez antecederia o Juízo Final. Seria pela vinda de Jesus, e não pelos esforços virtuosos dos cristãos, que tal milênio, a sétima dispensação, se implantaria. Junte-se a isso uma outra convicção, de enorme impacto no futuro próximo: em breve o povo de Israel haveria de ser ver restaurado em sua terra bíblica, com a destruição de seus inimigos. Deve-se afirmar que esse aspecto nunca foi assumido de forma explícita e consensual por todos aqueles setores do protestantismo estadunidense assumidamente fundamentalistas. Contudo, ele se fez presente desde os inícios e, ainda nos dias atuais, vem sendo invocado para interpretar situações as mais distintas, desde os atentados contra Nova York e Washington até a política unilateral de Israel de retirada de colonos judeus da Cisjordânia. (2008, p. 28-30).

Mesmo que inicialmente o surgimento do fundamentalismo protestante teológico estadunidense esteja relacionado à questão da reação ao liberalismo teológico, não podemos negar que o movimento fundamentalista no decorrer da sua caminhada também aderiu uma postura política, abraçando o que poderíamos denominar de uma postura política de direita. Basta lembrar, por exemplo, o “Caso Scopes”:

O “Caso Scopes” evidencia que o fundamentalismo estadunidense, desde seus primórdios, além de se articular em função de conflitos intra-ecclesiais com os grupos liberais, pretendia também interferir diretamente na cena social e política. Tal militância em favor de causas de motivação evidentemente religiosa, a que se contrapunha às tendências liberalizantes da sociedade estadunidenses, caracterizará os movimentos que, por analogia, seriam com o tempo qualificados de fundamentalistas. [...] O projeto fundamentalista estadunidense, [...] tinha duplo escopo: a renovação espiritual dos indivíduos, fundada na consciência da fragilidade humana e na absoluta necessidade da graça salvadora de Deus, e a regeneração moral da sociedade, a ser alcançada pela renovação retromencionada. Apenas dessa forma seria possível a recuperação das glórias do passado, comprometidas pelo avanço do materialismo científico e do utilitarismo ético, bem como pela ameaça do socialismo. Esses traços se manterão até os dias de hoje no fundamentalismo protestante estadunidense. (VASCONCELOS, 2008, p. 34-35).

Como podemos perceber, o fundamentalismo teológico protestante estadunidense surgiu como reação ao liberalismo teológico. Entre vários resultados, podemos relembrar a saída de alguns professores e alunos do seminário de Princeton, formando em seguida o seminário de Westminster, bem como o surgimento de algumas novas igrejas e de novos concílios que tinham como objetivo combater a ameaça proveniente e propagada pelos liberais.

Por sua vez, a nossa tese é de que o surgimento do fundamentalismo protestante no Brasil, e mais particularmente a fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, que surgiu na cidade do Recife, em meados do século XX, que tem como seu representante e porta-voz, ou melhor, como seu fundador, o reverendo Israel Gueiros, na ocasião ainda servindo como ministro presbiteriano, pertencente à IPB, e que nesse momento recebeu o total apoio do reverendo norte-americano Carl McIntire, esse fundamentalismo justifica-se majoritariamente por uma questão de perda e disputa de espaço político-eclesiástico, e não propriamente por uma questão doutrinária. Essa tese será apresentada nesses próximos capítulos.

CAPÍTULO II - OS VENTOS DO LIBERALISMO E DO FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE TEOLÓGICO ESTADUNIDENSE CHEGAM AO BRASIL

A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) teve o seu trabalho iniciado pelo pastor norte-americano A. G. Simonton, chegando ao Rio de Janeiro no dia 12 de agosto do ano de 1859³³. A primeira IPB foi formada no ano de 1862, no Rio de Janeiro, onde três anos depois, em 1965, formaram-se mais duas igrejas: a Primeira IP de São Paulo e a IP de Brotas. Nesse mesmo ano, de 1865, com essas três igrejas formadas, foi organizado o primeiro Presbitério da IPB. A formação desse primeiro Presbitério possibilitou a ordenação do primeiro pastor nacional: o ex-padre José Manoel da Conceição. Esse Presbitério era pertencente ao Sínodo de Baltimore, nos Estados Unidos. Todavia, essa jovem denominação teve de enfrentar o seu primeiro cisma no ano de 1903, sendo liderado pelo Reverendo Eduardo Carlos Pereira, que alegava a necessidade de um trabalho brasileiro nacional e independente. E isso resultou na saída de alguns pastores, demais oficiais e membros da jurisdição da IPB, fundando esse grupo: a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI). Quanto esse contexto histórico, o autor relembra e afirma:

Em setembro de 1888, foi organizado o primeiro Sínodo da IPB, composto por três presbitérios, 20 missionários, 12 pastores e 60 igrejas. A IPB tornou-se autônoma das Igrejas norte-americanas. [...] Infelizmente, os progressos desse período foram em parte ofuscado por uma grave crise que se abateu sobre a vida da igreja. Inicialmente, surgiu uma diferença de prioridades entre o Sínodo e a Junta de Missão de Nova York³⁴. O Sínodo queria apoio para a obra evangelística e para instalar o Seminário, ao passo que a Junta preferia dar ênfase à obra educacional, principalmente por meio do Mackenzie College. Paralelamente, surgiram desentendimentos entre o pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, Rev. Eduardo Carlos Pereira, e os líderes do Mackenzie, Horace M. Lane e William A. Waddell. Com o passar do tempo, o Rev. Eduardo Carlos Pereira se tornou mais radical em suas

³³ Para uma melhor compreensão do trabalho pioneiro do presbiterianismo brasileiro, desenvolvido pelo jovem pastor norte-americano A. G. Simonton, bem como, os períodos que contemplam o desenvolvimento da IPB, cf. SOUZA, José Roberto de. **Presbiterianos X Pentecostais**: a reação da Igreja Presbiteriana no Brasil ao advento do pentecostalismo em Pernambuco (1920-1930). São Paulo, Fonte Editorial, 2ª ed., 2018.

³⁴ A questão é que, inicialmente os missionários norte-americanos que trabalhavam no Brasil, eles eram membros dos concílios brasileiros, e ao mesmo tempo membros dos concílios norte-americanos. Em suma, eles defendiam os projetos que deveriam ser realizados nas igrejas presbiterianas no Brasil de conformidade com o que julgavam ser necessários. É a partir da visão e dos relatos desses missionários norte-americanos que trabalhavam no Brasil, que as igrejas norte-americanas enviavam as ofertas para a realização dos projetos das igrejas pertencentes a IPB.

posições, perdendo o apoio até mesmo de muitos de seus colegas brasileiros. Como alternativa ao jornal do Rev. Eduardo, O Estandarte, o Rev. Álvaro Reis criou O Puritano em 1899. Em 1900, foi organizada a Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo (pertencente a IPB)³⁵, que resultou da fusão de duas igrejas formadas por pessoas oriundas da igreja do Rev. Eduardo. Na mesma época, um novo problema veio complicar ainda mais a situação: o debate acerca da maçonaria. Em março de 1902, Eduardo Carlos Pereira e seus partidários começaram a divulgar a sua plataforma, com cinco tópicos sobre as questões missionária, educativa e maçônica. Após pouco mais de um ano de debates acalorados, a crise chegou ao seu lamentável desfecho, em 31 de julho de 1903, durante a reunião do Sínodo. Após serem derrotados em suas propostas, Eduardo Carlos Pereira e seus colegas desligaram-se do Sínodo e formaram em 1903 a Igreja Presbiteriana Independente. (SOUZA, 2018, p. 61-62).

É certo que, após o primeiro cisma que a IPB enfrentou em 1903, outras situações que envolveram grupos dissidentes também passaram a existir dentro dessas novas denominações. É o que passaremos a ver com a própria IPI.

2.1. Os embates da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil entre os tradicionais, conservadores e liberais.

Assim como ocorreu com a IPB, em 1903, não tardou para que no seio da própria IPI surgissem as suas discórdias, que resultou também no seu primeiro cisma (lembrando que a IPI era uma denominação totalmente nacional, ou seja, sem nenhum vínculo com as igrejas estrangeiras e nem tão pouco, com a presença de missionários estrangeiros). Dessa vez, o que estava em jogo não eram questões relacionadas ao seu funcionamento de expansão evangelística ou educacional, que foi uns dos motivos da saída desse grupo da IPB, fundando em seguida a IPI. Mas a pauta do momento envolvia assuntos relacionados a sua base doutrinária. Ou seja, com pouco mais de três décadas de sua existência, mais especificamente no ano de 1938, a IPI se viu na obrigação de convocar o seu Sínodo em caráter extraordinário para decidir assuntos relacionados por posicionamentos de pastores e candidatos à licenciatura pastoral, que defendiam ideias

³⁵ No texto original consta a seguinte nota de rodapé: “Não devemos confundir a IP Unida de SP, com a denominação Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, pois essa segunda foi fundada por elementos que discordaram da postura conservadora da IPB durante a administração do Rev. Boanerges Ribeiro (1966-1978). Surgiram dois grupos dissidentes. Em 1974, membros do Presbitério de São Paulo criaram a Aliança de Igrejas Reformadas. Em 1978, foi criada a Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (FENIP), em Atibaia. Em 1983, na cidade de Vitória, a FENIP adotou o nome de Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. [...]”. (SOUZA, 2018, p. 68-69).

percebidas como liberais. Levantaram-se contra esses um grupo dessa mesma denominação, tidos como conservadores.

Um livreto que foi publicado no ano de 1941, que tem como título: “A Questão Doutrinária: À Igreja Presbiteriana Independente do Brasil”³⁶, narra esse episódio:

Um candidato ao ministério, em janeiro de 1938, ao ser examinado pelo Presbitério, e segundo termos da própria consulta desse concílio ao Sínodo, “afirma não ter opinião formada sobre a doutrina das penas eternas, tendo simpatia para com a teoria do aniquilamento”. Não negou a teoria tradicional e nem afirmou outra, conforme dava a entender uma consulta particular, na ocasião. Entrando de maneira infeliz no supremo concílio, a matéria provocou logo reações conservadoras extremadas. Alguns ministros declararam, então, com lealdade, que se encontravam em situação equivalente à do candidato, sem poder afirmar, com segurança, a interpretação tradicional; e alguns afirmaram que havia outros pontos dogmáticos da Confissão de Fé em que divergiam também da Igreja. Tudo isso apenas significava que havia, em vários membros do concílio, tendências liberais, interpretações liberais abertamente confessadas. Bastaram esses fatos, contudo, para que se criasse o complicado caso doutrinário e surgisse o propósito de expulsar os liberais. (A QUESTÃO DOUTRINÁRIA, 1941, p. 3-4).

Podemos ainda acompanhar cronologicamente as resoluções de quatro Sínodos pertencentes à IPI em relação a essa questão levantada sobre o posicionamento daqueles que passaram a ser considerados liberais, tendo em vista a negação de posicionamentos

³⁶ No ano de 1942, foi publicado um outro livreto com o seguinte título: “Ao Protestantismo do Brasil”. Nesse material encontra-se informações adicionais: “[...] em 20 de 1941, o avulso – A questão doutrinária. À Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Assinado por seis de nós (revs. Epaminondas M. do Amaral, Eduardo P. de Magalhães, Lívio Teixeira, Olímpio B. de Carvalho, Ruy Gutierrez e Thomas P. Guimarães), era um histórico e apreciação dos fatos, com a exposição das ideias liberais; deixava patente que a teologia liberal é evangélica; e declarava que seus subscritos não se conformariam com a situação, injusta e dúbia, em que haviam sido colocados [...]. (p. 5-6). Esses seis pastores sendo considerados como apologistas do liberalismo dentro da IPI, resolveram justificar o embasamento do seu posicionamento teológico, ou melhor, a sua opção pelo liberalismo. Para isso, nesse mesmo panfleto (Ao Protestantismo do Brasil), escreveram oito parágrafos, sendo cada um, uma declaração e uma justificação das suas crenças liberais. Gostaríamos de citar apenas dois parágrafos o 2º e 3º. Afirma o 2º) – “O nosso liberalismo é, fundamentalmente, um espírito, uma atitude, uma tendência que nos leva a encarar de um ponto de vista largo e tolerante os problemas religiosos. O espírito liberal procura manter-se emancipado; livre, e só escravo de Jesus Cristo; pronto a sempre aceitar a verdade, venha de onde vier, e a rever a sua própria posição, quando uma luz nova anuncie. Esse espírito permeia, no liberalismo, todo o pensamento religioso; 3º) – “Entendemos que Cristo nos deixou ensinamentos cardiais, porém, que a formulação humana desses princípios, tão variada e tão contraditória, não pode amarrar consciência. Assim, repetindo o que já dissemos em documento público, nós “cremos na proeminência da vida espiritual e ética sobre símbolos de fé que, embora necessários, e baseados nas Escrituras, são falíveis e devem ser aceitos no espírito de livre exame e tolerância”. Em consequência dessa atitude, que para nós é de importância fundamental, não queremos ter o espírito de dogmatismo, que adota, como indiscutíveis, fórmulas humanas precárias. Há assuntos em que não é possível fazermos afirmações definitivas. Nossa ênfase doutrinária diz respeito a realidade essenciais do Cristianismo, que nos ligam a Deus, transformam as vidas e beneficiam os homens. Quanto ao mais, queremos liberdade. Como é possível ser fiel ao livre exame da Reforma e aceitar, integralmente, a Confissão e os Catecismos, redigidos inteiramente diverso? Em pontos secundários e discutíveis, queremos o direito de não afirmar, e o de divergir.

doutrinários defendidos pelos símbolos de fé adotados pela IPI. Vejamos as decisões desses Sínodos:

[...] Janeiro de 1938 – Na reunião em que a matéria surgiu, o concílio somente resolveu: a) que não poderiam ser licenciados os candidatos, ou continuar em suas funções os ministros, que negassem as penas eternas e cressem no aniquilamento; b) que, com referência a candidatos com ideias indefinidas, entregava “ao critério dos Presbitérios a solução dos casos específicos”; c) que uma comissão estudasse a conveniência da reforma dos símbolos de fé e especificasse os pontos que deveriam ser revistos. O Sínodo fora tolerante, até certo ponto; prudente, quanto à revisão, mas impreciso, na questão principal. Agosto de 1938 – A confusão e indisciplina resultantes da campanha de imprensa contra os liberais e o liberalismo forçaram o concílio a uma reunião extraordinária, em que se apresentaram, organizados, os conservadores extremados, exigindo sumária expulsão dos liberais, e fazendo ameaças de cisão, que foi evitada a custo. O ambiente levou o Sínodo a passar por sobre graves fatos anteriormente ocorridos e que mereciam o seu julgamento – como a campanha jornalística mencionada e a situação de alguns ministros que chefiaram um movimento reacionário. Os atos do concílio para resolver a questão debatida foram os seguintes: a) rejeitou o parecer da Comissão que propunha o adiamento da revisão doutrinária e a adoção de “um mínimo de princípios doutrinários para os oficiais da Igreja que tenham restrições aos símbolos de Westminster” – proposta essa que, adotada, poderia talvez ter resolvido todas as dificuldades; b) determinou novas escolhas de funcionários sinodais; c) nomeou uma comissão para elaborar, até 1942, nova Confissão, baseada na antiga; d) proibiu (sob números protestos) publicações e pregações em contrário aos símbolos de fé; e) proibiu a licenciatura e ordenação dos que rejeitassem os símbolos. (A QUESTÃO DOUTRINÁRIA, 1941, p. 4-5).

Todavia, se o objetivo das reuniões dos sínodos era tentar resolver um problema, o efeito foi contrário. A continuidade dos relatos ratifica que tais problemas foram estorvados, pois é isso que afirma o livreto “A Questão Doutrinária”:

Evidentemente, as questões não se resolveram; antes, agravaram-se. Janeiro de 1940 – Na seguinte reunião ordinária, o descontentamento geral fez reviver o assunto. A resolução que se tornou parecia capaz de tranquilizar a Igreja, mas logo se percebeu que era, como foi, susceptível de sérias divergências de interpretação, em virtude de certa contradição nela existente. Era a seguinte: “a) Declarar que mantem os seus símbolos de fé e que os defenderá com todo o cuidado e zelo; b) Dissolver a comissão que foi nomeada para reformar a Confissão de Fé e os Catecismos; c) Reconhecer em igualdade de direitos os ministros e crentes que tem dificuldades na interpretação de alguns pontos doutrinários exarados na Confissão de Fé; d) Recomendar que os que ocupam cargos eclesiásticos que exigem ensino especial ou propaganda mantenham em toda a sua integridade os princípios básicos doutrinários da Igreja; e) deixar aos Presbitérios o critério quanto à licenciatura e ordenação de seus candidatos”. Era difícil harmonizar as alíneas c) e d), e difícil de interpretar a alínea e). Veio a Cisão. Veio a confusão. Alguns liberais, querendo acalmar a Igreja, renunciaram a várias comissões

sinodais, perante a Mesa Administrativa, mas disso nem se deu conhecimento ao público. (1941, p. 6).

Esse assunto desencadeou a criação de novos caminhos, tanto para a ala dos liberais, como para a ala conservadora, bem como diferentemente daqueles que faziam ainda parte da IPI, tradicionalmente falando. São os próprios liberais que externam a sua opinião em relação às incompatibilidades de uma convivência entre esses grupos. Mesmo convivendo ainda no mesmo ambiente, ambos se tornaram distintos um do outro. Pronunciam-se os liberais e afirmam: “[...] nós, por certo, deveríamos sair da Igreja, e conosco deveriam sair, mas para rumos diferentes, os muitos conservadores que também divergem dos padrões tradicionais”. (A QUESTÃO DOUTRINÁRIA, 1941, p. 9).

Essa “recomendação” por parte dos liberais, para que cada grupo escolhesse o caminho que deveria seguir, foi levada em consideração, primeiramente pela ala dos conservadores, após a reunião do Sínodo de 1940. Apesar das inúmeras decisões que buscavam meios para uma conciliação entre os grupos contraditoriamente existentes no meio da IPI, tal esforço não logrou os resultados esperados. Primeiramente, o Rev. Bento Ferraz, que já era um pastor jubilado, comunicou a sua renúncia da Igreja Presbiteriana do Brasil. Na realidade, ele já tinha feito isso desde a reunião do Sínodo em 1938, mas uma comissão tinha conseguido convencê-lo a desistir da ideia de renúncia. Todavia, a sua renúncia foi ratificada nesse contexto do Sínodo de 1940. Essa atitude encorajou outros pastores para que também tivessem o mesmo procedimento. O professor João Alves relembra esse momento:

Seis dias após o encerramento do Sínodo, em 11 de fevereiro de 1940, a 2ª Igreja de São Paulo declarou-se desligada da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil para transformar-se em Igreja Presbiteriana Conservadora de São Paulo. Esse desligamento da 2ª Igreja, junto com a renúncia da jurisdição da I.P.I pelo Rev. Raphael Camacho, seu pastor, apresentada à Comissão de Superintendência no dia 15 de Fevereiro, provocou uma reunião extraordinária do Presbitério de Leste, realizada no dia 25 de março daquele ano. Nessa reunião foi registrada a renúncia do Rev. Raphael Camacho e considerada dissolvida a 2ª Igreja de São Paulo. (SANTOS, 2011, p. 45).

A recente Igreja Presbiteriana Conservadora de São Paulo resolveu pronunciar-se através de um Manifesto às Igrejas Evangélicas do Brasil. Santos relembra algumas declarações entre outras:

Tomamos essa atitude extrema, depois de empregar todas as energias ao nosso alcance para evitá-la. Chegamos, entretanto, à encruzilhada em que nos devíamos despedir. Abriam-se duas estradas à nossa frente: por uma, seguiria a Igreja Independente; a outra seria a nossa. Nós que, no seio da referida denominação, desde o Sínodo ordinário de 1938, lutamos pelo retorno dela à sua primitiva posição rigorosamente ortodoxa, damos por finda a grande campanha em que nos empenhamos, confessando, sincera e lealmente, o malogro absoluto dos nossos esforços... Já que não era mais possível reagir, só uma cousa nos competia fazer: retirarmo-nos sem alarde, mas de consciência tranquila, do seio da grande Igreja Brasileira que nos foi mãe e guia por largos anos... Está, portanto, encerrada a fase das polêmicas. Bendita seja a paz que desta forma se mantém. E bendito seja, também, o nosso espírito de renúncia, capaz desse grande e sublime sacrifício, em holocausto à irredutibilidade de nossas sinceras convicções... Acompanharemos com profunda simpatia a vida da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, que foi a nossa Igreja, e, de nosso lado, procuraremos, na humilde posição em que os acontecimentos nos colocaram, dar testemunho à nossa tarefa, com a iluminação do Espírito Santo. Esta nova Igreja é, sem dúvida, o fruto de um acendrado apego à doutrina. Não seguimos o formalismo religioso que orienta a personalidade para simples aceitação intelectual de determinadas verdades, que permanecem, todavia, estéreis e improdutivas. Longe disso, reconhecemos a exata posição do dogma na vida religiosa e a imprescindível necessidade da defesa da doutrina como uma das condições essenciais para o estabelecimento daquela vida. Este é o real ensino de Cristo. Assim sendo, queremos que a nossa posição no seio do Evangelho Nacional se caracterize por uma atitude construtiva e de defesa aos princípios fundamentais do Cristianismo, tais como entendem a Confissão de Fé e os Catecismos de Westminster (tradução brasileira). (SANTOS, 2011, p. 45-46).

Não tardou para que as bases dessa nova denominação fossem construídas, pois de imediato nota-se uma adesão por parte de outras igrejas oriundas da IPI e demais pastores. Afirmavam os novos líderes da Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil:

Se for do agrado de nosso Pai Celeste que assim fiquemos, limitados ao nosso número atual e à modéstia dos nossos recursos de toda ordem, assim ficaremos, felizes e tranquilos, aguardando o raiar do ‘Novo Dia’. Se, porém, adesões aparecerem de pessoas sinceramente desejosas de caminhar conosco nesta jornada, nós as receberemos jubilosos e incluiremos os nomes dos novos companheiros no rol desta Igreja local, até que o número e a natureza das adesões autorizem a criação do Presbitério Conservador. Assim foi dito e assim foi feito. Em 27 de junho daquele mesmo ano, com a adesão de outras igrejas, era formada a Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil, organizando o seu 1º Presbitério. Esse presbitério foi convocado pelos Revs. Bento Ferraz, Raphael Pages Camacho e João Rodrigues Bicas. Nele foram arrolados dos novos ministros: o Rev. Armando Pinto de Oliveira, ex-pastor da Igreja Batista, que vinha exercendo o presbiterato na antiga 2ª Igreja de São Paulo e foi convidado a se reverter ao ministério ativo, e o Rev. Alfredo Alípio do Vale, que também havia renunciado a jurisdição da Igreja Independente. De igual forma aderiram e foram arroladas as

igrejas de Braúna, Cambará, Glicério, Iacanga, Jacarezinho, Jaú, Lauro Penteado, Pádua Dias, Pedra Branca e Soturna. Um pouco mais tarde, naquele mesmo ano, aderiram também as igrejas de Pontal e Catanduva. (SANTOS, 2011, p. 47).

É certo que, com a saída de alguns pastores da IPI, que formaram a IPC, não houve o fim de um conflito. Uma nova reunião foi marcada em janeiro de 1941 para um melhor posicionamento em relação aos denominados liberais, que ainda faziam parte da IPI. Porém, mais uma vez, a situação parece não ter alcançado o desejado êxito:

Tornou-se inevitável nova reunião extraordinária, requerida com o fim de chegar-se a uma solução “realmente definitiva”. O Sínodo discutiu propostas expulsivas e estudou longa e penosamente o assunto, porém, como remate chegou a resoluções que, na realidade, puseram inteiramente de lado o principal assunto debatido, como se pode ver: - “1ª) Reafirmar a sua fidelidade aos Símbolos de Fé, de acordo com o item 2º da Introdução Geral da Constituição e Ordem, e declara que jamais negou a imortalidade da alma e a eternidade das penas para os ímpios, como tem sido propalado erradamente. - 2ª) Reafirmar, sem restrições, como princípio distintivo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil a incompatibilidade entre a profissão do Evangelho e a profissão maçônica. - 3ª) Reconhece que a Confissão de Fé deve ser revista oportunamente. - 4ª) Recomendar aos ministros, oficiais e membros das Igrejas uma atitude prudente, pacífica, caridosa e cristã para o restabelecimento da paz, da harmonia e da confiança entre todos os irmãos. - 5ª) Aprecia e louva o gesto nobre e altamente cristão de ministros chamados liberais, cujas ideias sobre as doutrinas acima referidas provocaram em certas Igrejas acentuadas reações, declarando-se eles dispostos a se colocarem em disponibilidade ativa, por tempo indeterminado, no propósito de removerem as dificuldades existentes. - 6ª) Determinar aos concílios competentes a aplicação de processo regular a todos quantos se insurgirem contra estas resoluções, bem como aos que perturbarem a paz, a unidade, a pureza, e o progresso da Igreja. - 7ª) Recomendar que todas as Igrejas realizem, neste ano, campanhas especiais de reavivamento espiritual. - 8ª) Revogam-se as disposições em contrário.” Mais uma vez, o supremo concílio entrava no caminho impreciso. Nada, em absoluto, sobre se os ministros e candidatos podem ter divergências doutrinárias e orientação liberal; nada, nem em tese, nem especificadamente! E assim, numa decisão que foi proclamada como solucionadora das angústias da Igreja, o Sínodo deixou de lado a questão magna que se discutia; estimulou a disponibilidade (por tempo indefinido, que é inconstitucional) de ministros cuja atividade ele deveria amparar; e ameaçou com disciplina os recalcitrantes. (Nesta conexão, é conveniente lembrar que, ao serem votadas as decisões, havia ausência de alguns ministros liberais, e que entre outros, presentes, houve abstenção de voto, voto contrário, e restrições nos demais casos, e também que, com respeito às disponibilidades, não se tinha dado nenhum entendimento prévio entre os liberais para solução da natureza da que se tornou). (A QUESTÃO DOUTRINÁRIA, 1941, p. 6-7).

Os denominados e reconhecidos como liberais dentro da IPI resolveram contra-atacar. Mas fizeram isso de forma defensiva. Ou seja, tentaram justificar os seus posicionamentos liberais:

Nós queremos declarar que não nos conformamos com o que o Sínodo de 1941 fez, e só não o dissemos antes, porque várias circunstâncias foram adversas, e esperávamos a realização do Sínodo ordinário em 1942. Não aceitamos a injustiça que deseja ir perpetuando agonias morais dos que tem algum sentimento e alguma consciência. Não aceitamos uma situação teórica indefinida, que é contrariada pela atitude prática e sistemática de numerosos representantes do Sínodo e dos que, na ausência dele, se encarregam de suas maiores obras oficiais. Não aceitamos que ao Sínodo falte a franqueza de negar nossos direitos, e que, por outro lado, atos seus, da Mesa, do órgão oficial, e até de Presbitérios, sejam atos que, eloquente e inequivocamente, venham dizer-nos (como aliás se tem dito em reuniões oficiais) que nossos direitos não são os mesmos, ou que fora realmente melhor que saíssemos da Igreja. Não nos conformamos com atitudes que não se justificariam mesmo fora da igreja. [...] Temos suportado, há quatro anos, amargas insinuações e censuras que nos convidam a deixar a Igreja. Se até hoje continuamos como seus oficiais, todos sabem que não é por interesse, e todos devem saber que não é por prazer. Responsabilidades ministeriais e interesses da causa é que nos tem detido, para continuarmos onde – é justo registrar – alguns elementos conservadores de largo espírito tem insistido em que permaneçamos. A tranquilidade nossa teria, há muito, aconselhado outro caminho. Logo após o Sínodo de 1941, chegámos quase ao ponto de aceitar o convite oficial indireto, renunciando à autoridade da Igreja; mas julgamos que ainda deveríamos ficar. (A QUESTÃO DOUTRINÁRIA, 1941, p. 8-9).

Um dado interessante concernente a essa ala liberal no seio da IPI é que tudo leva a crer, segundo fatos comprovadamente históricos demonstrados anteriormente, o início de tudo é fruto do exame ao candidato para licenciatura ao Sagrado Ministério, o recém-formado pela Faculdade de Teologia, pertencente a própria IPI, o Sr. Rui Gutierres. Quando indagado sobre questões relacionadas à teologia dogmática da sua própria denominação, a sua resposta não foi convincente a todos. Para piorar o clima dentro dessa denominação, o candidato teve a seu favor a opinião de alguns pastores que afirmaram ter também posições doutrinárias contrárias à própria denominação. Tudo isso teve início na reunião do Presbitério de Oeste, que iniciou os seus trabalhos no dia 12 de janeiro de 1938, na Igreja de Campinas, e terminou no dia 27, na Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo. Gutierres, que fora oriundo do Presbitério de Leste, mas que fora transferido,

foi licenciado na reunião do Presbitério de Oeste, realizada em Capinas nos dias 5 e 6 de fevereiro de 1938³⁷. O rev. João Alves dos Santos relembra esse episódio:

À 13ª reunião do Sínodo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, realizada de 15 a 28 de janeiro de 1938, na 1ª Igreja de São Paulo, subiram duas consultas de teor semelhante. A primeira, encaminhada pelo Rev. Alfredo Alípio do Vale, perguntava se os presbitérios podiam licenciar e ordenar candidatos ao santo ministério que negavam as penas eternas e criam no aniquilamento da alma, e se os ministros daquela igreja que defendiam tais ideias podiam continuar no ministério. A segunda, apresentada pelo Presbitério do Oeste, de igual modo versava sobre a legitimidade ou não de se licenciar um candidato que, “ao ser examinado sobre conhecimentos teológicos, afirmou não ter opinião formada sobre a doutrina das penas eternas e o destino das almas dos ímpios, tendo simpatia pela teoria do aniquilamento”. A comissão de Papéis e Consultas, que examinou ambos os documentos na sessão do dia 21 (6ª sessão), respondeu pela negativa a todas as consultas, levantando a discussão sobre o assunto. Após muitos e “animados debates” (na expressão do secretário da reunião), a matéria foi votada na sessão do dia 24 (8ª sessão). O parecer da Comissão sobre a consulta do Rev. Alfredo Alípio do Vale foi aprovado por unanimidade, com exceção dos Revs. Lívio Teixeira, Epaminondas Melo do Amaral, Otoniel Mota, Eduardo Pereira de Magalhães e João Euclides Pereira, que pediram licença para não votar. Sobre a consulta do Presbitério do Oeste, foi aprovado o seguinte substitutivo ao parecer da Comissão: “O Sínodo, neste particular, entrega ao critério do Presbitério a solução dos casos específicos”. Deixaram de votar este substitutivo, com a licença do concílio, os Revs. Epaminondas Melo do Amaral, Lívio Teixeira e Otoniel Mota. (SANTOS, 2011, p. 9).

Uma lembrança interessante relacionada à data desses embates entre os conservadores e os liberais dentro da IPI é que essa data de 1938 coincide com a formação da Igreja Presbiteriana da Bíblia e do Seminário Teológico da Fé. Essas instituições foram fundadas nos Estados Unidos, pelo rev. Carl McIntire. Esse detalhe é significativo para que possamos perceber que essa reação a não aceitação de ideias tidas como liberais dentro da IPI acontece por um grupo de conservadores, e não de fundamentalistas, pois esse termo só será utilizado no Brasil posteriormente.

Todavia, aqui surge uma inquietante situação. Foi na década de 1950 que os fundamentalistas no Brasil acusaram as nuances e a presença dos ensinamentos dos liberais dentro das instituições brasileiras de ensinos teológicos, sendo esses espaços ocupados ainda por missionários norte-americanos, e alguns desses apontados como propagadores da teologia protestante liberal, provenientes da sua formação teológica norte-americana, como ex-alunos do seminário de Princeton que residiam e trabalhavam

³⁷ Cf. O jornal Estandarte (11 março de 1938, p 2), e (21/03/1938, p. 4).

como professores em seminários no Brasil. No caso da IPI, a probabilidade é que o mesmo argumento não sirva, pois a IPI nesse contexto histórico é uma denominação completamente nacional, ou seja, composta apenas de brasileiros. Tendo em vista não haver na IPI a presença dos missionários norte-americanos para influenciar os pastores dessa denominação com a sua teologia liberal, surge a seguinte pergunta: Quais as fontes que influenciaram esses pastores, professores da Faculdade de Teologia da IPI, a abraçarem a teologia liberal, e a mesma ser passada para os seus alunos, os possíveis candidatos ao ministério pastoral? Numa consulta feita ao Rev. João Alves dos Santos sobre essa questão, o mesmo responde da seguinte forma:

[...] Sobre a sua pergunta, realmente ela é meio difícil de responder, pelo menos eu não tenho dados sobre isso. Mas, até onde eu sei, que, são as atas e os escritos, que provieram daqueles debates durante aqueles dois anos (1938-1940), eles não tiveram influência externa, realmente a IPI não tinha mais americanos. Pode ser que a influência tenha sido através de literatura externa. Mas, eles estavam não exercendo também, uma grande influência. Por que? Porque eles guardavam muito pra si, essas convicções, vamos dizer assim, liberais. Já, originalmente liberais. Não sei de onde eles tiveram esta inspiração. Mas, quando surgiu o problema da discussão de 38 a 40, eles tiveram que sair da toca. Eles tiveram que se manifestar. Especialmente, Epaminondas Melo do Amaral, e Otoniel Mota, que começaram a produzir panfletos, a se defender, mostrar as suas convicções. Alguns dos quais eu resumo, ou até publico na íntegra, não me lembro se fiz isso, dos trabalhos deles. Especialmente do Otoniel Mota, mostrando um liberalismo, bem, bem, bem mesmo avançado. Bem mesmo! Já naquela época. Então não é de uma hora pra outra que isso surgiu. Agora de onde eles receberam influência, de fato, eu não sei. Só sei que um deles, que era o Alfredo Borges Teixeira, que era o presidente da Faculdade, também ficava calado, mas, até certo ponto externamente pra denominação, mas ele passava isso, para os alunos. Mostrava as suas dúvidas. E isso, que, de certa forma, foi um aluno que levantou a lebre. Quando foi perguntado pra ele, de onde ele estava recebendo isso, onde ele estava ouvindo isso. Ele, aí sim, ele apontou, fez a delação premiada, e apontou a Faculdade de Teologia. Da qual na época Borges Teixeira era o presidente, o diretor. Aí o Borges Teixeira pediu renúncia, da sua posição, da sua cadeira, dizendo que pra não causar confusão na igreja, ele abria mão da sua cadeira. O Sínodo não aceitou, pela influência que ele tinha. Afinal ele era reconhecido como teólogo da igreja. Mas, ele já mostrou que tinha mesmo dificuldades, que tinha dúvidas, a respeito não da condenação dos ímpios, como ele dizia, mas das penas eternas. O fato das penas serem eternas³⁸. E aí outros se

³⁸ Nos dias 24 de janeiro a 05 de fevereiro de 1940, o Sínodo realizou a sua 14ª reunião ordinária na Primeira Igreja de São Paulo, localizada na Rua 24 de Maio, número 234, sob a presidência do Rev. Odilon Damasceno Ribeiro de Moraes. Entre algumas decisões desse concílio, foi nomeado o novo professor de Teologia Sistemática, para a Faculdade de Teologia, e por incrível que possa parecer, o nome eleito foi o do Rev. Borges Teixeira. “Feita a votação, foi eleito o Rev. Alfredo Borges Teixeira, como 40 votos em ampla vantagem sobre o 2º colocado, Rev. Roldão Trindade de Ávila, que teve 15. Mais tarde, nessa mesma sessão, o Presb. Antônio Martins Viana, de Sorocaba, pediu que fosse registrado o seu protesto contra a

manifestaram, escreveram. Alguns muito, é, vamos dizer assim, ferinos. Como é o caso de Otoniel Mota, e de outros. Ai foi a discussão até a Cisão, até saída da igreja. Então, especificamente quem influenciou, de onde eles pegaram essa informação, essa origem, eu não sei. E eu acho que ninguém sabe. Porque eles tinham essas tendências, provavelmente, trocavam ideias entre si, mas, eles não anunciavam isso, pra igreja. Ou se anunciavam nós não temos registros disso. Isso, só passou a manifestasse depois de 38, quando então, o problema surgiu, a discussão surgiu, e que resultou na formação da Igreja Conservadora.³⁹

O reverendo João Alves dos Santos, na opinião que externou na consulta supracitada, parece ter razão quando afirma que, mesmo que a manifestação desses liberais tenham acontecido na reunião do Sínodo de 1938, tudo leva a crer que esse posicionamento, aparentemente velado por alguns antes desse episódio, não seja necessariamente um assunto novo. Quem afirma isso são os próprios liberais dessa época, identificando-se eles mesmos dessa maneira:

Sempre houve liberais na Igreja; há muito, eram conhecidas ideias nossas, divergentes; nunca fomos desleais, na exposição do pensamento; não foi em 1938 a primeira vez que um candidato afirmou não ter ideias definidas sobre o castigo dos ímpios; também não foi nesse ano que surgiu a primeira reação contra o pensamento não tradicionalista em nossa Igreja; um tanto estranhável, pois, esse novo surto de ortodoxia conservadora com tamanha violência! (A QUESTÃO DOUTRINÁRIA, 1941, p. 9).

Ainda sobre a possível origem desse alastramento do pensamento e das ideias liberais difundidas em solo brasileiro, Camacho relembra alguns acontecimentos relacionados:

Alguns dos nossos patrícios foram frequentar esses Seminários e, voltando ao Brasil, trouxeram nos seus corações essas ideias e se encarregaram de propaga-las em nosso meio. A literatura religiosa, no estrangeiro, em grande parte, ficou impregnada dessas ideias, os livros se encarregaram de introduzi-las no Brasil e em toda a parte. Até onde chegou a influência dessa perniciosa literatura em nossa terra, só Deus o pode saber, porque só Ele conhece os corações e nada lhe é oculto. [...] As suas pretensões começaram a manifestar-se de maneira evidente quando apareceram alguns livros e folhetos editados em nossa própria língua, como “Pontos Principais da Fé Cristã” (1924), “Doutrina e

eleição do Rev. Borges Teixeira para esse cargo, no que foi atendido. Vale lembrar que o Rev. Teixeira já tinha renunciado o cargo em 1938 devido ao seu ponto de vista sobre a doutrina das penas eternas e suas opiniões sobre a Confissão de Fé, mas o Sínodo não aceitou a sua renúncia e confirmou-o no cargo”. (SANTOS, 2011, p. 43).

³⁹ Essa consulta fizemos ao Rev. João Alves dos Santos, via WhatsApp, no dia 13/04/2018. Infelizmente poucos dias depois recebemos a triste notícia do seu falecimento.

Dogma” (1938), “A Questão Doutrinária” (1940), diversos panfletos e muitos artigos publicados em jornais. (CAMACHO, 1946, p. 12).

Os liberais depois de anos de debates dentro da sua denominação de origem, a IPI, tanto com os tradicionais, bem como com a ala formada pelos conservadores, chegam a conclusão de que, assim como fizeram os conservadores que saíram e formaram um nova denominação, que foi a Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil, o tempo deles também tinha chegado. Assinaram uma carta de renúncia, no dia vinte de dezembro de mil novecentos e quarenta e um (20/12/1941) os seguintes pastores, da ala liberal: Epaminondas Melo do Amaral, Eduardo Pereira de Magalhães. Lívio Teixeira, Olímpio Batista de Carvalho, Ruy Gutierrez e Thomaz Pinheiro Guimarães. Disseram eles:

Reconhecemos que estamos distanciados de algumas tradições da Igreja presbiteriana Independente do Brasil. Temos nela permanecido até hoje, por julgar que também nós temos o direito de divergir e apresentar nosso ponto de vista. A constituição prevê sua própria reforma e a dos símbolos de fé; e nenhuma reforma se faz, naturalmente, sem que, primeiro, haja franco desacordo com aquilo que se vai reformar. Temos, portanto, o direito de ficar para falar. Não dizemos, porém, estas palavras com quem pede, a qualquer preço, a sua permanência. Lamentamos é que se esteja perpetuando, sem honra para a Igreja, esta situação infeliz: concílios e oficiais proeminentes a revelar, por palavras e atos significativos, que desejam nossa retirada, mas sem o afirmar em documento oficial. Pesar-nos-ia muito, por nós mesmos e em atenção e em atenção à Igreja, que fôssemos nós obrigados a fazer pelos concílios o que eles tem deixado de fazer, para remate à questão debatida. Cumpriremos nossa missão, de qualquer forma. Continuaremos a dar o nosso testemunho, abertamente, onde quer que nos coloque a Providência do Senhor. Aspiramos a uma longa e profunda renovado espiritual. (A QUESTÃO DOUTRINÁRIA, 1941, p. 14).

Em março de 1942, os Reverendos Eduardo Pereira de Magalhães, Epaminondas Melo do Amaral, Erintos Batista de Carvalho, Lívio Teixeira, Olímpio Batista de Carvalho, Otoniel Mota, Ruy Gutierrez e Thomaz Pinheiro Guimarães escreveram um livreto intitulado “Ao Protestantismo do Brasil”, no qual tentam justificar as suas saídas da jurisdição da IPI. No termino desse material, composto de quatorze páginas, eles afirmam:

Não podemos exercer o ministério, nem simplesmente defender as nossas convicções dentro da Igreja P. Independente (ou de qualquer outra, estamos bem certos disso), só nos restava renunciar à jurisdição, reivindicando a liberdade que temos em Cristo, para que, fiéis à vocação, pudéssemos servi-lo em novo setor do seu Reino. (AO PROTESTANTISMO DO BRASIL, 1942, p.14)

Os liberais que faziam parte da IPI, logo após a sua saída, resolveram criar uma nova denominação que passou a ser chamada de Igreja Cristã de São Paulo. Num panfleto que foi publicado sobre essa nova igreja, encontramos as seguintes informações:

Organizou-se, na capital de S. Paulo, no dia 5 de abril de 1942, com inteira autonomia, a IGREJA CRISTÃ DE S. PAULO, cujo espírito, orientação e propósitos estão manifestos nos documentos por ela aprovados no dia de sua fundação. “Ao fundar-se a Igreja Cristã de São Paulo, afirmam os seus organizadores que, dando este passo – apesar da inconveniência que aparentemente possa ter a formação de nova Igreja, que eles não desejariam criar – fazem-no, sem espírito algum de separação ou rivalidade, inteiramente isentos de quaisquer objetivos sectários, e com o desejo sincero de contribuir para uma organização corresponde a uma necessidade real, não de hoje reclamada, necessidade a que, conforme as circunstâncias demonstram, não poderia atender-se de outra forma. Surge a Igreja: a) para exercer a especial missão de difundir o Cristianismo em moldes mais largos, de tolerância e liberdade no que não afete a sua essência, e, livre de compromissos com determinadas orientações e métodos oficiais, dar maior ênfase ao espírito da religião; b) para – embora na situação paradoxal de um organismo que se viu forçado a existir em separado – cultivar e propagar o espírito ecumênico, bem como um padrão que favoreça a união das Igrejas, através de maior liberdade doutrinária e maior liberdade de governo em cada congregação; c) para, em organização ampla e livre, poder torna-se abrigo aos que se sentem constrangidos pelas muitas limitações espirituais existentes e tolhidos no direito de dar sua expressão ao Cristianismo, na liberdade dos filhos de Deus. [...] A Igreja adota o princípio geral de liberdade doutrinária, dentro dos princípios fundamentais do Cristianismo [...]. Constituem o Corpo Ministerial da Igreja os revs. Eduardo Pereira de Magalhães, Epaminondas Melo do Amaral, Erintos Batista de Carvalho, Olímpio Batista de Carvalho, Otoniel Mota, Ruy Gutierrez e Thomaz Pinheiro Guimarães, ex-ministros em plena comunhão com a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil”. (IGREJA CRISTÃ DE S.PAULO, p. 1).

Percebe-se que, já na sua fundação, a Igreja Cristã de São Paulo, fruto da ala tida como liberal, oriunda da IPI, já deixa claro através do documento supracitado a sua abertura de pensamento e postura em relação à questão ecumênica e também a sua postura de liberdade doutrinária.

2.2. O alinhamento do protestantismo brasileiro em prol do fundamentalismo estadunidense contra os liberais protestantes.

Um dos pastores que saíram da IPI para formar a IPC, o Rev. Rafael Camacho⁴⁰, escreveu no ano de 1946 um livreto com o seguinte título: “O modernismo e a doutrina

⁴⁰ Em algumas citações seu nome aparece escrito dessa forma: Raphael.

das penas eternas”. Esse material composto de trinta páginas foi dedicado a um dos seus amigos, que também foi um dos pioneiros da IPC, o Rev. Bento Ferraz, falecido no dia 18 de abril de 1944. O material, entre vários objetivos, procura trazer à tona o avanço do liberalismo teológico no mundo, bem como a reação do movimento fundamentalista. Ele ainda relembra alguns pontos doutrinários da fé cristã. Na primeira parte que foi nomeada de “Os perigos do modernismo”, o autor faz uma breve comparação de uma planta parasita com a atitude dos modernistas liberais:

O modernismo é para a Igreja o que é o Cipó-chumbo para as árvores: um parasito. Os leitores, certamente, conhecem essa herbácea do Brasil, planta da família das convolvuláceas (trepadeiras). É muito comum no Sul de Minas. Ataca as árvores, de preferência a urticácea denominada Assa-Peixe. Este cipó que apresenta um belo aspecto, é constituído de vergôntes lisas, finas e amarelas, cujo caule finos e volúveis se estendem sobre as árvores. Chama a atenção do observador o Assa-Peixe coberto com essa trepadeira pelo contraste estabelecido entre a áurea cor desta e o verde-escuro daquele. Passam-se os dias e a linda árvore seca completamente até a raiz, porque o cipó-chumbo se apodera de toda a seiva que lhe dá a vida. Apresenta, então, um aspecto desolador em contraste com as suas companheiras, ao lado, que ainda não foram atacadas pelo mencionado parasito. O mais interessante é que, ainda não foram atacadas pelo mencionado parasito. O mais interessante é que, depois de matar o assa-peixe, o cipó-chumbo morre também. O modernismo, que se introduz na Igreja, em geral, pela instrumentalidade de pessoas dotadas de grande inteligência e de certa piedade, agindo como um verdadeiro parasito, absorve a seiva espiritual daqueles que, velada ou francamente, o professam. A sua influência é das mais perniciosas. É uma planta que o Pai celestial não plantou e por essa razão deve ser desarraigada. Ela não tem vida própria, nutre-se de outras plantas, às quais mata, vindo a morrer posteriormente. O Senhor vela pelas plantas que Ele plantou e não permitirá que sejam destruídas por esse parasito. Elas crescerão junto aos ribeiros das águas vivas da graça, darão o seu fruto sazoadado no tempo próprio e suas folhas, - o testemunho cristão - jamais cairão. Repelindo o modernismo avassalador, alimentar-se-ão unicamente de seiva da Palavra de Deus. (CAMACHO, 1946, p. 7).

Mesmo que naturalmente tenhamos dificuldades de estabelecer a data exata da chegada do liberalismo em *terra brasilis*, tendo em vista que “não podemos precisar a época certa em que o modernismo apareceu em nossa pátria” (CAMACHO, 1946, p. 11), por sua vez, notamos que os embates entre os conservadores e liberais no seio da IPI, no final da década de 1938, mostram que a igreja protestante brasileira estava atenta aos ventos do liberalismo protestante estadunidense que estavam sendo soprado no mundo afora. É certo que nem todos estavam acompanhando esse fenômeno. Exemplo disso é

citado por Camacho no seu segundo capítulo denominado “O modernismo na América do Norte”, quando o próprio rev. Carl McIntire, nesse momento histórico, é lembrado:

O Protestantismo brasileiro, em geral, ignora a tremenda luta que se vem travando, há anos, na terra do Tio Sam, entre fundamentalistas e modernistas. Para nos certificarmos, em parte, do que ali se passa e do assustador incremento da heresia nestes últimos tempos, vamos citar alguns testemunhos e eminentes heresiarcas, fatos documentados, que se acham registrados no importantíssimo livro intitulado “TWENTIETH CENTURY REFORMATION” (Reforma do Século XX), da autoria do Rev. Carl McIntire, líder do movimento conservador nos EE.UU. Nesta obra, que deverá ser vertida para o nosso idioma, no capítulo 4, intitulada “OS HOMENS QUE NEGAM A FÉ”. [...] O movimento conservador nos EE. UU vai de vento em popa. A forte corrente Fundamentalista que de há muito vinha operando, alcançou a vitória decisiva quando, em 1937, no seio do Presbiterianismo, sob a liderança do Rev. Carl McIntire, surgiu a “Bible Presbyterian Church” (Igreja Presbiteriana da Bíblia). Esta igreja tem o seu órgão Oficial denominado “Cristian Beacon” (O Farol Cristão) que se publica semanalmente; possui sua Faculdade de Teologia denominada “Faith Theological Seminary (Seminário Teológico da Fé) e a sua Casa Publicadora. O exemplo desses renomados presbiterianos foi seguido por crentes de outras denominações e assim, atualmente, temos na terra de Tio San o “American Council of Churches”, que representa 24 Denominações ortodoxas, em oposição ao “Federal Council” que representa 24 Denominações modernistas. É confortador e edificante o que se verifica na gloriosa nação americana: presbiterianos, metodistas, batistas, congregacionais, episcopais, etc, etc, etc., todos unidos para dar combate ao modernismo. Oxalá acontecesse isso também no Brasil (CAMACHO, 1946, p. 9, 11).

McIntire se tornou não somente o líder do movimento fundamentalista protestante nos Estados Unidos, mas assumiu a defesa e se tornou o porta-voz desse movimento ao redor do mundo. Como presidente do CIIC, viajou para vários países combatendo o CMI em defesa do fundamentalismo bíblico. Referindo-se a sua batalha apologética e lembrando os esforços provenientes da ala fundamentalista, McIntire chega a afirmar:

O problema entre crença e descrença, lealdade à fé cristã histórica e a penetração do modernismo nas igrejas tem estado conosco há muitos anos. A luta tem passado por diversas fases. Os ensinamentos das Escrituras têm sido aplicados através destes anos a diferentes situações e circunstâncias e sempre com o mesmo ímpeto nos corações dos que verdadeiramente amam o Senhor Jesus Cristo. (MCINTIRE, 1952, p. 155).

Consta que, certa feita, mais especificamente em julho de 1949, o CMI convocou um congresso para a Capital da Argentina, em Buenos Aires, para organizar o movimento ecumênico na América Latina e McIntire recebeu por engano um convite. Não pensou

duas vezes, nem mediu esforços para comparecer. Todavia, percebendo o equívoco cometido, a CMI resolveu vetar a participação de McIntire nas plenárias. Não deixando-se abater, McIntire, através da CIIC, resolveu convocar um Congresso Pan-Americano Evangélico, realizado na cidade de São Paulo, em 1951, com aproximadamente 500 delegados, representando assim 16 países. Foi nesse congresso que foi criado a ALADIC (Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs), a qual se tornou a grande aliada ao Conselho Internacional de Igrejas Cristãs na América Latina. Tudo isso com o propósito de combater o liberalismo e o ecumenismo, que estava alastrando-se nos países sul-americanos. Foi nesse congresso que se elegeu o presidente da ALADIC, o Reverendo Synésio Lira⁴¹, um congregacional que teve a sua formação teológica no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), na cidade do Recife. Na época, o SPN tinha o nome de Seminário Evangélico do Norte. Enquanto o segundo Congresso da ALADIC foi realizado em janeiro de 1954 em Santiago do Chile, o terceiro congresso ocorreu em julho de 1956, na cidade do Rio de Janeiro.

⁴¹ No encarte do 4º Congresso Plenário da ICCC, que teve como tema: “O CRISTO DAS ESCRITURAS”, realizado no Rio de Janeiro, na cidade de Petrópolis, nos dias 12-21 de agosto de 1958, encontramos a seguinte informação: “Rev. Synésio P. Lyra, nasceu em 23 de novembro de 1885, no Estado de Pernambuco, Brasil. Fez o seu curso teológico no Seminário Evangélico do Norte (hoje SPN), no Recife, bacharelando-se em Teologia, em 1925. Foi ordenado ao Santo Ministério em 31 de maio de 1925. Foi pastor das Igrejas Evangélicas Pernambucanas e de Afogados, na cidade do Recife. Em julho de 1938 foi eleito Pastor da Igreja Evangélica Fluminense, no Rio de Janeiro, a mais antiga Igreja Evangélica do Brasil, exercendo aquele pastorado por 18 anos, isto é, até 31 de agosto de 1956. No Recife foi professor do Seminário Evangélico do Norte e do Instituto Bíblico do Recife do qual foi um dos fundadores. Em 1949, a convite dos Congregacionais norte-americanos, tomou parte do 6º Concílio Congregacional Internacional, em Wesley, Estados Unidos, Estados Unidos. Após o Concílio visitou New Bedford, sendo hóspede do Rev. Calimério de Oliveira, brasileiro, que ali pastoreava a Igreja Portuguesa, recebendo deste um exemplar do livro “A Moderna Torre de Babel”, do Rev. Dr. Carl McIntire. Lendo-o, ficou interessado pelo movimento fundamentalista, liderado por esse corajoso irmão. Com a visita do Dr. McIntire ao Brasil, integrou-se no movimento fundamentalista. Em 1950, a convite do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, tomou parte do 2º Congresso Plenário deste Concílio, em Genebra, tendo antes, com vários colegas brasileiros e americanos, visitado Roma, Palestina, Síria, Jordânia, Egito e Atenas. Tomou parte do Congresso Pan-Americano, em São Paulo, quando foi fundada a Aliança Latino Americana de Igrejas Cristãs, tendo sido eleito o seu primeiro presidente. Em 07 de setembro de 1956 fundou a Igreja Bíblica Congregacional do Rio de Janeiro, que é hoje sentinela vigilante do movimento fundamentalista na grande capital brasileira. Jornalista, o Rev. Synésio P. Lyra fundou, na cidade de Recife, o periódico “O Escudo”, e no Rio de Janeiro, a Revista “Cultura Cristã”, tendo colaborado na maioria dos jornais evangélicos do Brasil. Publicou os seguintes livros: CRISTO – NOSSA ESPERANÇA, FATOS E DOCTRINAS e O MESSIAS VEM, além de vários tratados evangélicos. Com a fundação da Confederação de Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil, em 1956, foi eleito seu Secretário Executivo, cargo que vem exercendo. Dirige atualmente o “O Fundamentalista”, e as Revistas da Escola Dominical, editados por aquela Confederação. Na Sociedade Bíblica do Brasil, desde a sua fundação, é ele membro fundador, da sua Diretoria e das Comissões Revisora e Executiva e de Distribuição”. (p. 35).



ALADIC, outubro de 1986. Da esquerda pra direita: Saavedra, McIntire, Israel, Sandoval, Carrenho e Porfirio. Imagem extraída do Jornal “A DEFESA”. Acervo pessoal.

Nesse clima de expandir a fé fundamentalista pelo mundo a fora, houve a realização de mais um congresso, agora no Rio de Janeiro. Num encarte informativo, em formato de uma revista do 4º Congresso Plenário, deparamo-nos com a convocação para a realização do 4º Congresso Plenário do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs realizado no Estado do Rio de Janeiro, começando às 10 horas da manhã, no dia 12 de agosto de 1958, indo até o dia 21 do mesmo mês. Encontramos nessa convocação a seguinte informação:

A Constituição adotada por este Concílio, em 1948, estatue que ele organize assembleias plenárias, pelo menos uma vez em cada cinco anos. O Terceiro Congresso Plenário reunido em Filadélfia em 3 a 12 de agosto de 1954, deliberou aceitar o convite feito por irmãos da América do Sul, para que o quarto congresso tivesse lugar no Brasil, em agosto de 1958. De conformidade com esta decisão, a Comissão Executiva do Concílio faz a presente convocação, e entende, com as suas saudações, um convite a todas as igrejas irmãs e a todos os irmãos unidos pela mesma fé preciosa. [...] Convidamos para este Congresso os delegados oficiais dos membros constituintes do Concílio, os representantes dos membros consultivos, todas as organizações filiadas e sociedades missionárias. Estendemos um convite muito cordial a igrejas e agências não filiadas ao Concílio, para que mandem observadores e visitantes, a fim de que também possam elas participar das bênçãos que o Senhor tem concedido a este movimento de cooperação bíblica e de testemunho verdadeiramente cristão. Este Congresso é convocado em um momento de intensa apostasia, que, comprometendo organizações eclesiásticas, cria tremenda confusão por todo o orbe e assinala tempos perigosos. (1958, p. 6).

Nas palavras de boas-vindas, o presidente da Aliança Latino Americana de Igrejas Cristãs, para o 4º Congresso realizado em Quitandinha, no Rio de Janeiro, em agosto de 1958, o Rev. Baudilio Saavedra, expressa a sua alegria pela manifestação e propagação do fundamentalismo no Brasil, e acima de tudo na própria América Latina.

A realização do Quarto Congresso Plenário do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs em Quitandinha é a mais estupenda manifestação do progresso do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo em terras americanas. A aquiescência do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs ao convite feito pelos irmãos brasileiros para realizar o 4º Congresso em seu país, constitui, não somente um grande passo na gloriosa batalha pela fé à sombra da bandeira do Concílio Internacional, mas também um privilégio, para os latino-americanos e um sinal evidente de que a luz do Evangelho continua a projetar-se, a despeito do obscurantismo medieval que cobre a nossa América, e que a liberdade e a tolerância estão consolidando seus direitos no mundo de Colombo, de modo a dar passagem a uma nova alvorada cheia de esperanças e promessas para as almas que gemem sob a pressão do pecado, da ignorância e do erro. Mas há alguma coisa ainda mais significativa neste fato, isto é, que nós não estamos sós, porque, tendo o nosso Salvador nos sustentado em pé, temos a companhia de milhões de santos, de todas as raças, línguas e nações, que glorificam ao Senhor que morreu na cruz por todos nós. E todos estes cristãos estão aportando às costas da América do Sul, vindo de todos os lugares do mundo, para levantar no Brasil, em Quitandinha, um testemunho do glorioso Evangelho, uma bandeira em defesa da Verdade, para manifestar, perante o mundo, aos inimigos da Fé, aos falsos profetas do século XX, que ainda há profetas em Israel. Eis por que os latino-americanos, com seus corações cheios de júbilo, dão as mais afetuosas boas-vindas a todos os irmãos de outros continentes e os envolvem nos seus abraços, como sabem fazer os latino-americanos, especialmente os brasileiros. Quitandinha significará, de agora em diante, para o povo evangélico da América Latina, o estágio em que nos tornamos emancipados, e em virtude do qual deixamos de ser minoria ignorada, desprezada e perseguida, como espiões de inquisidores, mas elementos de ordem e de progresso, de civismo e de democracia e, além disso, uma força moral e espiritual que constitui a mais forte defesa da “fé uma vez dada aos santos”. Assim têm a Palavra de Deus e a Reforma do Século XVI, nesse povo que aqui se reúne, a base sólida e a garantia contra o avanço de apostasia. Benvindo sejam a Quitandinha os irmãos que chegam de países longínquos, através de oceanos e de continentes. Benvindo sejam os campeões da Fé, as testemunhas dos Últimos Dias: McIntire, Kinney, Van der Schuit, Slade, Garman, Guíton, Hedegard, Warnaar, Maris, O’Dell, Hamilton, todos os leais continuadores dos acontecimentos da Amsterdão, Genebra e Filadélfia, assim como todos quantos, pela primeira vez, se juntaram a nós nesta luta pelo testemunho de Jesus Cristo. (Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 5).

O presidente do CIIC, o reverendo Carl McIntire, referindo-se ao evento supracitado, expressa a sua alegria pela realização desse Quarto Congresso Plenário e faz um breve retrospecto: “Éramos um pequeno grupo em Amsterdão, em 1948, e ainda

somos poucos. Mas o impacto de nosso testemunho tem sido sentido por toda a parte do mundo”. (Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 9).

É certo que, como era de se esperar, o movimento fundamentalista liderado pelo CIIC, recebeu inúmeras críticas. O movimento passou a ser visto como um grupo divisionista. Porém, para justificar essa atitude, os adeptos do movimento passaram a afirmar:

Nem toda divisão é pecado, muito pelo contrário! Quando uma velha igreja histórica não permanece fiel ao padrão que a Bíblia estabelece para a Igreja de Jesus Cristo, quando todos os esforços para repor uma tal igreja nas condições primitivas se tronam improficuos, impõe-se ao verdadeiro cristão o dever de sair do meio dos infiéis para permanecer separado, e de “batalhar pela fé uma vez dada aos santos.” (Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 10).

O Quarto Congresso Plenário foi um marco histórico, pois o mesmo ratificou dez anos de atividades realizadas pelo CIIC ao redor do mundo, multiplicando assim uma legião de seguidores que passaram a abraçar e a defender a fé fundamentalista:

Assim, o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs chegou à América Latina, e ao Extremo Oriente, à Europa e à Austrália, aos Estados Unidos e ao Canadá, bem como ao Oriente Médio e à Nova Zelândia. O Concílio Internacional de Igrejas Cristãs organizou seus congressos, suas viagens de propaganda. (4º Congresso Plenário, 1958, p. 11).

É de suma importância lembrar que o CIIC, desde a sua origem, agregou simpatizantes de inúmeras denominações e de nacionalidades diversas. Ou seja, o movimento passou a ser visto como uma associação interdenominacional. Relembrando a sua história de dez anos, o próprio CIIC afirma:

Foi uma decisão de importância histórica para a Igreja a do Concílio Americano de Igrejas, quando, em outubro de 1947, decidiu lançar a “Convocação Internacional” a todas as igrejas fiéis à Bíblia em todo o mundo, para o Congresso em Amsterdão, Holanda, em agosto de 1948. Foram sem dúvidas notáveis os efeitos que daí resultaram! [...] Aqui em Amsterdão se encontraram batistas, presbiterianos, reformados, metodistas, luteranos e independentes. Aqui se encontraram chineses, americanos, franceses, escandinavos, holandeses, alemães e cidadãos da Grã-Bretanha e de seus domínios. (4º Congresso Plenário, 1958, p. 10).

Todavia, enquanto a proliferação do movimento fundamentalista passou a ser motivo de alegria por parte dos seus seguidores, Mendonça chega a afirmar que a atuação do CIIC resultou na América Latina em “cisões e defenestrações que levariam o protestantismo ao total descompasso com a sociedade”. (2008, p. 98). Relembrando a atuação do CMI, bem como do CIIC no Brasil, “na percepção de muitos líderes presbiterianos, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), representava o movimento liberal e o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC) estaria alinhado com o movimento fundamentalista” (SOUZA, 2009, p. 74).

2.3. O surgimento de uma liderança nacional em defesa do movimento fundamentalista protestante em *terra brasilis*

Como já visto, o movimento protestante fundamentalista no Brasil tem a sua origem nas nuances, entre a primeira metade da década de noventa do século XX (contatos entre lideranças brasileiras com Carl McIntire) e mais especificamente nos anos de 1950 em diante, tendo como marco maior o ano de 1956, com a fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, através do Reverendo Israel Gueiros, na cidade do Recife. Porém, em 1940, percebemos a reação de um grupo no seio da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil contra alguns posicionamentos considerados como liberais. Isso provocou alguns cismas dentro da IPI, resultando no surgimento da Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil. Apesar dessa reação ser contra ideais liberais, o grupo que reage não são denominados de imediato de fundamentalistas, e sim de conservadores. Tal fenômeno ocorre por uma questão lógica e cronológica. O movimento fundamentalista estadunidense ainda não tinha chegado ao Brasil. Na realidade, o movimento fundamentalista nos Estados Unidos durante esse período ainda estava no seu nascedouro.

Porém, mesmo que os líderes e fundadores da Igreja Presbiteriana Conservadora não sejam na sua época denominados de fundamentalistas, posteriormente os pioneiros nacionais do fundamentalismo no Brasil trazem à memória a importância dessa reação conservadora em defesa da fé cristã, relembrando assim nomes ligados à ala conservadora. Podemos perceber isso nas palavras do Reverendo Armando Pinto de

Oliveira⁴², que na ocasião ocupava a presidência da Confederação de Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil (CIEFB).

Não se pode falar em fundamentalismo no Brasil, sem dar o devido destaque ao nome ilustre do Rev. Bento Ferraz, que por todo o seu vasto saber e todo o dinamismo de sua personalidade privilegiada ao serviço dessa causa, como verdadeiro precursor, nas mãos de Deus, para advento do que hoje se está realizando. Em consequência das sucessivas batalhas sustentadas sob a direção daquele grande servo de Deus, tendo o seu lado o Rev. Francisco Augusto Pereira Júnior⁴³, em defesa da “fé uma vez dada aos santos”, batalha que se feriram no seio da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, nasceu, a 11 de fevereiro de 1940, a Igreja Conservadora nesse país. Em 1943 publicava o órgão oficial

⁴² “Considera-se filho da Igreja, pois tinha pouco mais de seis anos de idade quando seus pais se converteram ao Evangelho, na cidade de Campinas. Ai fizeram seus pais a sua profissão de fé e ai recebeu ele as primeiras influências sob o pastorado do Rev. Bento Ferraz. Fez sua pública profissão de fé em 1908, na Igreja Presbiteriana Independente em São Paulo, transferindo-se dois anos depois para a Igreja Batista dessa cidade. Fez seu curso de humanidades em diversos colégios particulares, entre eles o Colégio Evangélico em São Paulo, o Colégio Batista no Rio e o Ginásio Oswaldo Cruz em São Paulo, prestando posteriormente exames de madureza no Ginásio do Estado em São Paulo. Coursou por algum tempo o Seminário Teológico Batista, no Rio de Janeiro logo após a sua fundação, não tendo prosseguido ali os seus estudos, em virtude da premente necessidade de obreiros para o Campo Batista em S. Paulo. Como evangelista nesse Campo, prosseguiu os seus estudos teológicos sob a orientação dos missionários Dr. A. B. Deter e Rev. F. M. Edwards e, em 1916, foi ordenado ao Santo Ministério, sendo instalado no pastorado da 1ª Igreja Batista de São Paulo, donde logo em seguida saiu, para voltar à Igreja de sua infância, onde preferiu permanecer como leigo. Serviu a essa Igreja por longo tempo, como pregador, professor e superintendente de Escolas Dominicais e como Presbítero. Como secretário da Coligação Conservadora tomou parte ativa nos esforços realizados sob a liderança de Bento Ferraz para afastar as influências modernistas reinantes naquela igreja. Em consequência desses esforços, foi fundada a Igreja Presbiteriana Conservadora, a que ele se uniu. Em junho de 1940, ao organiza-se o Presbitério Conservador, como Concílio daquela Igreja, foi por este convidado a reverter para o Santo Ministério. Aceitando essa reversão, foi instalado como pastor auxiliar, posteriormente como co-pastor e, por último, como pastor da Igreja Presbiteriana Conservadora de São Paulo, igreja a que ele tem servido com dedicação, desde esse tempo. Tem militado, desde a sua mocidade, no jornalismo, tanto secular como religioso, e tem sido redator de diversos órgãos, inclusive o de sua igreja, a que serviu por muitos anos seguidos. É igualmente Presidente do Presbitério Conservador, Supremo Concílio de sua Igreja, cargo que tem desempenhado por diversas vezes. E, além disso, presidente da Diretoria do Seminário Conservador e, também, da Confederação das Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil. Faz parte da diretoria da Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs, na qualidade de tesoureiro. (Cf. Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 36).

⁴³ “[...] O Rev. Pereira Júnior converteu-se ao Evangelho com a idade de 15 anos, vindo, com sua família, da Igreja Presbiteriana do Brasil, tendo sido ordenado, em 1909, pela Igreja Presbiteriana Independente, a que passou a pertencer, e a quem serviu por cerca de 33 anos, em frutífero e dedicado ministério. Deixou essa Igreja, por motivos de ordem doutrinária, em dezembro de 1941, para unir-se à Igreja Presbiteriana Conservadora, a que serviu intensamente até a sua jubilação, a pedido, em 1945. Apesar de jubilado, vem continuando a prestar ininterruptamente valiosos serviços à sua denominação e à Causa Fundamentalista. Foi professor do Seminário Presbiteriano Independente e é membro da Congregação do Seminário Conservador. Publicou alguns volumes de sermões e é também autor de uma gramática da língua portuguesa. É, ainda, de sua autoria, um excelente trabalho inédito, da Isagoge, que tem servido de texto para a respectiva Cadeira no Seminário Presbiteriano Conservador. O Rev. Pereira Júnior tem sido, por várias vezes, presidente do Concílio Superior de sua denominação. Ele tem trabalhado, sempre como muito êxito, no campo do jornalismo, onde lhe tem sido confiadas posições de responsabilidade, tais como redator do “Estandarte” órgão de combate “O Presbiteriano Independente”, que no seio da referida denominação, agitou a chamada “Questão Doutrinária”, defendendo ardorosamente e com eficiência a ortodoxia cristã. Quando no exercício do seu ministério no interior do Estado de S. Paulo, exerceu, por várias vezes, em caráter de provisionado, a advocacia. Tem sido também professor de português e Licenciatura em cursos ginasiais e normais, em instituições oficiais e particulares. É o vice-presidente do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs no Brasil”. (Cf. Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 36-37).

dessa Igreja uma nota entusiástica de apoio à Igreja Presbiteriana da Bíblia⁴⁴, que havia fundado pouco antes, isto é, a 19 de outubro do ano anterior, na cidade de Camden, N. J., o Concílio Fundamentalista do Sul de Nova Jersey. Ligavam-se assim os nossos corações, ainda em vida de Bento Ferraz, para as sucessivas realizações do futuro. (Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 20).

A Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil não só foi fruto de uma reação pioneira ao movimento liberal no Brasil, como também foi pioneira na relação de amizade com o líder do movimento fundamentalista estadunidense, ou seja, o Rev. Carl McIntire:

Cartas foram trocadas posteriormente, entre elementos da Igreja Presbiteriana Conservadora e o Dr. Carl McIntire. Uma saudação dirigida à Igreja Presbiteriana da Bíblia foi enviada oficialmente àquela igreja, pelo Presbitério Conservador, sendo seu Presidente o Reverendo Francisco Augusto Pereira Jr. Em consequência, a novel Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil, por determinação de seu Supremo Concílio tomou assento na Conferência que fundou o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. Foi ali representada por Carl McIntire, que para isso, recebera as necessidades credenciais. Apareceu ela em sétimo lugar, por publicação do “Christian Beacon”, entre as igrejas fundadoras do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. Recebeu também ela o relatório do Dr. Carl McIntire, prestando contas da missão recebida. Esse relatório foi publicado em seu órgão oficial. (Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 20).

Interessante a visão e análise feita por Santana Filho em relação à reação do movimento fundamentalista protestante estadunidenses ao liberalismo teológico, bem como o trabalho desenvolvido pelos missionários norte-americanos na América Latina.

Um dado desconcertante é o fato de que, um país como os Estados Unidos, desenvolvido e poderoso, seja o foco de divulgação dessas doutrinas. Pode-se supor que seria uma forma de negação do fato do homem se tornar o agente da história. Em seu lugar são colocados Cristo e o Anticristo. Diante deles todos os poderosos são colocados em condição de subalternos, o que envolve uma colossal exoneração de responsabilidade política. Evidentemente essa perspectiva tornou-se simpática aos governantes da nação americana. Exclui o governo da responsabilidade diante das catástrofes porque a verdadeira luta se trava na esfera espiritual. Governos se colocam do lado de Deus (o Bem) ou do lado do Anticristo (o Mal). A sedução é espiritual. As guerras e as suas consequências fazem parte da história e muitas vezes são justificadas como uma forma de vencer o Anticristo. É norma dos movimentos messiânicos fundamentalistas, de qualquer matiz religioso, afirmar a necessidade do enfrentamento como forma de conter o poder do Maligno. Trava-se o que se chama de “Guerra Santa”, uma guerra que se justifica pela ameaça contra aquilo que se levanta em oposição a Deus. Se for atingida a opinião pública quanto a esta questão, a adesão se torna fácil por parte da população que nada sabe sobre os fins

⁴⁴ Referência a Igreja do Rev. Carl McIntire, localizada nos Estados Unidos.

ideológicos da elite dominante. Não foi difícil dessas doutrinas na América Latina. Primeiro porque a ideologia chega junto com o capital que financia essas mesmas ideias. Os missionários norte-americanos de diversas confissões protestantes se tornaram arautos do fundamentalismo que se tornou corrente nas igrejas evangélicas alcançando tanto as elites como as comunidades de periferias. Mas o êxito não se deve apenas ao capital e ao intenso trabalho missionário. O conteúdo da mensagem fundamentalista por sua objetividade e simplicidade produziu um efeito bastante atraente nas comunidades mais carentes. O discurso é sintetizado em alguns axiomas que tem um efeito devastador nas resistências: Jesus é Filho de Deus; a Escritura é a palavra de Deus, portanto, inerrante; o mundo jaz no maligno, portanto o mundo é mau e seu destino é a destruição. Os santos são salvos da tribulação que há de vir pelo fato de declararem sua fé em Jesus Cristo. O ambiente de pobreza e miséria, de falta de oportunidade para a maioria da população favorece a tese que Deus prova e prepara seu povo para o porvir, mas não para esse mundo que será destruído. Portanto, é preciso estar preparado para outra vida. Numa situação de depauperamento econômico, social e perturbação emocional a mensagem fundamentalista oferece refúgio para as mentes desiludidas dessa imensa região chamada América Latina. A diferença entre o tipo de fundamentalismo que se implantou nos Estados Unidos é que, ali, as igrejas prometem uma vida melhor desde já. O assistencialismo desenvolvido pelos EUA no início dos anos de 1960 com a Aliança para o progresso soçobrou os movimentos políticos que proliferaram na maioria das nações latino-americanas. (SANTANA FILHO, 2017, p. 130-132).

A relação entre o Rev. Carl McIntire com a liderança conservadora no Brasil vai cada vez mais estreitando os seus laços de parcerias e amizades, resultando com isso na sua vinda e o investimento da propagação da fé fundamentalista no Brasil. Isso pode ser visto numa das idas do Rev. McIntire na Argentina para participar de um congresso, no qual o mesmo recebeu um convite para vir posteriormente ao Brasil:

Em 1949, sabedor o Presidente de seu Presbitério (o Rev. Francisco Augusto Pereira Jr) de que Carl McIntire viria a Buenos Aires para assistir a Conferência Pan-Americana que ali seria realizada, convidou-o a vir ao Brasil. Submeteu o seu ato, logo a seguir, a julgamento do Presbitério, tendo este aquiescido entusiasticamente e encarregado o seu Presidente, Rev. Carlos Pacheco, de receber o grande líder fundamentalista. Em agosto daquele ano, em reunião memorável realizada no Teatro Municipal de São Paulo, perante uma multidão de mais de 4.000 pessoas, foi o Dr. Carl McIntire festivamente recebido no Brasil, e foi o seu testemunho lançado aos ventos da pátria, atingindo a todas as denominações evangélicas. (Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 20).

O líder do movimento fundamentalista estadunidense chega ao Brasil e passa a ter uma agenda de contatos com lideranças nacionais. Com isso, percebe-se uma cooperação para a difusão da fé fundamentalista em *terra brasilis*.

Pouco antes, e como consequência das cartas trocadas entre os diversos líderes, tomara contato com os elementos da Igreja Presbiteriana Conservadora a Junta Independente de Missões Bíblica, para ser uma ardorosa líder nas realizações fundamentalistas de nossa pátria. Com a sua valiosa cooperação fez o Dr. Carl McIntire diversas viagens. Foi a Bauru, no interior do Estado de São Paulo, onde foi recebido por um grande grupo de pastores; foi ao Rio de Janeiro, onde o Rev. Synésio Lyra o recebeu na Igreja Evangélica Fluminense, e a Recife, onde o recebera o Dr. Israel Gueiros. Deixou McIntire, assim, despertado em muitos corações, um grande interesse pela causa defendida pelo Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, de que era Presidente. (Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 20).

Esses líderes protestantes do conservadorismo brasileiro não só estavam unidos e interessados em permanecer firmes com os seus conceitos conservadores, mas estavam prontos também para contribuir no que estivessem ao seu alcance, no intuito de plantar, solidificar, enraizar e, acima de tudo, difundir os conceitos defendidos pela fé protestante fundamentalista. Isso é perceptível nas palavras de um desses líderes, o Rev. Armando Pinto de Oliveira, Presidente da CIEF do Brasil:

No intuito de consolidar a obra realizada pelo grande líder e de torna-la mais efetiva, foi fundada, ainda sob sua presidência, no Hotel São Paulo, a Coligação Fundamentalista do Brasil. Logo em seguida foi lançado o seu órgão oficial. “O Fundamentalista”⁴⁵. Já em seu décimo ano de existência profícua. Grandes, por vezes dolorosas, tem sido as experiências desses fiéis líderes fundamentalistas em meio ao protestantismo brasileiro, eivado por toda a parte por influências modernistas, e entregue, por isso mesmo, ao indiferentismo em relação aos problemas que nos preocupam. Firmes têm sido eles em seu testemunho e abençoadíssimo em relação aos resultados colhidos. Nos Estados do Pará e no Maranhão, onde se acham localizadas muitas igrejas batistas regulares; no Recife, com base na tradicional e numerosa Primeira Igreja Presbiteriana, sob a liderança do doutor Israel Gueiros; com a fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, com sede nessa grande cidade; com a fundação, nessa cidade ainda, da Igreja Bíblica Congregacional, sob a liderança do Rev. Synésio Lyra; com a organização de várias Igrejas Batistas Regulares no Estado de São Paulo; com o grupo de Igrejas Cristãs Batistas Bandeirante, nessa mesma capital, já se acha o Movimento Fundamentalista perfeitamente consolidado no Brasil. Isso deu causa à fundação da Confederação de Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil (CIEF), que é a organização associada da Aliança Latino-Americana de Igrejas Cristãs e, portanto, do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. (Encarte do 4º Congresso Plenário, 1958, p. 20).

⁴⁵ Jornal que se tornou o Órgão da Coligação Fundamentalista filiada ao Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. O seu primeiro exemplar foi publicado na cidade de São Paulo, em setembro de 1949, e teve como redator responsável Adrião Bernardes.

O que era um sonho por parte da liderança do conservadorismo brasileiro, tornou-se uma realidade, ou seja, o líder do protestantismo fundamentalista estadunidense, o Rev. Carl McIntire, não veio somente para visitar alguns líderes e igrejas no Brasil, mas também para apoiar o alastramento da fé fundamentalista.

Na órbita do Movimento Fundamentalista foram fundados vários seminários e institutos bíblicos, sendo três batistas e dois presbiterianos. Nesses institutos de educação ministerial, onde não se permite a penetração de influências modernistas, prepara-se um ministério aguerrido, que, fugindo ao critério de acomodação com a própria Igreja Católica sugerido pelos modernistas, continuará em nossa pátria um movimento intenso de evangelização, ao mesmo tempo que montará guarda à Doutrina da Palavra de Deus, não permitindo sejam as igrejas solapadas Pelo Racionalismo e pelo Evangelho Social. Após a organização da CIEF, foi instalada na Capital do Estado de São Paulo uma sua delegação regional, sob a liderança de Dr. Almir Bueno, distinto advogado, Vice- Presidente da Igreja Batista Bandeirante. Por inspiração e sob orientação desse líder dinâmico, foi organizada a Mocidade Fundamentalista de São Paulo, que se reúne trimestralmente para estreitamento de relações e estudos doutrinários, sob os cuidados de líderes fundamentalistas. Essa juventude já realizou uma convenção geral para o Estado de São Paulo e está em preparativos para a sua segunda convenção. Está também organizando um conjunto coral, que se vai realizar no Teatro Municipal, em São Paulo, para receber e ouvir o Dr. Carl McIntire, como concentração preparatória para o IV Congresso do Concílio Internacional. (4º Congresso Plenário, 1958, p. 20).

O pastor congregacional Synésio Lyra, presidente da ALADIC e Secretário-Executivo da CIEF, falando sobre o surgimento da Confederação de Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil e seus objetivos, afirmou:

Fundada por ocasião do III Congresso da Aliança Latino- Americana de Igrejas Cristãs, em julho de 1956, na cidade do Rio de Janeiro, esta Confederação vem realizando o seu programa. Reiniciou a publicação de seu órgão oficial, “O Fundamentalista”, em abril de 1957, cuja circulação vendo sendo feita com regularidade. [...] Em novembro de 1956, com a presença do Secretário-Executivo, em reunião mui alegre e fraternal, no Teatro da Igreja Presbiteriana Conservadora de São Paulo, foi escolhida e instalada a Delegação Paulista da CIEF, sob a presidência do dinâmico obreiro Dr. Almir Bueno. Esta delegação realizou várias reuniões e promoveu e executou grande Congresso da Mocidade Fundamentalista de São Paulo, em que tomaram parte representantes de várias Uniões de Mocidade de muitas igrejas. Foi um certame magnífico, em que foram traçadas diretrizes seguras para a juventude fundamentalista de São Paulo e do Brasil. Durante este período de atividades, a CIEF manteve-se vigilante, enquanto que os agentes do modernismo internacional em nossa pátria mantiveram-se com armas ensarilhadas. Não houve por parte deles qualquer ação ou mesmo reação pública. Possivelmente, nos seus conciliábulos ocultos tomaram qualquer deliberação para ações futuras. Estamos, todavia,

aparelhados para enfrentá-los logo que saiam a campo, por mais árdua que seja a batalha. Assim nos ajude o Senhor. Neste período, foi fundada a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, que já reúne em seu Presbitério cerca de dez igrejas, em Pernambuco. Foi também fundada a Igreja Bíblica Congregacional do Rio de Janeiro, no dia 7 de setembro de 1956. A convite da então Igreja Ev. Congregacional de Macaxeira, na cidade do Recife, o Secretário Executivo da CIEF viajou para o Recife e recebeu aquela Igreja que passou a denominar-se: 1ª Igreja Congregacional do Recife, tendo sido eleito e ordenado ao Santo Ministério e empossado no pastorado o então evangelista e Presbítero, hoje Rev. José Quaresma de Mendonça. Com a adesão desta Igreja foi fundada a Associação de Igrejas Evangélicas Independentes do Brasil – novel denominação que receberá no seu seio todas as igrejas genuinamente bíblicas que a ela se quiserem filiar. Com a fundação da Igreja Bíblica Congregacional do Rio de Janeiro, o movimento fundamentalista do Brasil tem na atual capital da República fiel testemunha e o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs colaboradora dedicada e intransigente na defesa na Palavra de Deus e da Reforma do Século XX. (4º Congresso Plenário, 1958, p. 21).

Olhando a citação supracitada, uma observação que podemos destacar é que o movimento fundamentalista, desde os seus primórdios, percebeu a necessidade e o valor de um investimento que deveria ser dado aos jovens. Por sua vez, depois de doutrinados com os conceitos defendidos pelo fundamentalismo, esses estariam não só preparados contra os ideais propagados pelos liberais, mas também seriam grandes difusores dos dogmas defendidos pela corrente fundamentalista.

Todavia, um episódio curioso é que, certa feita, o líder do movimento fundamentalista no Recife, o Rev. Israel Gueiros, antes mesmo de fundar a Igreja Fundamentalista do Brasil, fez algumas acusações aos jovens da Confederação de Mocidade Presbiteriana do Brasil. Posteriormente, ele fez acusações a própria Federação da Mocidade Presbiteriana de Pernambuco, federação esta em que os jovens da sua própria igreja deveriam participar. Este assunto passou a fazer parte das pautas da Comissão Executiva do Presbitério de Pernambuco (CE/Presbitério de PE).

No Livro de nº 2 das Atas da CE/Presbitério de PE, encontram-se as seguintes questões:

Toma-se conhecimento de dois documentos procedentes da Federação de Mocidades Presbiterianas de Pernambuco, os quais se prendem ao Conselho da Igreja Presbiteriana do Recife e ao Rev. Israel Gueiros que vão em apêndices: **Apêndice nº 1:** “Rev. Sr. Presidente do Presbitério de Pernambuco e demais membros de Executiva. REPRESENTAÇÃO. Com a devida vênua, dirigimo-nos a esse respeitável presbitério para informar e estranhar o seguinte fato; Estava designada para 5ª feira 3 do corrente uma reunião de negócios da atual diretoria desta Federação em

conjunto com a diretoria a ser empossada, na sua sede que era o pavilhão anexo ao Templo da Igreja Presbiteriana do Recife (Caes José Mariano). [...] que, na hora aprazada, estando conosco o Rev. Secretário Presbiterial da Mocidade, este foi informado de que estavam proibidas pelo Conselho daquela Igreja as reuniões da Federação naquele local. Ora, a Federação passou a se reunir no pavilhão anexo aquele templo a muitos anos, permitida por um ato daquele Conselho. Não nos constava que aquele ato houvesse sido revogado. Isto nos causa estranheza. De fato chegara ao nosso conhecimento não oficialmente a notícia de que a UMP daquela Igreja estava para se afastar da FMP Pernambuco (não sabemos também, se pela vontade dos moços, ou por decisão do Conselho), mas de nada havíamos sido informados oficialmente e, ademais, estávamos acompanhados do Rev. Victor Pester, pessoa escolhida por esse Presbitério para acompanhar as atividades desta FMP. Também isto nos parece estranho. Na qualidade de organização interna da Igreja Presbiteriana do Brasil, é que vimos a presença desse respeitável Presbitério. A Federação da Mocidade Presbiteriana de Pernambuco nada está pedindo, nada está acusando. Está apenas informando ao órgão competente. Recife, 9 de março de 1955. Em Cristo Jesus.” (a) Inaldo Ivo Lima – Presidente. (Ata de nº 20, datada no dia 10/03/1955 p. 27-32).

No primeiro apêndice, a questão está mais direcionada às decisões, supostamente, do Conselho da igreja local, ou seja, a Igreja Presbiteriana do Recife, sendo a mesma pastoreada pelo Rev. Israel Gueiros. Foram motivos de espanto as decisões de cancelamento da continuidade das reuniões da Federação de Mocidade no Salão da Igreja Presbiteriana do Recife, sem nenhuma informação prévia e também a proibição dos jovens daquela igreja de participar dessas reuniões. Já no segundo apêndice, percebemos que o teor está mais voltado para a preocupação das acusações que foram feitas pelo Rev. Israel:

Apêndice nº 2: “Recife, 9 de março de 1955. Rev. Sr. Presidente do Presbitério de Pernambuco e demais membros da Executiva. REPRESENTAÇÃO. O Rev. Israel Furtado Gueiros, pastor da Igreja Presbiteriana do Recife (Cais José Mariano), em seu relatório anual de 1954, no Tópico referente a Mocidade, inseriu algumas acusações graves à Confederação de Mocidade Presbiteriana do Brasil e, particularmente a esta Federação da Mocidade Presbiteriana de Pernambuco.” “Atendendo sobretudo a função do autor do relatório em causa, temos tentado aplacar ao máximo o alvoroço que aquelas acusações estão provocando dentro e fora da Mocidade.” “Até mesmo fora do ambiente evangélico do Recife, o mesmo já é conhecido.” “Diante disso vimos pedir a esse respeitável Presbitério que, em caráter confidencial e amistoso, se informe junto aquele ministro (ou em qualquer outra fonte digna de fê), dos seguintes Tópicos: 1. Qual o moço ou a moça que esta FMP já desviou dos caminhos morais ou da sã doutrina evangélica; 2. Qual a orientação revolucionária (no sentido não cristão) que temos imprimido a esta FMP; 3. Como se manifestou orientação modernista e comunista em qualquer atividade desta FMP;

4. Quando esta FMP, ou qualquer dos membros de sua diretoria, disse “sim” e fez “não”, ou vice e versa. S. Se existe qualquer jovem modernista ou comunista não somente nesta diretoria, mas em toda a FMP de Pernambuco.” “Caso se confirmem as acusações contidas no relatório em foco, solicitamos que esta FMP seja informada, afim de que possa providenciar os remédios que se fizerem necessários para esclarecer ou até mesmo afasta-a qualquer jovem. Caso não se confirmem, pedimos esse Presbitério interceda de modo eficaz junto aquele ministro, sem constrangê-lo ofensivamente, no sentido de ser restabelecido publicamente, o bom nome, digo; conceito desta FMP cujo bom nome temos de defender - e assim estamos fazendo sem qualquer insinuação, sem qualquer ressentimento, e com todo respeito aquele ministro presbiteriano. Fraternalmente” (a) Inaldo Ivo Lima-Presidente. (Ata de nº 20, datada no dia 10/03/1955 p. 27-32)

Um fato interessante é que, lembrando a situação do debate de acusação no seio da IPI, onde alguns membros foram acusados de serem liberais, e que não negaram, mas buscaram fundamentar o que defendiam, e olhando agora essa situação entre o Rev. Israel Gueiros e a Federação da Mocidade Presbiteriana de Pernambuco, é nítido que o resultado foi diferente, ou seja, os jovens dessa denominação não só rejeitaram ser chamados de liberais, mas exigiram que o Rev. Israel Gueiros prestasse esclarecimentos diante das acusações que ele tinha feito.

2.4. O alastramento do fundamentalismo protestante através das literaturas e as suas publicações em solo brasileiro

Um dos nomes mais intimamente ligados ao trabalho do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs foi o nome do Rev. J. C. Maris, de Haarlem, Holanda. Ele trabalhou em cooperação com o escritório central daquele concílio em Amsterdã, e no Quarto Congresso Plenário, ocorrido entre 12 e 21 de agosto de 1958, no Rio de Janeiro, ele foi um dos delegados das Igrejas Cristãs Reformadas da Holanda, onde também serviu na condição de pastor numa comunidade em Hasrley. O Rev. Maris ocupou o cargo de diretor-auxiliar da “The Reformation Review”, órgão oficial do Concilio Internacional de Igrejas Cristãs. Em 1954, o Terceiro Congresso da CIIC, reunido em Filadélfia, nomeou o Rev. Maris como seu Secretário na Europa. Ele também foi secretário da “Organização para propagar o testemunho do CIIC, na Holanda” e da “Aliança Europeia do CIIC”.

Na condição de secretário J. C. Maris, escreveu um artigo sobre as publicações do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (CIIC), sendo esse artigo publicado no Encarte do 4º Congresso Plenário. Ele começa trazendo à tona a importância da divulgação do trabalho impresso e, em seguida, mostra a necessidade inevitável desse trabalho:

Desde o primórdio de nosso movimento foi a publicidade uma das nossas maiores preocupações, e o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs não tem deixado de reconhecer essa necessidade. A imprensa tem sido chamada, com toda propriedade, “a rainha da terra”, e parece que sua influência tende a intensificar-se. Desde que a maioria de seus líderes não são adeptos de um cristianismo realmente bíblico, dificilmente se poderia esperar que um grupo relativamente pequeno, como é o do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, pudesse veicular muita publicidade pela imprensa secular. Assim como a imprensa religiosa, que, na maioria dos casos, é de origem ecumênica, ela tem muitas vezes procurado não tomar conhecimento desta “Reforma do Século XX”, e se alguma coisa tem dito sobre ela, tem sido com malícia e perversão. Esta atitude põe em relevo a fraqueza da propaganda ecumênica. E ao mesmo tempo ressalva a energia da verdade objetiva. O Concílio Internacional de Igrejas Cristãs é alicerçado sobre a Bíblia, como Palavra de Deus e, portanto, seu testemunho atinge a corda sensível do coração do povo de Deus. Além disso, as advertências contra o falso ecumenismo são baseadas em fatos que não podem ser contestados. Todos quantos são capazes de julgar com seu próprio raciocínio a estudar a literatura que está sendo publicada. (1958, p. 27).

Ainda nesse seu artigo, o Rev. J. C. Maris não somente mostra a importância e a necessidade das publicações impressas, mas faz uma síntese desse material que está sendo publicado no mundo afora, escrito pelos diversos líderes fundamentalistas, com o intuito de difundir a fé protestante fundamentalista em todos os lugares. E, como não poderia deixar de ser, o nome do Rev. Carl McIntire é citado primeiramente.

O Dr. Carl McIntire, Presidente do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, apresenta clara e bem documentada análise do ecumenismo em seus livros “A Moderna Torre de Babel”, “A Reforma do Século XX” e “Servos da Apostasia”. O último é o mais proveitoso (preço US\$3,00). Em seu semanário “The Cristian Beacon”, conquanto não seja ele uma publicação oficial do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, o Dr. McIntire tem dado abundantes provas dos perigos do ecumenismo durante mais de 22 anos. O Dr. David Hedegard, da Suécia, escreveu um excelente estudo sobre o Movimento Ecumênico. Foi ele publicado originariamente na Suécia. Uma edição inglesa foi publicada com o título “O Ecumenismo e a Bíblia”, e é ainda mais valiosa do que o original. O mesmo livro será publicado na língua holandesa. “Cetrow”, um órgão mensal, é publicado pelo Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, em sua sede central, em língua holandesa, sendo seu redator o Rev. L. Floor. Ele já tem quase completado o seu 11º volume e é divulgado na Holanda, na Bélgica, Indonésia, Índias Orientais e África

do Sul. A revista trimestral do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs “The Reformation Review” é dirigida pelo Prof. J. J. Van der Schuit, sendo o Rev. J. C. Maris o Redator Auxiliar. Já completou ela o seu 5º volume e publica artigos eruditos da lavra de colaboradores de muitos países. Um boletim informativo denominado “International Christian Newsbulletin” é editado pelo Rev. W. C. Van Hatten, e é enviado, em holandês e inglês, a vários jornais. Já se imposto como apreciável fonte de informação. Outra revista de valor é “The Reformation Link”, que é publicada pelo Comitê Consultivo Inglês do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. Seus excelentes artigos e suas bem atualizadas notícias são de grande valia para todos quantos pretendam estudar a situação na Grã-Bretanha. O Concílio Americano de Igrejas Cristãs traz suas igrejas constituintes informadas por uma pequena revista denominada “The American Council Digest”. “Biblical Witness” é o nome de um excelente mensário publicado pelo Concílio Bíblico Cristão da Índia. O órgão é dirigido pelo Rev. J. L. Dorsey, sendo o Rev. R. B. Stron seu Redator Auxiliar. O Rev. Timóteo Tow e o Rev. Quek Chiang de Singapura, publicaram um órgão semanário, o “Malaysia Christian”, para o Concílio Malaio de Igrejas Cristãs. Em Nova Zelândia, o Rev. D. B. Ford Carlisle publica “The Contender”, que é o órgão oficial do Comitê Consecutivo de Auckland do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. O órgão aparece todos os meses. “Faith and Freedom” é o mensário oficial do Concílio Consultivo Australiano. Além desses órgãos de imprensa, o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs publica opúsculos e panfletos sobre vários assuntos, que serão enviados gratuitamente a quem os pedir. As supra mencionadas publicações podem ser solicitadas à sede Central do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, 15 Park Row, New York 38, N. Y. U.S.A. (4º Congresso Plenário, 1958, p. 20).

Não obstante, percebendo a importância da literatura impressa para a formação e divulgação da fé protestante fundamentalista, a liderança do fundamentalismo no Brasil resolve dar a devida atenção nessa área. Até porque a influência e a propagação do liberalismo no Brasil aconteceram primeiramente através de literaturas estrangeiras que eram compartilhadas dentro das salas de aulas dos seminários, por alguns professores. Exemplo disso foi o que ocorreu no Seminário pertencente à IPI, entre o final da década de trinta e início dos anos quarenta, do século XX. Eis portanto a preocupação dos fundamentalistas em ter o seu próprio material. Certa feita, os Reverendos Armando Pinto de Oliveira e Synésio Lyra afirmaram:

Verificado, desde o início, o concurso que à obra do modernismo vinha prestando às revistas de ensino nas Escolas Dominicais, em que prevaleciam os conceitos do Evangelho Social, o Movimento Fundamentalista do Brasil cogitou desde logo desse assunto, tendo promovido meios de evitar que tais revistas continuassem a ser as únicas oferecidas ao evangelismo pátrio. Hoje possui a CIEF a sua própria revista, sob a direção de seu Secretário Executivo, o Rev. Synésio Lyra. [...] Sob a direção da Confederação, e de seu Secretário-

Executivo, Rev. Synésio Lyra, foi fundado o Departamento de Educação Religiosa, que vem publicando literatura para nossas escolas dominicais, desde o segundo trimestre de 1957, distribuída em três cursos: Primários, Intermediários e Jovens e Adultos. Literatura genuinamente bíblica, vem sendo um meio de preparar a nossa gente para repelir as influências modernistas que se vem manifestando através de livros e jornais. Nossa literatura está sendo um antídoto contra o veneno doutrinário que o modernismo tenta injetar no evangelismo brasileiro. (4º Congresso Plenário, 1958, p. 20-21).

Interessante essa questão do valor das literaturas impressas, pois, apesar de tão pouco tempo de contato entre Carl McIntire e a liderança protestante do fundamentalismo no Brasil, houve um investimento nessa área de imediato. Algumas das obras do Rev. McIntire não tardou para que fossem traduzidas no Brasil. O Rev. Israel Gueiros, por exemplo, traduziu “A morte de uma Igreja” (1968). Esse livro foi publicado numa grande quantidade e distribuído nas Igrejas Presbiterianas Fundamentalistas do Brasil. Era quase improvável um membro dessa igreja não ter a posse de um exemplar. Sem falar que era comum encontrar nas estantes dos gabinetes pastorais inúmeros desses exemplares para ser distribuindo gratuitamente a quem tivesse interesse.

Mas, antes dessa obra, foi traduzido outro livro do Rev. McIntire, por sua vez, pelo pastor batista Adrião Bernardes e o seu filho Hugo Gueiros Bernardes, chamado “A moderna torre de Babel” (1952). É o próprio Rev. McIntire que solicita que a apresentação do livro seja feita pelo pastor Adrião. Mesmo que o livro tenha sido publicado em 1952, a data da apresentação consta no dia 7 de junho de 1951. Adrião afirma:

A pedido do autor, escrevo estas palavras de apresentação, desvanecido com a honra de entregar ao público esta obra extraordinária que é “A MODERNA TÔRRE DE BABEL”, escrita pelo Rev. Dr. Carl McIntire e por mim pobremente traduzida para o vernáculo, em raros momentos de laser. É obra de grande atualidade e necessidade e temos a certeza de que há de contribuir para alertar as igrejas e os seus líderes contra os perigos do modernismo insidioso que busca infiltra-se nas nossas igrejas, por várias formas e por diferentes agências do Concílio Mundial de Igrejas. É verdadeiro brado de alerta para as nossas igrejas e pastores, pois mostra-nos como tudo tem sido tramado às ocultas, à revelia dos fiéis, por longos anos, no sentido de formar uma organização ultrapoderosa, capaz de unir todos os credos em um só e destarte destruir as igrejas. O pior é que tudo isto se vem fazendo em nome das próprias igrejas, posto que disto elas não tenham conhecimento. Daí o esforço de alguns, mesmo aqui entre nós, para que não se traga o assunto para o plenário das igrejas, pois os fiéis devem ignorar o que pretendem fazer com as igrejas. A experiência é a mesma em toda parte. Nada fazem à luz do dia, mas nas trevas das suas cogitações soturnas e das suas negações que tocam as raias da incredulidade. Assim é que,

onde mais prevalecem as ideias modernistas hoje, é justamente nos países em que as igrejas se descuidaram da sua missão e permitiram que os seus líderes se entregassem a essa obra daninha de destruição da fé cristã e histórica. Fizeram tudo à surdina, convocaram assembleias e concílios, organizaram planos para reunir a mocidade e encaminhá-la para o programa social, desviando-a assim da verdadeira rota, traçada nas Escrituras. Reformaram o ensino nos seminários, transformando-os em ninhos de liberais e modernistas, enfatuados e incrédulos, mas convencidos de serem os mentores espirituais da humanidade e os tutores das “igrejas novas”. É difícil para o liberal ou modernista fazer o seu trabalho às claras. É da sua índole e da sua missão fingir sempre que crê mesmo naquilo em que não crê, até que sinta estar o terreno preparado para receber as sementes da sua descrença e da sede de domínio. É ardiloso e apresenta-se sempre em trajes de rigor, apto a tomar parte na “festa do amor” ou no “banquete da caridade cristã”, nos quais só ele se apresenta com indumentária própria. Quem ousar dissentir deles não tem amor cristão, nem mentalidade renovada pelas novas revelações e iluminações que incendiaram os seus cérebros privilegiados. Se as igrejas cederem à pressão desses gênios, que restaurará de Cristianismo dentro de um século? Será que as igrejas devem renunciar todo o seu passado, envergonhar-se do que têm crido e ensinado e voltar para Roma e depois misturar-se com todos os credos, pois, como afirmam os liberais, há em todos eles revelações de Deus? Cristãos brasileiros, lede este livro com atenção e oração. Contemplai o quadro que se desenrola aos nossos olhos por este mundo afora. Observai a frieza espiritual até de alguns ministros, cujos sermões descambam para o campo literário, sociológico ou mesmo científico, mas sem aquela substância espiritual por que clamam as nossas almas. Comparai os fatos aqui narrados com outros do vosso próprio conhecimento, estudaí os planos traçados por instituições religiosas para levar a mocidade de roldão para os congressos sociais, literários e de cultura física, como prejuízo total do espírito missionário genuíno; estudaí a literatura religiosa que se edita hoje, em muitas partes do mundo; observai o produto de alguns seminários evangélicos e vede se não sentis dentro de vós mesmos um brado de revolta e um impulso sagrado para entrar na luta pela defesa da fé que uma vez foi dada aos santos. Graças a Deus, pois, porque ainda há um resto que permanece fiel. Deus mesmo levantou Carl McIntire para dar o brado de alarma e organizar a defesa da fé cristã e histórica, ameaçada justamente por aqueles que a deviam. Aí está “A MODERNA TORRE DE BABEL”. Lede este livro e decidi por vós mesmos se quereis ajudar a construir a moderna torre de Babel, ou a destruí-la. Humanamente falando, estamos jogando com o destino das igrejas evangélicas nestes dias de lutas e sofrimentos. Cada um dará conta de si mesmo a Deus. Desejo deixar aqui uma palavra de agradecimento ao meu filho, Hugo, acadêmico de Direito, que, compreendendo a minha dificuldade para traduzir esta obra, dada a falta de tempo, procurou ajudar-me quanto pôde e conseguiu traduzir ainda a Introdução do Dr. McIntire e os dois últimos capítulos deste livro. Que Deus abençoe este trabalho, de modo que venha a contribuir para o fortalecimento espiritual das igrejas de Cristo no Brasil e para edificação espiritual dos fiéis. (BERNARDES, 1951, p. 5-6).

Logo em seguida à apresentação feita no livro “A moderna torre de Babel”, do Rev. Carl McIntire, sendo o mesmo traduzido pelo pastor Adrião Bernardes, McIntire resolve fazer um preito de gratidão, no qual enaltece o trabalho desenvolvido por esse líder brasileiro em prol da causa fundamentalista. Relembra o contato dos dois no Congresso que houve na Argentina, e o desenvolvimento dessa amizade. Isso resultou em sua primeira vinda ao Brasil para compartilhar os ideais do protestantismo fundamentalista, onde a semente foi lançada, germinou e deu seus inúmeros frutos. O Rev. McIntire ressalta a sua gratidão e o valor do trabalho realizado pelo pastor Adrião Bernardes:

Ao entregar aos esclarecidos e piedosos crentes brasileiros esta edição em português de “Modern Tower of Babel”, volvemos os olhos para os céus, pedindo ao Pai Amantíssimo que derrame suas bênçãos sobre o nosso modesto esforço. Sirva-se deste livro o Espírito Santo de Deus, na sua infinita misericórdia, para, em face dos problemas aqui ventilados, infundir valor, firmeza e decisão em corações inúmeros. Profundamente agradecido a Deus pela possibilidade que nos deu de realizar esta obra, queremos aqui consignar o preito de nossa admiração e de nosso reconhecimento ao seu ilustre servo, que tem sido o nosso maior apoio nas realizações no Brasil: - o Dr. Adrião Bernardes. A ele devemos a tradução deste livro, no que foi brilhantemente auxiliado pelo seu jovem filho Hugo Gueiros Bernardes, a quem estendemos os nossos agradecimentos. Lembramo-nos sempre com verdadeiro enlevo de nosso primeiro encontro com Adrião Bernardes em Buenos Aires. Vivíamos então um dos instantes mais difíceis de nossa vida agitada, quando inimigos acérrimos da Reforma do Século XX tudo faziam para desalentar-nos e afastar-nos da luta para que nos sentíssemos vocacionados. E o encontro feliz com esse homem de Deus revigorou nossas energias, confortando o nosso coração. Deus seja eternamente louvado. Desde então Adrião Bernardes, que é ornamento no ministério batista do Brasil, tem posto a sua inteligência brilhante, a sua cultura vasta e profunda e o vigor de sua formosa oratória ao serviço da causa fundamentalista, tornando-se um dos mais prestigiados líderes nesta guerra contra o modernismo, que vai desencadeada, louvado seja Deus, por todo o mundo. Tivemo-lo ao nosso lado em memorável reunião no Teatro Municipal em S. Paulo (Brasil), sendo nosso eficientíssimo intérprete, quando, pela primeira vez, tivemos a aventura de falar ao Evangelismo Brasileiro; ouvimo-lo com desvanecimento em nossa própria igreja em Collingswood, N. J., nos Estados Unidos; tivemos o prazer de aplaudi-lo calorosamente quando deu o seu brilhante testemunho perante a magna assembleia reunida em Genebra (Suíça); trabalhamos sob sua direção quando, merecedor por todos os títulos, ocupou ele o honroso cargo de presidente do Congresso Pan-Americano reunido em S. Paulo (Brasil). Insigne educador, graduado em Filosofia pela Universidade de Baylor nos Estados Unidos, mestre de Teologia, brilhante jornalista e escritor, dedicado pastor, Adrião Bernardes possui todos os títulos para gozar de grande respeitabilidade de que desfruta entre os seus pares e no seio das igrejas evangélicas do Brasil, e para realizar a gloriosa obra como diretor do órgão de combate “O

Fundamentalista” e como presidente da Coligação Fundamentalista do Brasil. Agradecemos a Deus, pela vida desse seu grande servo; e para a sua vida nobre, digna e laboriosa, pedimos constantemente todas as bênçãos celestiais”. (MCINTIRE, 1952, p. 9-10).

Seguido dos contatos entre o Rev. Carl McIntire e a liderança do protestantismo no Brasil, esse fenômeno foi cada vez mais intensificado, resultando em vários encontros e eventos. Podemos, por exemplo, relembrar uma das primeiras programações em prol da fé protestante fundamentalista que ocorreu na cidade do Recife, no início da década de cinquenta, do século XX.

2.5. A consolidação do fundamentalismo protestante estadunidense no Brasil através de uma declaração da liderança nacional

Esses embates ocorridos nos Estados Unidos, entre fundamentalistas e liberais, não tardaram para que chegasse até a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) com o mesmo problema e preocupação. E isso por motivos aparentemente lógicos: Primeiro, a IPB foi fundada pelos esforços das Igrejas Presbiterianas dos Estados Unidos (1859). Segundo, o próprio pioneiro do presbiterianismo no Brasil, o Rev. Ashbel Green Simonton (1833-1867), teve a sua formação no Seminário de Princeton, em meados do século XIX, lugar onde houve inúmeros embates entre os fundamentalistas e os liberais (é certo que na época de Simonton o liberalismo não tinha chegado ainda no seminário). Porém, o terceiro motivo é o que melhor se aplica à preocupação e reação por parte dos líderes que compõem essa denominação. É que, durante esse período, ou seja, em meados da década de cinquenta, do século XX, havia no Brasil alguns missionários que eram ligados às missões norte-americanas e esses ocupavam o ofício de professores em seminários da IPB. O pior é que alguns desses professores estavam sendo acusados de lecionar e opinar a favor de posições tidas como liberais nesses seminários.

Lopes (2002) chega a afirmar que:

O liberalismo teológico já havia chegado ao Brasil e entrado em vários seminários das denominações históricas. Havia professores nestes seminários como Richard Shaull, no Seminário Presbiterianismo do Sul, em Campinas, considerado como pai da teologia da libertação. No Nordeste, alguns missionários americanos da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA) que eram professores do SPN questionavam a integridade dos relatos de Gênesis sobre a criação, atacando a inerrância das Escrituras. (p. 15).

Considerando o perigo iminente que era para as igrejas históricas brasileiras, advindo do liberalismo teológico norte-americano, não tardou para a liderança nacional se posicionar através de uma retaguarda. Meados do século XX é de grande relevância como marco dessa reação ao movimento liberal. Por exemplo, como vimos, em 1951, foi fundada a Aliança Latino Americana de Igrejas Cristãs (ALADIC)⁴⁶. Seu primeiro presidente foi o brasileiro Rev. Synésio, do Rio de Janeiro. Porém, mesmo sendo um congregacional, teve a sua formação teológica oriunda do Seminário Presbiteriano do Norte (SPN). “A ALADIC congregava igrejas fundamentalistas na América Latina e no Brasil e tinha como alvo opor-se na América Latina ao Concílio Mundial de Igrejas (CMI), de orientação liberal e ecumênica”. (LOPES, 2002, p. 15).

Como prova de uma ratificação, a reação por parte dos líderes das igrejas históricas, ainda no ano de 1951, mais precisamente no dia 13 de agosto, reuniu-se na Igreja Presbiteriana da Boa Vista, no Recife, um auditório formado de presbiterianos, congregacionais e batistas, com a presença do organizador do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, o Rev. Carl McIntire.

Pierre Bourdieu na sua obra “As Regras da Arte”⁴⁷ distingue quatro tipos de capital: Econômico, Cultural, Social e Simbólico. Esse encontro de Carl McIntire com essa liderança do protestantismo brasileiro nos fez lembrar a classificação do capital social e o do capital simbólico de Bourdieu. Para esse sociólogo, o capital social é definido pelo conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou um grupo. A posse deste tipo de capital implica a instauração e manutenção das relações de sociabilidade. Por exemplo, os convites recíprocos. Por sua vez, o capital simbólico corresponde ao conjunto de rituais. Aqui, particularmente, podemos lembrar das boas maneiras, ou até mesmo dos protocolos, ligados à honra e ao reconhecimento (2000, p. 244).

Na capital pernambucana, reunido o porta-voz do protestantismo fundamentalista estadunidense, com alguns que compõem a liderança do protestantismo brasileiro, e

⁴⁶ A ALADIC é atuante até o presente momento, tendo realizado recentemente, em Janeiro de 2015, na cidade do Recife a sua XXII Conferência,

⁴⁷ BOURDIEU, Pierre, *As Regras da Arte*, São Paulo, Cia das Letras, 2000.

fazendo uso da palavra o anfitrião Rev. Jerônimo Gueiros⁴⁸, pastor da igreja local, diante de todos, dirige-se ao Rev. McIntire e afirma:

Dr. McIntire: Nesta hora solene, desejo que ouçais de minha própria boca a síntese do que penso quanto à atitude que devemos manter, no seio da Cristandade, neste momento crítico de conflitos nunca visto entre a luz e as trevas, entre os ensinamentos de Deus, na Bíblia e os erros do modernismo⁴⁹ teológico e seus disfarces. [...] O movimento de reação que se vem operando, nos Estados Unidos, sob a inspiração da Bíblia contra a tentativa modernista de pôr em julgo desigual os cristãos fundamentalistas ou ortodoxos e os infiéis ou modernistas, coincide exatamente com a reação que venho promovendo, com muitos de meus colegas no Brasil, vai para meio século⁵⁰. Posso pois, dar, praticamente, as dextas (sic) da fraternidade a vós e a todos os vossos companheiros que ora vos empenhais, em todo o mundo, no santo propósito de acordar o espírito de pureza doutrinária das Igrejas fiéis à Bíblia para o santo combate da fé contra a apostasia e contra a tentativa de consenso entre o templo de Deus e os ídolos. Dada minha semissecular fidelidade à pureza da doutrina cristã, é grande o meu prazer em vos saudar, nesta hora solene de encontro fraternal de tantos evangélicos. (GUEIROS, 1951, 138).

De forma veemente, o Rev. Jerônimo Gueiros prosseguiu com o seu discurso (que deveria ser apenas uma palavra de boas-vindas) mostrando através de fatos históricos que ele não era apenas um defensor teórico das doutrinas defendidas pela ala fundamentalista, mas, acima de tudo, era de fato um prático apologeta da doutrina conservadora.

Quero dar-vos, nesta hora de encontro fraterno, provas documentadas de que minha reação, no Brasil, contra os erros da apostasia que o modernismo teológico encampa, acentua e desenvolve, tem sido persistente e vitoriosa. 1º) – Quando surgiu, com grande intensidade, há mais de 40 anos, nos Estados Unidos, tremenda reação contra o modernismo teológico, fiz-me pioneiro dessa reação, no Brasil, divulgando pelas colunas do Norte Evangélico⁵¹, em Garanhuns, a defesa dos princípios fundamentais da fé cristã, postos em dúvida por esse modernismo, e defendidos, então, pelo *The Fundamentals*, que eu recebia, como redator do referido periódico. [...] 2º) – Quando a

⁴⁸ O Rev. Jerônimo Gueiros foi um dos maiores líderes da IPB, fundador da IP da Conde da Boa Vista, em Recife, foi um dos nomes de destaque entre os intelectuais pernambucanos. Além de ter sido um pastor que gozava de grande respeito, era prestigiado entre os acadêmicos. Chegando a ocupar a Presidência da Academia Pernambucana de Letras de Pernambuco (APL-PE). Para conhecer mais sobre esse personagem, Cf. o artigo de José Roberto e Ester Fraga, “Jerônimo Gueiros: para alguns ele foi a águia para outros o leão”, In. **Lideranças Protestantes no Brasil: Ensaio Biográfico**. (Org.) Ester Fraga, Newton Darwin e José Roberto. Editora da UFPE, 2015.

⁴⁹ Relembrando que na maioria dos casos, nesse contexto histórico, o termo Modernismo é sinônimo de Liberalismo, ou seja, usa-se modernismo em vez de liberalismo.

⁵⁰ A expressão “meio século” é a comparação feita aos seus 50 anos de ministério pastoral, ou seja, como ministro presbiteriano.

⁵¹ Jornal pertencente à Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

literatura religiosa começou a ser contaminada, no Brasil, pelas ideias modernistas, consegui que nossa Assembléia Geral (hoje, Supremo Concílio) se pronunciasse contra alguns livros precursores dessa contaminação, como – a) um catecismo traduzido do italiano por dois ilustres presbiterianos, o qual punha em dúvida as penas eternas; b) os Pontos Principais da Crença Cristã, editado pela “Casa Publicadora Metodista” e que, além de declarar que a Bíblia contém erros, nega a obra da expiação pelo sangue de uma vítima inocente; c) o livro Estudos sobre o Velho Testamento, de primorosa encadernação, em dois volumes, da lavra do notável brasileiro e amigo dos evangélicos, dr. José Carlos Rodrigues (então proprietário e redator do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro), livro que nega escancaradamente a verdadeira inspiração da Bíblia (admitindo-lhe apenas uma inspiração étnica), põe em dúvida muitas declarações dela (ao passo que Jesus Cristo diz que “a Escritura não pode falhar”. (GUEIROS, 1951, p. 138-139).

Assim como alguns materiais de cunho liberal (modernista) estavam sendo traduzidos e publicados no Brasil, e isso representava uma enorme ameaça à fé protestante conservadora, os adeptos do movimento conservador e fundamentalista resolveram contra-atacar com as mesmas armas, ou seja, com publicações. Isso pode ser ratificado com a continuidade das palavras do Rev. Jerônimo Gueiros:

3º) – Todos os evangélicos brasileiros sabem que tenho sempre defendido, durante meus 50 anos de ministério, a verdade histórica do Velho Testamento e a doutrina tradicional da Igreja Cristã sob a inspiração da Bíblia. E isso tenho feito pelo púlpito, pela imprensa e em polêmica acesa com os repetidores dos erros modernistas, especialmente os espíritas, contra os quais escrevi dois livros – *Razões de Meu Silêncio* e o *Espiritismo Analisado*, este publicado agora pela Casa Publicadora Metodista (São Paulo), em segunda edição e com um capítulo novo – O Livro dos livros – para realce do valor da Bíblia como livro inspirado e como primor da literatura universal. 4º) – Há cerca de duas décadas, escrevi, a pedido do Sínodo Setentrional, o *Perigo dos Últimos Tempos*, e, após a parte introdutória, coloquei em primeiro lugar, um capítulo denominado Modernismo Teológico [...]. 5º) – Tenho sempre realçado, em meus pequenos trabalhos de caráter exegetico, a triste verdade de que, em vez de estarmos em tempos de progresso espiritual ou em tempos pentecostais, estamos nos piores tempos da apostasia da Igreja, e de declínio moral da humanidade. [...] Essa apostasia já bate à porta até de Igrejas evangélicas, fortes e piedosas, onde porém, já repontam as novidades aparatosas, mas anti-bíblicas, como a de mulheres diaconisas, presbíteras, pastoras; onde o culto é solene, mas formal e sem vida; e os pastores tão secularizados que se tornam mais do que ineficientes: tornam-se verdadeiros escândalos para a Igreja e para o mundo. (GUEIROS, 1951, p. 139-142).

A história do Rev. McIntire em relação a sua luta contra o liberalismo teológico nos Estados Unidos já era bastante conhecida no Brasil. Não só isso, mas o mesmo se tornou o grande representante do fundamentalismo protestante no mundo. Por sua vez, passou a ser convidado como representante e incentivador da implantação do fundamentalismo noutros países. É certo que nesse momento (1951) em que foi recebido pelo Rev. Jerônimo Gueiros, bem como por inúmeros pastores que representavam as diversas denominações históricas (presbiterianas, batistas e congregacionais), não havia necessariamente um plano específico, ou melhor, um planejamento por parte desses líderes para abertura de uma nova denominação. Isso só veio acontecer em 1956 (IPFB).

O discurso do Rev. Jerônimo Gueiros, ministro da IPB, não girava em torno de uma apologia para abertura de uma nova denominação. Ele era terminantemente contra essa possibilidade. O que o Rev. Jerônimo Gueiros almejava era que o Rev. Carl McIntire soubesse que, assim como ele, havia aqui no Brasil líderes que estavam prontos e atuantes contra o movimento liberal, o qual estava cada vez mais se alastrando pelo mundo a fora, e que tinha chegado à América Latina, como também no Brasil.

Essa postura do Rev. Jerônimo Gueiros, ou seja, sua preocupação de repassar essas informações para o Rev. Carl McIntire, transporta-nos à Bourdieu, quando o mesmo é constantemente lembrado na defesa que faz em relação ao seu conceito de campo. Para ele, o campo pode ser considerado tanto um ‘campo de forças’, pois constrange os agentes nele inseridos, quanto um ‘campo de lutas’, no qual os agentes atuam conforme suas posições, mantendo ou modificando sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p. 231). Nesse caso, os campos são resultados de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo, e o que dá suporte são as relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, isto é, o monopólio da autoridade, que concede o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo. Por sua vez, percebemos que a luta ocorre entre aqueles que pretendem assumir posições e aqueles que desejam mantê-las. Nesse caso, os campos, enquanto espaços estruturados e hierarquizados, são arenas onde são travadas lutas pela conquista de posições e de capital. Por sua vez, naturalmente a estrutura envolve lutas e tensões. Enquanto isso, os agentes que monopolizam a autoridade específica ao campo tendem a organizar estratégias de conservação

Como mencionamos, o certo é que, antes mesmo, da fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (1956), as portas das boas-vindas para o Rev.

McIntire já tinham sido abertas (ele já tinha vindo ao Recife em 1949). Ainda no contexto de recepção por parte do Rev. Jerônimo Gueiros, em 1951, ele afirmou:

Rev. Dr. McIntire: Sem pretender penetrar nos motivos íntimos que vos levaram a ficar fora da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e lamentando as tristes circunstâncias que vos compeliram à fundação da Igreja Presbiteriana da Bíblia⁵², conformo-me com o fato consumado da separação, e considero vossa atual missão como um dique providencial contraposto aos erros modernistas, à tendência apóstata do presente e como um brado de alarma contra o atual pendor para união do templo de Deus com os ídolos. É nessa atitude que vos estendo a mão da fraternidade e vos digo, cheio de amor cristão e santo entusiasmo. Sede bem-vindo, companheiro amigo, na missão que nos irmana! Vosso povo é o meu povo! Vosso Deus é o meu Deus! Vossa Bíblia é a minha Bíblia! Vosso Salvador é o meu Salvador! Vossa repulsa aos erros do modernismo teológico e à tendência de concórdia entre o fiel e o infiel é a minha repulsa, comedida e caridosa, mas enérgica e indômita. (GUEIROS, 1951, p. 142-143).

Nas suas últimas palavras, dirigidas ao Rev. McIntire, o Rev. Jerônimo Gueiros externa a sua esperança e confiança na sua denominação (IPB) no combate ao liberalismo teológico, bem como a expectativa de uma igreja cada vez mais forte e unida:

Estou nos meus últimos dias de vida, mas ainda com o mesmo desassombro e prudência dos primeiros dias, como membro da Igreja Presbiteriana do Brasil [...]. Tenho total confiança na fidelidade doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil, já provada, e na sinceridade de seus grandes próceres e irredutíveis fundamentalistas, que julgo dentro em breve, toda a Igreja, sem perigo de divisão, poderá dizer, pela voz desses próceres, que não há lugar entre nós para os partidários da indiferença dogmática ou da tolerância mal entendida para com os que pleiteiam cooperação, solidariedade ou ligação formal com igrejas idólatras ou apóstatas ou com seitas contrárias aos princípios fundamentais do verdadeiro evangelho. (GUEIROS, 1951, p. 143-144).

Todavia, apesar dos elogios, convicção e otimismo por parte do Rev. Jerônimo Gueiros para com a sua denominação (IPB) e a confiança nos seus companheiros, não

⁵² O Rev. Carl McIntire foi “pastor da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (Igreja do Norte), pastoreando a Igreja de Collingswood, New Jersey. Tendo sido deposto do ministério da Igreja, McIntire organizou com sete outros ministros, em 1938, a Igreja Presbiteriana da Bíblia, inaugurando em seguida, um movimento de separação nas comunidades protestantes. [...] The Bible Presbyterian Church começou com 8.000 membros mais ou menos e sempre tiveram como líder o então ministro presbiteriano McIntire. Este continuou a pastorear em Collingswood, mas agora a The Bible Presbyterian Church Collingswood. Desde cedo as ideias do novo grupo eclesial começaram a ser divulgadas em um jornal, que se torna muito importante e necessário na análise do mesmo, o Christian Beacon”. (MACHADO, 1979, p. 5).

tardou para que surgissem conflitos internos dentro dessa denominação, resultando num novo cisma⁵³. Perceberemos, portanto, os conflitos entre o Rev. Israel Gueiros e a sua denominação, a IPB⁵⁴. Isso resultou na sua disciplina, posterior exoneração, bem como na criação de uma nova denominação: a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB). Porém, diferentemente da fundação da Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil (IPCB), em que os seus pioneiros, reagiram contra uma ala liberal dentro da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), no qual esses liberais assumiram essa nomenclatura, de forma contrária, não encontramos esse mesmo motivo dentro da IPB. Ou seja, o surgimento da IPFB, liderada pelo Rev. Israel Gueiros, justifica-se mais por questões relacionadas a uma perda de espaço político eclesiástico do que por questões doutrinárias. Isso será exposto nos próximos capítulos.

⁵³ O primeiro cisma ocorreu em 1903, quando um grupo, aproximadamente de 1/3 de membros da IPB, liderado pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira, saiu e formou a Igreja Presbiteriana Independente (IPI). A IPI por sua vez, também, sofreu uma divisão, nesse caso, por questões ligadas a posicionamentos liberais, saindo um grupo, formando a Igreja Presbiteriana Conservadora (IPC). Para conhecer melhor a história do cisma da IPI, que deu origem a IPC, Cf. Caderno de O Estandarte (2002).

⁵⁴ Há informações de que, a relação do Rev. Israel Gueiros, não era muito boa com o seu tio, Rev. Jerônimo Gueiros, podemos cita por exemplo que, “em 1946, Jerônimo Gueiros, seu tio, insistiu no seu afastamento do corpo docente por motivo de incompetência e se retirou da Diretoria da instituição quando o sobrinho resolveu permanecer”. A “incompetência” seria decorrente de três fatores: rivalidade com os colegas professores, ausência frequente das aulas e desejo de dominar a instituição. (Paul E. Pierson, *A younger Church in search of maturity - Uma Igreja mais jovem em busca de maturidade*. p. 209. San Antonio, Texas: Trinity University Press, 1974).

CAPÍTULO III – OS EMBATES EM PROL E CONTRA O DISCURSO FUNDAMENTALISTA ADENTRAM OS PORTÕES DO SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE

A formação pastoral teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) é de responsabilidade dos seus seminários. Hoje essa denominação dispõe de dez seminários espalhados pelo Brasil a fora. Essa formação gira em torno geralmente de quatro anos, divididos em oito semestres. Para que aconteça o ingresso em um desses seminários da IPB, o candidato se submete a um Vestibular Unificado⁵⁵, o qual é de caráter eliminatório. Sendo esse candidato aprovado, faz-se necessário para a sua matrícula e ingresso uma carta de recomendação da sua igreja local. Esses seminários são supervisionados pela Junta Regional de Educação Teológica (JURET)⁵⁶, que por sua vez estão subordinadas à Junta de Educação Teológica (JET)⁵⁷.

Hoje a funcionalidade de um seminário pertencente à IPB em relação ao seu corpo docente começa a partir de um convite feito pelo Diretor do seminário ao futuro professor. Em seguida, o seu nome é apresentado à Congregação dos Professores⁵⁸. Posteriormente, é encaminhado para a JURET e finalmente para a JET. Não havendo nada que impeça a contratação desse novo professor, ele passa a lecionar no seminário na sua área específica.

Todavia, nem sempre foi assim. Por exemplo, na década de cinquenta (1950, ou até mesmo um pouco antes), quando a IPB só possuía dois seminários, que era o Seminário Presbiteriano do Sul, localizado em Campinas, São Paulo, e o Seminário

⁵⁵ Esse vestibular ocorre no mesmo dia e horário, nos Estados do Brasil, onde tem seminários que pertence a IPB.

⁵⁶ Cada região do país possui uma Junta Regional de Educação Teológica (JURET), que direciona relatórios sobre orçamentos, propostas de mudanças ou alterações do regimento interno e todas as movimentações em seus seminários e extensões para a Junta de Educação Teológica (JET). Cf. <http://www.ipb.org.br/educacao/juret-junta-regional-de-educacao-teologica>. Consulta feita em 09 de Agosto de 2018.

⁵⁷ A Junta de Educação Teológica (JET) é responsável por supervisionar e administrar qualquer movimentação na área de ensino teológico e religioso da IPB e ainda, criar, colocar em funcionamento e supervisionar cursos de extensão acadêmica, mestrado e doutorado teológico e integrá-los a um dos seminários da IPB. A JET é dividida entre as regiões do Brasil através das Juntas Regionais de Educação Teológica (JURETs), sendo essas subordinadas e intimamente ligadas à JET, que recebe seus relatórios anuais para que sejam tomadas medidas necessárias para o aprimoramento do ensino em cada região, e também as propostas de mudanças que serão levadas pela JET à Comissão Executiva da IPB. Além de todas essas funções, a Junta de Ensino Teológico tem como responsabilidade o curso de Educação Teológica Continuada, oferecido para ministros, com a finalidade de atualização teológica; o Instituto de Pastores, que conta com a colaboração dos seminários; a nomeação de novos professores, e o intercâmbio dos professores de seminários e extensões. <http://www.ipb.org.br/educacao/jet-junta-de-educacao-teologica>. Consulta feita em 09 de Agosto de 2018.

⁵⁸ A Congregação dos Professores é composta dos seguintes membros: diretor, capelão, coordenadores de departamentos, representante dos professores e representante dos tutores dos alunos.

Presbiteriano do Norte, localizado em Recife, Pernambuco, a funcionalidade desses seminários acontecia em parceria direta do Supremo Concílio da IPB, com as missões Norte-Americanas. Cada uma dessas partes enviava as indicações dos nomes dos professores e contribuíam no seu sustento. Por sua vez, a sua representação e funcionalidade interna do seminário era através da Congregação dos Professores, que era supervisionada por uma Diretoria, geralmente composta por alguns representantes de Sínodos. Essa diretoria tinha um Regimento Interno que estabelecia o seu funcionamento⁵⁹. Um detalhe interessante é que, entre o final dos anos quarenta e início dos anos cinquenta (1950), a própria Congregação dos Professores propôs à Diretoria que o envio dos professores para o seminário ficasse sob a responsabilidade unicamente do Supremo Concílio. Dessa forma, os Sínodos e as próprias missões Norte-americanas deixariam de ter participação diretamente em sugerir os nomes que deveriam compor o quadro dos docentes do SPN.

Pensando ainda na funcionalidade e na importância dos seminários na formação dos seus pastores, lembramos um dado curioso e incomum, em relação aos embates que houve no seu nascedouro em relação ao movimento fundamentalista, seja isso nos Estados Unidos, no início do Séc. XX, bem como aqui no Brasil, no final da década de

⁵⁹ Regimento Interno da Diretoria – Art. 1. O Seminário Presbiteriano do Norte – SPN, obedece a uma Diretoria composta de um representante de cada Presbitério compreendido nas regiões dos atuais Sínodos Bahia, Sergipe e Setentrional, e de mais um representante da The North Brazil Presbyterian Mission e da Central Brazil Mission. Art. 2. A Diretoria reunir-se-á ordinariamente uma vez por ano, sempre que possível na última segunda-feira de novembro e extraordinariamente quando necessário, por convocação do presidente. Art. 3. A transferência da representação só se efetuará por ocasião das reuniões ordinárias da Diretoria, a não ser por decisão especial do Presbitério ou Missão; conservando-se, a representação da última reunião ordinária para as reuniões extraordinárias. Art. 4. No caso de não ser renovado o mandato do Presidente e dos seus substitutos legais, a eleição da nova mesa será presidida pelo diretor mais idoso presente à reunião. Art. 5. Constituirá quórum da Diretoria a maioria absoluta dos representantes presbiteriais e mais o representante de cada missão. Art. 6. São membros ex-officio da Diretoria o Presidente e o Secretário Executivo do Supremo Concílio bem como o Reitor, o Deão, o Tesoureiro e o Secretário da Congregação. Art. 7. Compete ao Secretário da Congregação exercer as atividades de Secretário da Diretoria nos interregnos das reuniões, bem como fazer todas as comunicações oficiais da Diretoria, do que deve constar uma cópia da ata para cada Diretor e para a Secretaria Executiva do Supremo Concílio. Art. 8. Compete a Diretoria: a) eleger, dentre os seus membros, anualmente, um Presidente, um Vice-presidente, e um Secretário que terão as atribuições normais destes cargos; b) reunir-se-á com a Congregação dos Professores para com esta eleger, anualmente, entre os professores, o Reitor, o Deão, o Secretário da Congregação, o Tesoureiro e o Bibliotecário; c) receber o relatório anual das atividades do Seminário, apresentado pelo Reitor, e tomar as providências propostas pela Congregação que forem aprovadas pela Diretoria; d) aprovar o orçamento anual do Seminário; e) examinar os livros de Atas da Congregação e o Caixa da Tesouraria para aprovação das contas; f) conferir diplomas nos termos do regulamento do Seminário; h) indicar, licenciar e suspender professores efetivos e contratar professores temporários para preencher lacunas no ensino; i) dar relatório anual de suas atividades à Executiva do Supremo Concílio; j) tomar todas as medidas conducentes à melhor execução dos fins da instituição; l) reformar este regimento mediante o voto de dois terços. (III LIVRO DE ATAS DA DIRETORIA DO SPN, 1953-1965, p. 44b – 45b).

quarenta, também do Séc. XX. É que esses embates ocorreram no seio desses seminários teológicos. Na realidade, percebemos que os seminários teológicos sempre contribuíram não somente para a formação teológica dos seus futuros ministros, mas também na sua própria formação de pensamento. Ou seja, os docentes desses seminários sempre formaram uma ala composta por aqueles que seriam vistos como intelectuais, formadores de opiniões. Dessa forma, era quase inevitável que a formação desses docentes passasse para o grupo de discípulos que estariam seguindo os seus passos.

Não obstante, esses entraves relacionados à questão do discurso em prol do fundamentalismo, bem como um grupo que se posiciona contra, não foi diferente na Igreja Presbiteriana do Brasil. Isto é, tudo começou dentro de um dos seus seminários, o Seminário Presbiteriano do Norte (SPN). É certo afirmar desde já que os motivos foram completamente diferentes do que ocorreu no Seminário de Princeton (USA), como também na Faculdade de Teologia pertencente a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB)⁶⁰. Nessas duas instituições, como já visto, houve de fato posicionamentos liberais teológicos, em que os próprios personagens envolvidos e acusados assumiram as acusações. Diferentemente, o mesmo não acontece quando o Seminário Presbiteriano do Norte (SPN) é acusado pelo Rev. Dr. Israel Gueiros de ter aberto as portas para o liberalismo teológico, assim como ocorreu nos Estados Unidos. Pois, nesse caso, não só houve uma negação por parte da liderança do SPN, mas também uma contrarreacção da própria liderança nacional da IPB para com as acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros. É o que veremos a seguir.

3.1. Os conflitos iniciais entre o Reverendo Israel Gueiros com a Congregação dos Professores do Seminário Presbiteriano do Norte

Inicialmente é bom que saibamos que o Rev. Israel Gueiros sempre foi um líder nato e um grande contribuinte para o desenvolvimento e o bom andamento do SPN. Basta lembrarmos que, além de professor do SPN, ele foi deão, reitor e o grande líder do fundamentalismo, após o nome de McIntire. Sempre esteve envolvido com os projetos dessa instituição. Por isso, não foi por acaso que seu nome sempre foi lembrado em vários projetos e convites. Por exemplo, na reunião da Congregação dos Professores do SPN, realizada no dia 24 de outubro de 1945, percebemos o registro de comunicação por parte do Rev. Israel Gueiros, em que ele faz saber a necessidade da sua ausência durante alguns

⁶⁰ Tratamos desses episódios nos capítulos I e II.

meses, como professor do SPN, devido um convite que lhe fora feito para uma missão no exterior. É nessa mesma reunião que encontramos a citação da chegada do Rev. Oton G. Dourado para lecionar no SPN.

[...] O rev. dr. Israel Gueiros comunicou ter recebido um convite do Board de Missões Estrangeira de Nova York para fazer parte de uma comissão de confraternização, que deve visitar os Estados Unidos a começar de Dezembro de 1945, visita que durará mais ou menos oito meses, pelo o que o referido professor estará ausente o ano vindouro. Sabendo que o rev. Samuel Falcão também estaria ausente o ano vindouro, em curso de especialização no Union Seminary, Richmond, Virginia, a Comissão Executiva do Sínodo resolveu ontem eleger o rev. Oton Guanais Dourado para professor do Seminário, sustentado pela Central Brazil Presbyterian Mission, a qual informou que vai mandar apenas um professor preferentemente brasileiro. A Congregação se mostra bastante satisfeita com essa resolução da Executiva do Sínodo. O rev. Israel Gueiros comunicou ainda que tem licença da Executiva do Sínodo para ausentar-se e que o rev. Natanael Beutmiller foi indicado, por sugestão sua, para substituí-lo no Seminário, percebendo o ordenado que ele, o rev. Israel Gueiros, recebe como professor. A congregação se declara satisfeita com essas medidas pela Executiva do Sínodo e o rev. Israel Gueiros para a sua substituição no Seminário. (Ata 5ª, 1945, p. 8a até 9b).

Algum tempo depois, foi a vez do Rev. Oton Guanais Dourado especializasse no exterior. Dessa vez, no Seminário de Princeton. No dia 10 de fevereiro de 1949, encontramos nos registros de Atas da Congregação dos Professores do SPN o retorno do Rev. Oton. Guanais Dourado, dos Estados Unidos, depois de um período de estudos, agora enviado diretamente pelo Supremo Concílio para lecionar no SPN. “Considera-se o fato de que o Rev. Dr. Oton Guanais Dourado, nosso novo professor pelo Supremo Concílio, especializou-se em Filosofia e Teologia.” (Ata 33, 1949, p. 79b, 80a e 81a).

Essa mesma Congregação de Professores do SPN, na reunião que ocorreu no dia 26 de novembro de 1949, resolve registrar os seus agradecimentos e a sua satisfação pelos professores que lhes foram cedidos. Entre esses, consta o nome do Rev. Oton G. Dourado.

O reitor leu o relatório que vai apresentar à Diretoria. Resolve-se expressar a nossa gratidão à Central Brazil Presbyterian Mission por nos ter cedido o Rev. Alexander Reese como substituto do Rev. H. J. Him durante as férias deste nos Estados Unidos, e ao Supremo Concílio por nos ter dado mais um professor na pessoa do Rev. Dr. Oton Guanais Dourado, com cuja atuação estamos plenamente satisfeitos. Solicitamos que o Supremo Concílio continue a nos proporcionar dois professores afim de podermos alcançar o padrão de ensino que todos almejamos. (Ata 45, 1949, p. 111a - 112a)

É dentro desse contexto que começam os problemas internos e os embates dentro do SPN entre o Rev. Israel Gueiros e os integrantes que compõem a Congregação dos Professores do seminário. Na realidade, tudo começou quando o Rev. Israel Gueiros, sobrinho do Rev. Jerônimo Gueiros⁶¹, passou a fazer acusações ao Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), afirmando que o mesmo tinha aberto as portas para a propagação de ensinamentos liberais, por parte de alguns dos seus professores⁶². Na ocasião, o Rev. Israel Gueiros era pastor da Igreja Presbiteriana do Recife (pertencente à IPB), e também professor do SPN.

O Rev. Israel Gueiros, que durante algumas décadas ensinava inúmeras disciplinas no SPN (desde 1932), passou a ser substituído em algumas delas por professores recém-chegados, entre esses o Rev. Oton G. Dourado, tendo feito a sua Pós-graduação no Seminário de Princeton (USA). O Rev. Oton, assim que retornou para SPN (fevereiro de 1949), assumiu a cadeira de homilética, que era ocupada pelo Rev. Israel Gueiros. Como se não bastasse, antes mesmo de assumir a cadeira no SPN, o Rev. Oton “foi convidado para palestrar em torno de Ecumenismo num Congresso de Jovens que se realizava no próprio seminário. Desde então inicia-se certa oposição por parte do Dr. Gueiros” (MACHADO, 1979, p. 9).

Além do mais, a Congregação dos Professores do SPN, ainda durante esse período, elabora um anteprojeto que objetiva algumas mudanças no Regimento Interno do SPN. Esse anteprojeto foi enviado para apreciação da Diretoria que rege o seminário, e em seguida para ser encaminhado ao Supremo Concílio. Por esse motivo, no dia 16 de junho de 1950, essa mesma congregação reúne-se em caráter extraordinário a pedido do Rev. Israel Gueiros. Na Ata 54a, datada no dia 16 de Junho de 1950, encontra-se a seguinte informação:

[...] no salão da Biblioteca, reúne-se extraordinariamente a Congregação do Seminário Presbiteriano do Norte, por solicitação do Rev. Dr. Israel Gueiros, para protestar contra o que fizera esta congregação em sua reunião ordinária dos dias 13 e 14 do corrente⁶³, na

⁶¹ O Rev. Jerônimo não concordava e nem apoiava as ideias do seu sobrinho Israel. Quando a IPFB foi fundada em 1956, o Rev. Jerônimo já tinha falecido (1953). Cf. PIERSON (1974).

⁶² Cf. a dissertação de CAMPOS Jr. (2003).

⁶³ Eis uma parte da Ata dessa reunião: “[...] foi lido e discutido o anteprojeto do novo regulamento, pedido pela Diretoria à congregação, o qual foi preparado pelos Revs. Oton Guanais Dourado e E. R. Arehart. O Reitor agradeceu à comissão que preparou esse anteprojeto, a qual trabalhou muito e realizou um bom trabalho. Em seguida foi discutido o referido ante-projeto. Resolve-se designar o Rev. Oton G. Dourado para apresentar o ante-projeto em discussão à Diretoria e para acompanhar a representação oficial da mesma diretoria na apresentação desse regulamento ao Supremo Concílio que se vai reunir o mês vindouro em Caratinga e Presidente Soares, Minas. [...] Foi amplamente discutido mais uma vez o ante-projeto do novo

qual foi discutido e aprovado o ante-projeto de regulamento em sua reunião conjunta com a Congregação a 28 de Novembro do ano passado (ver p. 119), afim de ser apresentado ao Supremo Concílio a reunir-se o mês vindouro. Presente todos os professores, foi aberta a sessão orando o Rev. Samuel Falcão. Foi lida e aprovada a ata anterior, abstendo-se de votar o Rev. Dr. Israel Gueiros. Em seguida o Rev. Dr. Israel Gueiros declarou estranhar que “a Congregação tenha realizado uma reunião clandestina, aproveitando-se da ausência dele, afim de tratar dos assuntos do maior interesse do Seminário sem a sua presença, sendo ele professor há 18 anos, com direitos adquiridos nesta instituição”. Declarou ainda que “a maioria das resoluções tomadas pela Congregação em sua última reunião foi tomada contra o professor que estava ausente”. Que “a deposição do mandato dos professores nas mãos da Diretoria e do Supremo Concílio foi uma resolução cavilosa da Congregação contra um professor”. Disse ainda: “Os senhores podem pedir demissão, porém eu não renuncio nada”.

A declaração do Rev. Israel Gueiros de não renunciar a sua condição de docente do seminário era porque a Congregação dos Professores tinha “aberto” mão dos seus cargos, para que através do seu novo regimento o próprio Supremo Concílio determinasse e enviasse os professores que deveriam fazer parte do corpo docente do seminário. Anteriormente, esses docentes eram enviados em parceria com os Sínodos e o próprio Supremo Concílio da IPB. No regimento passado, o Rev. Israel tinha assento garantido, tendo em vista que ele era presidente do seu próprio Presbitério e representante do seu próprio Sínodo. Mas, com essa nova proposta da Congregação dos Professores, isso não garantiria que o seu lugar seria preservado⁶⁴. Eis um dos motivos dele achar que fora traído pelos seus colegas.

Ainda nessa mesma Reunião Extraordinária, do dia 16 de junho de 1950, encontramos em seus registros os ânimos acirrados entre o Rev. Israel Gueiros para com os demais professores da congregação do SPN. É nesse momento que o Rev. Israel acusa

regulamento e são feitas modificações antes de enviá-lo à Diretoria, ficando o Rev. Oton G. Dourado encarregado de fazê-lo datilografar outra vez com essas emendas. (Livro de Atas da Congregação dos Professores do SPN, V. 1, Ata de nº 53, 1950, p. 134b, 136b, 137a).

⁶⁴ O Reitor do SPN, nessa ocasião era o Rev. Alexander Reese, o qual fez um relatório no primeiro semestre de 1950, pra ser enviado ao Supremo Concílio, onde relembrar esse contexto da reunião: “Nenhum membro da Diretoria ou da Congregação do Seminário poderia esquecer-se da cena espantosa naquela reunião conjunta em Novembro de 1949 quando Dr. Gueiros foi informado pela Diretoria de que este corpo administrativo não podia recomendá-lo ao Supremo Concílio para ser confirmado como professor permanente do Seminário. A Diretoria havia estabelecido que aquela matéria era da alçada do Supremo Concílio e também já havia opinado que todo professor permanente devia dar tempo integral ao Seminário. Em alta voz, que podia ser ouvida muito além da Biblioteca em que nos reunimos, o Dr. Israel Gueiros acusou a Diretoria de mentira oficial e acrescentou que os Diretores deviam ter a honestidade de dizer, sem reboços, que queriam ficar livres dele, em vez de se escudarem por traz de um tempo integral que ele não podia dar [...]”. (RELATÓRIO, 1950, p. 2).

de modernista o Rev. Oton Dourado e afirma o motivo de ter essa opinião. Por sua vez, o Rev. Oton pede que o mesmo apresente as provas das suas acusações:

[...] declarou que o Prof. Oton Guanais Dourado é ‘modernista e que é iníquo que quer lançar o Seminário e a Igreja no abismo’. Pedindo o Rev. Oton que ele provasse suas acusações, o Dr. Israel Gueiros respondeu: ‘Considero-o modernista até que prove que não é. Considero modernista todo aquele que é inclusivista’. E estas palavras ele as pronunciou gritando, com a maior violência, e isto sem nenhuma provocação por parte do Rev. Oton Dourado e de qualquer membro da Congregação. (Livro de Atas da Congregação dos Professores do SPN, Vol. I, 1945-1951, p.)

Todavia, enquanto o Rev. Israel Gueiros acusava os amigos de traição, tendo em vista que a decisão da elaboração do anteprojeto ocorreu na sua ausência, por sua vez, o Reitor do SPN, o Rev. A. Reese, respondeu que o Dr. Israel Gueiros tinha se ausentado da reunião ordinária, bem como de várias aulas do seminário sem dar qualquer razão de sua ausência. Ele continuou afirmando que não admitia que fosse preciso adiar uma reunião de grande importância porque um membro se ausentou sem necessidade e sem prestar qualquer satisfação. E em referência à resposta às suas acusações, o Dr. Israel Gueiros foi informado também de que nenhum professor recebeu cópia do novo regulamento a não ser na tarde do dia em que se reuniu a Congregação, em 13 de Junho corrente, dia de reunião regular da Congregação de acordo com a resolução tomada na primeira sessão do ano em curso, em 28 de Fevereiro, com a presença do Rev. Dr. Israel Gueiros (p. 122)⁶⁵.

Ainda nessa Reunião Extraordinária, o Prof. Oton Dourado, relator da Comissão que organizou o anteprojeto, também em resposta às acusações do Dr. Israel Gueiros, declarou ter trabalhado no referido anteprojeto até o momento em que enviou as cópias aos professores na tarde do dia em que se reuniu a Congregação. Ainda fez questão de destacar o fato de que, mesmo que tenha se ausentado, o professor Rev. Israel Gueiros tem todo direito e oportunidade de mandar suas sugestões de mudanças no novo regulamento à Diretoria e ao Supremo Concílio, em cujas reuniões será estudado, discutido, aprovado ou rejeitado o anteprojeto enviado pela Congregação a pedido da Diretoria.

⁶⁵ Referência a Ata da Congregação dos Professores do SPN, onde consta a presença de todos os professores, inclusive a presença do Rev. Israel Gueiros.

Nessa ata de número 54, datada no dia 16 de junho de 1950, da Congregação dos Professores, referente à Reunião Extraordinária, encontramos a decisão dos professores abrindo mão dos seus mandatos, para que o Supremo Concílio a partir desse momento fique com total incumbência dessa tarefa:

[...] Em tempo. Resolve-se acrescentar à ata anterior, a de nº 53a, as seguintes resoluções que, por inadvertência, o secretário deixou de copiar no lugar próprio. “[...] Em vista da nova Constituinte e do fato que uma nova época está se inaugurando na vida do Seminário, os membros da Congregação do Seminário resolvem depor, nas mãos da Diretoria do Seminário e do Supremo Concílio, os seus mandatos como professores; assim os egrégios concílios terão plena liberdade de constituir a nova Congregação conforme os trâmites do novo regulamento. Isto se torna mais desejável em vista das alegações que estão sendo feitas a respeito da ortodoxia de certos professores, a qual tem-se posto em dúvida. (p. 137b-144a).

Um fato interessante é que, em 1949, acontece o primeiro encontro pessoal dos Reverendos Israel Gueiros e McIntire, que veio para Recife à convite do Rev. Israel Gueiros (que nesse momento ainda era professor do SPN):

[...] “à Diretoria do Seminário, que o aceitou e, para fazer justiça, somente na condição de convidar também o representante do CMI, Karl Boegner [...]. A Congregação do Seminário havia agido de boa fé e McIntire veio. Dr. Israel tomou suas medidas e Dr. Boerner não veio” (MACHADO, 1979, p. 9).

Apesar de ser o primeiro encontro, o Rev. Israel Gueiros já conhecia o Dr. McIntire de um bom tempo⁶⁶. Quando veio ao Recife em 1949, o Rev. McIntire liderava o Concílio Americano de Igrejas Cristãs e o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs.

É possível afirmar que o conflito interno no Seminário Presbiteriano do Norte era notório, pois o Dr. Israel desferia ataques aos colegas e à Igreja Presbiteriana do Brasil, chamando-a de adúltera⁶⁷. Ainda disse que o Rev. Oton era modernista, homem iníquo,

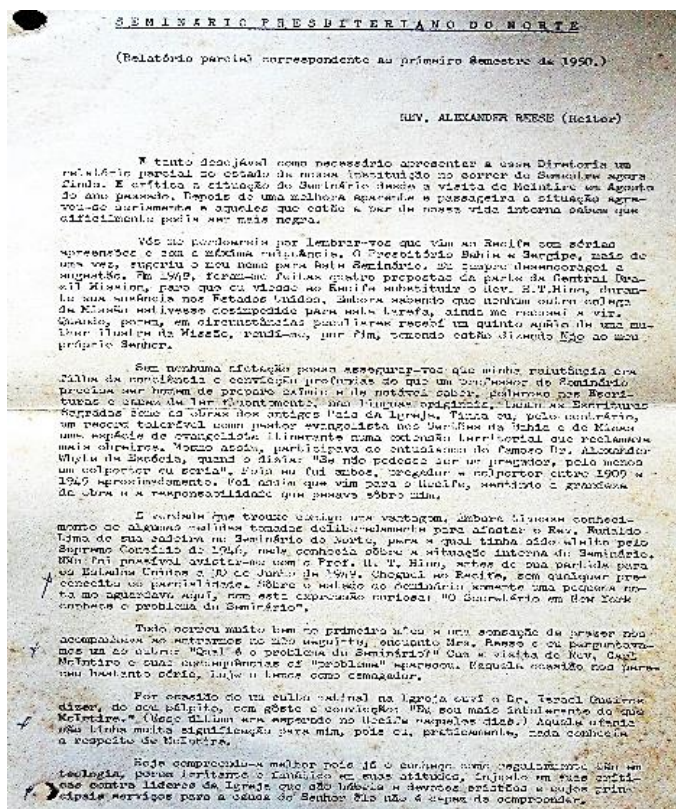
⁶⁶ Os contatos iniciais entre os Rev. Israel Gueiros com Carl McIntire se deram da seguinte forma: “chegou às suas mãos um exemplar do *Christian Beacon*, editado por McIntire, o qual expressava num dos artigos seus pensamentos, que vieram a chamar a atenção por identificarem com os seus. Foi aí então que começou o relacionamento dos dois líderes. Dr. Israel teve seu segundo contacto com McIntire, lendo o livro deste, *Twentieth Century Reformation*. Logo entrou em contacto com o mesmo, convidando-o a falar no Recife, onde mais tarde, no ano de 1949, deu-se o terceiro contacto, agora pessoal. Nasceu assim um estreitamento de laços de amizade e idéias” (Cf. MACHADO, 1979, p. 7). Duas obras de McIntire foram traduzidas para a língua portuguesa, pelo Rev. Israel Gueiros. *A moderna torre de Babel* (1952) e *A morte de uma Igreja* (1968). Há um polêmico artigo sobre Carl McIntire ter oferecido uma certa quantia para ter apoio ao movimento fundamentalista no Brasil. Cf. CUNHA (2000).

⁶⁷ O Rev. Reese no seu relatório parcial correspondente ao primeiro semestre de 1950, fazendo lembrar esse contexto histórico, diz: “[...] naquele culto histórico de 16 de Setembro de 1949, nosso Reitor de então, referindo-se à Constituição da Igreja, acusou a Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil de adultério (sic),

mas sem nenhuma prova sequer. Dentro desse contexto, pensando no bem estar da instituição, na sua preservação, e tentando combater as acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros, bem como o resultado da visita do Rev. McIntire ao SPN, o Rev. Alexander Reese, assim que assume a Reitoria do SPN, no seu relatório parcial correspondente ao primeiro Semestre de 1950, preparado para a reunião do Supremo Concílio em Caratinga e Presidente Soares – MG, afirma:

É crítica a situação do Seminário desde a visita de McIntire em Agosto do ano passado. Depois de uma melhora aparente e passageira a situação agravou-se seriamente e aqueles que estão a par de nossa vida interna sabem que dificilmente podia ser mais negra. [...] Não é exagerado dizer que esta Igreja tem o ministério mais conservador e mais agressivamente evangélico do mundo, os Seminários mais conservadores, de toda a Igreja Presbiteriana Universal [...]. Farejando a praga do modernismo que suspeita já estar engolfando até as igrejas mais conservadoras do Brasil [...]. É como se um médico diagnosticasse uma mancha de nascimento como lepra, um caso de bronquite como tuberculose, ou úlcera como câncer. (RELATÓRIO, 1950, p. 1, 5-6).

porque, em 1939, introduziu a palavra “cristã” no seu nome oficial [...]. Eu ouvi a difamação e tomei nota, o prof. Oton ouviu-a e tomou nota. Os estudantes ouviram-na. Aquela reunião sensacional terminou de modo único e, penso eu, muito apropriado. Os dois professores levantaram-se, em sinal de protesto e repreenderam energicamente o Reitor por suas acusações difamatórias e temerárias contra os colegas da Congregação e contra a Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil, que todos nós amamos. [...] Na manhã seguinte, numa atitude cristã, generosa e digna, Dr. Israel Gueiros, diante dos estudantes e da Congregação, pediu desculpas pela injustiça com que tinha tratado os seus colegas. Ele mesmo admitiu que, por causa do seu temperamento, era-lhe impossível suspender juízo sobre uma questão. Mas o Dr. Gueiros não se retratou da falsa difamação lançada contra a Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil que lhe tem proporcionado bênçãos incalculáveis. [...]”. (RELATÓRIO, 1950, p. 5).



Relatório do Reitor do SPN, Reverendo Alexander Reese, objetivando refutar às acusações do Rev. Israel Gueiros, no primeiro semestre de 1950. Acervo do SPN.

Na proporção em que o tempo passava, aumentava a animosidade entre o Rev. Israel Gueiros e os seus colegas do Seminário Presbiteriano do Norte. Não havendo mais clima para convivência e permanência do Rev. Israel Gueiros no SPN, a sua relação com o seminário chega ao fim:

Na reunião do Supremo Concílio de 1950 em Janeiro, na sua 14ª sessão, encontramos o doc. 304 que trata do pedido de demissão do Rev. Dr. Israel Furtado Gueiros, nos seguintes termos: O Supremo Concílio resolve: 1. Registrar sua apreciação pelo espírito de sacrifício e nobreza de atitude do rev. Israel Gueiros; 2. Registrar seu sincero agradecimento ao rev. Israel Gueiros pela colaboração desinteressada que prestou ao Seminário em dias difíceis e espinhosos quando nem mesmo a remuneração de seus serviços se lhe pagava; 3. Aceitar a renúncia do rev. Israel Gueiros; 4. Oferecer ao rev. Israel Gueiros, a título de gratificação, a quantia de Cr\$ 20.000,00 (MACHADO, 1979, p. 10-11).

Na reunião da Congregação dos Professores do SPN, na sua Ata de número 55, datada no dia 22 de julho de 1950, encontramos a seguinte informação: “[...] Nota-se a ausência do Rev. Dr. Israel Gueiros, que renunciou o seu lugar de professor deste seminário na última reunião do Supremo Concílio em Alto Jequitibá, Minas, no mês corrente [...]” (p. 144a e b).

Com a saída do Rev. Israel Gueiros do SPN, o Rev. Samuel Falcão ficou incumbido de assumir a disciplina que era lecionada por ele, em cuja reunião ficou de ser posto em prática o regulamento aprovado pelo Supremo Concílio:

Em vista da renúncia do Rev. Dr. Israel Gueiros, fica o rev. Samuel Falcão encarregado de o substituir na direção do Departamento Evangelístico, até ser feita a substituição definitiva, sendo a opinião da Congregação que esse cargo deva caber ao professor de homilética e teologia pastoral. [...] Resolve pôr em vigor imediatamente o novo regulamento, aprovado pelo Supremo Concílio, com exceção do que não foi aprovado.” (Ata da Congregação dos Professores do SPN, número 56, 08 de agosto de 1950, p. 146a e b).

Mesmo diante dessa situação conflituosa entre o Rev. Israel Gueiros com o SPN, não se anulou o sentimento e o carinho que os seminaristas tinham por ele. Por exemplo, a turma do ano de 1950 resolveu prestar-lhe homenagem propondo o seu nome como paraninfo da turma. Todavia, como era de se esperar, a Congregação dos Professores foi contra e alegou os motivos. Eis uma parte dessa resolução:

[...] não pode concordar com a escolha do paraninfo em vista dos recentes acontecimentos, resolve-se convidar os concluintes a que compareçam à presença da Congregação afim de ouvirem as razões que tem a Congregação para discordar da resolução que tomaram. [...] quanto à escolha do Dr. Israel Gueiros para ser o paraninfo da turma, era uma homenagem que lhe queriam prestar na qualidade de grande amigo dos estudantes, e que esse propósito tinha sido tomado desde o primeiro ano e não propriamente agora. [...] quanto à escolha do nome do Dr. Israel Gueiros para paraninfo da turma, a Congregação declarou não concordar de modo algum, apesar de respeitar os motivos de amizade e gratidão que inspiração, digo, inspiraram esse convite. É lido para informação dos jovens um documento enviado ao Supremo Concílio, no qual se mencionam as acusações injustas e caluniosas que o Dr. Israel Gueiros fez a esta congregação e especialmente ao Rev. Dr. Oton Dourado, acusações que ele nunca retirou nem revelou qualquer arrependimento de os ter feito. Convidá-lo agora para ser paraninfo da turma de concluintes deste Seminário é mostrar-se solidário com ele nos seus insultos a esta congregação. Ademais, impetuoso como é, o Dr. Israel Gueiros poderia dizer em seu discurso de paraninfo, coisas altamente inconvenientes, sobretudo numa reunião festiva de encerramento.” (Ata número 57, 12 de setembro de 1950, p. 148 - 152).

A situação não era fácil para o SPN. Grande era o desgaste, fruto desses embates entre o Rev. Israel Gueiros e os seus colegas de ministério. Todavia, fazia-se necessária uma postura por parte da liderança do seminário, pois, naturalmente, o mesmo corria os seus naturais riscos, estando entre tantos a propagação da difamação. O Reitor do SPN, o Rev. Alexander Reese, sabendo disso, afirma:

Se a Diretoria do Seminário pode, de algum modo, sustar os demônios terríveis da suspeita, da intolerância, do rancor, do fanatismo, da calúnia, então as outras dificuldades naturalmente desaparecerão e o Seminário erguerá sua frente a novas conquistas de serviço e inspiração. Mas se estes demônios não forem exterminados, então eles lançarão o Seminário, despenhadeiro abaixo, no mar do esquecimento. [...] Durante este último ano, no qual participava da vida íntima do Seminário, meu espírito tem se angustiado à vista do rumo em que vão os acontecimentos desde a visita de McIntire. Compreendendo agora qual é o problema do Seminário, cheguei à conclusão que a melhor causa a fazer era não temer a ira de um homem de pretensões colossais, mas dizer a verdade, toda a verdade, e nada senão a verdade. Se temermos somente a Deus nesta crise terrível do Seminário e da Igreja, teremos razões para crer que Ele nos dará a vitória, e as causas que concorrerão para a Paz”. (RELATÓRIO, 1950, p. 9).

Como anteriormente dito, o SPN, através da sua liderança, não somente discordou das acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros, como também contra-atacou. Agora, sem a presença do Rev. Israel Gueiros na condição de docente no SPN, tudo levava a crer num período de bonança e tranquilidade. Porém, o que o SPN não previa era que um dos seus professores, numa determinada ocasião, viesse publicamente a defender ideias oriundas do liberalismo teológico.

3.2. O Seminário Presbiteriano do Norte diante o liberalismo teológico defendido e ensinado por um dos seus professores o Reverendo Hershey Julien

Como se não bastasse a crise e os embates entre o Rev. Israel Gueiros e o Seminário Presbiteriano do Norte, outro grande problema que o seminário teria que enfrentar, sem que se imaginasse, estava para surgir. No início da década de cinquenta, do século XX, chega no Seminário Presbiteriano do Norte, para lecionar e contribuir noutras áreas administrativas, o missionário pertencente a Central Brasil Mission (Missão Central). Enviado como seu representante, vem para cooperar temporariamente, tendo em vista a necessidade desse pedido ter sido feito pelo próprio SPN. Prontamente, a Missão Central indica o nome do Rev. Hershey Julien. Assim que o Rev. Julien chega no SPN, passa a assumir o cargo de bibliotecário, que antes era ocupado pelo Rev. Israel Andrade⁶⁸ (III Livro de Atas da Diretoria do SPN, p. 2a e b, e 3a).

⁶⁸ Depois de ter servido como professor no Seminário desde o segundo semestre de 1951 até o ano de 1954, o Rev. Ismael Andrade ganhou bolsas de estudos, e por esse motivo, viajou com a família para estudar nos Estados Unidos. (Cf. Livro de Atas da Diretoria do SPN, Vol. III, 1953-1965, p. 7b e 8).

A presença de professores novos era sempre uma constante no SPN, devido a sua necessidade, pois alguns desses professores precisavam tirar férias ou aproveitavam para fazer cursos de pós-graduação nos Estados Unidos, através de recebimentos de bolsas de estudos. Ainda no início da década de cinquenta, dois novos professores chegam no SPN para completar o número de cinco professores necessários no corpo docente: dois por conta da Missão do Norte, dois por conta da Missão Central e um por conta da Igreja Presbiteriana do Brasil. Um desses professores, o Rev. Hershey Julien, dessa vez veio como substituto do Rev. Dr. H. T. Hinn, que se demitira em 1952. Desse modo, a Missão Central resolveu mais uma vez externar o seu interesse por este seminário, providenciando um substituto para o Rev. Hinn. O Rev. Julien é relembrando como um dos professores que trabalhava na mais perfeita harmonia, com os seus demais colegas de ministério.

A congregação dos professores do SPN, referindo-se ao Rev. Julien e às disciplinas por ele lecionadas, afirma que ele:

Ensinou com notável dedicação e eficiência, mostrando grande interesse por todos os trabalhos do Seminário e pelo bem estar dos estudantes. Além de servir como bibliotecário, ensinou várias matérias de nosso currículo, a saber, grego no ano pré-teológico, psicologia, ética, liturgia e inglês, além de colaborar com os demais professores na crítica dos sermões de prova dos estudantes, parte integrante do curso de homilética. Embora esteja relativamente há pouco tempo no Brasil, o Rev. Julien maneja bem a língua portuguesa, sendo clara a sua pronúncia e notável o seu progresso no conhecimento de nossa língua. (Livro de Atas da Diretoria do SPN, Vol. III, 1953-1965, p. 7a e b).

Todavia, apesar dessa boa relação de convivência e atuação do Rev. Julien no SPN, isso não impossibilitou, nem tão pouco tardou, para que surgissem alguns enormes e sérios problemas. Ora, o SPN tinha sido acusado há poucos anos pelo Rev. Israel Gueiros. Ele acusou o SPN de ter aberto as portas do liberalismo teológico, e isso não foi admitido em hipótese alguma pela liderança do SPN. Todavia, mais uma vez, o seminário se encontrava nessa mesma condição, e talvez em pior situação. Isso porque um dos seus atuais professores, mais especificamente o Rev. Hershey Julien, estava sendo acusado de lecionar e de defender nas suas aulas, e até mesmo fora delas, ensinamentos oriundos da teologia liberal.

De imediato, sabendo disso, e não perdendo a oportunidade, o Sínodo Setentrional, do qual o Rev. Israel Gueiros era o presidente, procurou as devidas satisfações desses fatos, enviando assim um documento para a Congregação dos

Professores do SPN. Prontamente, a Congregação dos Professores do SPN responde ao colendo Sínodo Setentrional da seguinte forma:

A Diretoria deixar de receber o documento referente ao Prof. Rev. Hershey Julien, visto que somente os Presbitérios e o Supremo Concílio podem-se dirigir à Diretoria do Seminário como órgãos de relação, ficando este egrégio concílio com o direito de se fazer ouvir por meio dos referidos órgãos'. Resolve-se encaminhar à Executiva do Supremo Concílio informações completas sobre a não renovação de contrato com o Rev. Prof. Hershey Julien, ficando a Congregação dos Professores encarregada de historiar o caso, (Apêndice 3). (Livro de Atas da Diretoria do SPN, Vol. III, 1953-1965, p. 15b).

Era dever da liderança do SPN responder às acusações que estavam lhes sendo feitas, as quais, diferentemente do passado, demonstravam haver veracidade. Devido a isso, o seminário procurou resolver imediatamente o problema. Exemplo disso é que encontramos um apêndice no qual são relatados os detalhes da decisão do seminário em relação ao professor Julien, e segue a resposta da Congregação dos Professores do SPN para a Diretoria dessa mesma instituição.

Todavia, inicialmente a Congregação relembra que a presença do professor Julien foi uma deliberação da própria Diretoria que regia as decisões do seminário. Com esse procedimento, notamos que a Congregação desejava lembrar que estava isenta de qualquer tipo de acusação em relação à constatação do nome do Rev. Julien no quadro de docentes do seminário.

Em novembro de 1953, o Rev. Hershey Julien, devidamente credenciado pelas autoridades competentes, apresentou-se à Diretoria do SPN, firmando com esta o seguinte contrato: 'Resolve-se receber, na qualidade de professor contratado por dois anos (1954-1955) o Rev. Hershey Julien da Central Brasil Mission. (Livro de Atas da Diretoria do SPN, Vol. III, pg. 2). – No primeiro semestre de 1954, o Prof. Hershey Julien surpreendeu professores e estudantes do Seminário doutrinando, em classe, enfaticamente, seu ponto de vista da não sobrevivência da alma, separada do corpo da ressurreição e criticando, como interpelação da filosofia grega, o ponto de vista da Igreja Presbiteriana, fundamentado na interpretação da Confissão de Fé de Westminster em seu cap. XXXI, I Secção. – Confirmando a insistência do colega em fazer propagar esta sua opinião teológica, no segundo semestre de 1955, depois de ouvir um sermão de prova de um dos concluintes sobre o assunto em que foi sustentada a doutrina tradicional do Presbiterianismo, o Prof. Julien chamou o estudante e deu-lhe, para estudo, o artigo intitulado "Life after death (A vida após a morte)" da autoria do Prof. Norman H. Snaith, publicado na revista Interpretativa de Julho de 18947, pgs. 309-342. Neste artigo o autor desenvolve a tese

do Prof. Julien, o que se pode verificar nas citações dos seguintes trechos: ‘[No Antigo Testamento, não há referência à vida após a morte exceto em duas ocorrências apenas, Isaías 26.19 e Daniel 12.2. São duas passagens tardias — a primeira de aproximadamente 330 a.C. e a última de 165 a.C., mais ou menos — e ambas são achadas em Apocalipse.” (p.313) ‘À medida que o Antigo Testamento caminha para ser encerrado, encontramos os primeiros avanços rumo a algo, indubitavelmente, como a ressurreição do corpo para uma vida renovada nesta terra. Isso, no entanto, não se origina das ideias concernentes ao Sheol, como também as ideias gregas da imortalidade da alma não vêm da noção tradicional acerca do Hades. Para o filósofo especulativo esse entendimento decorre de Platão; para o homem comum, ele surge bem mais tarde através das religiões de mistério e das seitas dos deuses-salvadores.’ (p. 318). “Não há aqui nem em parte alguma da Bíblia qualquer sugestão de alma imortal que sobreviva à morte’. (p. 324)]”⁶⁹. (Livro de Atas da Diretoria do SPN, Vol. III, 1953-1965, p. 17b e 18a).

Ora, se inicialmente as acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros ao SPN não tinham cabimentos devido à falta de provas, agora a situação que pesava sobre essa mesma instituição era muitíssimo grave. Os fatos eram reais! Todavia, sabendo disso, a Congregação dos Professores do SPN resolve se defender, usando em seu favor alguns respaldos. Primeiramente, como já vimos, a Congregação deixa claro que a presença do Rev. Julien como docente do SPN não era algo aleatório, mas ele estava credenciado pela própria Diretoria do seminário, com um contrato de dois anos, sem falar que o Rev. Julien já tinha sido cooperador do SPN. A outra ressalva de defesa da Congregação está relacionada ao espanto, ou melhor, a surpreendente atitude do Rev. Julien, diante os demais professores do SPN, pois todos ficaram surpresos com a postura do Rev. Julien em relação ao seu posicionamento em defesa de ensinamentos teológicos liberais. Isso fez com que houvesse outro procedimento importantíssimo por parte da Congregação dos Professores, ou seja, a busca pela veracidade dos fatos, que levaram a concretização do descobrimento dos elementos que pesavam contra o Rev. Julien.

Depois de tudo isso, a Congregação dos Professores resolve solicitar o desligamento do Rev. Julien do quadro de docentes do SPN, “devolvendo-o” para sua missão, restando apenas a gratidão pelos seus anos de serviços prestados ao seminário: “Resolve-se: solicitar a Missão Central do Brasil que nos envie um professor para

⁶⁹ Essa parte que está entre colchetes, encontra-se em inglês. Tendo sido feita a tradução pelo tradutor juramentado Marcos Vasconcelos.

substituir o Rev. Hershey Julien, bem como, [...] agradecer ao professor Rev. Hershey Julien a cooperação dada ao seminário”. (p. 14a, e 15a)⁷⁰.

Com isso, mais uma vez, e agora mesmo diante fatos verídicos que pesavam contra o SPN concernentes a um dos seus docentes, o seminário não aceitou que tal procedimento fosse visto como responsabilidade e apoio do SPN. E no que estava sobre a sua tutela, o seminário não se isentou das suas responsabilidades. Pelo contrário, procurou tomar as devidas providências, o que resultou na demissão do Rev. Julien.

A Congregação dos Professores do SPN não somente resolve agir contra as atitudes liberais do Rev. Julien, mas também contra as acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros. Contudo, a Congregação resolve também registrar esse momento, mostrando assim o seu agradecimento ao apoio de todos que se alinharam em prol da causa do seminário, e obviamente da própria Igreja Presbiteriana do Brasil como um todo:

⁷⁰ Segue ainda uma outra parte do Apêndice feito pela Congregação dos Professores do SPN, que relatam a questão relacionada com o Rev. Julien: “[...]No começo de 1955, o Prof. Julien insistiu na troca do curso de grego do 1º ano, que lhe tinha cabido na distribuição de matérias como de Introdução ao Novo Testamento, confiado ao Prof. Paulo Davidson. Concordeu-se com a permuta em atenção à insistência do pedido, embora contrariando o plano de distribuição, pelo qual se tinha confiado ao Prof. Davidson de muito mais tirocínio e experiência no ensino, o curso mais difícil de Introdução ao N.T. No correr deste curso o Prof. Julien provocou calorosa controvérsia com os alunos, e entre eles, sobre a questão da autoridade das Escrituras Sagradas. Para ele a Bíblia, embora contendo verdades fundamentais da fé cristã que devem ser cridas pelo povo de Deus, em virtude do elemento humano empregado em sua composição, está cheia de erros de diversas espécies. Para substanciar seu ponto de vista, lança mão de passagens de difícil interpretação ou de sentido obscuro e até mesmo de textos de interpretação pacífica para aponta-las como erros flagrantes dos escritores sagrados. – O prof. Julien não só esposa convictamente esta posição como o faz com uma espécie de ardor profético, como se tivesse tomado sobre si a incumbência de corrigir a posição, para ele obsoleta, do nosso ambiente religioso em virtude de imaturidade teológica. Pensa aquele nosso distinto colega que, para atrair pessoas cultas para o seu seio, a Igreja será forçada a assumir tal atitude “mais científica” com respeito às Escrituras Sagradas. O critério último de verdade, segundo se depreende da posição assumida pelo nosso colega, são as autoridades de reconhecida erudição em matéria de crítica literária e histórica das Escrituras, a quem compete separar as verdades dos erros nelas contidos. – Para aquilatar a insegurança e impropriedade deste critério basta aplica-lo na questão teológica por ele mesmo suscitada. Enquanto o Prof. Norman H. Snaith, no artigo acima citado, nega o ensino bíblico da sobrevivência da alma, o Rev. Norman Vincent Peale, autoridade religiosa ainda de maior renome, em seu livro “The Power of Positive Thinking”, mundialmente conhecido, afirma: “O Novo Testamento ensina a indestrutibilidade da vida” ... “Não disse Ele (Jesus): Porque eu vivo, e vós vivereis?” Noutras palavras, nossos entes queridos que morreram nessa crença estão também perto, e de vez em quando se aproximam para confortar-nos”. Creio firmemente na continuação da vida depois que ocorre o que chamamos morte. Acredito que há dois lados do fenômeno conhecido como morte: este lado, onde vivemos agora, e o outro lado, onde continuaremos a viver. A eternidade não começa com a morte. Estamos na eternidade agora. Mudamos apenas a forma da experiência chamada vida, e estou convencido de que essa mudança é para melhor”. – Esta posição assumida pelo nosso colega Prof. Julien, incompatibilizando-o com o professorado do SPN, pela letra do próprio regulamento, que exige dos professores compromisso de honra de “nada ensinar em oposição às Escrituras como interpretadas pelos padrões de Westminster” (art. 11) consternação em nosso meio em virtude de sua dedicação ao Seminário, seu interesse pelos estudantes, sua grande contribuição para a Biblioteca, seu espírito de cordialidade e respeito aos colegas e seu incansável desejo e esforço de servir bem. (p. 18b e 19a).

[...] O Sr. Presidente (Natanael Cortez) faz um pequeno histórico dos fatos últimos, relacionados com a vida da Instituição, e em que a mão de Deus se fez sentir de modo poderoso, preservando-a dos males intentados pela campanha de Dr. Israel Gueiros, e tornando mais forte e expressivo o apoio das corporações que a mantêm. Agradeceu a inestimável colaboração especialmente prestada, na defesa do Seminário, pelos Revs. Oton Dourado, Samuel Falcão e pelo jornal “Norte Evangélico”, os quais se têm mostrado à altura do momento. Registra-se um voto de gratidão a Deus por tudo isso, orando o rev. José Borges dos Santos Jr. (Na ocasião Presidente do Supremo Concílio). [...] Lida e aprovada a ata da sessão passada registra-se um voto especial de gratidão ao Sr. Presidente, Rev. Natanael Cortez e ao Rev. José Borges dos Santos Jr., ilustre presidente do Supremo Concílio, pela maneira pronta e sábia com que vieram em defesa da Instituição, quando atacada pelo dr. Israel Gueiros. Tornou-se conhecimento da louvável atitude de firmeza e solidariedade dos estudantes ao lado do Seminário e da Igreja Presbiteriana, em face da campanha difamatória, visando em conquista-los para o lado contrário. [...] Aprova-se a seguinte moção: A Diretoria do Seminário Presbiteriano do Norte resolver hipotecar inteiro apoio e solidariedade à Congregação pela maneira nobre e zelosa por que defendeu o Seminário e a Igreja Presbiteriana do Brasil, durante a campanha caluniosa que sofreu no curso deste ano, renovando-lhes plena confiança e expressando seu apreço e gratidão e aprovação pela nobreza e elevação com que se portou, enfrentando a crise mais grave da nossa história. Esta moção é extensiva ao digníssimo presidente do Supremo Concílio, ao emérito presidente da Diretoria do SPN, ao seu magnífico Reitor, e ao incansável Deão, baluartes da nossa venerada e tradicional casa de profetas. (p. 20a, 20b e 22b).

Como relatamos anteriormente, não há como negar: houve um caso de liberalismo teológico dentro do SPN, promovido e defendido por um dos seus professores num determinado momento isoladamente. Em tempo algum o seminário tentou negar ou encobrir os fatos. Pelo contrário, assumiu e tomou as devidas providências, e isso não foi muito difícil, pois tratava-se de um caso particular. Por sua vez, esse episódio foi altamente aproveitado pelo Rev. Israel Gueiros, para que o mesmo continuasse com o seu discurso contra essa instituição.

Todavia, mais uma vez, percebe-se que a continuidade da questão desses embates não se deu por questões teológicas, mas o problema continuava sendo por motivações de perdas de espaço político eclesiástico. E o interessante é que, em prol do seminário, não só estava a Congregação dos Professores, tentando se proteger, mas houve uma soma com a liderança nacional da própria IPB. E isso por uma questão puramente lógica, pois estava em jogo não somente a idoneidade do seminário, mas da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Todavia, independentemente da defesa que a IPB fazia em prol do SPN e contra as acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros, isso não inibiu os seus planos. Percebemos, portanto, a continuidade das suas estratégias para o funcionamento dos seus objetivos, nesse caso, especificamente falando da abertura de um novo seminário, fazendo ele ainda parte como ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil.

3.3. A campanha do Reverendo Israel Gueiros para abertura de um novo seminário na cidade do Recife

Não fazendo mais parte do quadro de docentes do SPN, o Rev. Israel Gueiros continuou a sua campanha em prol do movimento e das suas ideias fundamentalistas, tornando-se cada vez mais simpatizante e parceiro do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, liderado pelo Rev. Carl McIntire. Ainda como ministro da IPB, resolveu no ano de 1956 fazer uma campanha nos Estados Unidos com a pretensão de arrecadar 25 mil dólares para abrir um novo seminário na cidade do Recife. Justificava a sua ação acusando a infiltração modernista no SPN. Para isso, fez uso de discursos públicos, artigos de jornais, revistas e cartas circulares. Sabendo e tendo provas desses fatos, a Congregação dos Professores do SPN mais uma vez sentiu-se no dever de defender-se:

O Seminário Presbiteriano do Norte, instituição oficial de educação teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil, como sede no Recife, vem sendo atacado rudemente, nos últimos três meses, em discursos públicos, artigos de jornais e cartas circulares no Brasil e no estrangeiro. – O Board de Missões Presbiterianas de Nashville, um dos órgãos fundadores e mantenedores da instituição desde seu início, há mais de meio século, por intermédio do seu mais lídimo representante, Dr. Darby Fulton, consultou o seu representante na Diretoria do Seminário, Rev. Langdon Henderlite, por carta de 16 de Março, se eram verdadeiras aquelas acusações divulgadas nos Estados Unidos, consulta esta que foi trazida imediatamente à Congregação dos Professores. Em vista dos efeitos graves desta campanha violenta contra o Seminário e a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Congregação dos Professores reunida a 17 de Maio de 1956, depois de ter coligido provas suficientes para desfazer todas as acusações, resolveu, por unanimidade, leva-las a público, em sua defesa, tão cedo quanto possível, antes que consequências ainda mais graves se façam sentir. – Constrange-nos, sobremodo, e causa-nos dor e embaraço ter de confessar publicamente que o principal responsável por estas acusações difamatórias é o Rev. Israel Furtado Gueiros, ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil. – Não nos apresentamos diante dos crentes e das igrejas para julgar o Dr. Israel Gueiros. Isto não nos compete, nem nos anima qualquer espírito de controvérsia. Trata-se apenas de uma questão de legítima defesa. Apesar dos feridos, faremos tudo para não nos tornarmos presa de ressentimentos. Respeitamos o Dr. Israel Gueiros como ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, temos em grande estima a igreja que

pastoreia e admiramos sua ilustre família. Por esse conjunto de circunstâncias, ainda mais nos consterna essa missão dolorosa que ele mesmo nos impôs. – Temos em mãos pelo menos três dos diversos documentos empregados nessa campanha de difamação. O primeiro, um artigo de CHRISTIAN BEACON de 15 de março de 1956, intitulado “UM NOVO SEMINÁRIO NO BRASIL”; o segundo, uma carta circular assinada por Miss Margaret G. Harden, divulgada também nos Estados Unidos, ambos recomendando o Dr. Israel Gueiros para a sua campanha financeira naquele país; o terceiro, o Boletim da Igreja Presbiteriana do Recife, de 13 de maio de 1956. Transcrevemos os textos mais importantes destes três documentos, com as críticas ao Seminário Presbiteriano do Norte, articuladas com o fim de justificar uma campanha de 25 mil dólares para a organização, no Recife, do SEMINÁRIO NACIONAL PRESBITERIANO do Dr. Israel Gueiros (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p. 24b-26b).

Quanto à continuidade e atitude do Rev. Israel Gueiros permanecer acusando o SPN, e paralelamente a própria IPB, isso não podia ser negado, pois havia provas concretas dessa ação. Na realidade, o Rev. Israel Gueiros tinha se preparado para esse momento. Com amizade e contatos com o Rev. McIntire, o Rev. Israel passava-lhes informações sobre a situação da educação teológica do SPN. Como era de se esperar, passou a ter o seu total apoio, e a seu favor foi publicado um artigo no *Christian Beacon*, em que se encontra o seguinte conteúdo:

Existe hoje um seminário no Recife, mas está debaixo do controle dos Boards Missionários das Igrejas Presbiterianas do Norte e do Sul, e a influência e liderança daquela instituição é definitivamente em favor do Concílio Mundial de Igrejas. Ocorreu, há pouco, um incidente em que um professor disse aos estudantes que eles não podiam confiar em certas porções da Bíblia. Os missionários não levantaram objeções. Foi necessária a ação unânime do Sínodo do Norte do Brasil da Igreja Presbiteriana para exigir a remoção deste professor missionário. Estes líderes decidiram agora que não há mais esperança, que não podem mais enviar os seus moços para um seminário que irá prepará-los para uma mudança na Igreja, levando-a para dentro da órbita ecumênica de cousas. Dr. Gueiros tomou agora a iniciativa para a formação e estabelecimento do Seminário Nacional Presbiteriano no Recife, outro seminário semelhante ao Faith Theological Seminary, iniciando simplesmente porque a ocasião reclama e a necessidade é grande... É perfeitamente possível que este Seminário, controlado e dirigido por nacionais, causará atualmente (sic) o declínio do outro seminário, controlado e dirigido por missionários... (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.26b-27a).

Precisando de apoio para que o seu plano fosse executado, o Rev. Israel Gueiros saiu em busca de aliados. É nesse momento que nos deparamos com outra prova concreta da sua ação em relação à abertura de um novo seminário. Isso pode ser confirmado através de uma carta mimeografada de Miss Margaret Harden, que escreve a seu favor.

Caros amigos cristãos: Saudações no Nome do nosso Senhor Jesus Cristo de quem somos e a quem servimos. Temos o prazer de entrar em contacto convosco e nos apresentarmos a vós por intermédio do Movimento de Reforma do século XX, causa também do vosso interesse. Talvez já tendes lido no CHRISTIAN BEACON o testemunho do Dr. Israel Gueiros, pastor da I Igreja Presbiteriana do Recife, Brasil. Dr. Gueiros é um dos pastores mais ardorosos em todo o Brasil, que se tem levantado em defesa da Fé e feito oposição à entrada do modernismo no Brasil, especialmente na Igreja Presbiteriana. No presente ele (Dr. Israel Gueiros) se encontra nos Estados Unidos para apresentar-vos a necessidade urgente e imediata de um seminário fundamentalista no Recife, maior porto no norte do Brasil, com uma população de quase um milhão de habitantes. Com o correr dos anos uma igreja forte presbiteriana estabeleceu-se ali. Este testemunho precisa de ser preservado. O passo que se deve dar a seguir na luta pela fé no Brasil é a formação de um novo Seminário Presbiteriano Fundamentalista que irá preparar pastores fiéis para a Igreja, sem compromissos de qualquer espécie. Precisamos urgentemente de 25 mil dólares para comprar um prédio antigo numa área residencial da cidade e para manter o Seminário durante o primeiro ano. O apelo para este fim vem por intermédio do Dr. Israel Gueiros, com o apoio da maioria esmagadora de um dos cinco Sínodos da Igreja Presbiteriana do Brasil. Como resultado da atitude comprometedora dos missionários da Igreja Presbiteriana do Sul que trabalham em conjunto com os missionários da Igreja Presbiteriana do Norte é que surgiu esta situação a esta necessidade. Dr. Gueiros está interessado em visitar o maior número possível de igrejas e de grupos para dar o seu testemunho acerca das condições presentes no Brasil – condições que afetam de modo vital a pregação do Evangelho no Brasil e a preservação de um testemunho verdadeiro de Jesus Cristo naquele país. Ele terá o maior prazer em visitar qualquer grupo de amigos reunidos em casa particular onde poderia falar daquelas condições. Este é um apelo em favor do Pão vivo de Vida-Pão que pode dar vida e sustentá-la. Em 1946, Dr. Gueiros foi um dos três brasileiros trazidos a este país para fazer uma excursão através dos Estados Unidos em favor do Boards presbiterianos do Norte e do Sul. Foi nesta viagem em que visitou mais de 300 cidades, falando nas maiores igrejas presbiterianas que ele viu os efeitos funestos do modernismo neste país. Agora ele é um dos defensores mais entusiasmados do Movimento de Reforma do Século XX no Brasil. Se for possível receberdes pessoalmente a visita do Dr. Gueiros ou se poder falar em vossa casa ou Igreja, informai-o, por favor dirigindo-vos ao endereço acima. Pedimos vossas orações para que o Senhor abençoe este esforço do Dr. Gueiros de organizar o SEMINÁRIO PRESBITERIANO NACIONAL no norte do Brasil, que será o meio de preservar um testemunho cristão verdadeiro naquele país de oportunidades. Agradecemos-vos a cooperação nesta matéria, Vossa, no Seu serviço MARGARET HARDEN. (HARDEN, 16 de março de 1956, p. 1).

Cópia de uma carta mimeografada - 16 Março de 1956.

12 Aberdeen Drive Extension
Greenville, South Carolina
February, 29 - 1956

29 de Fevereiro de 1956

Caros amigos cristãos:

Saudações no Nome do nosso Senhor Jesus Cristo de quem somos e a quem servimos. Temos o prazer de entrar em contacto convosco e nos apresentarmos a vos por intermédio do Movimento de Reforma do século XX, causam-nos o vosso interesse.

Talvez já tendes lido no CHRISTIAN BEACON o testemunho do Dr. Israel Gueiros, pastor da Igreja Presbiteriana do Recife, Brasil. Dr. Gueiros é um dos pastores mais ardorosos em todo o Brasil, que se tem levantado em defesa da Fé e feito oposição à entrada do modernismo no Brasil, especialmente na Igreja Presbiteriana. No presente ele se encontra nos Estados Unidos para apresentar-vos a necessidade urgente e imediata de um Seminário fundamentalista no Recife, maior por to do norte do Brasil com uma população de quase um milhão de habitantes. Com o correr dos anos uma igreja forte presbiteriana estabeleceu-se ali. Este testemunho precisa de ser preservado. O passo que se deve dar a seguir na luta pela Fé no Brasil é a formação de um novo Seminário Presbiteriano fundamentalista que será preparar pastores fiéis para a igreja sem compromissos de qualquer espécie.

Precisamos urgentemente de 25 mil dólares para comprar uma casa residencial antiga numa área residencial da cidade e para manter o Seminário durante o seu primeiro ano. O apelo para este fim vem por intermédio do Dr. Israel Gueiros com o apelo de uma maioria esmagadora de um dos cinco sínodos da Igreja Presbiteriana do Brasil. Como resultado da atitude comprometedora dos missionários da Igreja Presbiteriana do Sul que trabalham em conjunto com os missionários da Igreja Presbiteriana do Norte é que surgiu esta situação e esta necessidade.

Dr. Gueiros está interessado em visitar o maior número possível de igrejas e de grupos para dar o seu testemunho acerca das condições presentes no Brasil - condições que afetam de modo vital a pregação do Evangelho no Brasil e a preservação de um testemunho verdadeiro de Jesus Cristo naquela país. Ele tem o maior prazer em visitar qualquer grupo de amigos reunido em casa particular onde poderia falar daquelas condições.

Este é um apelo em favor do Pão vivo de Vida-Pão que pode dar vida e sustentá-la.

Em 1946 Dr. Gueiros foi um dos três brasileiros enviados a este país para fazer um curso através dos Estados Unidos em favor do Board presbiteriano do Norte e do Sul. Foi nesta viagem em que visitou mais de 300 cidades, falando nas maiores igrejas presbiterianas que ele viu os efeitos funestos do modernismo neste país. Agora ele é um dos defensores mais entusiasmados do Movimento de Reforma do Século XX no Brasil.

Se for possível receberdes pessoalmente a visita do Dr. Gueiros ou se poder falar em vossa casa ou Igreja, informai-o, por favor dirigindo-vos ao endereço acima.

Pedimos vossas orações para que o Senhor abençoe este esforço do Dr. Gueiros de organizar o SEMINÁRIO PRESBITERIANO NACIONAL no norte do Brasil que será o meio de preservar um testemunho cristão verdadeiro naquela país de oportunidades.

Agradecemos-vos a cooperação nestas matérias,

Vossas, no Seu serviço

MARGARET HARDEN.

Cópia mimeografada da carta da missionária Margaret Harden.
Datada em 16 de março de 1956. Acervo do SPN.

Como se não bastasse, a Congregação do SPN recolhe outro material que serviu como documento de comprovação para investida do Rev. Israel Gueiros, em relação à abertura de um novo seminário. Nesse caso, foi exatamente um boletim da sua própria Igreja (IP do Recife), em que o seu conteúdo muito se assemelha ao artigo publicado no Christian Beacon. Nesse boletim, podia ser lido a seguinte informação:

Diante da opinião unânime do Sínodo Setentrional contra a orientação do nosso Seminário ao protestar contra a presença na Congregação de um missionário professor que ministrou ensinamento contrário aos nossos princípios, declarou o pastor em toda parte onde falou que pastores do norte perderam a confiança que tinham no velho e querido seminário, onde ele próprio estudou e ensinou durante 18 anos. Fez a campanha para levantar 25.000 dólares para estabelecer um Seminário fundamental, evangelístico e pre-milenialista⁷¹. Organizou também a "Faith Biblical Mission Inc." com a finalidade de manter um Seminário e fazer intenso trabalho missionário através de pastores nacionais, sob a supervisão do Seminário. A Faith Biblical Mission Inc., depois da campanha, em sua última reunião, resolveu sugerir que o nome do nosso Seminário fosse Seminário Teológico do Brasil, em vista do propósito

⁷¹ Esse ponto de vista de interpretação teológica, provocou alguns cismas entre os próprios fundamentalistas nos Estados Unidos.

de receber candidatos de todas as denominações evangélicas (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.28a-28b).

Sabendo de tudo isso, como era de se esperar, não só a Congregação dos Professores e a Direção do SPN resolveram agir, ou melhor, a munir elementos de defesa, mas o processo requeria da IPB nacionalmente falando uma atitude enérgica. O motivo era obvio, pois, além da IPB estar sendo acusada, estava em xeque a sua história idônea. Sem falar também que era de competência apenas do Supremo Concílio da IPB a abertura de novos seminários. Nesse caso, o Rev. Israel Gueiros não tinha autorização por parte da sua denominação para a realização do que fazia.

Isso desencadeou um longo e penoso processo. Como a IPB é uma Igreja conciliar, ou seja, que funciona através de Concílios⁷² (sempre do menor ao maior), o Rev. Israel foi intimado para prestar esclarecimentos e, quando indagado sobre a origem e intenções dos documentos que demonstravam interesse na abertura de um novo seminário, ele prontamente admitiu a sua veracidade. A IPB, pedindo-lhe que se retratasse e que abandonasse o seu intento, que era a abertura desse novo seminário, ele em todos os casos agiu negativamente. Com isso, “criou-se uma grande polêmica em torno do assunto, havendo várias manifestações prós e contras e outros não sabendo se definir” (MACHADO, 1979, p. 14). Devido a essa situação, a IPB sentiu-se obrigada a se defender e vai em busca de uma saída.

3.4. A reação da IPB para com as acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros

A Congregação dos Professores do SPN não mediu esforços para desmontar todos os argumentos de defesa que o Rev. Israel Gueiros utilizou para justificar a sua ação em prol da abertura de um novo seminário. Nesse caso, apesar de todo o respeito que os seus antigos companheiros de ministério sempre tiveram, isso não fez com que eles agissem com neutralidade. Pelo contrário, foram bastante enérgicos em suas palavras e atitudes.

⁷² Há na IPB quatro Concílios: o Conselho da Igreja local, o Presbitério, o Sínodo e o Supremo Concílio. Esses Concílios funcionam de forma Republicana, onde se elege alguns (Presbíteros) para representar todos (membros). Na IPB, há duas categorias de Presbíteros: Docente (Pastor) e os Regentes (Presbíteros). O primeiro é responsável pelo ensino, pregação da Palavra e ministração dos Sacramentos (Ceia e Batismo). Enquanto, o segundo, pela administração da Igreja local. Tanto um, como o outro, são eleitos pela comunidade local, ou seja, pelos membros comungantes (que foram batizados e fizeram a sua pública profissão de fé, e que estão em plena comunhão com o Senhor e com a Igreja). Na IPB, também há o oficialato do diaconato, o qual passa pelo processo de eleição como os presbíteros. Todavia, o diácono é responsável em providenciar os elementos que compõem a Mesa do Senhor (A Ceia), como também, é seu dever o exercício da caridade. Eles ficam atentos para que a igreja possa socorrer os necessitados nas suas necessidades.

Em defesa do SPN, a Congregação dos Professores resolve listar cada item apresentando a sua defesa:

As razões alegadas para justificarem a criação de um novo Seminário da Igreja Presbiteriana, não são verdadeiras. É o que mostraremos com fatos. 1) Que o Seminário é controlado pelas missões _ O Seminário Presbiteriano do Norte é governado por uma diretoria composta de sete nacionais, representando os sete presbitérios do norte e apenas dois missionários, um de cada Board de Missões. Nos últimos cinco anos, até Janeiro de 1956, quando foi substituído, o Dr. Israel Gueiros foi o representante do Presbitério de Pernambuco na Diretoria, tendo comparecido a todas as reuniões, inclusive à última, nos dias 29 e 30 de novembro de 1955. _ Todos os cargos de administração estão nas mãos de brasileiros. O Reitor tem sido brasileiro há seis anos, o Deão – Tesoureiro também nacional há sete anos. O Secretário da Congregação, durante os três últimos anos, tem sido um ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, alemão naturalizado. _ O Seminário está terminando a reconstrução do prédio de aulas na qual já empregou 600 mil cruzeiros. Destes, 100 mil foram doados pelas missões, 50 mil cada uma, e 500 mil pelos crentes da Igreja Presbiteriana do Brasil. 2) Que a liderança da instituição é definitivamente em favor do Concílio Mundial de Igrejas _ Não é verdade. A posição clara e definitiva do Seminário, por disciplina eclesiástica e convicção, é a mantida pela Igreja Presbiteriana do Brasil de equidistância dos dois movimentos internacionais. Ainda este ano, no curso de Presbiterianismo, foi dada uma aula em que foi defendida com razões a posição da Igreja Presbiteriana. São treze alunos nesta classe que podem dar testemunho deste fato. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.28b-29b).

Depois de justificar a composição da liderança do SPN, sendo a mesma composta por pastores nacionais. Mais uma vez, a Congregação relembra que o caso do professor que foi acusado de ter lecionado e defendido ideias oriundas da teologia liberal, desde que soube desse incidente, recebeu ação rápida para que houvesse remoção do devido professor. E foi o que ocorreu. Em nenhum momento, houve sequer a possibilidade de permanência do citado professor, segundo podemos ver na própria fala da Congregação dos Professores do SPN:

3) Que os missionários não levantaram objeções no incidente do professor que alegou haver erros na Bíblia _ Inteiramente falso. Depois dos estudantes, quem primeiro procurou as autoridades da Congregação, na sua função de membro da diretoria, representando o Board de Nashville, foi o missionário Rev. Langdon Henderlite⁷³ que recomendou à Congregação medidas enérgicas e imediatas. Dos nove diretores do Seminário somente dois residiam no Recife, naquela

ocasião⁷⁴ – Dr. Israel Gueiros e o Rev. Langdon Henderlite. Destes dois foi o missionário quem procurou a Congregação recomendando providências prontificando-se, ele mesmo, a fazer o que fosse necessário. Estando de viagem naqueles dias para São Paulo, para assistir à reunião da Primeira Conferência Presbiteriana Latino-Americana, realizada entre 23 e 31 de Julho, o Rev. Henderlite aceitou a incumbência das autoridades da Congregação de falar imediatamente com o Secretário Executivo da Missão Central, Rev. Ricardo Waddell. Informado da situação, esta autoridade que é representante da sua missão na Diretoria do Seminário, concordou imediatamente na retirada do professor faltoso, tratando-se nesta mesma ocasião da escolha do seu substituto, tendo o Rev. José Borges, Presidente do Supremo Concílio, e o Deão do Seminário participado das conversações. Somente dois meses depois, em Setembro, por ocasião do Congresso de Vocações Ministeriais foi que o Dr. Israel Gueiros, como pastor da Igreja Presbiteriana do Recife, esboçou uma reação contra o professor em questão. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.29b-30b).

Como já foi visto anteriormente, o Seminário Presbiteriano do Norte tomou as devidas providências para afastar de uma vez por todas o professor que lecionou e defendeu ideias liberais. Todavia, o Rev. Israel Gueiros continuava afirmando que, pra que isso pudesse ter acontecido, foi necessário que o Sínodo se pronunciasse e tomasse as devidas e severas atitudes. Contudo, a Congregação lembrou no seu pronunciamento de defesa que isso não aconteceu. E também fez lembrar que, nos regimentos pertencentes ao funcionamento da Igreja Presbiteriana do Brasil, concernentes as suas autarquias, existem regras que devem ser observadas e respeitadas:

4) Foi necessária uma ação unânime do Sínodo para a remoção do professor – Também não é verdade. Pelo que ficou exposto no argumento anterior, a resposta já foi dada, mas vamos acrescentar argumentos. Nos últimos dias de Junho do mesmo ano, o Deão do Seminário foi interpelado por dois pastores presbiterianos do Recife sobre o caso em questão. Estes colegas foram informados oficialmente que as medidas já estavam sendo tomadas e que certamente o professor não continuaria no Seminário. Estes pastores foram os Revs. Abelardo Paes Barreto e Victor Pester, que são testemunhas vivas do fato. O Sínodo só se reuniu algumas semanas depois. Passando pelo Recife, em viagem para reunião do Sínodo, o Rev. Natanael Cortez, atual presidente da Diretoria do Seminário, procurou a instituição e interpelou-nos sobre o assunto. Informamos oficialmente ao Rev.

⁷⁴ No termino dessa ata, encontramos uma ementa, com a seguinte informação: “Em tempo: Serão substituídas as seguintes palavras da folha vinte e nove verso, linhas dezessete a vinte: Dos nove diretores do Seminário somente dois residiam no Recife, naquela ocasião _ Dr. Israel Gueiros e o Rev. Langdon Henderlite. A nova redação é da seguinte maneira: Dr. Israel Gueiros era um dos diretores do Seminário que moravam no Recife naquela ocasião, sendo o outro o Rev. Langdon Henderlite”. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.40b-41a).

Cortez que as medidas possíveis à Congregação já tinham sido tomadas, ficando a decisão final para a Diretoria, porque só a ela compete nomear e demitir professores (Regulamento do Seminário, Art. 6 – h). A Diretoria iria reunir-se dentro de quatro meses. Tanto o Rev. Abelardo como o Rev. Cortez informaram ao Sínodo que o problema já tinha sido enfrentado e que a solução final viria logo com a reunião da Diretoria, em novembro. Um dia depois de encerrados os trabalhos da Diretoria, o professor em questão deixava o Seminário e o Brasil. A moção do Sínodo foi apenas uma expressão do ardente zelo doutrinário da Igreja, em apoio as medidas já encaminhadas pela Congregação e pelas Missões. Nenhuma outra interpretação é cabível no caso visto como, dentro do governo da Igreja Presbiteriana, o Sínodo não é órgão de relação na administração dos Seminários. Esta função pertence aos presbitérios, através dos seus representantes na Diretoria, e ao Supremo Concílio, diretamente, que tem a função privativa de “criar e superintender seminários, bem como estabelecer padrões de ensino pré-teológico e teológico.” (C.I., Art. 97-g). Daí a confusão dos que tentaram usar este fato como evidência contra a ortodoxia da Seminário, ora tratando a manifestação do Sínodo de moção, ora denúncia, ora protesto, ora informação e pedido de providência. Este incidente, todo ocorrido num lapso de sete meses, em vez de depor contra o Seminário é uma das maiores provas de sua vigilância e do seu zelo na defesa da doutrina da Palavra de Deus. Foi esta a opinião de todo o Presbitério Ceará-Amazônia, o maior presbitério do Sínodo do Norte, em sua reunião de Janeiro de 1956, quando aprovou unanimemente o relatório do seu representante na diretoria do Seminário, em que se encontrava este item significativo: “Observai que é grande o interesse da Congregação pela ortodoxia conservadora. Um professor que mostrou ideias contrárias a esse ortodoxia não voltará mais a ensinar no Seminário”. O Rev. Natanael Cortez, ex-presidente do Supremo Concílio, um dos maiores valores da Igreja Presbiteriana, que preparou esse relatório, aprovado sem qualquer restrição pelo Presbitério Ceará-Amazônia, FOI UM DOS DELEGADOS AO SÍNODO DE JULHO DE 1955. O outro delegado do Presbitério foi o Rev. Silas Serra. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.30b-32a).

Ainda nas suas palavras de defesa em prol da abertura do seu seminário, o Rev. Israel Gueiros afirmava que tinha total apoio do Sínodo Setentrional, ou como também era chamado, Sínodo do Norte, do qual ele fazia parte, E afirmava que o Sínodo já não depositava mais confiança na formação pastoral proveniente do SPN para com os seus futuros seminaristas, tendo em vista o mesmo ter apoiado, sem que tomasse nenhum tipo de providência, os professores com comportamentos liberais, do ponto de vista teológico. A Congregação resolve continuar com os seus argumentos em prol do seminário:

5) Que o Dr. Israel Gueiros foi fazer esta campanha financeira nos Estados Unidos com o apoio da maioria absoluta do Sínodo do Norte.

Absolutamente falso. Temos várias ordens de provas para desmentir cabalmente esta alegação comprometedora. a) Quando nos chegou às mãos a cópia da carta mimeografada de Miss Margaret Harden, afirmando que o apelo para o levantamento de 25 mil dólares para a organização de um novo Seminário Presbiteriano no Recife, que preparasse pastores fieis, seria feito pelo Dr. Israel Gueiros com o apoio da maioria absoluta do Sínodo (evidentemente o Setentrional, também chamado Sínodo do Norte), ficamos estarecidos. Este Sínodo esteve representado em sua totalidade na última reunião da Diretoria do Seminário (29-30 de Novembro de 1955) por intermédio dos quatro presbitérios que o compõem: O Presbitério de Pernambuco, representado pelo próprio Dr. Israel Gueiros, o Presbitério Sul de Pernambuco pelo Rev. Elias Sabino, o Presbitério Paraíba-Rio Grande do Norte pelo Rev. Josibias Marinho e o Presbitério Ceará- Amazônia pelo Rev. Natanael Cortez. Por feliz coincidência três destes quatro diretores foram delegados ao Sínodo reunido em Julho. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.32a-33a).

A Congregação, ainda nessa mesma ocasião, trouxe à memória que estes líderes eram os mais representativos de cada presbitério, os quais aprovaram sem qualquer restrição todas as atividades do Seminário, apresentadas no relatório anual do Reitor para a Diretoria. Ninguém levantou qualquer crítica, restrição ou censura à orientação do Seminário. O próprio Dr. Israel Gueiros, como autoridade representativa do colendo Presbitério de Pernambuco, aprovou todas as decisões, sem qualquer dissentimento ou protesto, inclusive as medidas tomadas para o afastamento do professor em falta doutrinária. Nesse momento, surge, portanto, uma indagação: como seria possível, pouco mais de um mês depois, enquanto o Seminário estava em férias, o Sínodo Setentrional, pela sua maioria absoluta, dar apoio ao Dr. Israel Gueiros para levantar dinheiro no estrangeiro com o fim de criar um novo Seminário que preparasse pastores fiéis? Veementemente, a Congregação faz afirmações e procura os meios lícitos para que possa se respaldar:

Em nosso espírito não pairava a menor dúvida: a declaração era falsa. Era inconcebível que o Sínodo do Norte agisse daquela maneira. Apesar disso, a gravidade do problema nos inquietava. Não parecia possível um ministro de responsabilidade sair para fazer uma campanha financeira no estrangeiro, usando o nome de um dos Sínodos da Igreja Presbiteriana do Brasil sem ter alguma base sólida para isso. Resolvemos tirar a limpo os fatos, consultando os ministros do Sínodo pessoalmente. Perguntamos se tinham autorizado o Dr. Israel Gueiros particular ou oficialmente, a levantar dinheiro para organizar um novo seminário no Recife. Existem atualmente 49 ministros ativos no Sínodo Setentrional. Conseguimos falar com 33 destes, fazendo questão de ressaltar que era uma consulta oficial. Nem um, sequer, dos 33 ministros consultados, tinha dado qualquer autorização ao Dr. Israel Gueiros. Este movimento era completamente desconhecido entre os pastores. Aos 16 restantes, não consultados verbalmente, 9

responderam, por escrito a uma consulta oficial do Seminário que nada tinham, que fosse do seu conhecimento, contra a orientação doutrinária desta instituição e ainda mais, para o nosso conforto e incentivo, quase todos acrescentaram palavras de grande elogio à ortodoxia e ao trabalho da instituição. Só tivemos até hoje, duas respostas negativas, com críticas Seminário, uma do cunhado do Dr. Israel Gueiros e a outra do seu irmão, entregue pessoalmente há dois dias no Seminário. Isto prova que dos 49 ministros ativos do Sínodo, pelo menos 42 (sic) não deram qualquer apoio ao Dr. Israel Gueiros para esta campanha financeira que fez no estrangeiro, usando o nome da maioria absoluta do Sínodo Setentrional. Guardamos em arquivo não só a relação de todos os ministros consultados verbalmente, como as cartas, que já são dezenas, demonstrando o alto conceito em que os ministros presbiterianos do Sínodo têm o seu próprio seminário, que ajudam a dirigir e a orientar com o Sínodo Bahia-Sergipe e as Missões Presbiterianas. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.33b-34b).

Quanto ao conteúdo do jornal do McIntire, o Christian Beacon, no qual o mesmo afirmava a perda de confiança dos membros do Sínodo Setentrional em enviar os seus candidatos ao Sagrado Ministério para que tivessem a sua formação acadêmica no Seminário Presbiteriano do Norte, isso, mais uma vez, foi motivo de reação da Congregação dos Professores do SPN:

b) Diz o Christian Beacon: “Estes líderes (do Sínodo) decidiram agora que não há mais esperança, que não podem mais mandar seus moços para um seminário. Mas que líderes decidiram isto? O plano do Dr. Israel Gueiros era desconhecido. Se alguém sabia, escondia-o como segredo. Temos várias evidências em favor desta declaração. Dois seminaristas ficaram intrigados com a oração de uma jovem da Igreja Presbiteriana do Recife, pastoreada pelo Dr. Israel Gueiros, pedindo a Deus que abençoasse a campanha que o pastor estava fazendo, embora não soubesse o que era. _ O Deão do Seminário foi convidado para pregar nessa Igreja no primeiro domingo de Abril, sendo apresentado pelo ilustre presbítero Dr. Zacarias Mayal com palavras muito generosas, extensivas ao Seminário. Com efeito, as provas de cordialidade e carinho da Igreja do Recife para com o nosso Seminário são tradicionais. Este grande apreço é recíproco. Estudantes e professores gostam muito desta Igreja e sempre a elogiaram. Pedimos a Deus que as forças do mal não destruam agora laços tão santos de amizade e fraternidade cristãs. _ O Presidente do Sínodo, Rev. Wilson, por carta de 6 Março deste ano, recomendou o jovem Moacir Souto para a matrícula neste Seminário. Segundo testemunho do Rev. Etnatan Bandeira, pastor do candidato, este ilustre ministro vai cooperar pessoalmente no sustento do seminarista. Se fosse verdadeira a declaração do Beacon, de “que os líderes do Sínodo decidiram agora que não há mais esperança, que não podiam mais mandar seus moços para um Seminário...” não seria o Rev. Wilson Souza, Presidente do Sínodo, defensor intransigente da ortodoxia presbiteriana que iria recomendar um novo estudante para este seminário no momento em que se ia abrir o seminário do Dr. Israel Gueiros, ávidos por candidatos para a matrícula. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.34b-36a).

A Congregação dos Professores continuou com a insistência em provar que os planos do Rev. Israel Gueiros em abrir um novo seminário na cidade do Recife era um plano velado, até mesmo desconhecido por pessoas que eram próximas dele. Na realidade, os objetivos de forma detalhada que envolviam a sua viagem para o exterior não eram do conhecimento da própria Congregação dos Professores do SPN, bem como do próprio Presbitério de Pernambuco, pois, na ocasião, o Rev. Israel Gueiros era o presidente do presbitério e ficou ausente durante três meses, fazendo a sua campanha nos Estados Unidos. Ora, sabendo disso, o Seminário Presbiteriano, assim como o Presbitério de Pernambuco, não se anteciparia e tomaria as suas naturais providências? Claramente que sim! Isso fica evidente nas palavras da Congregação dos Professores do SPN:

Finalizando, queremos citar mais uma evidência de que o plano do Dr. Israel Gueiros não era conhecido nem mesmo por alguns dos seus maiores amigos. É verdade que se tem falado, algumas vezes, na formação de um instituto bíblico pelo Dr. Israel, mas não um movimento para organizar, no Recife um seminário de concorrência ao Seminário da Igreja, para combater esta instituição e já na expectativa de vir a desfazê-la. Respondendo à nossa consulta, feita aos diversos pastores do Norte, se tinham conhecimento de qualquer atividade do Seminário Presbiteriano do Norte que contrarie a posição assumida oficial e publicamente pela Congregação dos professores e pela Diretoria, de preparar nossos candidatos para um ministério fiel às Escrituras Sagradas e ao presbiterianismo histórico, como se encontra exposto nos símbolos de fé da Igreja, o Rev. João Batista de Belém do Pará, jovem e ardente ministro presbiteriano com quem, declaradamente mais conta o Dr. Israel Gueiros, respondeu-nos o seguinte, em carta datada de 16 de Abril: “Acuso o recebimento de sua carta, com data de 29 de Março a qual, confesso, causou-me grande surpresa, visto que, não sei do que se trata. Chego mesmo a estranhar a razão porque me faz essa pergunta? Sempre reputei essa casa de profetas como uma escola onde se aprende a pregar as verdades solenes do Evangelho na sua pureza; onde os professores, como servos abnegados, ensinam com dedicação e sinceridade aos nossos rapazes que para aí vão. De maneira que o ilustre amigo esclarecesse melhor sobre o que deseja de mim, porque eu não entendo nada sobre o que sabem a meu respeito. “Se o Rev. João Batista tivesse conhecimento do plano do Dr. Israel Gueiros e lhe tivesse dado apoio, não seria capaz de tal dissimulação. O Rev. João Batista foi nosso aluno e o conhecemos bem. É um homem simples, sincero e corajoso, um dos homens mais consagrados que conhecemos. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.36a-37a).

Outro elemento de defesa do Rev. Israel Gueiros, do qual ele fez uso, foi o próprio boletim dominical da Igreja Presbiteriana do Recife, da qual ele era o seu pastor. Nesse momento, para se posicionar contrariamente, a Congregação resgata decisões que foram

tomadas com a presença e o consentimento do Rev. Israel Gueiros. Eis algumas das suas afirmações:

6) Do boletim da Igreja Presbiteriana do Recife _ “Diante da oposição unânime do Sínodo Setentrional contra a orientação do nosso Seminário... declarou o pastor em toda a parte onde falou que pastores do norte perderam a confiança que tinham no velho e querido Seminário...”. Toda a orientação dada ao Seminário nos últimos cinco anos recebeu o voto de aprovação do Dr. Israel Gueiros na Diretoria em que esteve como representante do Presbitério de Pernambuco até Janeiro de 1956. A entrada do professor acusado recebeu o voto do Dr. Israel Gueiros, que era o voto do Presbitério de Pernambuco. Convém registrar que o próprio lançamento do fato nas atas foi feito pelo Dr. Israel Gueiros que era secretário da Diretoria naquele ano. (Livro de Atas da Diretoria, III Vol., p. 2). No fim do ano de 1954 aprovou, com seu voto, o trabalho do referido professor, descrito no relatório anual do Reitor (Livro de Atas, p. 7). (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.37a-37b).

A Congregação continua lembrando que, durante o ano de 1955, momento esse em que apareceu o problema, o Dr. Israel Gueiros era Vice-Presidente da Diretoria, um dos diretores que residiam no Recife, sendo outro o Rev. Henderlite, da missão que levantou objeção contra o professor em falta doutrinária. Também este representante do Presbitério de Pernambuco deu o seu voto confirmando todas as medidas tomadas pela Congregação, sem dissentimento ou protesto. Convém notar que as atividades da Congregação são examinadas anualmente pela Diretoria. Diante da atitude da Congregação do SPN, bem como da própria Diretoria, em não manter o professor faltoso no quadro de docentes, e por não ter aceito as acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros, a Congregação afirma:

Para qualquer pessoa de bom senso este incidente não pode, de nenhum modo, depor contra o Seminário, mas fala alto em louvor desta instituição, a não ser que se apresente o fato, ocultando-se todas as medidas tomadas pela Congregação, pelas Missões e pela Diretoria, como está fazendo o Dr. Israel Gueiros publicamente. Foi isto o que fez em discurso público pronunciado a 18 de Fevereiro de 1956, em Filadélfia, nos Estados Unidos. Foi isto o que fez no boletim da Igreja de 13 de maio de 1956. Foi mais do que isto que fez o Christian Beacon de 15 de março de 1956 quando afirmou, falsamente, que os missionários não levantaram objeções. _ Já tivemos ocasião de mencionar o exemplo do Presbitério Ceará-Amazonas que, por voto unânime em reunião de janeiro de 1956, reconheceu na atuação do Seminário, no caso do apreço, um testemunho de sua ortodoxia e firmeza doutrinária, conforme documento transcrito anteriormente. Fica patente, portanto, que não havia nenhuma desconfiança dos ministros do Sínodo do Norte contra o Seminário da Igreja. Mas essa desconfiança, usada pelo Dr. Israel Gueiros como motivo para fazer

uma campanha financeira, podia aparecer mais tarde. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.38b-39a).

Por fim, a Congregação faz questão de registrar e numerar os passos que foram dados em prol da campanha em favor da abertura de um novo seminário do Rev. Israel Gueiros:

Foram estes os passos do seu programa: primeiro fez a campanha no estrangeiro para assegurar a organização do seu seminário para depois fazer, no Brasil, a campanha para desacreditar o Seminário da Igreja. Com o fim de criar esta desconfiança, aproveitando-se dos seus privilégios de pastor presbiteriano e dos cargos honrosos que os concílios lhe confiaram, para entrar nas igrejas e realizar sua obra inglória de difamação, como fez, há duas semanas na Igreja de Belém, conforme testemunho de um crente idôneo do Sul do país, pertencente a outra denominação, que ouviu estarrecido, por mais de uma hora, o libelo do Dr. Israel Gueiros contra sua própria Igreja e contra o Seminário Presbiteriano do Norte. _ Se, de fato, houver agora qualquer pastor no Norte que perdeu a confiança que tinha no “velho e querido seminário” é porque, com boa fé e simplicidade está dando ouvidos à campanha difamatória desencadeada pelo Dr. Israel Gueiros. Muito cedo porém poderão corrigir o engano. O Seminário Presbiteriano do Norte, está empenhado, com toda honestidade e zelo, em sustentar sua posição assumida oficial e publicamente de preparar nossos candidatos para um ministério fiel às Escrituras Sagradas e ao Presbiterianismo histórico como se encontra exposto nos símbolos de fé da Igreja. Com prudência e amor cristão, mas com absoluta determinação e segurança, está legando para as gerações futuras os tesouros da fé evangélica revelados na Palavra de Deus na pureza e integridade com que recebeu dos seus antepassados. (Livro de atas da Congregação de Professores do SPN, 1955-1959, p.39a-40a).

Como visto noutra ocasião, a Congregação dos Professores do SPN estava subordinada a uma Diretoria, na qual a mesma recebia relatórios de todo o andamento do seminário. Na realidade, a Diretoria tinha total gestão sobre o funcionamento do seminário que estava sob o seu poder. Entre tantas decisões que podiam ser tomadas uma delas era de admitir ou demitir Diretor, Capelão, professores etc. Por esse motivo, absolutamente tudo o que ocorria no seminário era acompanhado pela Diretoria que o regia. É dentro desse contexto que nos deparamos com o livro de Atas da Diretoria do Seminário dos anos de 1953 à 1965, registrando um apêndice contendo um documento oriundo da Congregação dos Professores do SPN, relatando todo o processo enfrentado nos embates com o Rev. Israel Gueiros, durante o exaustivo ano de 1956.

Apêndice, documento nº 1⁷⁵: RELATÓRIO DA CONGREGAÇÃO DOS PROFESSORES – PARA A DIRETORIA. Estamos encerrando um dos anos mais trabalhosos da história do Seminário. Um dos diretores que se assentou conosco no ano passado, aprovando tudo o que estava sendo feito no Seminário, sem fazer qualquer restrição, levantou-se dois meses depois da reunião da Diretoria, enquanto o Seminário estava em férias, numa tremenda campanha de difamação no estrangeiro e no Brasil, como base e argumento para a organização de um novo Seminário no Recife. – Pela graça de Deus, os ataques desfechados para desmoralizar e destruir nossa tradicional escola de profetas, provocaram uma reação que teve como efeito colocar em destaque a instituição, salientando os pontos de sua vida e organização, transformando-a em alvo de calorosas demonstração de apreço, confiança e solidariedade espiritual e eclesiástica. Concílios e instituições, pastores e leigos estenderam os seus braços para sustentar a nobre instituição que tanto serviço tem prestado à causa de Deus em nossa pátria. Louvado seja o nosso Deus pelas suas bênçãos inefáveis. [...] 2) CORPO DISCENTE – [...] Assim a família do Seminário funcionou este ano (1956) com vinte e nove candidatos ao sagrado ministério. Um destes alunos, o Dr. Laércio Coutinho⁷⁶, teve de interromper os seus estudos no meio do ano, para enfrentar, como mais eficiência, a crise que se desencadeara na igreja de que é presbítero em exercício. Ele pretende continuar o seu curso no próximo ano. (p. 24b-25).

Esses problemas enfrentados pelo SPN possibilitaram aos professores envolvidos um vislumbre do quanto isso seria lembrado nos anais da história do presbiterianismo pátrio. E, sabendo dessa possibilidade, a Congregação dos Professores do SPN preocupou-se em deixar registrados todos os detalhes, os quais seriam de suma importância para o presente por eles vivenciado, bem como para a própria posteridade. Na continuidade do conteúdo contido no apêndice encontrado nas atas da Diretoria do Seminário nos anos de 1956 a 1959, há uma parte especificamente voltada para crise eclesiástica do seminário:

4) A CRISE ECLESIASTICA – Como dissemos no começo, estamos chegando ao fim de um ano trabalhoso que certamente ficará nos anais do presbiterianismo brasileiro. Em meados de março recebemos, dos Estados Unidos, informações e documentos sobre a campanha que estava sendo feita ali pelo Dr. Israel Gueiros em favor de um novo Seminário, tendo por ponto de partida ataques violentos à fidelidade teológica da nossa escola de profetas. Uma das afirmativas principais que estavam sendo propaladas como pretexto para a campanha

⁷⁵ “Quanto esse documento citado, encontramos a seguinte descrição: “Ouve-se e aceita-se o relatório da Congregação dos professores (doc. nº 1), apresentado pelo Reitor, destacando-se, para posterior aprovação [...]”. (p. 20b)

⁷⁶ O Dr. Laércio era seminarista no SPN, e nessa mesma época exercia o presbiterato na Igreja Presbiteriana do Recife, a qual era pastoreado pelo Rev. Israel Gueiros. Todavia, ele não concordava com as ideias do seu pastor, em relação ao seu posicionamento contrário e difamatório ao SPN.

financeira, era a de que os ministros do Sínodo Setentrional⁷⁷ tinham perdido a confiança no nosso Seminário e tinham pedido a organização de um Seminário fiel às doutrinas evangélicas e rival da nossa Casa de Profetas. Para confirmar a nossa impressão de que aquela propaganda era falsa, o Deão do Seminário fez uma consulta oficial a todos os ministros do Sínodo sobre o assunto. Perguntamos, em nome da instituição, se os colegas tinham informação de qualquer atividade do Seminário que contrariasse sua posição histórica de absoluta fidelidade às Escrituras Sagradas como nossa única regra de Fé e Prática e aos nossos Símbolos de Fé como intérpretes fiéis e idôneos da Palavra de Deus. Respostas e mais respostas vinham chegando, todas elas em coro, dando testemunho da confiança do nosso ministério em nossa Escola de Profetas, sendo que, a maior parte trazia elogios grandes ao trabalho do Senhor feito aqui pelo Seminário. (p. 25a).

Prestando o relatório para a Diretoria, do ano de 1956, a Congregação dos Professores do SPN, tendo acompanhado o procedimento do Rev. Israel Gueiros, bem como sabendo agora do seu intuito em abrir um novo seminário, poderia prever que o mesmo não desistiria facilmente dos seus planos. Pelo contrário, até podia imaginar a continuidade da sua campanha, fazendo uso de tudo o que estivesse ao seu alcance:

Não era difícil imaginar que o Dr. Israel Gueiros, de volta aos Estados Unidos, iria desencadear sua campanha aqui no Brasil, e instigar a desconfiança e semear a calúnia de igreja em igreja, a começar de Belém do Pará, contra o nosso Seminário. Nossa carta também servia de grito de alerta e um meio de ajudar nossos colegas a não se comprometerem com essa nova empresa que se ia instalar em nosso meio. Com efeito, mal chegou em Belém, o Dr. Israel Gueiros falou por mais de uma hora atacando o nosso Seminário e a Igreja Presbiteriana do Brasil, e conseguindo, logo nesta igreja, a promessa de quatro candidatos para o seu seminário. O programa ia se repetir em outras igrejas e a semeadura do mal seria tremenda, não fosse a carta do Seminário que ele foi encontrando com os outros pastores e as respostas que nossos colegas já tinham dado hipotecando inteira confiança e solidariedade a nossa Casa de Profetas. – Como não tivesse a mínima intenção de retroceder em seus planos, o ex-diretor deste Seminário resolveu arrastar todas as consequências e desencadear sua campanha difamatória contra o Seminário, a Igreja, o Presbitério de Pernambuco que, com segurança e extraordinária decisão resolveu enfrentar o problema e resolvê-lo da melhor maneira possível. (p. 25b-27a).

Mas a Congregação também relata o apoio que obteve por parte de inúmeras pessoas em prol do seminário. Entre essas pessoas, havia um excelente aliado à causa do SPN/: um dos presbíteros da Igreja Presbiteriana do Recife, cujo pastor era o Rev. Israel. Na realidade, o presbítero Dr. Laércio Coutinho era seminarista no SPN quando ocorreu esse episódio entre o Rev. Israel Gueiros e o seminário. A lógica seria o natural apoio que

⁷⁷ Nessa ocasião o Presidente do Sínodo Setentrional era o Rev. Israel Gueiros.

o Dr. Laércio daria ao pastor da sua igreja. Todavia, não foi o que aconteceu. O Dr. Laércio fez o contrário. Ou seja, saiu em defesa do seminário, pois, além de defender o seminário, afirmava que não concordava com o Rev. Israel Gueiros em relação ao que o mesmo falava contra o SPN. Ainda no apêndice, que encontramos nas atas da Diretoria do SPN (1953-1965), em que ela se refere ao ano de 1956, afirma-se:

O resultado da crise está se transformando em algo construtivo e bom pela graça de Deus. A solidariedade, que recebemos de toda a parte, as demonstrações de apreço e confiança que nos têm chegado às mãos constituem recompensa muito maior do que podíamos esperar, para nossos trabalhos e aflições. – Destacamos aqui a atuação pronta do presidente da Diretoria, Rev. Natanael Cortez que entrou em contato conosco afim de ficar informado de tudo o que se ia passando por aqui. Imediatamente começou suas atividades, visitando igrejas e colegas, escrevendo cartas, dando, por toda parte, o seu testemunho autorizado em favor da fidelidade doutrinária do Seminário, promovendo reunião do Concílio, de modo que, as igrejas do Norte, as que tinham sido mais trabalhadas para o desfecho desonroso e inglório de um cisma em nossa amada denominação, foram completamente salvas do golpe pecaminoso. – Damos hoje mil graças a Deus por uma das maiores vitórias em todas as nossas batalhas. Trata-se da atitude unânime do nosso corpo discente que se uniu como uma família ou um batalhão de soldados a lutar pela unidade da Igreja Presbiteriana e pela implantação do Reino de Deus. Apesar dos convites e acenos dirigidos para alguns dos nossos moços, com propostas tentadoras, todos ficaram firmes, pela graça de Deus, em seus posto de honra. A providência tinha colocado em nossa escola de profetas um presbítero dos mais queridos, dos mais competentes, e de vida espiritual mais sincera e elevada da igreja do Recife. Esse servo de Deus, quase extremado em seus zelo pela pureza de nossa doutrina, tornou-se o centro em torno do qual ia unir-se a igreja do Recife fiel ao seu passado. Estamos certos de que a influência do Seminário sobre o Dr. Laércio, interpretada em sua sinceridade e boa fé, foi um dos principais fundamentos em que se ergue hoje a igreja do Recife. O Dr. Laércio Coutinho era homem que estava a par do que estava acontecendo nos dois lados da questão e sua decisão foi definitiva e absoluta a favor do Seminário. (p. 25a – 27a).

Outro aliado relacionado à propagação desses embates é que, assim como o Rev. Israel Gueiros recebeu o apoio do Jornal do Carl McIntire, nos Estados Unidos, no qual afirmava que o liberalismo teológico tinha alcançado e adentrado os portões do Seminário Presbiteriano do Norte, por sua vez, o SPN também foi defendido no exterior. A Diretoria registra nas suas atas o relatório da Congregação, em que consta essa informação:

[...] Em Julho recebemos a visita do Dr. Nelson Bell, destacado líder evangélico norte-americano que veio ao Brasil colher informações sobre os acontecimentos que deram lugar à campanha do Dr. Israel Gueiros nos Estados Unidos. Aquele nosso ilustre irmão e amigo publicou dois artigos na revista THE SOUTHERN PRESBYTERIAN JOURNAL, uma das revistas evangélicas mais conservadoras do

protestantismo americano, como vigorosamente ortodoxo é o seu autor, desmentindo energicamente as acusações caluniosas espalhadas entre as igrejas e crentes de sua terra. Este ilustre escritor prestou-nos magnífico serviço refutando cabalmente, com argumentos sólidos e insofismáveis, as maquinações do mal espalhadas na seara dos nosso irmãos norte-americanos. (p. 28b).

A Congregação dos Professores do seminário listou algumas acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros, e de imediato aproveitou para fazer as devidas refutações.

1) Reafirma o Dr. Israel Gueiros que o nosso Seminário é controlado e dirigido pelas missões apesar de ser governado por uma diretoria composta de sete ministros brasileiros e apenas dois missionários e de estarem todos os cargos de administração nas mãos de brasileiros. Partindo do fato que as missões cooperam financeiramente na manutenção do Seminário, conclui ele que, por esta razão, elas controlam e dirigem a instituição. [...] Mas o que nos intriga é o seguinte: Como é que o Dr. Israel Gueiros se propõe a corrigir este suposto mal, fundando um seminário cem por cento financiado por americanos e tendo como tesoureira uma missionária americana da organização de McIntire? [...] Como é que o Dr. Israel Gueiros se propõe a corrigir este pretense desvio da equidistância do nosso seminário, fundando outro que tem como uma de suas principais finalidades promover a causa do Concílio Internacional de McIntire? _ Quanto às supostas irregularidades do nosso seminário, que o Dr. Israel Gueiros reafirma agora em suas acusações, é muito importante notar que ele não teve esclarecimentos para um dos aspectos morais mais graves de toda a questão. É que ele era um dos principais responsáveis pela orientação e governo deste seminário nos últimos cinco anos. (Livro de Atas da Congregação dos Professores do SPN, 1955-1959, p. 45a-45b, 46a, e 50a-50b).

A Congregação dos Professores do SPN continua relembrando alguns detalhes concernentes às acusações do Rev. Israel Gueiros, bem como os procedimentos naturais que deveriam ser levados em consideração, tendo em vista a utilização de um procedimento lógico:

[...]Suponhamos que fosse verdade o que o Dr. Israel Gueiros vem denunciando mundo afora, então seria dever do Presbitério de Pernambuco chamar a ordem o seu representante e responsabiliza-lo por não ter cumprido o seu dever, por não ter dado um só passo para sanar os males que ele agora denuncia e também por não ter levado ao conhecimento do concílio estas irregularidades alegadas. Seria deveres do Sínodo Setentrional interpelar e responsabilizar os presbitérios por elas. Foi para isso que o Supremo Concílio colocou a direção do Seminário nas mãos dos Presbitérios para que o seu viveiro de ministros fosse uma expressão de vida espiritual da igreja, de sua orientação teológica, de sua personalidade religiosa. – Com o que está fazendo o Dr. Israel Gueiros está se condenando irremediavelmente. Em qualquer alternativa será apanhado em culpa. Se é verdade o que

diz, então não cumpriu o seu dever, não fez o que lhe competia para livrar o Seminário do mal que o estaria contaminando. Como pode apresentar-se agora diante dos evangélicos como defesas da doutrina e da pureza da igreja? Onde estava o inimigo ferrenho do modernismo? Onde se encontrava o campeão da ortodoxia? Como poderá o Dr. Israel garantir que em seu seminário não iria acontecer a mesma coisa? Se, por outro lado, não é verdade o que anda proclamando por toda a parte, então ele é responsável pelo crime terrível de, em proveito próprio, difamar e caluniar uma obra de Deus e de denegrir a reputação de homens que servem ao Senhor com sinceridade e com zelo. (Livro de Atas da Congregação dos Professores do SPN, 1955-1959, p. 52a-53b).

Os argumentos de ataque do Rev. Israel Gueiros serviram para que a Congregação os utilizasse como elementos de defesa. É certo afirmar, e não fica difícil perceber que, o ano de 1956 foi muitíssimo difícil para o Seminário Presbiteriano do Norte, ou melhor, para a Igreja Presbiteriana do Brasil. Todavia, o ano seguinte, segundo o relatório, foi de grande tranquilidade e bonança. O relatório da Congregação dos Professores do SPN, enviado para a Diretoria, afirma isso:

Aos vinte e oito dias de novembro de 1957. – Apêndice nº 1. Relatório apresentado a Diretoria do Seminário Presbiteriano do Norte pelo Reitor, Rev. Samuel Falcão, na reunião ordinária da referida Diretoria, a 26 de novembro de 1957. – Sr. Presidente e demais membros da Diretoria do Seminário Presbiteriano do Norte. – Prezados irmãos: Saudações fraternais em Cristo. – Cumpro neste momento o grato dever de apresentar-vos um sucinto relatório dos trabalhos realizados em nossa Escola de Profetas durante o ano letivo de 1957. – 1. Ano de paz, harmonia e trabalho. “Depois da tempestade, segue-se a bonança”. Foi esta, graças a Deus, a nossa experiência no ano letivo que agora termina. Depois de grande luta que nosso Seminário teve de enfrentar no ano passado, defendendo-se de injustos ataques que lhe foram desferidos por um dos seus antigos professores, que hoje se acha fora do ministério e da Igreja Presbiteriana, liderando um movimento separatista que felizmente não teve o eco que ele esperava, - nosso Educandário gozava no ano que termina de absoluta paz, de modo que foi em plena harmonia que todos trabalhamos na realização da grande obra em que estamos empenhados de preparar obreiros para a seara do Mestre. Saímos da refrega retemperados para o trabalho e cada vez mais certos da assistência e da bênção de Deus, que não nos abandonou por um momento sequer. Confortou-nos também a solidariedade de nossa Igreja, através de seus líderes e de seus concílios, bem como a das igrejas mães, através das missões que conosco cooperaram. Deus é quem há de recompensar a todos. (p. 35b e 36a).

Porém, é certo lembrar que, ainda no ano de 1956, a situação entre o Rev. Israel Gueiros com a sua Igreja Presbiteriana do Brasil foi cada vez mais se agravando. Não

havendo mais condições, nem tão pouco um desejo de abrir mão dos seus ideais, o Rev. Israel Gueiros foi disciplinado. É o que desejamos abordar no próximo tópico.

3.5. O processo disciplinar do Reverendo Israel Gueiros e a sua saída da Igreja Presbiteriana do Brasil

Diante do ocorrido, ou seja, da campanha feita pelo Rev. Israel Gueiros para abertura do seu seminário, é nítido que a IPB procurou todos os meios possíveis, e necessários, para tentar descobrir algum tipo de foco do movimento fundamentalista para que pudesse prontamente combater. Nota-se que, durante esse período, foram feitas inúmeras reuniões por parte dos concílios pertencentes à Igreja Presbiteriana do Brasil, com o intuito de tomar as providências necessárias para que o fundamentalismo não conseguisse êxito, tendo em vista que o seu natural discurso era de macular a imagem da própria IPB.

Na ata de número 35 da Comissão Executiva do Presbitério de Pernambuco, datada no dia 27 de abril de 1956, encontra-se uma referência de um documento oriundo da Secretaria do Supremo Concílio da IPB, no qual são solicitados esclarecimentos sobre um artigo da Miss Margaret Harden. Na realidade, o que o Supremo Concílio desejava era mais informações sobre uma carta de apresentação feita pela Miss Margaret Harden em prol do Rev. Israel Gueiros, o qual estava se dirigindo para os Estados Unidos com a finalidade de levantar ofertas para a construção de um novo seminário teológico na cidade do Recife. Encontramos, portanto, nessa reunião da CE do Presbitério a seguinte informação e decisão: [...] 1. Quanto ao boletim oficial. “b) Quanto a um artigo de Miss Margaret Harden. Em relação a estes documentos resolve-se que sejam tratado na próxima reunião do presbitério”. (II livro de Atas da CE do Presbitério de Pernambuco, 1956, p. 56).

Na ocasião em que esse documento foi enviado pelo Supremo Concílio, o Rev. Israel Gueiros era o atual presidente do Presbitério de Pernambuco, mas estava ausente devido a sua viagem para os Estados Unidos. Na realidade, ele “esteve ausente por três meses”, em prol da sua campanha (II livro de Atas da CE do Presbitério de PE, Ata de número 36, 05/05/1956). Nessa mesma reunião, o Presbitério de Pernambuco resolve convocar uma Reunião Extraordinária para os devidos esclarecimentos por parte do Rev. Israel Gueiros quanto aos seus objetivos em relação à viagem que foi feita para os Estados Unidos. Um dos itens da pauta ratifica essa informação: “1. Ouvir esclarecimentos do

Rev. Israel Gueiros, sobre fatos relacionados com sua última viagem nos Estados Unidos da América do Norte”. De imediato, a reunião é marcada para o dia sete de junho do corrente ano (1956). Considerando que a reunião tratava de esclarecimentos que o Rev. Israel tinha que prestar, ele informa a sua impossibilidade de comparecer nessa data e solicita uma mudança, sendo a mesma adiada para semana seguinte, ou seja, dia quatorze.

O Presbitério de Pernambuco ficou atento a todos os procedimentos possíveis por parte dos seus pastores, procurando ter o máximo cuidado para que não houvesse nenhum tipo de possibilidade de alastramento das ideias fundamentalista dentro das suas igrejas. Isso fez com que, no dia 4 de outubro de 1956, a Comissão Executiva do Presbitério de Pernambuco procurasse o Rev. Francisco Gueiros, que na ocasião pastoreava a Igreja Presbiteriana de Vitória de Santo Antão – PE, desejando do mesmo esclarecimentos em relação a uma visita feita na sua igreja, pela Miss Margaret. O Rev. Francisco explicou:

a) que ela havia ido a convite da Auxiliadora⁷⁸ para apresentar projeções luminosas; b) que nenhuma campanha fundamentalista foi feita; c) que não sabe de plano algum de fundação de uma congregação fundamentalista em Vitória; d) reconhece o erro cometido mesmo em permitir a visita de Miss Margaret em vista das resoluções tomadas pelo Presbitério no sentido de impedir a infiltração do movimento fundamentalista nas Igrejas de sua jurisdição. A mesa informa que observará cuidadosamente a situação e que providências serão tomadas caso se verifique qualquer anormalidade na Igreja Presbiteriana de Vitória. Solicita, outrossim, que o Rev. Francisco Gueiros se defina quanto a sua posição com relação aos lados em conflitos. O Rev. Francisco Gueiros redige o seguinte documento que é recebido pela executiva: “Prometo impedir qualquer influência ou interferência de elementos ligados ao Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, ou que o apoiam, na Igreja Presbiteriana de Vitória da qual sou pastor. Outrossim, prestigiarei o Presbitério de Pernambuco em todas as suas resoluções e iniciativas”. (II Livro de Atas da Comissão Executiva do Presbitério de Pernambuco, 1950-1958, Ata de nº 40).

Enquanto a IPB procurava pastores ou pessoas envolvidas com o movimento liderado pelo Rev. Carl McIntire, dentro das suas igrejas, objetivando tomar as devidas providências, por sua vez, como era de se esperar, o Rev. Israel Gueiros, no seu direito de resposta, procurava mostrar a sua defesa, bem como os motivos que levaram a sua atitude. Dessa forma, ele resolve escrever um livreto, que tem como título “Perseguido, mas não desamparado”. Na sua apresentação, ele já começa justificando o motivo de escrever esse material:

⁷⁸ Sociedade Interna da Igreja que funciona através dos serviços voluntários das mulheres (irmãs) da igreja local. Hoje essa sociedade tem a sigla SAF, que significa, Sociedade Auxiliadora Feminina.

Por insistência dos meus amigos e por amor aos meus irmãos de todas as denominações evangélicas que me conhecem há 25 anos como pastor de uma única igreja, onde pela graça de Deus já recebi para mais de 1.500 membros, e que me acatam e conhecem os meus princípios e minha vida cristã dentro e fora da Igreja, apresento o libreto: “Perseguido mas não desamparado”, como documentário que responde às acusações falsas e caluniosas que me são assacadas no presente. Deixo que o espírito da equidade e justiça do público evangélico, julgue-me por si mesmo e não receba as conclusões contra a minha pessoa, tiradas por gratuitos inimigos pessoais, a quem jamais ofendi, a não ser no campo da divergência de princípios. “Como andarão dois justos se não concordam?” Nesse libreto, sem qualquer pretensão literária encontrareis, apenas, os documentos de defesa, e os de acusação que me foram enviados, mas, os que se contêm nos autos, que eu desejaria responder, me foram negados. Confio no julgamento sincero e insuspeito dos irmãos de todas as denominações evangélicas com quem tenho cooperado de alma aberta, e, que têm observado praticamente os resultados de um ministério abençoado por Deus e minha vida cristã, já como chefe de família, já como homem de sociedade, médico dos humildes, e amigos de todos os irmãos. Confio acima de tudo, naquele Juiz Eterno e Supremo, que vê, além da nossa argumentação, o que vai na alma. Ele que sonde o meu coração e veja si qualquer outro motivo a não ser a defesa da sua Santa Palavra e da fé que nela encontrei, tem movido a minha vida nesse caminho árduo que é o da defesa dos princípios. Chamam os processos que uso em defesa dos princípios de “extra-legais”. Como considerará o nosso Juiz Supremo os processos usados pelos meus inimigos para desmoralizar-me? Leiam os irmãos “O Norte Evangélico”, os panfletos aos milhares, distribuídos na campanha, e leiam agora a nossa defesa. Estou certo de que ficarei sabendo quem tem o Evangelho dentro do coração e o vive praticamente, e, sentireis que a mim, aplica-se também a palavra do apóstolo Paulo: “PERSEGUIDOS MAS NÃO DESAMPARADOS.” (GUEIROS, 1956, p. 3-4).

Não obstante os argumentos e ideias que professavam o Rev. Israel Gueiros, para que pudesse se defender, por sua vez, ele não deixou de ter um contra-ataque por parte da Congregação dos Professores do SPN, bem como da Diretoria que era responsável pelo seminário, e ainda do próprio Presbitério de Pernambuco, do qual o Rev. Israel era membro, além da própria Igreja Presbiteriana do Brasil. Com isso, mais uma vez percebemos que o caso envolvia a questão relacionada à perda de espaço político eclesiástico em detrimento do discurso em favor da questão doutrinária. A Congregação dos Professores do Seminário pronuncia-se mais uma vez:

Em documento incisivo, porém respeitoso, a Congregação dos Professores do Seminário Presbiteriano do Norte colocou uma solene advertência frente à desastrada arremetida do Rev. Dr. Israel F. Gueiros contra a Igreja Presbiteriana do Brasil e suas instituições acreditadas e idôneas. _ Sem poder constatar os fatos apresentados pelo Seminário em sua “DEFESA” porém, muito menos disposto a voltar atrás nos seus intentos este nosso colega vê-se forçado a recrudescer publicamente

seus ataques e acusações, sem importar-se com o tipo de recursos de que lance mão, contanto que fique justificada sua campanha financeira nos Estados Unidos para criar um Seminário no Recife e para financiar um suposto movimento de reforma como prolongamento, em nosso país, da chamada Reforma do século XX de Carl McIntire. Foi este movimento separatista, que tem o cisma como principal estratégia de ação, que patrocinou a campanha financeira do Dr. Israel Gueiros nos Estados Unidos, conforme documentos que ele mesmo reconhece como autênticos e que endossou formalmente diante do Presbitério de Pernambuco. _ por diversas vezes o líder fundamentalista Carl McIntire, veio ao Brasil com o propósito de atrair o evangelismo pátrio para a órbita do seu movimento. Apesar de se apresentar como expoente da posição doutrinária que agrada nossas igrejas, perceberam elas, a tempo que os métodos de McIntire e muitos dos seus motivos são completa negação da prática cristã. Por essas razões todas as principais denominações evangélicas do Brasil repudiaram definitivamente sua causa, recusando-se a se filiarem ao Concílio Internacional, criação deste agitado líder fundamentalista. Não logrando êxito neste plano maior, McIntire e seus seguidores se lançaram agora na segunda etapa de sua estratégia, que consiste em articular o recurso extremo e pecaminoso do cisma como meio de arrancar de dentro das denominações que lhes fecharam as portas, igrejas locais, ministros e grupos que estejam dispostos a apoiá-los e servirem aos seus intentos, **a pretexto de defesa doutrinárias e de combate ao modernismo**⁷⁹, deixando abertas nestas denominações evangélicas as feridas das lutas e da separação entre irmãos. (Livro de Atas da Congregação dos Professores do SPN, 1955-1959, p. 42b-44a).

Sabendo que o Rev. Israel Gueiros tinha preparado documentos de defesa para justificar a sua atitude diante do Presbitério de Pernambuco, do qual era membro, pois o mesmo tinha sido intimado a prestar esclarecimentos, paralelamente, os seus antigos amigos de docência do seminário chegam a lamentar a situação criada pelo Rev. Israel Gueiros, lembrando das suas naturais qualidades e afirmando que elas poderiam ter sido usadas com outras finalidades. Nesse momento, encontramos duras comparações:

Com profundo pesar e decepção estamos vendo nosso colega Rev. Dr. Israel Gueiros, um dos ministros mais dotados de nossa Igreja, prestando-se para esta obra inglória, invertendo os múltiplos talentos que Deus lhe deu para a prática do bem e da justiça do seu Reino, numa obra de destruição em luta aberta contra sua própria Igreja, semeando discórdia, separando irmãos, difamando colegas e instituições, sem recursar diante da grave advertência da Palavra de Deus: “O homem perverso levanta a contenda, e o difamador separa os maiores amigos. O homem violento persuade o seu companheiro por caminho não bom”. (Provérbios 16: 28-29). (Livro de Atas da Congregação dos Professores do SPN, 1955-1959, p. 44a-45b).

⁷⁹ Colocamos essa parte em negrito para destacar que, a própria percepção da Congregação dos Professores do SPN, isso, no ano de 1956, ratifica a nossa tese. Ou seja, a questão que está em jogo, não é a questão doutrinária.

O livreto que já mencionamos, “Perseguido mas não desamparado”, de autoria do Rev. Israel Gueiros, é fruto da sua defesa, apresentada ao Presbitério de Pernambuco, no ano de 1956. O material é composto de 105 páginas, dividido em 12 capítulos. No início do primeiro capítulo, já é possível encontrar indagações da defesa, no processo que julgou o Rev. Israel, em que o mesmo tenta mostrar algumas irregularidades do processo. Encontramos ainda nesse primeiro capítulo uma tentativa de justificar a ação do Rev. Israel Gueiros quanto a sua postura na defesa da sua doutrina.

O modernismo teológico que lavra em todo o mundo é um tema ingrato, porque fala de cousas tristes para todos aqueles que amam o Evangelho e a Santa Palavra de Deus. É constrangedor para muitos, tomar conhecimento dos absurdos que o modernismo teológico encerra. Daí por que os que se atrevem a denunciar tal estado de coisas se vêm muitas vezes, como no caso presente, mal interpretados, mal compreendidos. Se o objetivo do acusado fosse o cisma, não se teria submetido às interpelações que lhe têm sido feitas por este colendo presbitério, nem tão pouco ao julgamento deste tribunal. A utilização da autoridade que os cargos eclesiásticos lhe conferem, tem sido feita no sentido de alertar a igreja do perigo que a ameaça. Não se pode jamais despertar a atenção de quem se ache sem perigo, sem alarme. Muitas vezes o necessário que se cheguem a extremos afim de que se despertem os crentes para uma realidade. Todo este movimento por que temos passado ultimamente, longe de afastar os fiéis, pelo contrário, os tem congregado, na busca de conhecer das razões de ser de tanto alarde. A história dirá dos proveitos espirituais que advirão para a Igreja desta luta que tem martirizado corações, trazido angústias, dissabores, e preocupações. (p. 14-15).

Aqui surgem algumas observações sobre o argumento supracitado, pois parece não haver muita consistência. Primeiramente, percebe-se inicialmente uma ideia de uma não aceitação dos danos provocados pelo modernismo (liberalismo teológico), dando a entender que de fato isso estivesse ocorrendo no seio da Igreja Presbiteriana do Brasil. Ora, o caso que houve no Seminário Presbiteriano do Norte, com um dos seus professores, foi um caso isolado e de imediato foram tomadas as devidas providências, entre elas o afastamento definitivo do professor. Ou seja, absolutamente, em nenhum momento, a IPB aceitou sequer a ideia de apoiar ideologias oriundas do movimento liberal teológico, nem tampouco concordou com o extremismo fundamentalista defendido e propagado pelo Rev. Carl McIntire. A segunda observação ainda é sobre a defesa do Rev. Israel Gueiros, quando afirma ela que ele não desejava causar um cisma. Mas não é isso que nos parece. Pois foi exatamente o que ocorreu.

A outra parte do argumento de defesa afirma que o seu cargo eclesiástico lhe confere o dever de alertar as igrejas. De fato, isso é verdade. Mas aqui surgem algumas indagações: É somente o Rev. Israel Gueiros que está tendo essa visão do perigo e todos

os demais ministros estão impossibilitados, ou melhor, equivocados? É apenas o Rev. Israel Gueiros que está certo e todos os demais pastores estão errados? Por que Deus deu apenas essa capacidade ao Rev. Israel Gueiros de enxergar o perigo que estava pra assolava a Igreja e ainda mais tendo ainda pela frente a árdua tarefa de lutar contra a praga do modernismo e também os seus companheiros ministeriais?

A defesa do Rev. Israel Gueiros parte para a argumentação do seu ofício ministerial e das suas naturais credenciais obtidas no decorrer da sua vida, de forma que parece haver, segundo a defesa, um direito que compete ao Rev. Israel Gueiros para sair em busca de ajudas no exterior que possibilite a abertura do seu seminário.

As credenciais de pastor, presidente do Presbitério e vice-presidente do Sínodo foram-lhe conferidas, a primeira por ordenação, após curso regular no seminário, à custa de estudo e esforço; as demais, por eleição regular entre os seus pares de ministério. Para consegui-las, não usou de qualquer artifício. Esconder estas qualidades, num país de origem evangélica, seria mesmo que negar a sua fé. Se o tivesse feito, hoje estaria sendo julgado por envergonhar-se da sua qualidade de ministro do Evangelho. Em qualquer lugar do mundo, não só no meio evangélico, mas também no profano, se apresentam as pessoas pelos cargos que ocupam. Tratando-se de um Ministro, em plena comunhão, com seu presbitério e seu Sínodo, esconder estas credenciais, seria ato de simulação, mormente quando a sua ida aos Estados Unidos decorreu de sua qualidade de pastor presbiteriano que combate o modernismo. [...] Convém ressaltar que o acusado não foi representar a Igreja Presbiteriana do Brasil. Foi representando a si próprio, ou seja, um pastor Presbiteriano apaixonado pelo combate ao modernismo, acontecendo porém que este pastor, não tinha, nem tem o direito de esconder os seus títulos, a menos que deles, se envergonhe. (GUEIROS, 1956, p. 17-18).

Mais uma vez, por vários motivos, os argumentos de defesa do Rev. Israel Gueiros estão fora de ordem. Primeiramente, porque em nenhum momento ninguém duvidou das suas credenciais. Pelo contrário, todos os seus ex-companheiros de docência ministerial, constantemente (como mostram os documentos), relembram as suas inerentes qualidades. Nem tampouco houve quem se levantasse para pedir que o Rev. Israel Gueiros, ao chegar no exterior, ocultasse o seu ofício e as suas qualidades. Isso não faria sentido e nem havia necessidades. Todavia, quando a defesa pontua a qualidade do Rev. Israel Gueiros como um combatente ao modernismo, mais uma vez surge uma pergunta: Onde está situado esse modernismo? Ora, é nesse momento que a defesa se complica. Pois, em todo o tempo, o Rev. Israel afirma que o modernismo está dentro do SPN. Neste caso, dentro da própria IPB. É correta a afirmação da defesa de que o Rev. Israel não estava representando a IPB, mas a si próprio. A defesa não seria ingênua em afirmar o contrário, pois, agindo assim, daria motivos maiores para se auto condenar.

Todavia, indiscutivelmente, não há como negar que a condição de ser pastor da IPB favoreceu em muito os benefícios na apresentação do Rev. Israel Gueiros, diante das igrejas norte-americanas, durante a sua estadia nos Estados Unidos, em prol da oferta para a construção do seu seminário. Foi nesse momento que a defesa justificará a abertura de uma nova instituição de ensino teológico, na cidade de Recife:

A organização de um novo seminário interdenominacional, e de uma missão, plano de evangelização, Instituto Ebenezer, não implicam, a nosso ver, em cisão da Igreja. Pelo contrário, parece-nos ser um contingente de colaboração para o desenvolvimento da Causa do Mestre. Contingente que não deve ser menosprezado, especialmente, quando se assegura que a doutrina a ser disseminada será de estrita obediência à Palavra de Deus, visando, maior difusão do Evangelho neste rincão do Brasil. Não é a primeira vez que uma Igreja organiza institutos para instrução, teológica, tanto no âmbito da Igreja Nacional, quanto nos limites do próprio Presbitério... Gostaríamos de conhecer em que contraria a palavra de Deus, o fato de se criar instituições para maior disseminação do ensino das próprias Escrituras. Se há centenas de milhares de pessoas na cidade do Recife, e em todo o Norte do Brasil sequiosas de Salvação, quanto maior número de entidades que se criem, com o fito de habilitar pessoas à pregação do Evangelho, melhor para a causa. (GUEIROS, 1956, p. 18).

Mais uma vez, parece que os argumentos de defesa não se justificam para a abertura de um novo seminário. Ora, a defesa parece não querer enxergar, ou não tenha o desejo de lembrar, que somente a Igreja Presbiteriana do Brasil é que tem a jurisprudência na abertura de novos seminários. Nesse caso, nenhum pastor, nem qualquer igreja local poderia agir dessa forma. Para complicar ainda mais, o desejo do Rev. Israel Gueiros era a localização do seu seminário na cidade de Recife. Isso não fazia nenhum sentido, pois, nessa mesma cidade, já existia um seminário: o Seminário Presbiteriano do Norte. Para piorar a situação desse novo empreendimento, o Rev. Israel deseja abrir esse novo seminário devido às acusações que ele mesmo faz ao SPN, tendo em vista que ele tinha aberto as suas portas para ensinamentos modernistas, segundo as suas afirmações. Agora a defesa alega que a abertura desse novo seminário é para somar às necessidades existentes no preparo para futuros pastores, visando à difusão do Evangelho nessa cidade. Todavia, até onde temos conhecimento, o SPN dispunha de alojamentos e vagas para o ingresso de outros candidatos, caso houvesse necessidades de envio. Isto mostra que o argumento de defesa do Rev. Israel demonstrava uma aparente boa intenção, mas o conhecimento apurado dos fatos demonstra que as intenções eram outras.

Ainda no livreto “Perseguido mas não desamparado”, encontramos no capítulo II a “resposta do Rev. Dr. Israel Gueiros aos quesitos apresentados pelo Presbitério de

Pernambuco”. Na realidade, são nove quesitos, nos quais o Rev. Israel responde algumas perguntas feitas pelo Presbitério de Pernambuco.

[...] SEGUNDO – “Se são de sua autoria as seguintes publicações: Uma carta mimeografada com a data de 16-4-56 com o título “Notícias e notas com respeito ao Seminário Presbiteriano Nacional, no Recife, que traz a sua assinatura como Presidente do novo Seminário; Uma carta publicada no Boletim de maio de 1956, anunciando o estabelecimento do Seminário Presbiteriano Nacional, e solicitando donativos para sustentar esse Seminário e que traz também a sua assinatura; o discurso pronunciado em Filadélfia, E. U., a 8-2-56 e publicado pelo Christian Beacon, na sua edição de 1-3-56”. [...] REAFIRMO todas e não me retrato de coisa alguma a não ser que mudei de ideia por instância dos meus amigos e em lugar de um SEMINÁRIO PRESBITERIANO que o Supremo Concílio tem direito de abrir, somente ele, decidimos criar um seminário interdenominacional. (GUEIROS, 1956, p. 33-34).

Durante esse período, o jornal o “Norte Evangélico”⁸⁰ publicou uma série de artigos sobre o caso. Por exemplo, na edição de maio de 1956, na primeira página, trouxe a seguinte manchete: “A Congregação do Seminário Refuta Injustas Acusações do Rev. Israel Gueiros”. Informou ainda: “McIntire repudiado por suas próprias Igrejas!” Nessa mesma página, semelhante a uma nota de rodapé, mas em negrito, para que ficasse em destaque, podemos ler a seguinte informação: “O ‘Norte Evangélico’, neste momento histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil, desfralda a bandeira e torna-se um símbolo da resistência dessa Igreja contra quaisquer tentativas de desagregação, partam de onde partirem. Espera, pois, o restrito apoio de todos os seus amigos e assinantes”.

Na edição de julho desse mesmo ano, novamente a cena se repete, na manchete de capa. Foi publicado: “Contra a tentativa do Dr. Israel Gueiros de dividir a Igreja Presbiteriana do Brasil sob falsas acusações, o Presidente do Supremo Concílio acautela a nossa Igreja e apela à consciência de todos os crentes presbiterianos com a seguinte PASTORAL [...]”. Nessas duas edições citadas, das suas oito páginas, aproximadamente 50% versaram sobre o caso do Rev. Israel Gueiros.

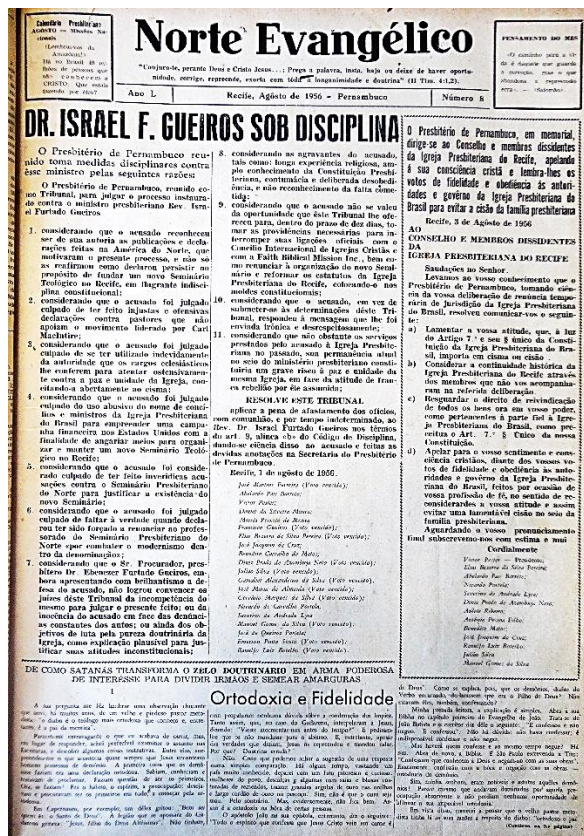
⁸⁰ Jornal oficial da IPB, distribuído nacionalmente, sendo de publicação mensal.



Jornal Norte Evangélico, maio de 1956. A Congregação do SPN refuta as acusações do Rev. Israel Gueiros. Acervo do SPN.

Mas o certo é que, depois de haver inúmeras reuniões, chegando até mesmo a um processo de Tribunal Eclesiástico para julgamento do caso. Não havendo acordo de ambas as partes, o Tribunal do seu Presbitério resolveu aplicar “a pena de AFASTAMENTO POR TEMPO INDETERMINADO DOS SEUS CARGOS E OFICÍOS”⁸¹, até que desse prova do seu arrependimento.

⁸¹ No Norte Evangélico de agosto e de setembro de 1956, as manchetes de capas, trouxeram as seguintes informações: “Dr. Israel Gueiros sob disciplina”. (Agosto). “Não é mais ministro Evangélico o Dr. Israel F. Gueiros” (Setembro). Essa parte em caixa alta, consta no próprio original.



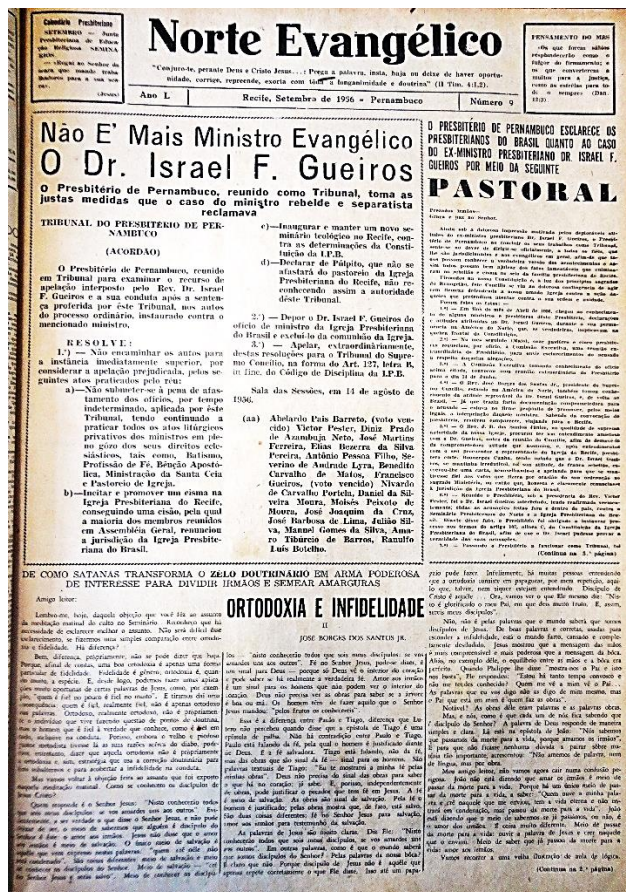
Jornal o Norte Evangélico, agosto de 1956. Publicação da disciplina do Rev. Israel Gueiros. Acervo do SPN.

Sabendo disso, o Rev. Israel não aceitou a disciplina. Tendo uma parte da Igreja Presbiteriana do Recife ao seu lado, da qual era pastor, sendo essa solidária a ele, resolveu renunciar à jurisdição da IPB.

Foi assim que, no dia 30 de julho de 1956, numa Reunião Extraordinária, na Igreja Presbiteriana do Recife, com a presença de 220 membros, 147 desses resolveram acompanhar o Rev. Israel Gueiros⁸² na abertura de uma nova denominação, surgindo assim A Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB)⁸³.

⁸² Cf. Norte Evangélico, Setembro de 1956, p. 5. Nessa mesma matéria, encontramos a seguinte manchete: A Igreja Presbiteriana do Recife, Salva pela graça de Deus, de uma inovação ruinosa importada de fora, com a finalidade de semear discórdias e destruir a comunhão dos santos (Essa referência foi feita aos que não apoiaram o Rev. Israel Gueiros, mas que continuaram sob a jurisdição da IPB. Fruto desse grupo é a Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, localizada na Rua das Creoulas, no bairro das Graças).

⁸³ Inúmeras obras foram escritas por parte da família Gueiros, contando as suas histórias e versões. Cf. Perseguido, mas não desamparado (1956); Rev. Israel Gueiros: 60º aniversário natalício e 36º aniversário de ordenação (1967); Este insigne varão de Deus (1977); Anais do centenário (1978); A luz do mundo (1980); Israel Gueiros: vida e obra missionária (2007); ainda sobre os Gueiros de autoria de VIEIRA, David. Trajetória de uma família: A história da família Gueiros (2008).



Jornal o Norte Evangélico, setembro de 1956. Rev. Israel Gueiros não é mais ministro da IPB. Acervo do SPN.

Para que possamos ter uma ideia do funcionamento relacionado aos períodos de gestões que houve durante todo esse tempo no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), por parte de Reitores/Diretores e Deãos/Capelães, resolvemos fazer uso desse levantamento, encontrado no livro “SPN, 120 ANOS – Você faz parte dessa história”, de autoria do Rev. Silvano Fonseca:

Relação de Reitores e Diretores do SPN		
Ordem	Nomes	Períodos
1º	Martinho de Oliveira	1899-1903
2º	George Edward Henderlite	1903-1919
3º	Antônio Almeida	1922-1924, 1926, 1934-1946
4º	Jerônimo da Silva Gueiros	1925, 1927-1933
5º	H. Theodoro Hinn	1947-1948
6º	Israel Furtado Gueiros	1949

7º	Alexander Reese	1950
8º	Samuel de Vasconcelos Falcão	1951-1958
9º	Oton Guanais Dourado	1959-1962
10º	Paul Everett Pierson	1963-1964
11º	Victor Pester	1965
12º	Thomas Foley	1966-1967
13º	Áureo Bispo dos Santos	1968-1969
14º	Noé de Paula Ramos	1970-1971
15º	Heinz Neumann	1972-1975
16º	Frans Leonard Schalkwijk	1976-1981, 1983-1986
17º	Washington de Moura Amorim	1982
18º	Henrique de Lima Guedes	1987 (2 meses)
19º	Gerson da Rocha Gouveia	1987
20º	Humberto Gomes de Freitas	1988-1989
21º	Augustus Nicodemus Lopes	1990 (jan-jun)
22º	José Clóvis Andrade Falcão	1990-1991 (jun/90-out/91)
23º	Edijéce Martins Ferreira	1991-1998 (nov/1991-1998)
24º	Abner Ferreira de Assis	1999-2001
25º	Luiz Augusto Corrêa Bueno	2002-2004
26º	Lutero Teixeira Rocha	2005-2006
27º	Eduardo Magalhães Lira S. Maior	2006 (set/2006-dez/2007)
28º	Marcos André Marques	2008-2017
29º	Stefano Alves dos Santos	2018

Relação dos Deãos e Capelões do SPN		
Ordem	Nomes	Períodos
1º	Antônio Almeida	1924-1925, 1927-1933

2º	Synésio Lyra	1926
3º	Joel Miranda	1934
4º	Israel Furtado Gueiros	1935-1936
5º	W. B. Forsyth	1937-1944
6º	Edwin R. Arehart	1945-1947, 1949
7º	Samuel de Vasconcelos Falcão	1948
8º	Oton Guanais Dourado	1950-1959, 1970-1972, 1976-1979
9º	João Dias de Araújo	1960-1962, 1965-1967
10º	Thomas Foley	1963, 1969
11º	Áureo Bispo dos	1964
12º	Paul Everett Pierson	1968
13º	Raimundo Lória	1973-1975
14º	Gerson da Rocha Gouveia	1980-1987
15º	Augustus Nicodemus Lopes	1988
16º	James Olin Coleman	1989-1990
17º	José Clóvis Andrade Falcão	1991-1992, 2002-2003
18º	Luiz Augusto Corrêa Bueno	1993-1994
19º	Nisan Baía da Rocha	1995-2001
20º	Lutero Teixeira da Rocha	2004
21º	Silvandro Cordeiro da Fonseca	2005-2006
22º	Stefano Alves dos Santos	2006 -2011 (set/2006-jun/2011)
23º	Irineu da Silva Neto	2011-2012 (ago/2011-dez/2012)
24º	Victor Alexandre N. Ximenes	2013-2017
25º	Civaldo Almeida	2018

CAPÍTULO IV - A ESTRUTURA E OS MÉTODOS DA IGREJA PRESBITERIANA FUNDAMENTALISTA DO BRASIL, O SEU ALASTRAMENTO, E AS CRISES NAS DÉCADAS DE 1985 e 1995

4.1. A fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil: o apoio de McIntire e de alguns pastores nacionais

No livro de Atas do Presbitério do Norte da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, na sua ata de número 1 (um), deparamo-nos com a ata de abertura e de fundação, tanto do Presbitério do Norte como da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB). Isso nos possibilita ver o registro das pessoas que compareceram a este momento solene. Estiveram presente na cerimônia de fundação da IPFB representantes da Igreja Batista, Congregacional e até mesmo do meio pentecostal.

Às vinte horas e trinta minutos do dia vinte e um do mês de setembro do ano de mil novecentos e cinquenta e seis, no templo da Igreja Presbiteriana do Recife, numa reunião solene, regorgitante de fiéis, representantes de quase todas as denominações evangélicas locais, teve lugar a cerimônia de fundação do PRESBITÉRIO DO NORTE e, com esta, a da IGREJA PRESBITERIANA FUNDAMENTALISTA DO BRASIL. O ato foi presidido pelo Rev. Dr. Israel Furtado Gueiros, recentemente injustiçado pelo Presbitério de Pernambuco, em face de sua fidelidade aos princípios fundamentais do Cristianismo. Compareceram a essa histórica solenidade os seguintes ministros e presbíteros: Revs. Roberto de Souza e Antônio Sales (congregacionais), Dr. Ademar de Souza Melo (pentecostal), Antônio Lima, Dr. Álvaro Neves e Carlos Matheus (batistas), Uzzai Canuto e Roderick Carneiro de Melo (presbiterianos), Presbs. Joselindo Cordeiro Sobral, Antônio Ferreira dos Santos e Dr. Emerson Pinto da Silva Souto (representantes de igrejas presbiterianas). Depois do culto de ações de graças pelo jubileu de prata do ministério do Rev. Dr. Israel Gueiros, em que foi orador oficial o Rev. Roderick Carneiro de Melo, foi oficialmente declarado fundado o Presbitério do Norte, como também, a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil. Foram arrolados neste presbitério os seguintes membros: Ministros – Dr. Israel Furtados Gueiros, Roderick Carneiro de Melo, Uzzai Canuto e Ageu Vieira (pedido de arrolamento por escrito em vista de estar doente); Igrejas – Presbiteriana do Recife (representante Dr. Emerson Souto), Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Catonho (Joselindo Sobral) e Igreja Fundamentalista do Fama (representante Antônio Ferreira dos Santos). Aprova-se o seguinte horário para os trabalhos regulares que se seguem: de nove às onze horas e das quatorze às dezessete horas. Aceita-se o convite do Reitor do Seminário Teológico do Brasil⁸⁴ para realizar as reuniões que seguem no edifício do referido seminário. Encerra-se a

⁸⁴ O Seminário Teológico do Brasil, nesta ocasião funcionava na Avenida Caxangá (Recife-PE), no Bairro do Cordeiro, número 2441. (Cf. Ata de nº 1, do Presbitério do Norte da Igreja Presbiteriana fundamentalista do Brasil, 1956, p. 1b).

seguinte sessão, orando e impetrando a benção apostólica, o Rev. Carlos Matheus, às vinte de duas horas”. (p. 1-2).

A IPFB não tardou para expandir o seu território. Em pouco tempo, já havia presença de Igrejas Fundamentalistas em alguns estados brasileiros, bem como a aberturas do seminário, do orfanato, programa de rádio etc. Por exemplo, na primeira Reunião Ordinária para a fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, como também a formação do Presbitério Norte na sua segunda sessão, datada no dia vinte e dois de setembro de mil novecentos e cinquenta e seis (22/09/1956), percebe-se que, entre as resoluções, houve a decisão de tornar alguns pontos de pregações e congregações em igrejas. Com isso, foi feito um mapeamento dos locais e a distribuição dos obreiros⁸⁵.

DISTRIBUIÇÃO DE CAMPOS E OBREIROS DA IPFB	
CAMPO	OBREIRO
Igreja Presbiteriana do Recife	Rev. Dr. Israel Gueiros
Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Bongi	Rev. Dr. Israel Gueiros
Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Catonho	Rev. Uzzai Canuto
Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Fama	Rev. Dr. Israel Gueiros
Igreja Presbiteriana Fundamentalista de Poço das Ovelhas	Rev. Dr. Israel Gueiros
Igreja Presbiteriana Fundamentalista de Abreu e Lima	Rev. Dr. Israel Gueiros
Igreja Presbiteriana Fundamentalista de Boa Vista	Rev. Dr. Israel Gueiros
Congregação Presbiteriana de Engenho do Meio	Rev. Dr. Israel Gueiros
Congregação Presbiteriana de Torres Galvão	Rev. Dr. Israel Gueiros
Seminário Teológico do Brasil	Rev. Roderick de Melo

Apesar de tão pouco tempo, a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil expandiu-se rapidamente. De início, os trabalhos realizados nessas igrejas filiais tiveram a assistência pastoral quase que totalmente dada pelo próprio Rev. Israel Gueiros. Todavia, pensando na multiplicação desse crescimento, como também na necessidade de apoio para o desenvolvimento da obra, a igreja, além de lançar convite para instituições que pudessem apoiá-la, também abriu as suas portas para todos aqueles que tivessem interesse em fazer parte dela. Ou seja, procurou desburocratizar o processo de recebimentos desses novos membros:

Em vista de informação dada pelo presidente (Rev. Dr. Israel Gueiros), de que o Rev. Antônio de Carvalho deseja ser arrolado como membro deste Presbitério, autoriza-se a Comissão Executiva a arrolar o referido ministro, em tempo oportuno, como também, a qualquer outro que deseje aderir ao movimento fundamentalista. Autoriza-se, também, às Igrejas deste Presbitério a receberem qualquer adesão de membros de outras igrejas evangélicas pelo ato simples de arrolamento. Resolve-se

⁸⁵ Cf. Ata de nº 1, do Presbitério do Norte da Igreja Presbiteriana fundamentalista do Brasil, 1956, p. 2a-3a.

filiar a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil à Confederação de Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil e ao 'International Concil of Christian Churches'. (Ata de nº 1, do Presbitério do Norte da Igreja Presbiteriana fundamentalista do Brasil, 1956, p. 3a).

O apoio do Rev. Carl McIntire e a sua relação com o Rev. Israel Gueiros para com a propagação da causa fundamentalista no Brasil sempre foi uma constante. A importância do Rev. McIntire em relação a sua participação como patrono do fundamentalismo protestante brasileiro não pode ser resumida pelas traduções dos seus livros para língua portuguesa e do seus inúmeros investimentos financeiros, mas, a cima de tudo, deve-se atentar a sua própria presença física nos constantes eventos em prol do movimento fundamentalista. O Rev. McIntire estava sempre presente nas datas comemorativas e em eventos marcantes da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil. Por exemplo, ele foi o palestrante na fundação do Sínodo da IPFB, realizado na Igreja Presbiteriana do Recife.



Dr. Carl McIntire (em pé à esquerda) pregando na instalação do Sínodo da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, em 1976, na IP do Recife, tendo como tradutor o Rev. Porfirio Gueiros (em pé à direita). Acervo do Rev. José Vasconcelos.

Todavia, não podemos esquecer que, assim como o Rev. McIntire, que indispensavelmente é lembrando e citado pelo apoio que deu ao Rev. Israel Gueiros na abertura da sua nova denominação no Brasil, também foi inegável a importância do Rev. Israel Gueiros no ministério do Rev. McIntire. Basta lembrar que, depois do nome do Rev. McIntire, que liderava os concílios fundamentalistas no mundo, o segundo nome mais importante foi exatamente o do Rev. Israel Gueiros. A grande probabilidade é que o movimento fundamentalista espalhado no mundo, liderado pelo Rev. Carl McIntire, não

teria o mesmo êxito sem o apoio inseparável do seu fiel escudeiro, o Rev. Israel Gueiros. Entre inúmeras funções que o Rev. Israel Gueiros ocupou em prol da propagação e defesa da causa fundamentalista, é possível lembrar duas: sua atuação enquanto Vice-Presidente da Aliança Latino Americana de Igrejas Cristãs e também como Vice-Presidente do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs.



O Rev. Israel Gueiros pregando no Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (I.C.C.C). Na ocasião sendo traduzido por um coreano. Acervo pessoal.

O Rev. Israel Gueiros fez diversas viagens ao redor do mundo, propagando a causa fundamentalista. É certo que, por esse motivo, precisou ausentar-se da sua igreja local por diversas ocasiões. Isso não resultou somente em elogios por parte dos seus aliados, mas também em críticas por parte dos seus opositores. Para que possamos ter uma ideia dessas viagens, eis o relato do seu próprio genro, o professor Reinaux:

O resumo das suas viagens internacionais deve deixar Embaixadores e outras grandes autoridades muito para traz. O número é impressionante. Dr. Israel Gueiros visitou, todos os Continentes, deu três voltas ao mundo e catalogou, mais de 80 países visitados e algumas centenas de cidades. Embora tenha ele anotado todas ou quase todas as suas viagens internacionais, seria quase impossível transcrever todas elas. Assim resumidamente ele fez as seguintes (Anotamos as viagens mais importantes): Viagem de volta ao mundo (3 vezes), Estados Unidos (43 vezes), Europa como um todo (13 vezes), Extremo Oriente (5 vezes), África (3 vezes), especificamente até à Terra Santa (4 vezes), Argentina (4 vezes), Peru (2 vezes), Bolívia (2 vezes), Uruguai (2 vezes), Guatemala (4 vezes), Japão (3 vezes), Honolulu (3 vezes), México (4 vezes), e Austrália (1 vez). (REINAUX, 2007, p. 178-179).



Viagem feita para Alemanha. O Rev. Israel é o segundo da direita para a esquerda, em seguida o Rev. McIntire ao seu lado. Acervo pessoal.

4.2. A expansão da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil: o seminário, as suas igrejas filiais e as suas congregações

Se o objetivo do Rev. Israel Gueiros era a abertura de um novo seminário na cidade do Recife, alegando que a necessidade estava relacionada ao fato do SPN ter sido contaminado com ensinamentos teológicos liberais, e ainda continuar com influências advindas das missões norte-americanas, o seu plano não tardou para que fosse executado. O seu seminário foi fundado. Com o objetivo de atrair pessoas de diversas denominações, foi evitado de imediato o nome de seminário fundamentalista, passando o mesmo a ser denominado de Seminário Teológico do Brasil, onde o seu funcionamento ocorria na Avenida Caxangá (Recife-PE), no Bairro do Cordeiro, nº 2441.

Com pouco tempo de funcionamento, era comum o jornal “A DEFESA” postar notas informativas e propagandas em prol do novo seminário:

Reabriu solenemente o seu curso, o Seminário Teológico do Brasil, no dia 4 de março corrente, no templo da Igreja Presbiteriana do Recife. Estão funcionando os cursos Teológico, Ministerial, Leigo e de adaptação. Temos nove alunos internos e vinte e seis externos incluindo os cursos de adaptação. Ao todo trinta e cinco jovens que aspiram ao ministério ou realizam um trabalho eficiente na seara do Mestre. **NOVOS PROFESSORES.** Enriqueceram o nosso corpo docente mais dois professores este ano. São eles o Rev. Antônio Felix, bacharel em teologia pelo Seminário Batista do Norte e professor do Seminário Batista da Convenção Pernambucana, e o professor Jafé Castanha Acioly, professor de filosofia pela Faculdade de Filosofia do Estado, e ilustre membro da Igreja Presbiteriana do Recife. Com a renúncia do Rev. Prof. Roderick Carneiro, contratamos para ministrar as cadeiras de grego, e de inglês, o Presb. Dr. José Dinoah de Araújo, advogado na

cidade do Recife, e figura de grande projeção no meio Evangélico do Recife. Damos graças a Deus por tão valiosa cooperação e pelo entusiasmo dos alunos desde as suas primeiras aulas. Aguardamos a chegada dos novos professores que solicitamos ao Board Independente de Missões Presbiterianas. Até aqui nos ajudou o Senhor e não nos têm faltado os meios para manter o Seminário e ainda pela fé podemos apelar para os evangélicos de todas as denominações evangélicas para que aproveitem a oportunidade que Deus lhes dá, de se prepararem para o serviço do Senhor Jesus. (A DEFESA, Ano 1, nº 3, 1957).

Todavia, apesar do Rev. Israel Gueiros ter alegado que o SPN não tomou as devidas providências para combater ensinos liberais provindos de missionários estrangeiros, os quais faziam parte do seu quadro de docentes, e que isto resultou numa perda de confiança por parte dos pastores em não continuar enviando mais os seus candidatos para se preparar para o sagrado ministério no SPN, tudo leva a crer que, diante das informações supracitadas do novo seminário fundamentalista, os argumentos do Rev. Israel Gueiros não alcançaram as devidas proporções desejáveis.

Há alguns motivos para os alvos não alcançados do Rev. Israel Gueiros na abertura do seu seminário. Primeiramente, surge uma indagação: cadê o apoio dos pastores presbiterianos na abertura desse novo seminário, tendo em vista que “eles” alegavam que não enviariam mais seus futuros seminaristas para o SPN? Além disso, o apoio para o funcionamento do novo seminário passa a ser oriundo de pastores de outras denominações, havendo pouquíssimos presbiterianos. Um fato curioso, ainda em relação à abertura desse novo seminário, mesmo que não conste neste anúncio do Jornal “A DEFESA”, mas se tornou uma prática constante e comum entre muitos pastores da IPFB é que, mesmo dispondo de um seminário fundamentalista ao seu alcance, estes optaram em fazer o seu curso de teologia e ter a sua formação teológica no SPN.

Um detalhe interessante da igreja pastoreada pelo Rev. Israel Gueiros é que, mesmo tendo se desligado da IPB, a Igreja Presbiteriana do Recife continuou comemorando as suas datas de aniversário, a partir do trabalho que fora realizado pelo pioneiro do presbiterianismo em solo Pernambuco, o missionário John Rockwell Smith, que chegou em Recife no dia 15 de janeiro de 1873, e a fundação da igreja aconteceu com apenas doze membros cinco anos depois, no dia 11 de agosto de 1878.

No seu centenário, a IP do Recife fez vários eventos para comemorar as suas festividades. Na ocasião, houve publicações do centenário da igreja no Jornal do Commercio, no Diário de Pernambuco e lançamentos de livros que relembavam a história da igreja etc. Numa dessas publicações, encontramos o livro publicado pela

própria igreja que teve como título “Igreja Presbiteriana do Recife (1878 – agosto – 1978) Anais do Centenário”. Neste material, é possível encontrar alguns dados sobre a condição da IPFB, depois de vinte e dois anos da sua fundação (1956 – 1978). Eis, portanto, a quantidade de igrejas e congregações da IPFB durante o ano de 1978, bem como os pastores e os demais responsáveis por esses trabalhos:

Igrejas e Congregações pertencentes a IPFB e os seus responsáveis no ano de 1978	
IGREJAS E CONGREGAÇÕES	RESPONSÁVEIS
IPF do Recife	Rev. Israel Gueiros e Porfírio Gueiros
IPF do Prado	Rev. Uziel Furtado Gueiros
IPF do Engenho do Meio	Rev. Israel Batista de Oliveira
IPF de Abreu e Lima	Rev. José Maria de Araújo
IPF de Garanhuns	Rev. Francisco de Carvalho Silva Gueiros
IPF de Monte Sinai (Garanhuns)	Rev. Baltazar Menezes Ferrer
IPF de Belém do Pará (Pará)	Rev. Jerônimo Lima Filho
IPF do Neves (Jupy)	Rev. Apolo Cordeiro Sobral
IPF do Cabo	Rev. Roberval Marçal
IPF do Ibura	Rev. Israel Furtado Gueiros Filho
IPF de Paulista	Rev. José Maria de Araújo
IPF de Gameleira	Rev. Francisco Avelino dos Santos
IPF de Rondônia (Rondônia)	Rev. Edson Lopes
IPF de Casa Amarela	Rev. Cleto Portela Parbalho
IPF Bayeux (Paraíba)	Rev. João Ferreira da Silva
IPF de Campina Grande (Paraíba)	Rev. Clélio Cabral de Melo
IPF de Banquete (Jupy)	Rev. Francisco de Carvalho Silva Gueiros
IPF de Tavares (Paraíba)	Rev. Pedro Félix Xavier
IPF de Iguaracy (Paraíba)	Rev. Pedro Félix Xavier
IPF de Ji-Paraná (Paraná)	Rev. Edson Lopes
IPF de Guajará-Mirim (Rondônia)	Rev. Edson Lopes
IPF de Porto Velho (Rondônia)	Rev. Benedito Rodrigues de Lima
IPF de Limeira (São Paulo)	Rev. Elias Franco de Campos
IPF de São Bernardo do Campo (São Paulo)	Rev. Oswaldo Batista Ferreira
Cong. Fundamentalista do Caiara	Manassés Edson Gonzaga
Cong. Fundamentalista de Camaragibe	Luiz Wilson e Marcílio Lins Reinaux
Cong. Fundamentalista de Timbaúba	Rev. Laudo Almeida
Cong. Fundamentalista do Orfanato	Alexandre de Souza
Cong. Fundamentalista de Sta. Terezinha	Rev. Uziel Furtado Gueiros
Cong. Fundamentalista de São Lourenço	Rev. Uziel Furtado Gueiros

Ainda no ano de 1978, neste clima festivo pelo seu centenário, a IP do Recife faz um breve levantamento do seu crescimento local, bem como mostra o alastramento do seu movimento fundamentalista. Com isso, mais uma vez, o Rev. Israel Gueiros é lembrado como alguém que sofreu injusta perseguição pela sua antiga denominação, em prol da defesa da sã doutrina. Isso não inibiu os seus esforços para que os seus objetivos fossem alcançados. Foi assim que a IP do Recife, pastoreada pelo Rev. Israel

Gueiros, lembrou a sua história, narrada no livro “Igreja Presbiteriana do Recife – (1878 – agosto – 1978) Anais do Centenário”:

Assim, no decênio 1948-1958, foram recebidos 980 membros, sendo de notar que nos primeiros oito anos do decênio foram recebidos 555 e nos dois últimos anos (1957/58) 425 novos membros, estes numa média de 141 por ano! Era a aprovação de Deus, que não desprezara aqueles 215 batalhadores que, na memorável assembleia de 30 de julho de 1956, renunciaram à jurisdição da Igreja Presbiteriana do Brasil – a mesma Igreja que expulsava o Rev. ISRAEL GUEIROS de seus quadros, no ano que ele comemorava o seu jubileu de prata – pelo “crime” de não permitir que a apostasia, a exemplo do que já acontecia nos Estados Unidos, tomasse conta desta Igreja. [...] No decênio 1958-1968 foram recebidos mais 312 novos membros. E também construiu o seu templo⁸⁶. Vale registrar que de 1966 até à presente data, a Igreja se expandiu de tal forma que o seu espírito missionário determinou a fundação de 3 Presbitérios: o da Amazônia, com as Igrejas de Porto Velho, Guajará-mirim, Vila de Rondônia e Belém do Pará; o da Paraíba, com as Igrejas de Aroeiras, Campina Grande, Tavares e Bayeux; e o de Pernambuco, com as Igrejas do Prado, Engenho do Meio, Paulista, Abreu e Lima, Cabo, Gameleira, Casa Caiada, IPSEP, Garanhuns, Fama, Neves, Banquete e Pedra, além do campo missionário com as Igrejas de São Bernardo do Campo e Limeira, no Estado de São Paulo. E em 1978, em comemoração ao 20º aniversário da Igreja Fundamentalista do Brasil, organizou o seu Sínodo. (1978, p. 9).



Em 21 de setembro de 1976, quando a IP do Recife completou seus 98 anos de vida eclesiástica e o seu 20º aniversário de trabalhos em favor da causa fundamentalista, foi organizado o Sínodo Presbiteriano Fundamentalista do Brasil, formado pelos Presbitérios de Pernambuco, Paraíba e Amazonas. Onde na ocasião a 1ª Diretoria foi composta dos seguintes pastores: Dr. Israel Gueiros, Porfirio Gueiros, Roberval Marçal de Oliveira, Uziel Gueiros, e Jeronimo Filho. Imagem extraída do Jornal “A Defesa”. Acervo pessoal.

⁸⁶ Referência feita ao templo que atualmente se encontra no Cais José Mariano.

Por incrível que possa parecer, durante todos esses anos, a IPFB nunca compôs um Supremo Concílio. Na realidade, durante todo esse tempo, ela só teve um Sínodo, que foi fundado em 1976. Depois da sua fundação, o sínodo só veio reunir-se depois de algumas décadas. Mais especificamente, depois de vinte anos. Isto aconteceu no mês de janeiro de 1997, na sua reorganização, na cidade de Limeira/SP. Na ocasião, foi eleito como moderador o Rev. José Vasconcelos. Durante todo esse período, entre a fundação do Sínodo (1976) e a sua reorganização (1997), os Presbitérios da IPFB trabalharam de forma independente, ou seja, isoladamente. Isto resultou em alguns desvios doutrinários da parte de alguns pastores, enquanto outros tentaram, ou até mesmos levaram, as suas igrejas locais para jurisdição de outras denominações.

4.3. O método de propagação da Igreja Presbiteriana fundamentalista do Brasil: o jornal, o rádio e o orfanato

A IPB possuía o seu próprio jornal “O Norte Evangélico”, o qual servia para divulgar os acontecimentos que envolviam essa denominação nacionalmente, bem como propagar a sua doutrina. Não tardou para que a IPFB fundasse também o seu próprio periódico. Diante a situação alegada pelo Rev. Israel Gueiros, de que sofreu perseguições por parte da sua antiga denominação, o jornal não poderia ter um nome mais propício do que “A DEFESA”. No seu primeiro número publicado em Recife, no dia 20 de janeiro de 1957⁸⁷, encontramos alguns objetivos desse novo periódico:

Apresentamos ao público evangélico mais um periódico religioso que se caracteriza pela coragem no combate à heresia pela persistência na pregação e defesa da fé uma vez dada aos santos em obediência à Palavra de Deus que ensina: ‘Lutai pela santíssima fé’. [...] A Defesa se propõe a Defender a Fé, propagar o Evangelho, a Doutrinar os menos instruídos e a realizar o grande e providencial movimento da Reforma do Século XX, no Brasil. [...] A Defesa será a tribuna do Senhor Jesus e dos seus embaixadores e jamais publicará um artigo que não esteja de acordo com os princípios fundamentais da fé cristã. (p. 1).

Uma particularidade que notamos de imediato quando nos deparamos com as publicações feitas nos jornais “O NORTE EVANGÉLICO” (IPB) e “A DEFESA”

⁸⁷ Apesar desse ser oficialmente o primeiro número do jornal ‘A DEFESA’, encontramos um exemplar contendo uma data anterior (20 de novembro de 1956), mas, que não consta o número da edição. A nossa dedução é que antes mesmo do jornal ser oficializado, houve a publicação de alguns exemplares anteriormente, logo após a fundação da IPFB. Na realidade encontramos apenas uma parte do exemplar de 20 de novembro de 1956, contendo as páginas de números 3 e 4. Onde na página de número 3, há um artigo do Rev. Roderick Carneiro de Melo, com o seguinte título: “A Igreja Presbiteriana do Brasil legalizou o vício”.

(IPFB), durante esse período de embates, é que tanto um quanto o outro aproveitavam o espaço para publicar não somente assuntos concernentes as questões doutrinárias, mas também como uma forma de defesa e contra-ataque. Vejamos uma publicação no jornal “A DEFESA” que, tendo conhecimento do conteúdo das publicações do “NORTE EVANGÉLICO”, resolve sair em defesa do seu líder fundamentalista. Exemplo disso é o artigo de autoria do secretário do jornal, Aggeu Vieira, que tem como título “Minha é a vingança, diz o Senhor”.

Claro como a luz meridiana é o propósito de fazer com que o Rev. Israel Gueiros seja visto como o mais vil dos homens. Tem lançado mão de todas as perfídias, procurando atrair sobre ele, Gregos e Troianos, numa fúria incontida de matar-lhe a moral e o corpo. Até agora não conseguiram seu intento e esperamos em Deus, jamais o conseguirão. Vítima de calúnias, críticas ferinas, ataques pessoais e torpes explorações, o Rev. Dr. Israel Gueiros a tudo vem suportando com a paciência e o estoicismo que somente a um verdadeiro servo de Deus é peculiar. O periódico da Missão do Norte do Brasil enfechou em um pequeno opúsculo os artigos publicados contra o nosso Diretor, sob a alegação de que, assim agindo, estava defendendo a verdade. Entretanto, não é outro o propósito, senão o de inflamar cada vez os ânimos contra aquele varão do Senhor. O Norte Evangélico é distribuído em todo o Brasil, por todas as igrejas e congregações, onde é lido. E os números que estampavam os artigos que se referiam ao Pastor da Igreja Presbiteriana do Recife, foram espalhados a mão cheia. Para que então republicá-los em um volume para ser distribuído gratuitamente, sob a alegação de “divulgar a verdade”? Será que tudo isso que chamam de verdade, não foi divulgado suficientemente? A perfídia é bem clara, a malícia é patente e as intensões maquiavélicas estão à vista. [...] Todas essas modalidades de perseguições e calúnias bem urdidas, assim como outras arquitetadas para levar à rua das amarguras o Rev. Gueiros, ele as tem suportado, esperando somente na Justiça que vem do Céu. E a Justiça Divina não falha. Ele, como fiel servo de Deus, cheio de fé e empunhando a Espada do Espírito que é a palavra de Deus, se defenderá como crente. Se o alijaram do Ministério da Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja Presbiteriana do Recife o conservou no seu pastorado, uma das maiores manifestações de solidariedade que pode ser prestada a um Ministro de Deus em circunstâncias tais. Deus não o alijará do Livro da Vida e nem tolherá sua entrada na Jerusalém Celestial. Sem dispor de meios fáceis e não sabendo disseminar a mentira, conta apenas com proteção de Deus. Sabe que ‘um com Deus é maioria’ e de Deus não se zomba. Não alimenta vinganças, porque ‘Minha é a vingança, diz o Senhor’. (A DEFESA, ano 1, nº 2, 1957).

Mesmo não fazendo mais parte do quadro de ministros da IPB, e tendo fundado a sua própria denominação (IPFB), a pacificação dos embates entre o Rev. Israel Gueiros e a sua antiga denominação demonstrava ainda estar muito distante.



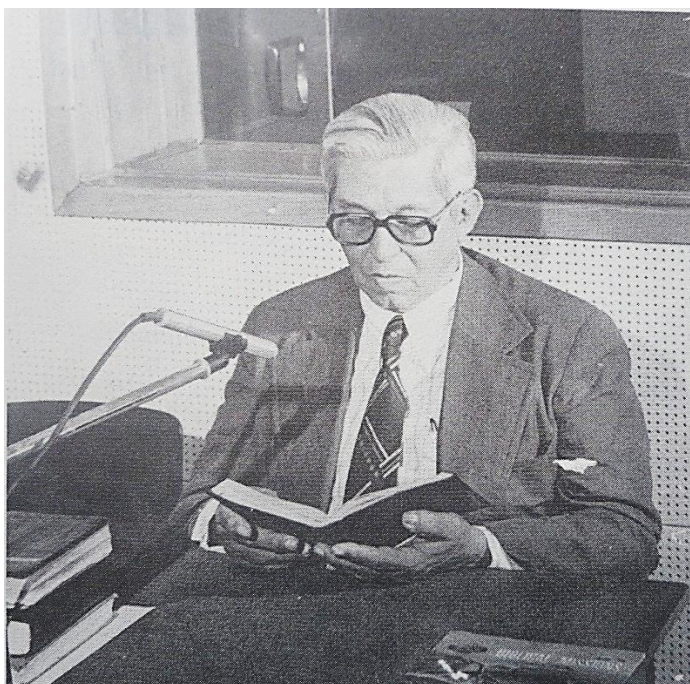
Jornal A DEFESA, ano 1, nº 1, Recife, 20 de janeiro de 1957. Acervo pessoal

Outras particularidades do jornal “A DEFESA” é que ele também servia como um espaço para fazer propagandas comerciais, e ainda para prestar homenagens a algumas pessoas que contribuíam na causa fundamentalista. Em certa ocasião, quando teve que viajar até os Estados Unidos, a missionária Margareth Harden⁸⁸, além de ter sido homenageada na Escola Dominical da IP do Recife, teve o acontecimento registrado no jornal “A DEFESA”:

Com destino aos Estados Unidos da América do Norte, viajou no dia 3 do corrente, Miss Margaret Harden, missionária do Board Independente de Missões Presbiterianas, que vai até aquele país com a finalidade de resolver assuntos referentes causa fundamentalista. Naquele mesmo dia e antes da Escola Dominical, foi-lhe prestada significativa homenagem por parte do Departamento Infantil, falando na ocasião o menino Solano Portela, filho do Presbítero Jairo Portela, sendo-lhe oferecida uma corbeille de flores naturais, em nome do Departamento, pela garota Elga Mayal, filha do Presbítero Zacarias Mayal. Miss Harden, agradeceu a homenagem, retirando-se após para embarcar no avião que a devia conduzir aos EE.UU. Nossos votos são para que aquela sirva de Deus possa chegar em paz ao seu destino e que em breve tempo regresse ao nosso meio. (A DEFESA, Ano 1, nº 2, 1957).

⁸⁸ A mesma que escreveu uma carta de apresentação para o Rev. Israel Gueiros, quando ele viajou para os Estados Unidos, objetivando arrecadar dinheiro para a abertura do seu seminário na cidade do Recife.

O líder do movimento fundamentalista protestante estadunidense, o Rev. Carl McIntire, percebia os programas de rádio como um grande aliado na propagação da defesa do fundamentalismo e um potente instrumento de combate ao liberalismo teológico, ou ao modernismo, como alguns preferem chamar. Isso fez com que ele não medisse esforços para ter espaços através desse canal de comunicação, pois sabia do seu potencial. Não obstante, o seu discípulo e líder do movimento fundamentalista aqui no Brasil, o Rev. Israel Gueiros, também passou a liderar um programa de rádio, numa das melhores emissoras do Recife. Na realidade, a realização do programa ocorria nos estúdios da Rádio Clube de Pernambuco.



O Rev. Israel Gueiros a frente do Programa “A LUZ DO MUNDO”. Imagem retirada do Jornal “A DEFESA”. Acervo pessoal.

Esse programa de rádio que tinha a liderança do Rev. Israel Gueiros era chamado “A LUZ DO MUNDO”. O professor Marcílio Lins Reinaux⁸⁹, que fez a apresentação do livro que tem o mesmo título do programa (A LUZ DO MUNDO)⁹⁰, cuja obra é fruto de uma coletânea de vários sermões pregados pelo Rev. Israel Gueiros durante algumas

⁸⁹ O professor Marcílio Reinaux é um dos genros do Rev. Israel Gueiros. É casado com a sua filha, dona Gláucia Maria Reinaux Gueiros. Ele que durante um bom tempo, foi um dos participantes e contribuintes do programa.

⁹⁰ Na realidade “o livro é uma trilogia englobando os assuntos que nortearam a filosofia do programa: A verdade que fere; o amor que redime e o Evangelho que salva”. (ANAIS DO CENTENÁRIO, 1978, p. 24).

décadas⁹¹, relembra a abertura do programa, bem como o seu objetivo, e recorda que o programa já começava afirmando que era:

‘[...] uma partícula ativa da reforma do século vinte, com a dupla finalidade de levar o Evangelho para a Salvação de todo aquele que crê, e lutar contra o modernismo teológico’. Mas, o refrigério era encontrado mesmo nos sermões, nas orações invocatórias, nas músicas tão confortáveis à alma e ao espírito do ouvinte. [...] O programa ‘A LUZ DO MUNDO’ foi decisivo marco de apoio à nossa Igreja Presbiteriana do Recife e ao movimento fundamentalista, nos anos que se seguiram à separação da Igreja Presbiteriana do Brasil, que apostatou da Fé, que permitiu que missionários modernistas estragassem o trabalho dos pioneiros. O programa foi uma voz de alerta, uma estacada no caminho, uma luz nas trevas densas, um marco divisor, e à época e até hoje, um dos mais eficientes meios de comunicação do nosso movimento fundamentalista e particularmente da nossa igreja. (REINAUX, 1980).

Um dos objetivos do programa A LUZ DO MUNDO era aproveitar o espaço para que as ideias fundamentalistas fossem propagadas aos seus ouvintes. Com isso, não perdia as oportunidades de levar pessoas que pudessem contribuir com esses mesmos ideais. Exemplo disso é a presença do líder “do movimento fundamentalista Rev. Carl McIntire, que falou mais de uma vez, quando de suas raras visitas ao Recife”. (REINAUX, 1980).

Ainda sobre a coletânea de sermões reunidos, os quais foram frutos das pregações do Rev. Israel Gueiros na rádio Clube de Pernambuco, que deram o título do próprio programa “A LUZ DO MUNDO”, foi convidado para prefaciá-lo o presbítero Dr. Urbano Vitalino de Melo Filho⁹². Ele relembra a importância que tinha o programa, bem como as adversidades que, segundo ele, passou o Rev. Israel Gueiros no processo em defesa da mensagem fundamentalista:

⁹¹ O próprio Rev. Israel Gueiros falando sobre o Programa “A LUZ DO MUNDO”, bem como, alguns desses sermões que foram selecionados para a confecção desse livro, relembra o seu contexto histórico, e a sua finalidade: “A LUZ DO MUNDO, no seu 20.o aniversário, vem a público na época das comemorações do Centenário da Igreja Presbiteriana do Recife, por sugestão de nossos pares da Sessão da Igreja. [...] A LUZ DO MUNDO surgiu quando nuvens muito densas tentavam ocultar os princípios Bíblicos que formaram nossa personalidade, razão porque ela foi apresentada ao grande público do Brasil [...]. Os breves sermões que formam a parte principal deste livro foram tirados do coração e derramados ao grande público pela Rádio Clube de Pernambuco, nos últimos 20 anos, mas sem qualquer comprometimento literário, pois não tivemos a ideia de enfaixá-los em livro. Quase todas as mensagens foram escritas de um jato e muitas delas nem foram relidas, antes de serem proferidas. Cremos que todas as mensagens que aqui estão representam a nossa paixão pelas almas e o nosso desejo de defender a fé uma vez dada aos santos, tão vilipendiada e desconsiderada neste século do maior progresso científico e intelectual da humanidade. [...] Amigos, se vocês são literatos, se vocês são puristas da língua portuguesa, fechem logo esse livro e o ofereçam a alguém que tenha interesse espiritual e seja capaz de apropriar-se das mensagens e esquecer o brilho da linguagem.”. (GUEIROS, 1980, p.4-5).

⁹² O Dr. Urbano Vitalino foi um dos genros do Rev. Israel Gueiros. Era casado com dona Ruth Helena Gueiros. Ele exerceu o presbiterato na Igreja Presbiteriana do Recife, pastoreada pelo seu sogro, Rev. Israel Gueiros.

[...] O Rev. Israel Gueiros sempre obedeceu literalmente o imperativo do Mestre: ‘Ide e pregai o evangelho’. Este realmente o seu apanágio. Ano histórico cujo estigma de um passado tão presente faz reviver a coragem e a fidelidade deste homem de Deus excepcional, enfrentando nos próprios arraiais evangélicos os inimigos do Gólgota. A defesa intransigente dos princípios ortodoxos, o combate aberto contra o modernismo teológico, a batalha travada para evitar a propagação do ecumenismo pernicioso, a luta sem trégua no sentido de extirpar o joio comunista do seio das igrejas e dos seminários, valeram-lhe a pena acre da excomunhão imposta pelo dedo dos homens, mas transformada em sacrossanta pela mão poderosa de Deus⁹³. Daí, é oportuno o registro, usando as palavras do grande exegeta e teólogo da Igreja Presbiteriana do Brasil, o Rev. Prof. Waldyr Luz, sobre o Rev. Israel Gueiros: ‘Não há dizer-se quão grande tem sido a contribuição deste incansável batalhador à causa da ortodoxia. Ninguém lhe regateará a honra de ter sido o Atanásio da fé bíblica na hora em que, em nossos rincões, bem poucos tiveram a visão do perigo que rondava e muito menos os que se revestiram de coragem para enfrentar a onda avassalante’. Ano histórico para lançar um olhar retrospectivo, há vinte anos, precisamente e recordar o início do programa radiofônico A LUZ DO MUNDO, cujo objetivo era advertir ao povo crente das investidas do maligno, através da infiltração de doutrinas heréticas e apresentar ao descrente Jesus Cristo, a Luz do mundo, como o único Salvador. Por isso, a Sessão da Igreja Presbiteriana do Recife, neste ano histórico, juntamente com a Comissão das Festividades do Centenário da mesma comunidade religiosa, achou oportuno reunir os sermões apresentados pelo Rev. Dr. Israel Furtado Gueiros no programa a ‘LUZ DO MUNDO’ e lançá-lo em livro [...] (MELO FILHO, 1980).

Certa ocasião, o Rev. Israel Gueiros pregou no seu programa “A LUZ DO MUNDO” um sermão que ele intitulou de: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão”. Sem titubear, chamou à atenção e responsabilizou os pais pela má educação que estava sendo dada aos seus filhos. Segundo ele, isso era fruto de uma geração cristã que tinha abraçado o modernismo teológico.

É moda, é moderno, é ‘pra frente’ e até dá prestígio a todos os fracassados que desejam chamar a atenção para si mesmos, o profanar o nome de Deus, o conspurcar a pessoa bendita de Jesus Cristo com a podridão dos lupanares e dos carnavais, num desafio atrevido para que contemple até onde desceu o ser por Ele criado para a Sua honra e glória. Isso começou com os chamados teólogos que lhe negaram a

⁹³ Certo dia pregando no rádio, no seu programa “A LUZ DO MUNDO”, O Rev. Israel Gueiros, na ocasião lembrando o Centenário da Igreja Presbiteriana do Recife, pregou um o sermão que ele intitulou: ‘Como recebeste o Senhor Jesus, assim também andai Nele’. Fez ele um breve histórico dos pastores que pastorearam aquela igreja no decorrer do tempo, como também, no final do sermão, referiu-se ao seu próprio ministério a frente da IP do Recife (fruto comum, da sua própria personalidade). Afirmou ele: “Com o mesmo espírito, como pastor mais novo do Brasil em 1931, assumiu o pastorado da mais antiga igreja presbiteriana do Norte do Brasil, onde ainda permanece depois de 46 anos. Pregador do mesmo Evangelho trazido por Smith, propagado por Butler, firmado por Juventino Marinho, espalhado pelo nordeste pelo Dr. Almeida, defendido por Jerônimo Gueiros, aceito pela Igreja Presbiteriana do Brasil, no mesmo espírito, Evangelista, Fundamentalista, Polemista e Missionário, é pastor que ‘como recebeu a Igreja Presbiteriana do Recife do Senhor Jesus, assim a está levando ao Centenário’”. (GUEIROS, 1980, 33).

divindade e chegaram ao cúmulo de proclamar que ‘Deus morreu’ e está cheirando mal porque não o sepultaram. Esses ímpios recebidos com encômios até por igrejas tradicionalmente evangélicas, tentam, por todos os meios, enxovalhar o nome de Jesus Cristo chamando-O de revolucionário, de hippie e libertino, como os que declaram que Ele foi amante de Maria Madalena, ou que foi casado etc. A razão número um desses descalabro espiritual e consequentemente moral é o domínio das ideias revolucionárias e destruidoras de tudo que é ordem, paz e progresso da humanidade. O materialismo em sua tríplice manifestação na religião, na política e na moral a encerra. Ecumenismo – Liberalismo – Nova Moralidade, todos eles filhos da mesma filosofia racionalista que se desenvolveu paulatina e progressivamente durante os séculos XIX e metade do século XX. O domínio pleno dessa filosofia nos finais deste século bem se assemelha com aquela meia noite da parábola das virgens, em que todas toscanejavam e dormiram. A igreja cochilou, deixou os inimigos se infiltrarem e semearem o joio em seu seio; e os frutos aí estão. Pastores de mãos dadas com os idólatras, de mãos dadas com os apóstatas, propondo com o apoio das multidões cegas, a união de todos os credos, a começar com o partido político mais macabro que o mundo já viu, o que é o Catolicismo Romano. Neste caos, a igreja de Cristo não mais é vista, senão através de uma ‘carta’ adulterada ‘e lida por todos os homens’ fazendo-os crer que Jesus Cristo não é Aquele que se sacrificou pela humanidade, que morreu e ressuscitou, porém, o chamado cristo ressuscitado nas multidões, o cristo revolucionário, o cristo freudiano que se identifica com ‘hippies’ em seus trejeitos libertinos e em seus aspectos de homossexuais que afrontam e desafiam ao Cristo crucificado dos Evangelhos. Mas ‘o Senhor não terá por inocente’ a quem Lhe profana o nome, e depois de um silêncio de quase dois mil anos, começa a falar. Mas os homens estão dormindo. Os moços foram completamente desencaminhados por uma geração que os criou sem Deus. Pais sem influência da Bíblia, sem os princípios realmente cristãos, formaram a geração que aí está, que quer e não sabe o que, com um caos na alma, uma mente revolucionária e anarquista e entregue inteiramente aos desmandos da carne. Assim, essa mocidade sem Deus e sem princípio intenta a desmoralização da religião dizendo que quer Cristo em sua vida. É essa a história da música que está causando furor no Brasil inteiro com o apoio das autoridades sem o temor de Deus, de padres e pastores revolucionários que não tendo a coragem dos comunistas da linha justa que negaram a existência de Deus, tentam afastar o homem de Deus desmoralizando a religião Cristã, levando o nome de Cristo a lupanares, ao carnaval impudico onde, em trejeitos os mais indecorosos e quase nus, se requebram chamando a Cristo para ver como eles O desmoralizam. ‘O Senhor não terá por inocente os que tomam o Seu nome em vão’. Quanto mais os que o profanam. ‘De Deus não se zomba’. (GUEIROS, 1980, p. 35-36).

Todavia, a mensagem tem um público alvo: a capital pernambucana, o recifense, ou melhor, o brasileiro. Por isso, é de suma relevância a associação do discurso com a possibilidade de acontecimentos aqui no Brasil. Na mensagem, percebe-se um teor “profético messiânico”, o qual deveria ser levado em consideração, pois se tratava de um problema que vinha ocorrendo noutros países, e que o Brasil não estava isento:

Cuidado Brasil, o comunismo que não conseguiu dobrar-te faz com que a bênção de Deus fuja do teu caminho. O Senhor não terá por inocente o autor da profanação. Cuidado moços, porque o Senhor não terá por inocente os que Lhe profanam o nome. Cuidado padre e pastores incrédulos que estão levando a orgia musical para dentro dos templos e pretexto de atrair a mocidade. ‘De Deus não se zomba’. As catástrofes que estão caindo por todo mundo e já começaram no Brasil aí estão para advertência. A Catástrofe do Chile não foi considerada pela população cega, e agora, Deus a deixou cair nas garras do comunismo que é maior do que o terremoto que matou milhares. O Peru experimentou a sua calamidade em que morreram dezenas de milhares, num abrir e fechar de olhos. O Paquistão viu mais de um milhão sucumbir repentinamente com maremoto. A Turquia, a Itália, a Holanda, A Alemanha, Los Angeles e, na semana passada Minas Gerais, viram catástrofes que dizem que o fim está as portas. Está próximo o dia quando se proclamará ao mundo, através da organização promotora das guerras no universo, chamada Nações Unidas que há paz e segurança. Cuidado! A palavra de Deus adverte que nessa ocasião cairá sobre o homem uma repentina destruição. Quero unir-me ao deputado que teve coragem de lançar o seu protesto contra a profanação do nome de Jesus Cristo e tomar para mim o ridículo que está sendo lançado sobre o mesmo, porque se ele é um servo de Deus certo que jubilará ao seu injuriado como está sendo. O Jesus Cristo dos evangelhos nos conforta ao afirmar: ‘Bem-aventurado sois vós quando vos injuriarem e perseguirem e mentindo disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos porque é grande o vosso galardão no céu’. (Mat. 5: 11,12). Não nos envergonhamos de receber sobre nós ‘o opróbrio de Cristo’. Evangélicos, acordai! Levantai as vossas vozes contra o mal que, mascarado de piedade quer penetrar na cidadela do Senhor Jesus Cristo. ‘O Senhor não terá por inocente o que tomar o seu santo nome em vão’. AMÉM. (GUEIROS, 1980, p. 36-37).

O Rev. Israel Gueiros afirmava que todos deveriam ter conhecimento do que ele acreditava e pregava, pois não havia o que esconder. Num dos seus sermões pregado no seu programa de rádio “A LUZ DO MUNDO”, que teve como título: “Princípios Cristãos Fundamentalistas”, fez uma síntese do credo fundamentalista.

[...] Não podemos deixar de apresentar aos que nos ouvem sistematicamente quais os princípios doutrinários sobre os quais fundamos a nossa fé, para que fique bem claro a todos onde é que estamos espiritualmente. Não queremos que alguém tenha a coragem de nos perguntar a que religião pertencemos. Somos cristãos evangélicos do ramo Presbiteriano e Fundamentalista porque cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus, totalmente inspirada e dela tiramos os fundamentos da nossa inabalável fé. (GUEIROS, 1980, p. 38).

Já noutra ocasião, o Rev. Israel Gueiros falou mais uma vez no seu programa “A LUZ DO MUNDO” sobre a importância e o significado do que é o fundamentalismo. Disse ele em alto e bom tom:

Temos dito várias vezes que fundamentalismo é sinônimo perfeito de Cristianismo verdadeiro. Quando o modernismo teológico, conseqüentemente, a apostasia, penetrou na Igreja, fez-se necessário um nome para distinguir a Igreja fiel da Igreja misturada com a apostasia ou puramente apóstata. Surgiu então, o adjetivo muito apropriado e honroso: FUNDAMENTALISTA. A Igreja Fundamentalista é aquela que mantém, defende e propaga os princípios Bíblicos que são o fundamento do Cristianismo verdadeiro, do qual, o apóstolo Paulo diz que ‘ninguém pode por outro fundamento, senão CRISTO’. [...] O povo crente, confiante na ortodoxia de seus pastores, nem se adverte do que está acontecendo. O ministério evangélico de mais projeção está amarrado pelo estômago aos Boards modernistas [...]. Em Cambuquira, a música sacra uniu igrejas. O pároco da Matriz de Cambuquira convidara o Coral Evangélico da Igreja Presbiteriana de Ramos para apresentar-se no salão paroquial, após as celebrações litúrgicas do Domingo de Ramos. O Coral Evangélico aceitou e, assim, católicos e presbiterianos estiveram reunidos nessa audição deferente de hinos sacros. E ainda há presbiterianos que afirmam que na sua igreja não há modernismo; que ela nunca se unirá ao catolicismo; que não é preciso lutar pela fé e pela palavra de DEUS. Basta pregar o evangelho ‘puro’. (GUEIROS, 1980, p. 42-43).

Ainda no seu programa “A LUZ DO MUNDO”, o Rev. Israel Gueiros não mediu as suas palavras, nem tampouco se esquivou de condenar a prática ecumênica entre uma convivência pacífica de evangélicos com católicos. Nesse interim, lembrou a atitude que tiveram os discípulos de Cristo e intitulou a sua mensagem: “Como pregaram o evangelho os apóstolos de Jesus Cristo”. Numa parte do sermão, o Rev. Israel Gueiros afirma:

O Evangelho de Cristo é a mensagem antagônica a todos os impulsos, princípios e razão humana em submissão à velha natureza pecaminosa e má. Jesus mesmo declarou que não veio trazer paz ao mundo, mas levantar oposição de pais contra filhos, filhos contra pais etc. É impossível apresentar-se o Evangelho de Cristo sem que se levante a oposição. [...] O seu Evangelho não foi de arranjo, condescendência ou diálogo, mas a apreciação da doutrina salvadora, a verdade inquebrantável. A verdade de Cristo é semelhante à verdade matemática: 2+2 são quatro e não há diálogo possível para fazer dois e dois serem cinco, ainda que uma grande maioria o exija. [...] A força para apresentar no século da confusão em que vivemos um Cristo das multidões que concorda com todos, é a doutrina diabólica que precisa ser combatida pronta e frontalmente. (GUEIROS, 1980, p. 44 e 46).

O programa “A LUZ DO MUNDO” também servia como um espaço para lembrar momentos históricos marcantes da causa fundamentalista no Brasil. Por exemplo, houve num dado momento a lembrança da formação do Sínodo Fundamentalista no Brasil. Disse o Rev. Israel Gueiros:

A Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil está na reta de chegada à sua meta levantada nos dias em que foi organizada e levantou o alvo da organização do seu Sínodo, ao completar os vinte anos de ação nos campos do Brasil. Estamos comemorando a 21 de setembro de 1976 o vigésimo aniversário e nos sentimos muito felizes porque estarão entre nós, aqui no Recife, onde lançamos os fundamentos e fincamos ‘o estandarte bem alto pela causa da verdade’, todos os pastores da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, para junto comemorarmos a vitória de termos atingido o alvo que há 20 anos nos propusemos. [...] Foi no Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Paraíba, Pará, Território Federal de Rondônia que partindo do Recife chegaram os mensageiros com o estandarte que Deus pôs em nossas mãos pela causa da verdade. Agora, estão chegando de todos os pontos do Brasil os soldados de Cristo, trazendo em suas mãos os archotes com que foram acender luzes que estão iluminando multidões no caminho da glória. A nossa vitória, porém, não é a organização do nosso Sínodo mas, com especialidade, ver em todos os campos evangélicos, especialmente nos Presbiterianos, que a maioria fiel resolveu também entrar na mesma batalha em que temos estado nos últimos 20 abençoados anos; tomou da mão de Deus o Estandarte que também está arvorando bem alto pela causa da verdade e sofrendo a oposição dos condescendentes que abrem as portas das igrejas aos inimigos de Cristo porque a semelhança aos que dizem ter objeções de consciência que não lhes permite ir a guerra para defender a sua pátria em perigo, também nas igrejas, tem aberto as portas ao modernismo destruidor da fé, ao ecumenismo que elimina a obra da evangelização e finalmente até ao comunismo que tem como alvo extirpar Deus do coração dos homens. Louvado seja Deus que a nossa querida Igreja Presbiteriana do Brasil, por sua maioria, acordou em tempo para ver o de que a advertimos que os seminários se tornariam. No tempo próprio não nos ouviram para acordarem, quando os seus seminários baixaram o nível espiritual e moral, a tal ponto que os verdadeiros cristãos não puderam mais suportar, e tomaram, como nós, das mãos de Deus, o estandarte para levantá-lo bem alto pela causa da verdade. Mas quantos milhares não perderam! Quantas almas de moços foram levadas aos abismos da imoralidade, dos vícios e aos braços do comunismo por não terem sido advertidos na época própria, porque os seus mestres não estariam dispostos a batalhar? Infelizmente nem todos os realmente crentes acordaram para a luta e se acomodam com os inimigos da cruz de Cristo, só tendo coragem de lutar contra os que estão com o Estandarte de Cristo, levantando bem alto pela causa da verdade dentro de sua própria igreja. Assim, estamos radiante na hora em que Deus nos dá a grande vitória de vermos os nossos alvos atingidos dentro da nossa Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, com a organização do nosso primeiro Sínodo, porém, mais alegres e felizes com a decisão da Igreja Presbiteriana do Brasil de levantar-se com a firmeza Fundamentalista contra a penetração dos inimigos de Cristo em seus arraiais. Louvado seja Deus que o nosso Sínodo poderá estender as mãos à poderosa Igreja Presbiteriana do Brasil, em vista de a maioria firme, dentro de seus arraiais, ter tomado a posição que tem sido a nossa desde a fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, há 20 anos passados! Louvado seja Deus pela nossa vitória! Amém. (GUEIROS, 1980, p. 88-89).

O Reverendo Israel Gueiros estava sempre antenado aos acontecimentos entre a relação dos que se denominavam cristãos. Nesse caso, mais especificamente entre os católicos e os evangélicos, e repassava essas informações para os seus ouvintes. Foi taxativo quanto à impossibilidade de uma união ecumênica entre esses dois grupos. Aproveitou para pregar no programa “A LUZ DO MUNDO” sobre a “Impossibilidade de ecumenismo à luz da Bíblia”.

Os cardeais do Brasil estiveram essa semana aqui no Recife e fizeram pronunciamentos, com especialidade sobre o ‘espírito ecumênico’ que existe no seio do catolicismo e em alguns líderes protestantes. ‘Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal de S. Paulo, falou da possibilidade de aproximação entre católicos e protestantes, dentro do espírito ecumênico, embora admitindo que será uma tomada de posição difícil, haja vista a resistência por parte de líderes evangélicos que não admitem a suplantação de suas doutrinas bíblicas, por outras que não sejam fundamentadas nas Escrituras Sagradas’. Sr Cardeal, Vossa Iminência está absolutamente certo, quando afirma que ‘os líderes evangélicos não admitem a suplantação de suas doutrinas bíblicas, por outras que não sejam fundamentadas nas escrituras sagradas’. Certíssimo, Sr. Cardeal. Não pode ser de outra maneira para os líderes realmente evangélicos. A religião que reconcilia o homem com Deus é uma só. Ela é exclusiva, não admite arranjos nem concessões que seriam simplesmente antagônicas ao ensino de Jesus Cristo que afirmou a exclusividade de sua religião ao declarar: ‘Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida’. Ninguém vem ao Pai senão por mim’. [...] Está claro que há uma impossibilidade absoluta de ecumenismo entre os católicos e protestantes, porque estes só aceitam o ensino da Bíblia, como religiosos cardeais reconhecem publicamente. [...] O Sr. Cardeal afirmou: ‘O que temos verificado ultimamente é que a aproximação entre católicos e protestantes se deu mais na cúpula, entre pessoas que se entendem no mais altos escalões das duas religiões, havendo a possibilidade de podermos dialogar com os protestantes’. Mais uma vez, agradeço ao ilustre cardeal o reconhecimento de que somos nós protestantes, a religião que mostra estarmos em Cristo na unidade espiritual, que faz o Cardeal reconhecer que os protestantes são a religião unida pela verdade que é a Palavra de Deus, já somos um em Cristo. Não nos devemos ‘ligar um jugo desigual com os infiéis’ prontos a dialogar com outras religiões para que descubram a verdade. Nós temos a verdade que é Jesus Cristo e esta nos basta. Sentimos ter de discordar do Cardeal quando ele afirma que ‘devido à aproximação que estamos tendo em termos de diálogo com grupos orientais ortodoxos metodistas, luteranos, presbiterianos e outros, poderemos chegar até à uma possível aproximação com os fundamentalistas. Sinto muito Sr. Cardeal, está muitíssimo enganado nessa afirmação. Todos os apóstatas do Cristianismo de Cristo podem unir-se com outros credos para a formação da igreja universal do anti-cristo que surgirá nos últimos dias, mas nunca levará aos cristãos evangélicos, bíblicos, ou fundamentalistas, como queiram chamar, ao diálogo ecumênico. Nós já somos um em Cristo e nEle temos a segurança da nossa salvação e isso nos basta. Amém. (GUEIROS, 1980, p. 126-128).

No programa “A LUZ DO MUNDO”, no sermão que deu o título de “Em Cristo somos todos um”, o Rev. Israel Gueiros falou do perigo que estava embutido no discurso proferido pelos “modernistas”, que, aparentemente não havendo pressa, havia com certeza os seus naturais objetivos. E que a passividade dos conservadores de certa forma contribuía para o avanço desse discurso liberal:

[...] O mal, porém, não tem pressa e aos poucos os racionalistas foram penetrando nos seminários e escolas, chamando-se a si mesmo⁹⁴ apenas liberais que pediam para si um pouco de compreensão e amor da parte dos conservadores, até que se tornaram um minoria ativa dentro dos arraiais protestantes. Isso provocou a natural e indispensável reação dos ortodoxos, conservadores, que levantaram as vozes ainda que muito tarde, porque o poder dos modernistas os superou. Chegamos, então, à calamitosa condição do século XX, tendo, em cada grupo cristão, uma parte conservadora e fiel aos princípios da Palavra de Deus, ‘lutando pela fé uma vez dada aos santos’, uma minoria, porém, muito poderosa de liberais e uma grande maioria acomodada a qualquer posição, condescendente como os apóstatas dos princípios Bíblicos. Essa maioria que se acomoda sempre é exatamente a que está pelo seu voto abrindo a porta das denominações evangélicas, ao mundanismo, ao Modernismo, e à completa apostasia do Comunismo sem Deus. [...] Quando iniciamos em toda a América Latina o movimento da Reforma do Século XX, os acomodados molestaram os fiéis à Palavra de Deus, dizendo que esses problemas eram dos Estados Unidos e Europa e não devíamos trazer para o Brasil. [...] Agora, porém, os tentáculos do Ecumenismo e do Comunismo se infiltraram no coração dos evangélicos pela interferência, não dos racionalistas que descreem de tudo na Bíblia, mas pelas mãos dos condescendentes que, à semelhança de Faraó no Egito, dizem aos verdadeiros crentes: ‘Ido não vades longe, adorai aqui mesmo em nosso meio. Para ouvirem do grande servo de Deus: ‘Deixa-nos ir caminho de três dias’. [...] Evangélicos do Brasil, acordai. (GUEIROS, 1980, 129-130).

Certa feita, o Rev. Israel no programa “A LUZ DO MUNDO” falou sobre “O movimento ecumênico e o evangelho de Cristo”, lembrando uma viagem feita aos Estados Unidos e o alastramento, segundo ele, do movimento modernista, bem como a importância do seu programa radiofônico, o qual ajudava no alcance a outras regiões com a mensagem e a abertura de novas igrejas fundamentalista:

Ao regressarmos em 1946 da nossa primeira visita aos EE.UU., começamos a advertir os evangélicos do Brasil do grande perigo a que estávamos expostos pela influência de cunho ecumênico sob a liderança da Confederação Evangélica do Brasil então sob o controle do Concílio

⁹⁴ Aqui lembramos a partir das próprias palavras do Rev. Israel Gueiros que, os liberais nunca procuraram esconder no que criam, e até mesmo, traziam pra si, essa nomenclatura. Ou seja, eles se auto denominavam de liberais, e sentiam orgulho disso. Todavia, quando o Rev. Israel Gueiros acusou a IPB, através dos seus seminários, afirmando haver ensinamentos liberais (modernistas), isso, nunca foi aceito, nem tão pouco provado. Pois, como já vimos, casos isolados, quando descobertos eram prontamente tratados. Como podemos lembrar o caso no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), com o professor Rev. Hershey Julien.

Mundial de Igrejas. O alvo do CMI é reunir toda a cristandade – Catolicismo Romano, Igreja Ortodoxa e todos os ramos do Protestantismo. Judaísmo, bem como todas as religiões pagãs, a fim de que haja no universo todo uma só igreja, isso com o pensamento voltado para o aspecto político que vai marchando para que o mundo tenha um só governo universal. Em 1910, realizou-se uma conferência em Edimburgo da qual foram excluídos os Latino-Americanos, alegando-se que os mesmos já estavam cristianizados. O grande líder protestante, Eduardo Carlos Pereira⁹⁵, escreveu o livro *‘O Problema Religioso da América Latina’* em combate a essa ideia malsã de que a América Latina já estaria cristianizada, expondo os erros e absurdos doutrinários do chamado Cristianismo Católico Romano. De então para cá, o crescimento do Protestantismo foi realmente vertiginoso quando o Brasil veio a ser a nação em que mais rapidamente crescia o evangelismo no mundo. Quando da organização do CMI em 1948 em Amsterdam, sem que a Igreja Presbiteriana do Brasil, naquela época já sendo chamada Igreja Cristã Presbiteriana, mudança feita em preparo para a união de todas as denominações, quando cairia a designação Presbiteriana, ficando apenas Igreja Cristã, a Igreja Presbiteriana do Brasil foi, sem qualquer autorização, considerada membro fundador do Concílio Ecumênico. Advertidos dessa filiação indevida, comparecemos ao Supremo Concílio em Caratinga, Minas, em 1950, e tivemos a vitória de retirar a Igreja Presbiteriana do Brasil do Concílio apóstata, o CMI. O Protestantismo modernista é apóstata nos EE.UU., em 1942, através do seu Concílio Federal de Igrejas, declarou oficialmente que ‘a Igreja Católica Romana é uma comunidade cristã irmã’. Isso deixa a pregação do Evangelho de Cristo para a salvação dos pecadores um ato de mero proselitismo para retirar de outra igreja ‘irmã’ os seus membros. Daí o novo nome que deram aos seus Missionários, atualmente chamados cooperadores fraternais, mandados, não para evangelizar, mas para cristianizar os homens, e tais missionários vão proselitizar somente nas igrejas evangélicas fundamentalistas, ortodoxas e cristãs. Afirmo isso com experiência própria em nosso campo missionário no extremo norte. Durante anos, irmãos presbiterianos pediram socorro e ajuda de missionários para irem ajuda-los na disseminação do Evangelho. Não sendo atendidos, tendo ouvido o nosso **Programa a Luz do Mundo**⁹⁶, apelaram para nós. Fomos a Rondônia, organizamos o nosso trabalho que cresceu tão rapidamente que foi necessário organizar o Presbitério da Amazônia. Imediatamente, após a organização, chegou à região um missionário americano com recursos materiais para organizar, em nosso campo, uma congregação presbiteriana, mantendo pastor com transporte próprio, para fazer proselitismo entre os membros da nossa igreja. São cooperadores fraternais da Igreja Romana e proselitistas poderosos entre os Evangélicos que creem na Bíblia, no intuito de desencaminhá-los para o Ecumenismo. (GUEIROS, 1980, p. 133-134).

Mesmo já tendo passado mais de uma década dos embates entre o Rev. Israel Gueiros e o Seminário Presbiteriano do Norte, isso não significa que o clima tenha se

⁹⁵ Referência feita ao fundador da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), que foi fruto do primeiro Cisma que ocorreu na IPB, no ano de 1903.

⁹⁶ Referência feita ao Programa de Rádio “A LUZ DO MUNDO”.

dado por encerrado. Pelo contrário, no programa “A LUZ DO MUNDO”, ele resolveu dar o seguinte título ao seu discurso: “Esclarecimento sobre a atitude dos evangélicos em relação ao comunismo, dado pelo Rev. Israel F. Gueiros no Programa ‘A LUZ DO MUNDO’, no sábado 28 de março de 1964”. Na ocasião, acusou o Prof. João Dias de Araújo, que lecionava as disciplinas na área de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN):

Desejamos esclarecer mais uma vez a posição dos evangélicos fundamentalistas em relação ao Comunismo. Nessa hora, deveríamos falar em nome dos evangélicos, sem adjetivação qualquer, mas infelizmente temos de reconhecer que os evangélicos e os católicos muitos dos que se chamam cristãos, estão divididos nesse assunto que é axiomático para o verdadeiro cristão. Ser cristão e ser ateu ao mesmo tempo, é algo impossível! Ser cristão e cooperar com os que promovem a destruição do Cristianismo, não o entendemos. O Seminário Presbiteriano do Recife⁹⁷ tem como professor um grande propagandista do comunismo na pessoa do Sr. João Dias de Araújo, que está criando uma geração de pastores comunistas para a destruição do Cristianismo evangélico no Brasil. Somos de opinião que a Igreja que não reage mais contra tal inimigo da fé cristã é porque de há muito o perdeu. Sei que vamos ser taxados de mentiroso porque afirmamos que o Seminário Presbiteriano do Recife se ensina o Comunismo. Peço aos meus ouvintes evangélicos que analisem, por si mesmos, à luz do que vou citar, para onde estão sendo levados os jovens alunos de vossos seminários. O que se segue foi publicado no relatório do Simpósio da Associação de Seminários Evangélicos – Educação Teológica – 1964, p. 20: ‘A filosofia marxista exerce hoje uma atração enorme sobre a terceira e quarta gerações evangélicas, especialmente sobre os universitários, os líderes jovens e os seminaristas. Essa atração se deve ao fato do marxismo fazer um apelo veemente para a busca da realidade sem ilusões, para a luta pela transformação do mundo, para a pregação contra as injustiças e as alienações do homem, e para a mudança das estruturas capitalistas. O apelo marxista se torna forte para as nossas gerações, em parte, porque as igrejas não oferecem apelos desse gênero. Assim, as igrejas evangélicas vão perdendo jovens de capacidade, que hoje estão militando nas esquerdas extremadas. As razões que tinham os nossos avós para deixarem a igreja católica e abraçarem o Protestantismo, são as mesmas razões que os seus netos têm hoje para abandonarem a Igreja Evangélica e abraçarem o Marxismo. ‘Certos jovens, geralmente os mais inteligentes, não se sentem bem nas igrejas, acham-nas alienadas e retrógradas, defensoras do nosso capitalismo injusto, aliadas aos partidos políticos da sujeira espoliadora. A situação se agrava ainda mais porque, quando essa mocidade fala de suas aparições, é repelida pelas igrejas, é taxada de comunista e agitadora pelos pastores e pelos crentes mais velhos’. Peço aos meus queridos irmãos que ouçam com atenção o que diz esse suposto mestre de teologia cristã que de fato é catedrático da teologia Marxista: ‘As razões que tinham os nossos avós para deixarem a Igreja Católica e abraçarem o protestantismo, são as mesmas razões que os seus netos têm hoje para

⁹⁷ A referência é feita ao Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), pertencente a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

abandonarem a igreja evangélica e abraçarem o Marxismo'. É de estarrecer essa declaração! A falta de fé salvadora levou os nossos avós a aceitarem o Evangelho de Jesus Cristo como o seu único meio de salvação. A falta de fé salvadora do evangelho social ensinado pelo Sr. João Dias é o motivo que tem levado protestantes nominais a se tornarem marxistas, renegando assim o Cristianismo. A filosofia cristã é espiritualista. O homem é carne e espírito. Nós temos uma força que nos impulsiona a combater ao comunismo, que é a nossa fé. (GUEIROS, 1980, p. 136-137).

É certo lembrar que esta não foi a única ocasião em que o Rev. João Dias foi acusado de liberal. Todavia, os seus ex-alunos de seminário sempre relembram dele como um dos melhores professores que o SPN já teve. Pois, além do conhecimento que tinha, é citado como uma pessoa extremamente organizada em suas aulas. Sem falar que o professor João Dias era um dos poucos que contribuía ao escrever para o Jornal 'O Norte Evangélico', no qual o conteúdo dos seus escritos era permeado de uma ortodoxia que poucos tinham a capacidade de reproduzir.

Por sua vez, o Rev. João Dias não se privava de aproveitar as oportunidades e os espaços que surgiam para difundir a mensagem do Evangelho. Por esse motivo, era comum encontrá-lo na companhia de políticos e de religiosos, que em alguns casos professavam uma fé diferente da sua. Por exemplo, era normal os seus encontros com D. Helder Câmara, Miguel Arraes e até mesmo com o líder das Ligas Camponesas, o deputado Francisco Julião. Essa sua atitude, e a sua preocupação com questões sociais, foi o que o levou a ter essa fama de liberal. Todavia, durante o período que foi pastor na IPB, absolutamente nada comprometeu a sua mensagem, que estava em harmonia com a denominação à qual pertencia.

Ainda no sermão supracitado 'sobre a atitude dos evangélicos em relação ao comunismo', o Rev. Israel Gueiros relembra a conversa que teve com um líder cristão, e o posicionamento que o mesmo tinha:

[...] O prof. Dr. Fred Schwarz com quem privei intimamente em Genebra em 1950, em seu livro 'Você pode confiar nos comunistas', como crente fiel ao Senhor Jesus, afirma o seguinte: 'Minha motivação pessoal tem dois aspectos: Primeiramente tenho mulher e filhos a quem dedico profunda afeição. O comunismo os considera animais sociais contaminados. Dentro dos índices atuais de progresso, o Comunismo verá conquistado o mundo em uma geração e, como membros residuais da classe burguesa, minha mulher e filhos tornar-se-ão antiguidades históricas, com perspectivas obviamente desagradáveis. 'Em segundo lugar, tenho fé cristã. Creio em Deus, em seu amor, em Cristo e na redenção e em Sua palavra de ordem e pregação evangélica pelo mundo todo. O Comunismo é inimigo de Deus, de Cristo e do Evangelho. Esses dois fatores me deram razão suficiente para fazer tudo em meu poder para impedir o avanço comunista'. Dr. Schwarz, como evangélico fiel, tem feito o que pode para salvar o mundo do Comunismo. Pergunto a você, meu irmão, o que já fez nesse sentido? Não feche os olhos para não ver o perigo; isso não o afastará. Informe-se e informe a outros com urgência, do grande perigo do domínio do Comunismo ateu em nossa

Pátria. Comece denunciando à sua igreja a existência de comunistas em seu Seminário, e se não for atendido, saia depressa dessa igreja apóstata. Seja um soldado de Cristo batalhando pele fé que uma vez foi dada aos Santos. Viva ou morra com a glória do velho S. Paulo, quando dizia ao jovem Timóteo – ‘Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. No demais resta-me receber a coroa de glória que o justo Juiz me dará naquele dia’. Que Deus o abençoe e o esclareça, meu irmão. Torne-se hoje um soldado de Cristo contra o Seu grande inimigo do século XX – que é o Comunismo. (GUEIROS, 1980, p. 137-138).

Um detalhe significativo e digno de lembrança é o equívoco cometido até os dias atuais, quando alguns indivíduos tentam associar movimentos ou pessoas em particular, na condição de liberais, devido a sua associação ou preocupação com causas sociais. Ora, quem assim pensa, esquece que o movimento fundamentalista sempre esteve envolvido também com causas sociais. Podemos lembrar, por exemplo, que a IP do Recife manteve o seu trabalho com crianças carentes, mesmo depois de ter abraçado a causa fundamentalista, basta pra isso lembrar o Orfanato Presbiteriano Dr. Porfirio Gueiros.



Folder de divulgação e campanha de arrecadação em prol do Orfanato Dr. Porfirio Gueiros. Acervo do Rev. José Vasconcelos.

Ainda neste folder de divulgação do orfanato, encontramos a seguinte informação:

Cordiais saudações cristãs. O “ORFANATO PRESBITERIANO DR. PORFÍRIO GUEIROS”, fundado em 18 de março de 1954 numa visão benemerita de Dona Glaucia Souto Andrade, vem na sua trajetória, realizando um dos mais importantes trabalhos junto a crianças, sem pais e sem tutelas, conduzindo-as a uma vida de trabalho e realizações. Desde a sua fundação o orfanato já recebeu mais de 200 crianças, as quais, criou, educou, evangelizou e as encaminhou para serem dignos cidadãos da nossa Pátria. Atualmente, pautando a mesma linha e objetivos, de formar, educar crianças desamparadas, o ORFANATO possui trinta crianças, que recebem alimento, alojamento com digno, educação escolar, educação religiosa, brincam e se divertem como qualquer criança normal. Em construção o dormitório com capacidade para 50 leitos, ainda este ano, possibilitará aumentar o número de órfãos a serem recebidos. Convidamos o estimado amigo, para fazer uma visita ao orfanato, levando a sua solidariedade, e sobretudo convidamos para que envie a sua OFERTA DE AMOR, ao Orfanato que precisa da sua ajuda. Mande a sua contribuição pelo correio em cheque em nome do orfanato, diretamente para o endereço abaixo. Certamente, Deus o recompensará, conforme está dito em sua Palavra: “Ao Senhor empresta o que se compadece do pobre, e Ele lhe pagará o seu benefício”. Provérbios 19:17. Com os nossos agradecimentos, subscrevemos, Atenciosamente Israel Furtado Gueiros-Presidente, Marcílio Lins Reinaux-Vice-Presidente. (s/d, p. 1).

4.4. O arrefecimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil: saídas de pastores e igrejas para a Igreja Presbiteriana do Brasil, e o retorno da Igreja Presbiteriana do Recife

Assim como qualquer instituição que goza de um período áureo, mas que naturalmente tende também a passar por suas crises, com a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil não foi diferente. Quanto aos motivos que resultaram no arrefecimento da IPFB, pode-se citar dois principais períodos e suas causas. Em relação ao período, podemos demarcar como meados das décadas de oitenta e de noventa do século XX, mais especificamente os anos de 1985, e dez anos depois, em 1995.

No primeiro momento, ou seja, entre 1985, houve a crise do “desencantamento”. Esse é um dos períodos mais críticos que a denominação teve que enfrentar. É dentro desse contexto que alguns pastores dessa denominação vão ter que confrontar o seu maior líder e fundador, o Rev. Israel Gueiros, acusando e provando alguns dos seus erros de conduta. Isso provocou a saída de alguns pastores da IPFB, partindo para a IPB. Já outro pastor que confrontou o seu líder, mesmo tendo continuado na denominação, resolveu pedir a sua transferência para o Presbitério do Sul. Esse contexto pode ser lembrado a

partir de uma observação feita na “Ata de Instalação e de Verificação de Poderes, da Reunião Ordinária do Presbitério de Pernambuco, da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil”, que ocorreu no dia dezois de janeiro de 1985, no templo da Igreja Presbiteriana do Recife.

Lendo as atas dessa Reunião Ordinária, tudo parecia caminhar em paz. Foi feita a chamada, houve o número suficiente de presentes e com isso houve quórum para que fosse aberta mais uma nova ordinária. Em seguida, procede-se com a eleição da nova Comissão Executiva do Presbitério, ficando assim o resultado: “Moderador Rev. Porfírio de Andrade Gueiros; Vice- Moderador Presbítero Dr. Urbano Vitalino; Secretário de Atas Rev. Nehemias Castelo Branco; e como Sec. Protocolar o Rev. Augusto⁹⁸ Nicodemus Gomes Lopes”. (Ata do Presbitério de Pernambuco da IPFB, 1985, p. 1)

No dia seguinte, dezessete de janeiro de 1985, na Ata de número 1, entre inúmeros relatórios, ouve-se o relatório pastoral do Rev. Augustus Nicodemus, o qual baixou para à Comissão competente. Já na ata de número 2, datada no dia 18 de janeiro desse mesmo ano, encontramos um documento do Rev. Augustus Nicodemus solicitando uma carta de recomendação do Presbitério, a fim de que pudesse ser recebido por uma Universidade na África do Sul, onde demonstra a pretensão de fazer um curso de Mestrado (Ata do Presbitério de Pernambuco da IPFB, 1985, p. 5 e 8).

Porém, o clima que transparecia andar na tranquilidade foi modificado. Essa mudança ocorreu basicamente por dois motivos. Primeiramente porque o documento de número 26, propondo o recebimento do Rev. Osmar Wilson de Oliveira por este concílio, não foi bem recebido por todos. Na realidade, o mesmo “foi aprovado com 11 votos, contra apenas 3. Com isso, registra-se em ata o gesto de dissentimento dos Revs. Augusto Nicodemus, Francisco Gueiros e Francisco Avelino”. (Ata do Presbitério de Pernambuco da IPFB, 1985, p 7).

Todavia, o pior estava por vir. É que o concílio resolveu aprovar o pedido de jubilação do Rev. Israel Gueiros, mas o Rev. Augustus foi terminantemente contra. Sendo voto vencido, aproveitou a ocasião para pedir o seu desligamento da IPFB, passando em

⁹⁸ Em todas as atas, constam o nome do reverendo de forma equivocada, pois, o correto é Augustus (em vez de Augusto. Porém, quando for feita a referência diretamente das atas, manteremos a grafia que se encontra nas mesmas). A escrita certa é: Augustus Nicodemus Gomes Lopes. Atualmente o Rev. Augustus Nicodemus é o atual Vice-Presidente do Supremo Concílio da IPB, tendo sido reeleito para a sua segunda legislatura, que ocorreu na Reunião Ordinária do Supremo Concílio, no ano de 2018. Onde na ocasião, o Rev. Roberto Brasileiro foi reeleito Presidente do Supremo Concílio, sendo essa, a sua quarta legislatura.

seguida para a jurisdição da IPB. Na realidade, o Rev. José Vasconcelos, atual pastor da IPF do IPSEP (Recife-PE), teria ido, em meados de 1984, juntamente com os Reverendos Roberval Marçal e com Augustus Nicodemus confrontar o Rev. Israel Gueiros, devido a algumas acusações que estavam lhes sendo feitas. Segundo ele, havia provas, e o próprio Rev. Israel Gueiros reconheceu os seus erros e pediu perdão. Foi por isso que, segundo o Rev. José Vasconcelos, não houve aceitação por parte do Rev. Augustus Nicodemus para a jubilação do Rev. Israel Gueiros. Pois o problema ocorrido deveria ser tratado.

Já em relação a questão do recebimento do Rev. Osmar Wilson, a reação contrária dos Reverendos Augustus Nicodemus, Francisco Gueiros e Francisco Avelino está relacionada ao conhecimento que esses pastores tinham da vida “não exemplar” do Rev. Osmar. Por isso, ele não deveria ser recebido. O Rev. Osmar era oriundo da IPB e estava querendo ser transferido para a jurisdição da IPFB. Eis, portanto, o teor do documento:

[...] Recebe-se documento assinado por 22 membros deste concílio, através do qual é solicitado a este concílio a jubilação do Dr. Israel Gueiros, o qual foi aprovado pelo Presbitério ora reunido. Registra-se voto de dissentimento do Rev. Augusto Nicodemus. [...] usou a palavra o Rev. Augusto Nicodemus Lopes que reencaminhou um pedido de renúncia de jurisdição da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil e solicita a transferência para a Igreja Presbiteriana do Brasil por discordar da jubilação do Rev. Israel Gueiros e a recepção do Rev. Osmar Wilson Oliveira. A comissão deu parecer favorável e foi aceito pelo Plenário o mencionado pedido. (Ata do Presbitério de Pernambuco da IPFB, 1985, p. 8-9).

Nesse momento, levanta-se em favor do Rev. Augustus Nicodemus, o Rev. Francisco Gueiros (um dos irmãos do Rev. Israel Gueiros) relembrando os seus serviços prestados enquanto esteve na IPFB:

[...] Regista-se a mandado do plenário as palavras do Rev. Francisco Gueiros a respeito da renúncia do Rev. Augusto Nicodemus Lopes. ‘Que esse Presbitério lamenta profundamente a retirada do nosso irmão pelos valiosos serviços prestados à causa, quer como seminarista, quer como pastor da Igreja de Olinda na recuperação de jovens, moças e rapazes, tirando-os do vício para a Igreja de Cristo. Lamentamos com o mais profundo pesar a sua renúncia e ao mesmo tempo agradecemos os seus relevantes serviços à causa fundamentalista’. (Ata do Presbitério de Pernambuco da IPFB, 1985, p. 9).

Aqui surgem algumas indagações diante da situação supracitada: Se de fato havia provas incontestáveis quanto a pessoa do Rev. Israel Gueiros, o que levou o grupo a não tomar nenhuma medida disciplinar contra ele? Por que os pastores que não concordavam

com esse procedimento resolveram sair da denominação ou pedir transferência pra outro presbitério? O professor José Marciano Monteiro faz bem quando lembra Bourdieu para que possamos entender essa engrenagem do procedimento desses agentes sociais.

Aqueles que se encontram no polo dominante não estão aí posicionados por acaso. A sua posição decorre do volume do capital acumulado ao longo da trajetória ou mesmo recebido como herança. A sociedade capitalista, para o sociólogo francês, estrutura-se, portanto, por meio de dois capitais: econômico e cultural. Assim, compreender a relação entre os dominantes e os dominados é mensurar as posições que estes ocupam no campo, a partir do volume de capital adquirido. (MONTEIRO, 2018, p. 47).

Para se entender esta inibição por parte dos liderados para com o seu líder, faz-se necessária a lembrança da condição e o status social do Rev. Israel Gueiros. Pois, além de pastor, ele exercia a função de médico, cujo ofício possibilitava ajudar pessoas carentes, crescendo assim o seu carisma entre essas pessoas, incluindo os próprios seminaristas. O presbítero Francisco Solano Portela, num depoimento que deu registrado no livro: “Israel Gueiros – Vida e Obra Missionária”, de autoria do professor Marcilio Reinaux, faz bem em lembrar que, no exercício da sua profissão médica, o Rev. Israel Gueiros não media esforços para ajudar as pessoas:

[...] Na igreja, sabíamos que o nosso pastor era médico, mas o que chamava atenção era o seu desprendimento e o seu envolvimento em ação social. Ele conseguia costurar a atuação pastoral com o atendimento ambulatorial a inúmeras pessoas enfermas e necessitadas, que realizava na sua própria residência. [...] Contribuía dessa forma, para a formação e preparo de muitos pastores e fez do seu lar um polo de disseminação do Evangelho salvador de Cristo. (REINAUX, 2007, p. 114).

Não é por um acaso que ele é tratado constantemente como o Doutor e Pastor Israel Gueiros. Além do mais, o ofício da medicina contribuiu para que o Rev. Israel Gueiros não dependesse financeiramente da igreja, diferentemente da maioria dos seus companheiros ministeriais. Pois, além do seu sustento pastoral, tinha também o seu salário de médico. Com isso, assim como poucos, podia gozar de uma certa independência financeira e não depender da igreja. Isso traz à memória o princípio de um determinado adágio, afirmando que os únicos que podem gozar de certa autonomia dentro de uma instituição religiosa são aqueles que tem sua independência financeira.

Enquanto o primeiro momento da crise da IPFB se relaciona à questão do que denominamos de “desencantamento” entre o ano de 1985, o segundo momento, por sua

vez, pode ser demarcado pela volta da IP do Recife para a jurisdição da IPB, no ano de 1995. O mesmo ocorreu durante esse mesmo período com outras igrejas e pastores da IPFB, indo para a IPB. Esse período caracterizamos e denominamos de um momento de “vislumbre”. Ou seja, como um momento de possibilidades de crescimento, tanto para os pastores como também para as igrejas que estavam se transferindo para a IPB, tendo em vista haver uma maior estrutura para que houvesse essa possibilidade.

O Rev. José Vasconcelos atribui isso a possibilidades de maiores vantagens que a IPB oferecia. Entrevistando o Rev. Daniel Carneiro, atualmente pastor da IP de Jaboatão dos Guararapes (pertencente à IPB) e professor de Teologia Sistemática do SPN, o qual foi pastor da IPFB durante oito anos (1988-1995), ele não nega esse fato. Ele afirma que, entre alguns motivos que desejou se transferir para a jurisdição da IPB, estava a possibilidade de crescimento. Chega a lembrar que hoje dispõe de um Mestrado na sua área de Teologia, e que se sente honrado em ser professor do SPN, algo que provavelmente não aconteceria se permanecesse na IPFB.

Mas o que dizer dos demais pastores e igrejas da IPFB que receberam também o mesmo convite e não foram para a IPB? O que os levou a recusar as possíveis vantagens? Essas indagações foram respondidas pelo Rev. José Vasconcelos quando o entrevistamos. Na realidade, ele respondeu de forma retórica: O que mudaria na minha vida ou no meu ministério se eu saísse da IPFB e fosse para a IPB? Nada! Na realidade, há sim uma possibilidade de mudanças (pensando aqui, particularmente no Rev. José Vasconcelos)

Na IPFB, ele é o líder de maior respeito e prestígio. É o de maior tempo na denominação. Transferindo-se para a IPB, ele deixaria de ter esse privilégio e seria apenas mais um pastor dentro dessa denominação. Além disso, hoje ele dispõe da segurança de ser pastor de uma igreja local, tendo o seu cargo dificilmente ameaçado por alguns dos seus pares. Indo para a IPB, ele terá a certeza que não lhe faltará candidatos que queiram, na primeira oportunidade, ocupar o seu espaço. E quanto à parte mais importante, o que mudaria no seu serviço para o Reino de Deus? Em nada!

Todavia, em meados da década de oitenta, alguns pastores e Igrejas ligados ao movimento fundamentalista, depois de alguns descontentamentos, resolveram desligar-se do movimento e ir para a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Pouco tempo depois, surge um personagem importantíssimo que muito contribuiu para o retorno da IP do

Recife à jurisdição da IPB, bem como de outras Igrejas e ministros oriundos da IPFB: io Rev. Martorelli Dantas⁹⁹.

Procurando entender o desenrolar desse processo, entrevistamos o Rev. Martorelli Dantas¹⁰⁰, o qual começa dando informações do seu ministério: “eu voltei para o Recife, depois de ter pastoreado a IP de Catende, no início de 1993, para pastorear a IP do Largo da Paz¹⁰¹. No final daquele ano, eu fui eleito para presidir o Presbitério do Recife.”

Foi exatamente nesse período que a IPFB começou a sofrer as suas inúmeras crises que resultaram no desejo de muitos em sair da sua jurisdição. Percebendo esse momento como propício, o Rev. Martorelli Dantas resolveu aproveitar a situação. Depois de algumas indagações pessoais, ele resolve partir para “batalha”. Na entrevista, ele continua e faz a seguinte indagação diante da situação:

Por que a gente não recebe de volta a IP Fundamentalista? [...] Como é que a gente vai começar isso? E aí, é aquela coisa de coragem mesmo. Eu perguntei ao Rev. Samuel¹⁰², qual era o telefone do Dr. Israel Gueiros. E liguei para o Dr. Israel e disse: Reverendo, o senhor não me conhece, meu nome é Martorelli Dantas. Eu sou o presidente do Presbitério do Recife e, gostaria muito de conversar com o senhor pessoalmente. Ele me atendeu muito gentilmente e disse: Mas, sobre o que você quer conversar? Sobre a possibilidade do seu regresso para a Igreja Presbiteriana do Brasil (nesse momento Martorelli cai na risada e os alunos também acham engraçado esse relato). Ele sem saber o que estava acontecendo, disse: Pois não! Marcamos um dia. Dois, três dias depois para bater na porta da casa dele. Ele morava numa casa, meio que um sítio, ali no Cordeiro. Fui lá! Fui recebido por D. Lucia, a esposa dele. Poxa, gente muito boa. O Rev. Israel me recebeu. Lembro como se fosse hoje. Estava deitado numa rede, eu me assentei numa cadeira perto dele. E ele, me contou as suas histórias, me contou as suas histórias e tal [...].

⁹⁹ O Rev. Martorelli Dantas, foi ministro da IPB durante os anos de 1991-2003. Pastoreou a IP de Catende entre os anos 1991-1992. Em seguida, pastoreou a IP do Largo da Paz (que antes era chamada de IP de Afogados), isso, entre os anos de 1993-2002. No ano de 2003, presidiu o Sínodo Central de Pernambuco e a Secretaria Nacional de Mocidade da IPB. Foi professor durante dez anos no SPN (1994-2003), onde lecionou algumas disciplinas, como Hermenêutica, Teologia Sistemática e outras. Com a sua saída da IPB, foi pastorar a Igreja Episcopal Carismática do Brasil (Recife), isso, de 2004-2007. Atualmente é pastor da Comunidade Cristã (Recife).

¹⁰⁰ Na realidade essa entrevista foi feita por alguns seminaristas (SPN), no ano de 2006, quando, na ocasião, lecionávamos a disciplina de História da IPB, e os alunos fizeram um trabalho de campo.

¹⁰¹ Nessa época, a Igreja era denominada de IP de Afogados.

¹⁰² O Rev. Samuel (Santos), nesse período, era (e ainda é hoje) o pastor da IP do Recife (Fundamentalista). Porém, mesmo afastado do ofício pastoral, devido a sua idade, o Rev. Israel Gueiros gozava de grande prestígio e respeito por parte de todos da IP do Recife (Fundamentalista), sem falar que a sua família estava presente na IP do Recife.

Todavia, segundo as palavras do Rev. Martorelli, ele havia se preparado para esse momento, ou seja, para essa conversa com o Rev. Israel Gueiros:

[...] eu havia me preparado. E como foi que eu me preparei para aquela conversa? Li um livreto publicado por ele, chamado *Perseguido, mas não desamparado*. Em que ele conta a história e o processo de separação (da IPB), inclusive com cartas que são trocadas entre ele, e os documentos de defesa e acusação, feito naquele período pelo seu irmão e tal. Esses documentos no Norte Evangélico, jornal que circulava e que, o Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), lá no seu departamento histórico, têm os exemplares. Eu peguei, bati lá [...].

O Rev. Martorelli sabia que a tarefa não era algo fácil, pois tinha conhecimento da fama do Dr. Israel, bem como da sua capacidade e preparo. Aquele encontro foi o primeiro de tantos outros. Certa ocasião, o Rev. Martorelli procurou o genro do Rev. Israel, Pb. Urbano Vitalino, que, além de um advogado bastante estimado e respeitado, era presbítero da Igreja do Recife. Ele lembra esse momento na entrevista:

[...] Conversamos com Urbano. Urbano conversou com o Conselho da Igreja, e o Conselho da Igreja começou a discutir a possibilidade de regressar a IPB. E como eles fizeram? Ai, algo extraordinariamente democrático. Eles marcaram três Assembleias.

É certo que, com essa atitude, o Conselho já estava externando aparentemente a sua própria vontade, que era retornar à jurisdição da IPB. Isso fica evidente no decorrer do processo, pois, a partir dessa reunião, resolveram estabelecer três encontros entre a IP do Recife com os pastores Martorelli Dantas e José Vasconcelos, objetivando, com isso, preparar a Igreja para a Reunião Extraordinária do dia 25 de junho do corrente ano¹⁰³. Segundo o Rev. Martorelli, as regras foram também determinadas:

Na primeira, o Reverendo Jose Vasconcelos¹⁰⁴ falaria as razões pelas quais a Igreja¹⁰⁵ não deveria voltar para a IPB. Na segunda Assembleia,

¹⁰³ No Livro de Atas do Conselho da IP do Recife (de número, 001/95), reunido o Conselho na data de 28/05/1995, consta na Ata de número 1011, no verso da página 65, a seguinte informação: “Referente a Assembleia que será realizada no dia vinte e cinco de junho de mil novecentos e noventa e cinco, foi decidido que no dia quatro de junho e onze de junho será realizado um DEBATE de perguntas e respostas com os pastores José Vasconcelos e Martorelli Dantas respectivamente e no dia, Digo, no dia quatro de junho será convidado o Rev. José Vasconcelos e no dia onze de junho o Rev. Martorelli Dantas, onde cada um fará uma palestra de esclarecimentos sobre as Igrejas Fundamentalista e Presbiteriana do Brasil respectivamente e que no dia vinte e um de junho todas as datas acima citadas no ano de mil novecentos e noventa e cinco, neste dia será realizado um DEBATE de perguntas e respostas com a presença dos dois pastores e com a direção do moderador Pr. Samuel Santos.

¹⁰⁴ Nessa ocasião o Rev. José Vasconcelos era o Presidente do Presbitério de Pernambuco, da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB). Atualmente é pastor da IPF do IPSEP (Recife-PE).

¹⁰⁵ Nesse caso a Igreja Presbiteriana do Recife, localizada no Cais Jose Mariano (Recife-PE), a qual serviu como matriz do movimento fundamentalista no Brasil, ou seja, que deu origem às demais IPFB.

eu (Martorelli) fui falar as razões, pelas quais a Igreja deveria vir para a IPB. E na terceira Assembleia, nós debatemos. Foi muito interessante. Eu vivi momentos emocionantes ali. E eu, segui três linhas básicas de argumentação. Tentei traçar o retrato da IPB hoje, dando destaque as personalidades e figuras que dela fazem parte e, a IPB daquela época e, hoje ainda mais intensamente, vivia um período bastante conservador. Segundo lugar: Eu tentei, demonstrar que, segundo as próprias decisões da Assembleia de 1956, Assembleia da Igreja, aquela Assembleia tinha tomado uma decisão e, eu me agarrei numa expressão. Eles disseram: Nós, renunciamos a jurisdição da IPB, *até que*: isso, isso, isso, isso aconteça.” Essa expressão “*até que...*”, está lá, nas atas da decisão. Eu disse, gente, os pais de vocês, quando tomaram a decisão de se separar da IPB, tinham a intenção de voltar a comunhão e a jurisdição da IPB, estava isso, na expressa no “*até que...*”. E eu, vim aqui para dizer que, o “*até que...*” aconteceu, chegou! (nesse momento Martorelli rir, e os seminaristas seguem o seu exemplo). E a terceira argumentação, era a demonstração de que, o processo eclesiástico que julgou o Rev. Israel Gueiros, era um processo marcados por equívocos, que, provavelmente, tinham sido provocados por questões políticas do momento, e que, eu assumia o compromisso, como presidente do Presbitério do Recife, de resgatar essa questão, de tratar essa questão. O que efetivamente fiz.

No decorrer do processo, uma carta foi enviada ao Conselho da IP do Recife, tentando o adiamento da Assembleia Extraordinária do dia 25 de junho, mas não foi atendido pelo Conselho. Eis o registro da Ata do Conselho:

Foi recebida uma carta da diretoria Executiva da Auxiliadora pedindo adiamento da Assembleia marcada para o dia vinte e cinco de junho de mil novecentos e noventa e cinco a qual foi apreciada e resolvido que a sessão da Igreja não tem condições de promover um novo adiamento em virtude de que o processo de esclarecimentos já está em andamento, conforme a Assembleia havia decidido¹⁰⁶.

Como tinha afirmado o Rev. Martorelli, o processo foi resultado de ações democráticas e muito bem estruturado. Sem falar que o Rev. Martorelli não só se tinha preparado para conversar com o Dr. Israel Gueiros, mas, na realidade, ele tinha se preparado para cada momento. Os seus argumentos, estando baseados em fontes históricas, estão recheados de sentimentos. Como tinha prometido dar continuidade no processo, ele, de fato, o fez. Disse ele: “levei o assunto ao Presbitério, e o Presbitério tratou da questão e, consultou o Sínodo Central de Pernambuco, o qual estávamos ligados. O Sínodo tratou da questão, manifestando sobre o assunto”. Enquanto isso, segundo Martorelli, a IP do Recife reunida em Assembleia, toma a decisão:

¹⁰⁶ Cf. Livro de Atas da Reunião do Conselho (nº 001/95), ata de número 1012, datada em 11/06/1995, p. 66.

A Assembleia tomou a decisão de voltar a IPB. [...]. Numa última Assembleia, em que, eles puderam discutir sozinhos. Sem a minha presença, e sem a presença do Rev. Vasconcelos. E eles tomaram a decisão de voltar. Enquanto isso, estava acontecendo, vocês imaginam, eu não estava quieto. Eu estava mexendo com outras Igrejas Fundamentalistas. [...] E aí, é engraçado, muitas outras Igrejas, como do Engenho do Meio, uma Igreja de Timbaúba, já haviam, e queriam voltar para a IPB, mesmo que agora, a Igreja do Cais Jose Mariano (IP do Recife), não viesse [...].

Na véspera da Assembleia do dia 25, na qual a IP do Recife decidiria se permaneceria na jurisdição da IPFB ou voltaria para IPB, o Conselho estabeleceu as regras para a realização da Assembleia:

[...] ficou estabelecido normas para a condução da Assembleia da Igreja que será realizada no dia vinte e cinco de junho de mil novecentos e noventa e cinco, conforme se segue: a) A Assembleia se realizará no Templo da Igreja Presbiteriana do Recife e será restrito o ingresso ao Templo, somente dos membros comungantes e aptos para votar. b) O menor com idade acima de dezesseis anos estará apto para votar. c) Cada membro terá direito a se expressar na Assembleia, respeitando o direito de voz dos outros membros, pelo que, para ter direito a nova voz terá de se inscrever após a falação dos já inscritos, fica também estipulado o tempo médio de cinco minutos para cada falação. d) A votação será realizada através de uma senha confeccionada previamente, com um quadrinho ao lado do nome da denominação a ser escolhida pelo membro votante, sendo que foi escolhida para constar em primeiro lugar o nome com o quadrinho da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil e em segundo lugar o nome com o quadrinho da Igreja Presbiteriana do Brasil e que após a votação será realizada a contagem dos votos¹⁰⁷.

E foi assim que, no dia vinte e cinco de junho do ano de mil novecentos e noventa e cinco (25/06/1995), a Igreja Presbiteriana do Recife, reunida em Assembleia Extraordinária, com a presença de cento e oito membros votantes, decidiram retornar para a jurisdição da IPB¹⁰⁸. O Conselho da IP do Recife resolveu registrar o momento oficial do retorno da IP do Recife à jurisdição da IPB. Eis o conteúdo: “Registrar que no dia vinte e cinco de novembro do corrente ano realizou-se em nossa Igreja o culto de recebimento da Igreja Presbiteriana do Recife a Igreja Presbiteriana do Brasil, com a presença do Presidente da IPB, Rev. Guilhermino Cunha”¹⁰⁹. Porém, na reunião seguinte, consta uma

¹⁰⁷ Cf. Livro de Atas da Reunião do Conselho (nº 001/95), ata de número 1013, datada em 24/06/1995, p. 66 (verso).

¹⁰⁸ Cf. o Livro de Atas de assinaturas dos membros presentes nas Assembleias da IP do Recife.

¹⁰⁹ Livro de Atas da Reunião do Conselho (nº 001/95), ata de número 1026, datada em 04/12/1995, na sua 5ª resolução, p. 76.

retificação em forma de acréscimo, em relação à ata anterior (1026): “Na ata de número [...] se lê [...] ata de número hum mil e vinte e seis resolve que o Rev. Guilhermino Cunha é o Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil e que estava acompanhado do Secretário Executivo Rev. Wilson de Souza Lopes”¹¹⁰.

Depois de todo o processo, o Conselho da IP do Recife, percebendo a necessidade de instruções para os membros da Igreja quanto à transição de jurisdição da IPFB para a IPB, resolveu que foram “aprovados os meses de novembro e dezembro seria dedicado à integração de nossa Igreja com a Igreja Presbiteriana do Brasil”.¹¹¹

Por sua vez, o presidente do Conselho, o pastor da IP do Recife, o Rev. Samuel Santos, comunicou para a Igreja o recebimento dessa decisão feita pelo Presbitério do Recife. Então “comunicou que no próximo dia vinte e um de outubro do corrente ano a nossa Igreja estará sendo recebida oficialmente no Presbitério do Recife da Igreja Presbiteriana do Brasil”¹¹².

Hoje a IP do Recife continua sendo pastoreada pelo Rev. Samuel Santos, tendo como um dos seus auxiliares seu filho, o Rev. Felipe Santos. O Rev. Samuel, que lecionou no SPN durante duas décadas, na área de Homilética, continua lecionando noutros seminários teológicos, e anda próximo do término do seu curso de Direito.

4.5. A atual situação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil e a sua relação com a Igreja Presbiteriana do Brasil

A IPFB continua com o seu trabalho, mas não mais com a mesma atuação que teve na época do Rev. Israel Gueiros, tendo em vista que, além de poucos lugares da sua presença, conseqüentemente, conta com uma membresia muito pequena. Todavia, é necessário registrar que nessa última década a IPFB tem aberto novos campos de trabalhos, muito pelo apoio financeiro recebido da IP da Coréia do Sul.

Na realidade, essa ajuda financeira tem sido específica para construções de novas congregações e igrejas. A IPFB entra com o terreno, enquanto a IP da Coréia do Sul financia as construções. Fora essa relação de parceria, não há nenhuma outra ligação entre essas duas denominações. O Rev. Luciano Gomes da Silva, atual presidente do Sínodo

¹¹⁰ Livro de Atas da Reunião do Conselho (nº 001/95), ata de número 1027, datada em 18/12/1995, p. 76 (verso).

¹¹¹ Livro de Atas da Reunião do Conselho (nº 001/95), ata de número 1022, datada em 25/09/1995, p. 73.

¹¹² Livro de Atas da Reunião do Conselho (nº 001/95), ata de número 1023, datada em 08/10/1995, p. 74.

da IPFB, nos repassou via e-mail (05/122019) um relatório constando a relação de parceria entre a IPFB e a IP da Coreia:

[...] Foi na reorganização do Sínodo que aconteceu em Limeira de 22 a 26 de Janeiro de 1997, que surgiu o primeiro contato do missionário coreano no Brasil da Igreja Bethesda Coreana em São Paulo, no bairro da Aclimação. Entre as resoluções, decide-se que o Rev. Woo Sun Kim, seria responsável por iniciar um trabalho de expansão e implantação de novas igrejas não apenas no estado de São Paulo, mas no Maranhão tendo com parceiro o Rev. Samuel Kim. As construções de novos templos e implantação e revitalização das nossas igrejas só começou mesmo 3 anos depois. Com a primeira igreja implantada em parceria com a missão coreana, é instalado o primeiro templo presbiteriano fundamentalista em Camela no de 2000, na cidade de Ipojuca. Desde então foram construídas e revitalizadas 17 igrejas e construídos 5 seminários. A saber; IPF de Camela no ano 2000, pelo Rev. Osmar Damasceno Sanches; Seminário Presbiteriano Fundamentalista em Limeira-SP no ano 2000; IPF em João Pessoa, 2004 Rev. Robson Dantas; Seminário Presbiteriano Fundamentalista em Recife(IPSEP) 2004; IPF em Petrolina 2005, Rev. José Pereira de Barros; IPF em Tabira, 2005 Rev. Luiz Ronilson Gil de Souza; IPF em Jardim São Francisco, 2006; IPF em São José do Egito, 2006; IPF em Sítio Apertado, Rev. Cícero Ramalho; IPF em Jupi, 2006 Rev. Lívio Castor Rodrigues; IPF em Castainho 2006, Rev. Lindinaldo Castor Rodrigues; IPF em Cambirimba 2006. Rev. Lindinaldo Castor Rodrigues; IPF Parque Novo Mundo 2007, Rev. Clóvis Luiz Palmeira de Almeida; IPF em Camaragibe 2007, Rev. José Vasconcelos da Silva Filho; IPF em Juazeiro-Bahia 2008, Rev. Ivan Braga Barbosa; IPF em Aldeia 2008, Rev. Luciano Gomes da Silva; Creche Bethesda 2009, Rev. Lindinaldo Castor Rodrigues; IPF em Piracicaba-SP. 2009, Rev. Rogério Rodrigues de Lima; Seminário Presbiteriano Fundamentalista no Sertão-Patos Pb. 2009; Seminário Presbiteriano Fundamentalista em Porto Velho-Rondônia, 2016; Seminário Presbiteriano Fundamentalista em Garanhuns 2018. [...]. (SILVA, 2019, p. 1)

A IPFB nunca criou e consequentemente nunca teve o funcionamento de um Supremo Concílio. Na realidade, durante todos esses anos de existência, sempre contou com apenas um Sínodo. Em relação à criação, funcionamento e atual situação do sínodo, o Rev. Luciano nos informa:

O Sínodo da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil foi organizado no dia 21 de setembro de 1976, ou seja, vinte anos depois da fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil [IPFB], em 1956. Formado pelos Presbitérios de Pernambuco, Paraíba e Amazonas, a primeira e histórica reunião do Sínodo da IPFB aconteceu na Igreja Presbiteriana do Recife, localizada na Rua Dr. José Mariano, nº 186, bairro Boa Vista, na cidade de Recife, Estado de Pernambuco. A sua Diretoria Executiva ficou assim constituída: Moderador – Rv. Israel Furtado Gueiros; Secretário Permanente [hoje Secretário-Executivo] – Rv. Roberval Marçal de Oliveira; e Tesoureiro – Rv. Uziel Furtado Gueiros. Vinte anos se passaram desde a sua fundação e, nesse tempo, o Sínodo se manteve a passos lentos até sua reorganização,

acontecida na cidade de **Limeira, Estado de São Paulo, entre os dias 22 e 26 de janeiro de 1997**, com a presença de cinco Presbitérios: Presbitério do Grande Recife, Presbitério do Sul [hoje Presbitério Paulista], Presbitério do Nordeste [hoje Presbitério do Sertão], Presbitério do Agreste e Presbitério de Rondônia. Foi feito um levantamento da nossa realidade, e constatou-se que tínhamos 25 igrejas, 14 congregações, 29 pastores, 79 presbíteros, 73 diáconos e 1.790 membros. [...] **Sínodo 2005 Guajará Mirim-Rondônia** (Dados fornecidos na 3ª Reunião Ordinária do Sínodo), entre os dias 19 a 23 de Janeiro de 2005 em Guajará Mirim-Rondônia. Total de igrejas: 17 Total de membros: 1.256 Total de Congregações: 17 Total de pastores: 18 Total de presbíteros: 18. Total de diáconos: 13. **Sínodo de 2008 em Recife-PE** (Dados fornecidos na 5ª Reunião Ordinária do Sínodo), entre os dias 16 a 20 de Janeiro de 2008 em Recife-PE. Total de igrejas: 17 Total de membros: 1.325 Total de Congregações: 19 Total de pastores: 37 Total de presbíteros: 48 Total de diáconos: 56. (SILVA, 2019, p. 1).

Hoje esse sínodo funciona através de cinco Presbitérios: Sertão (antes denominado de Nordeste), Garanhuns, Grande Recife, Rondônia e Paulista (antes denominado de Sul). A IPFB, na sua 8ª Reunião Ordinária do seu Sínodo, que ocorreu nos dias 11 a 15 de janeiro de 2017, que ocorreu em Heliópolis, na cidade de Garanhuns, elegeu a seguinte Diretoria Executiva para o triênio 2017-2019:

DIRETORIA EXECUTIVA PARA O TRIÊNIO 2017-2019	
Presidente	Rev. Luciano Gomes da Silva
Vice-Presidente	Rev. José Pereira de Barros
Secretário Executivo	Rev. Samy Anderson Gomes da Silva
Secretário de Atas	Rev. Gilson Rodrigues de Lima
Secretário Protocolar	Rev. José Camilo dos Santos
Tesoureiro	Rev. Demétrio Rocha Ferreira Guimarães

Nessa última Reunião Ordinária do Sínodo da IPFB, que ocorreu nos dias 11 a 15 de 2017, segundo as suas estatísticas, encontramos a atual situação dessa denominação:

ESTATÍSTICA	
Total de Igrejas e Congregações	37
Total de Membros	1639
Pastores	39
Presbíteros	56

Diáconos	51
Seminários	05
Creche	01

Quanto ao seu crescimento atual em relação ao seu funcionamento, pode-se citar o Presbitério do Grande Recife, onde a IPFB funciona com apenas três igrejas, mas tem avançado o seu trabalho com abertura de novas congregações. Eis o quadro das igrejas e congregações, bem como os seus respectivos pastores responsáveis¹¹³:

IGREJAS DO PRESBITÉRIO DO GRANDE RECIFE – PRG	
IPF do IPSEP	Rev. José Vasconcelos
IPF do Cabo	Rev. Luciano Gomes
IPF de Paulista	Rev. Zacarias Dantas
CONGREGAÇÕES JURISDICIONADAS AO PRG	
IPF em Aldeia	Rev. Fernando Fábio
IPF em Cosme Damião	Rev. Edson Urbano
IPF em Vitória	Rev. Edson Urbano
IPF em Camela	Rev. Lucas Fonseca
IPF em João Pessoa	Rev. Antônio Albino
IPF em Fortaleza	Rev. Robson Dantas
IPF em Petrolina	Rev. José Barros

Como bem se sabe, o surgimento e o funcionamento de um movimento, ou até mesmo a fundação de uma instituição, sempre estará ligada a pessoa do seu fundador. A continuidade da existência desses movimentos e instituições geralmente dependem dos herdeiros ou de quem o pioneiro preparou para esse momento. Quando não há uma substituição natural, preparada pelo líder, a tendência é que o movimento se arrefeça, naufrague e finalmente caia no seu esquecimento. Porém, com a IPFB, a história é diferente. Mesmo o Rev. Israel Gueiros não tendo deixado um sucessor de continuidade (é certo que tinha seus filhos, mas a história não foi adiante com eles), a continuidade da IPFB continua com todo o vapor nos dias atuais.

Em relação à comparação que possa ser feita entre o crescimento presente e o período da gestão do Rev. Israel Gueiros, é certo que na sua época o crescimento era

¹¹³ Essas informações foram repassadas via WhatsApp (03/12/2019), por intermédio do Rev. Luciano Gomes da Silva, pastor do IPFB do Cabo, e atual presidente do Sínodo.

incomparavelmente bem maior. Todavia, a IPFB hoje já não depende mais de uma única liderança, nem tampouco tem seu nome ligado a uma pessoa, como ocorria no passado, mas o trabalho tem se renovado a partir de uma liderança de jovens pastores, os quais têm se beneficiado com as experiências dos pastores veteranos. Além do mais, essa nova liderança da IPFB tem buscado se qualificar em cursos de Pós-graduações, muitas vezes oferecidos na própria IPB. É possível alguns pastores da IPFB que foram alunos de algumas especializações oferecidas no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN). Entre eles, podemos citar os Reverendos Luciano Gomes da Silva, Luiz Ronilson Gil de Souza e Zacarias Dantas de Miranda,

Hoje há uma boa relação de convivência entre a IPB e a IPFB. Há uma excelente cordialidade de ambos os lados. Sempre há convites para que os pastores compartilhem os seus púlpitos entre si. Isso geralmente ocorre em momentos de festividades de uma igreja local. Outro fato interessante é que a maioria dos familiares do Rev. Israel Gueiros, fundador da IPFB, atualmente fazem parte da membresia da IPB. Alguns exercem cargos de lideranças, seja como diáconos, presbíteros e mesmo no pastorado.

O Rev. Israel permaneceu na liderança da IPFB por aproximadamente mais de três décadas, juntamente com o suporte dado pelos seus dois filhos, que também exerceram o pastorado: Porfírio Gueiros e Israel Gueiros Filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um fato interessante sobre a Igreja Presbiteriana do Recife é que, mesmo tendo sido ela, o quartel geral (QG) do fundamentalismo protestante no Brasil, patrocinada pelo Rev. Carl McIntire, ela permaneceu com o seu nome de origem, não acrescentando o nome fundamentalista na sua fachada, diferentemente das suas filiais. Todas as demais igrejas fundadas pela Igreja Presbiteriana do Recife tiveram o nome de fundamentalista.

Esse é outro detalhe significativo para percebermos que a fundação da IPFB não foi por questões doutrinárias, mas por motivos relacionados às disputas por espaços políticos eclesiais. Ainda podemos lembrar outros acontecimentos relacionados a essa questão que ratificam a nossa tese. Por exemplo, o Rev. José Vasconcelos disse que certa ocasião, numa Reunião Ordinária do Presbitério, onde ele estava incumbido de examinar as atas da Igreja Presbiteriana do Recife. Quando leu o parecer, usou a seguinte expressão: “Quanto as atas da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Recife...”. Nesse momento,

prontamente, o Rev. Israel Gueiros estava atento, levantou a mão, pediu a palavra e retificou: “Não é Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Recife, e sim, Igreja Presbiteriana do Recife”.

Além disso, desde o seu nascedouro, a IPFB não se diferenciou em absolutamente nada da IPB. Até mesmo o antigo Livro de Ordem da IPB, em relação ao seu conteúdo, foi adotado pela IPFB. Percebemos que o Rev. Israel Gueiros saiu da IPB, mas a IPB nunca saiu de dentro dele.

A nomenclatura “presbiteriana” tem a ver com a sua forma de governo. Isto é, há basicamente três formas de governo: *Episcopal*, em que somente um governa. *Congregacional*, em que todos governam, e, por fim, o *Presbiterial*, em que alguns governam. Nesse último caso, são os presbíteros que governam, dando o nome à denominação. Todavia, a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, que tem sua origem com o Rev. Israel Gueiros, e que tentou continuar trilhando os passos da sua antiga igreja de origem (IPB), quanto a sua forma de governo, isso não aconteceu. Ou seja, ela sempre exerceu um governo episcopal, tendo em vista que todas as decisões dessa denominação tinham que passar pelo crivo do seu líder, neste caso, pela vontade soberana do seu fundador Rev. Israel Gueiros. Durante a gestão do seu fundador, a igreja era mais conhecida como a “igreja do Rev. Israel” ou a “igreja dos Gueiros”.

Ainda que a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil seja resultado de questões relacionadas a entraves políticos eclesiásticos entre o Rev. Israel Gueiros e a sua antiga denominação (IPB), a efervescência que estava havendo no mundo em torno do debate sobre fundamentalismo versus liberalismo, a postura e as acusações feitas pelo Rev. Israel Gueiros, fizeram com que a Igreja Presbiteriana do Brasil, mesmo que não tivesse abraçado as ideias oriundas do liberalismo, ficasse mais atenta a essa questão. Percebemos que a IPB passou a ser não somente vigiada, mas, acima de tudo, vigilante ao movimento liberal, bem como ao movimento fundamentalista.

Ratificando esta afirmação supracitada, pode-se trazer à tona as palavras do presbítero Francisco Solano Portela. Relembrando o pastorado do Rev. Israel Gueiros, na IP do Recife, bem como a sua importância, Solano Portela, mesmo que não afirme que a IPB tenha em algum momento abraçado o modernismo teológico, relembra que esta ameaça estava à espreita de qualquer denominação. Por esse motivo, considera que a atitude do Rev. Israel Gueiros serviu como um brado de alerta para a IPB.

Portanto, destacando algumas características do Rev. Israel Gueiros, afirma o presbítero Solano:

[...] Sua coragem em encarar controvérsias não será esquecida. A forma como se contrapôs a estruturas, personalidades e a tantos outros que ousaram ensinar doutrinas estranhas às Escrituras, marcou uma era. Não hesito em afirmar que essa postura teve resultados bem mais amplos do que a fundação de uma inteira denominação – foi o ponto vital que chamou atenção da inteira Igreja Presbiteriana do Brasil; levantando pessoas dentro dela que a impediram de abraçar descuidadamente o modernismo teológico que rondava e penetrava ameaçadoramente várias de suas igrejas e seminários. (REINAUX, 2007, p. 113-114).

Atualmente, na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), boa parte dos seus pastores e alguns dos seus presbíteros que tem defendido e contribuído com ideias conservadoras são oriundos da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil: Rev. Augustus Nicodemos, atual vice-presidente da IPB, (pastor da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife); Rev. Cláudio Henrique (pastor da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife); Daniel Carneiro, professor de Teologia Sistemática do Seminário Presbiteriano do Norte, (pastor da Igreja Presbiteriana de Jaboatão dos Guararapes); Pb. Solano Portela, que ao longo dos anos tem ocupado inúmeras funções e diversas autarquias da IPB; e alguns outros que foram oriundos da IPFB e hoje contribuem na IPB.

Numa conversa que tivemos com o Rev. José Vasconcelos, pastor da IPF do IPSEP, ele nos informou que, certa ocasião, na 5ª Reunião Ordinária do Sínodo da IPFB, que teve como Moderador o Rev. Clóvis Luiz Palmeira de Oliveira (hoje o Rev. Clóvis encontra-se fora do ministério), realizada no ano de 2008, na cidade do Recife, mais especificamente na IPF do IPSEP, cogitou-se a possibilidade de mudar o nome da IPFB. Na realidade, a proposta que era oriunda do Presbitério do Sul – SP tinha como objetivo remover o nome “fundamentalista”.

Segundo o Rev. José Vasconcelos, aqueles que defendiam a mudança, alegavam basicamente dois motivos: primeiramente porque a expressão “fundamentalista”, no decorrer do tempo, tornou-se um termo pejorativo (ligado ao Islamismo). Neste caso, o nome da Igreja contendo a expressão “fundamentalista”, ao invés de atrair, passou a afastar as pessoas. Outro motivo para que houvesse a mudança do nome era porque a expressão Igreja Fundamentalista sempre estava associada ao Rev. Israel Gueiros e a sua família, tendo em vista que o mesmo foi o fundador dessa denominação. Agora, segundo a proposta, não havia mais sentido permanecer com esse nome, pois o Rev. Israel Gueiros

já era falecido e a sua própria família já não estava mais na própria Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil.

Na realidade, todos os familiares do Rev. Israel Gueiros passaram a fazer parte da Igreja Presbiteriana do Brasil (com exceção do seu filho, Israel Filho, que nunca saiu da IPFB, mas que congrega na IPB). Todavia, apesar dos motivos, tentando justificar a proposta da mudança do nome da denominação, o assunto foi discutido, mas não houve a aprovação para a retirada da expressão “fundamentalista”. Alguns dos argumentos da não aprovação, segundo o Rev. José Vasconcelos, foi que, mesmo sendo o Rev. Israel Gueiros o fundador da IPFB, o movimento fundamentalista ocorreu antes dele. Por esse motivo, isso deveria ser levado em consideração para a permanência da expressão “fundamentalista”. E ainda lembrou que, se houvesse a mudança do nome, a memória dos que dos antecessores, aos poucos ficará perdida como de tantos heróis, pois umas das maiores tristeza que aflige um povo é a falta de memória do seu passado.

O fato de defendermos a tese de que o surgimento do movimento fundamentalista liderado pelo Rev. Israel Gueiros tenha sido por questões relacionada a disputas por espaço político eclesiástico, e não por questões doutrinárias, não tira dele as suas naturais virtudes. Pois o seu procedimento em relação à disputa pela preservação de um espaço de direito e de respeito, é algo que acontece a cada instante neste campo social. Em outras palavras, o Rev. Israel Gueiros não foi o primeiro, nem tampouco será o último a reivindicar o seu espaço, mesmo que para isso sejam necessário embates, às vezes curtos, outros duradouros, e que, em alguns casos, para que o alvo seja alcançado, inevitavelmente, isso resulte em alguns desgastes, rompimentos e até mesmo, se necessário, em alguns cismas. Foi o que aconteceu entre o Rev. Israel Gueiros e a sua antiga denominação, a Igreja Presbiteriana do Brasil, resultando no cisma e consequente fundação da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil.

Apesar do que houve, o Rev. Israel Gueiros sempre gozou de respeito e admiração, não só por intermédio dos seus amigos mais próximos, mas também, por incrível que pareça, por parte da sua antiga denominação, a IPB. Por exemplo, no seu falecimento (15/11/1996), o Rev. Guilhermino Cunha, que na ocasião era o Presidente do Supremo Concílio da IPB, não tardou, nem tampouco esqueceu, de enviar em nome da própria IPB uma correspondência para a viúva D. Lúcia Gueiros, lamentando a partida do Rev. Israel Gueiros.

Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1996. Minha irmã em Cristo, temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança (Sl. 25:14). Precisamente Lúcia Andrade Gueiros. ‘A intimidade do Senhor é para os que o amam, quando estivemos em sua residência, acompanhados dos Rev. Wilson de Souza Lopes, Secretário Executivo do nosso Supremo Concílio, tivemos a oportunidade de manter um agradável diálogo com o Rev. Dr. Israel Gueiros. Naquela oportunidade, o Presidente do Presbitério de Pernambuco, informou ao Rev. Israel que aquele Presbitério havia reconsiderado e anulado antigas decisões conciliares, de maneira que já não havia qualquer punição sobre a situação ministerial do grande líder. Foi quando o Rev. Dr. Israel, com muita firmeza e lucidez, nos confidenciou: ‘Na verdade, eu nunca saí da IPB’. E nos emocionou com outra afirmativa: ‘Muitas vezes assistir ao SC/IPB, silenciosamente, lá do último banco do plenário’. Minha irmã estou relembrando momentos daquela terna e emocionante visita para dizer-lhe que, por parte da atual Mesa da CE-SC/IPB, sempre nutrimos respeito e admiração pelo nosso saudoso Rev. Dr. Israel Gueiros, líder na IPB, na qual participou de importantes comissões, tendo sido inclusive, presidente e vice-presidente de diversos concílios. Ordenado ao Sagrado Ministério em 21/09/31, Professor de Teologia Sistemática e de História da Igreja, Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Recife, o Rev. Israel Gueiros ostentava sempre a alegria íntima de ter sido pastor de uma única Igreja – a Igreja Presbiteriana do Recife. E foi como Pastor Presbiteriano que ele se despediu das lides terrenas. Nesta condição de ‘servo bom e fiel’, Deus o recolheu à Igreja Triunfante. O Rev. Israel Gueiros deixa-nos um exemplo de fidelidade ao Senhor Jesus. A nossa oração é para que o mesmo Senhor e Deus que sempre assistiu e amparou no seu servo Israel Gueiros, agora console o seu coração enternecido, dando-lhes forças para testemunhar a todos os familiares a mesma fé em Jesus. Em oração, Rev. Guilhermino Cunha, Presidente do SC/IPB.

Aqui chegamos com o fim da nossa pesquisa. Mas isso não significa que tenhamos chegado ao fim de uma história, pois ainda existem muitos detalhes que podem e devem ser analisados noutros momentos. Porém, apesar de ter ciência disso, desejamos e esperamos ter contribuído com a história da fundação do fundamentalismo protestante no Brasil e o surgimento de uma nova denominação: a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Abraão. **Tratado de Teologia Contemporânea**. Rio de Janeiro: 2ª ed., CPAD, 1981.

ALVES, Rubem. **O Suspiro dos Oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. **Religião e Repressão**. São Paulo: Teológica e Loyola, 2005.

ANAIS DO CENTENÁRIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO RECIFE. 1878 – Agosto – 1978.

A QUESTÃO DOUTRINÁRIA – A Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo: Gráfica Cruzeiro do Sul, 1941.

ARAÚJO, João Dias de. **Inquisição sem fogueiras: história sombria da Igreja Presbiteriana do Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BLACKFORD, Alexander L. **Sermões escolhidos de Simonton**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

BASTIDE, Roger. **O Sagrado Selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BELLOTTI, Karina Kosicki. **A Batalha pelo ar: construção do fundamentalismo cristão norte-americano e a construção dos “valores familiares” pela mídia (1920-1970)**. In: revista Mandrágora da UESP, ano XIV, nº 14, São Paulo: 2008.

_____. **“Fiéis Soldados de Jesus Cristo”** – Discussões sobre o fundamentalismo no Brasil recente. In: Sentimentos na História – linguagens, práticas, emoções. BREPOHL, CAPRARO e GARRAFFONI (org.). Paraná: Editora UFPR, 2012.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo** – A globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas Sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. **As Regras da Arte**, São Paulo, CiA das Letras, 2000.

_____. **Os usos sociais da ciência**, por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música Sacra Evangélica no Brasil**, contribuições a sua história. Rio de Janeiro: Kosmos Editora, 1961.

BRUCE, Steve. **Fundamentalismo**. Tradução Jesús Cuéllar Menezo. Madrid: Alianza Editorial, 2003 [2000].

CADERNO O ESTANDARTE. Publicação especial em comemoração ao Centenário da IPI do Brasil. São Paulo: Editora Pendão Real, 2002.

CAMPOS JR, Heber Carlos. **A Reação da Igreja Presbiteriana do Brasil ao “Modernismo” dentro de seus seminários nas décadas de 1950 e 1960**. São Paulo: (Dissertação de Mestrado). Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 2003.

CAMACHO, Rafael. **O modernismo e a doutrina das penas eternas**. Poço de Caldas-Minas: Estab. Gráfico Cruzeiro, 1946.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed., São Paulo: EDUSP, 2003.

CARVALHO, Osiel Lourenço de. **Fundamentalismo Protestante**. In: **Fundamentalismos Religiosos Contemporâneos** – SOUZA, Sandra Duarte de, (org.), Fonte Editorial, São Paulo: 2013.

CASIMIRO, Arival Dias. **O Discurso Presbiteriano: A teologia de Princeton e sua influência na formação dos pastores nordestinos**. In: **Revista Ciências da Religião – História e Sociedade**, v. 1, nº 1, São Paulo: 2003.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais**. Viçosa-MG: Ultimato, 2000.

CHAMPLIN, R.N. Modernismo. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. IV, 12ª ed., São Paulo: Hagnos, 2014.

_____. Liberalismo. In: **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. IV, 12ª ed., São Paulo: Hagnos, 2014.

COUCH, Mal. **Os fundamentos para o século XXI: Examinando os principais temas da fé cristã**. São Paulo: Hagnos, 2009.

CUNHA, Guilhermino. **Os herdeiros de Carl McIntire**. In: Fides Reformata, Vol. VI. n. 1. São Paulo: CPAJ, 2000.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórica - Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, Volumes I, II, III e IV, 1990.

FAJARDO, Alex. **Fundamentalismo Protestante nos Estados Unidos e no Brasil: Intolerância religiosa no rádio e seus (des)caminhos sonoros**. In: Paralellus, Revista Eletrônica em Ciências da Religião – UNICAP. Recife, mar/ago de 2016, p. 249-271.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: SESC, Studio Nobel, 1997.

FERREIRA, João Cesário Leonel (Org.). **Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

FONSECA, Silvandro Cordeiro. **SPN 120 anos – você faz parte desta história**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

FORSYTH, William. **Jornada no Império: vida e obra do Dr. Robert Kalley no Brasil**. São Paulo: Editora Fiel, 2008.

GEERING, Lloyd. **Fundamentalismo: desafio ao mundo secular**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

GIRALDI, Luiz Antônio. **História da Bíblia no Brasil**, Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil - SBB, 2008.

GONDIM, Ricardo. **Orgulho de ser Evangélico: Porque continuar na igreja**, Viçosa – MG, Ultimato, 3ª reimpressão, 2003.

_____. (Apresentação à edição brasileira). In: **Fundamentalismo: desafio ao mundo secular**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

GOUVÉA, Ricardo Quadros. **Piedade Pervertida: um manifesto anti-fundamentalista em nome de uma teologia de transformação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

GRENFELL, Michael (org.). **Pierre Bourdieu – conceitos fundamentais**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2018.

GROSS, Eduardo. Liberalismo Teológico. In: **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

GUEIROS, Israel Furtado. **Perseguido mas não desamparado**. Recife: 1956.

_____. **60º Aniversário Natalício e 36º Aniversário de Ordenação**. Recife: Igreja Presbiteriana do Recife, 1967.

_____. **Este Insigne Varão de Deus**. Recife: Igreja Presbiteriana do Recife, 1977.

_____. **A Luz do Mundo**. Recife: Igreja Presbiteriana do Recife, 1980.

_____. **Projeções de Minha Vida**: letras, histórias e controvérsias (1901-1951). Recife: 1951.

HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1993.

HINDSON, Edward E. O Significado histórico de Os fundamentos. In: **Os fundamentos para o século XXI**: Examinando os principais temas da fé cristã. São Paulo: Hagnos, 2009.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhias das Letras, 1998.

HODGE, A.A. **Confissão de Fé de Westminster** (comentada). São Paulo: Os Puritanos, 1999.

KAYPER, Abraham, **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro e Passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos, tradução Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira, revisão César Benjamim. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

JENKINS, Keith (ed.). **The postmodern history, reader**, New York, London: Routledge, 1997.

LÉONARD, Émile-G. **O Iluminismo num protestantismo de constituição recente**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1988.

LIVRO DE ORDEM da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil. Recife: Gráfica Missões Unidas, 1977.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Fundamentalismo e Fundamentalistas**. Série Cadernos Bíblicos, volume 2. Recife: Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, 2002.

LUCAS, Sean Michael. **O Cristão Presbiteriano** – convicções, práticas e histórias. Uma cartilha sobre a identidade presbiteriana. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

MACHADO, Jonas da Silva. **A Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil: Origem e Expansão** (Trabalho da cadeira de História da Igreja Brasileira, T. 3. Prof. Francisco L. Schalkwijk). Recife: SPN, 1979.

MACHEN, J. Gresham. **Cristianismo e Liberalismo**. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2001.

MANUAL PRESBITERIANO (com Jurisprudência). 1ª edição, São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

McGRATH, Alister. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

McINTIRE, Carl. **A Moderna Torre de Babel**. Recife: 1952.

_____. **A Morte de uma Igreja**. Recife: 1968.

_____. **Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

MARSDEN, George. **Fundamentalism and American Culture**. 2ª ed., New York: Oxford University Press, 2006.

MARTY, Martin E. **Accounting for fundamentalisms: the dynamic character of movements**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994. (The Fundamentalism Project, v. 4).

MATOS, Alderi S. **Os Pioneiros: presbiterianos do Brasil (1859-1900) - missionários, pastores e leigos do século 19**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

_____. Uma avaliação bíblica de tendências doutrinárias atuais. In: **Fé Cristã e Misticismo**, São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

_____. Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil, In: **Simonton 140 anos de Brasil**. Série Colóquio da Universidade Mackenzie, São Paulo, Mackenzie, 2000. p. 51-72.

_____. Eventos Marcantes da História do Cristianismo no Brasil (Apêndice), In: NOLL, Mark, A., **Momentos Decisivos na História do Cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. p. 333-357.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil**, São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. Dois pioneiros e um passeur de frontières. TEIXEIRA, Faustino (Org.). In: **A(s) Ciências da Religião no Brasil** – Afirmacões de uma área acadêmica. São Paulo: 2ª edição, Paulinas, 2008 b. pp. 251-296.

MONDIN, Battista. **Os Grandes Teólogos do Século Vinte**. Vol. 2, São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

MONTEIRO, José Marciano. **10 Lições sobre Bourdieu**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2018.

MUIRHEAD, H. H. **O Cristianismo Através dos Séculos**, Ed. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1949.

NOLL, Mark (Editor). **Princeton Theology (1812-1921)**. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2001.

OLSON, Roger. História da Teologia Cristã. São Paulo: Editora Vida, 2001.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Fundamentalismo Religioso: história e presença no cristianismo**. Disponível In: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>. Acesso em 17/02/2015.

PIERARD, R.V. Liberalismo Teológico. In: **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. Vol. II, São Paulo: Vida Nova, 1992.

PIERSON, Paul Everett. **A Younger Church in search of maturity**. San Antonio: Trinity University Press, 1974.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 2003.

REINAUX, Marcilio. **Israel Gueiros: Vida e Obra Missionária**. Recife: Comunigraf Editora, 2007.

RIVERA, Paulo Barrera. **A reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro: a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus**. In: Revista USP nº 67 (set.-nov. 2005), p. 78-99.

REVISTA VIDA VITORIOSA. Órgão da Confederação das Auxiliadoras da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil. ano 42, n. 09. Recife: Propag Gráfica e Copiadora, 2006.

REVISTA OS PURITANOS. Pacifistas Teológicos ou Soldados Vigorosos? ano XIV, n. IV. São Paulo: Facioli Gráfica e Editora Ltda, 2006.

ROBERTS, W.H. **O Sistema Presbiteriano.** 3ª ed., São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. **O Caminhar da Igreja:** o conceito de missão do pensamento de John A. Mackay. São Paulo: Garimpo Editorial, 2017.

SANTOS, João Alves dos. **A Questão Doutrinária:** os fatos que levaram à formação da Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil. São Paulo: LPC Publicações, 2011.

SANTOS, Valdeci da Silva. **John Gresham Machen contra o liberalismo:** em defesa da fé cristã. In: Fides Reformata, Vol. IX, n. 1. São Paulo: CPAJ, 2004.

SOUZA, José Roberto de. **Presbiterianos X Pentecostais:** a reação da Igreja Presbiteriana no Brasil ao advento do pentecostalismo em Pernambuco (1920-1930). São Paulo, Fonte Editorial, 2ª ed., 2018.

SOUZA, Rodrigo Franklin de. **A questão do fundamentalismo:** entre a reação e o diálogo. In: ARAGÃO, CABRAL e VALLE (ORG). Para onde vão os estudos da Religião no Brasil? São Paulo: ANPTECRE, 2014.

SHELLY, Bruce L. **História do Cristianismo** – ao alcance de todos. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SIMONTON, Ashbel Green. **O Diário de Simonton:** 1852-1866. 2ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

TEIXEIRA, Faustino. (Org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil:** Afirmação de uma área acadêmica. 2ª ed. São Paulo: 2008.

_____. **Cristianismo e Diálogo Inter-religioso.** São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TORREY, R.A. (Editor). **Os Fundamentos.** São Paulo: Hagnos, 2005.

VASCONCELOS, Misael de Albuquerque. **O “porque” de um professor ter levado a Igreja Presbiteriana do Brasil à Justiça do Trabalho.** Recife: 1975.

VASCONCELOS, Pedro. **AÇÃO DOS CRISTÃOS PELA ABOLIÇÃO DA TORTURA:** Fundamentalismo, integrista; uma ameaça aos direitos humanos. São Paulo, Paulinas, 2001. p. 31 - 35.

VIEIRA, David Gueiros. **Trajatória de uma família:** A história da família Gueiros. Recife: 2008.

WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2006.

ATAS E JORNAIS:

1. Jornais Locais da IPB e da IPFB:

a) O Norte Evangélico (periódico do Presbitério de Pernambuco – Anos: 1956, e outros anteriores e posteriores a essa data);

b) A Defesa (periódico da Igreja presbiteriana Fundamentalista do Brasil – Anos 1957 em diante).

2. Atas Pertencentes à IPB:

a) Livros de Atas, da Congregação dos Professores do Seminário Presbiteriano do Norte: (1947-1951 e 1955-1959);

b) Livro de Atas, número 2, da Comissão Executiva do Presbitério de Pernambuco: (1950-1958);

c) Livro de Atas, volume III, da Diretoria do Seminário Presbiteriano do Norte – IPB: (1953-1965);

d) Livro de Atas, número 8, da Assembleia Geral do Presbitério de Pernambuco: (1956-1967).

3. Atas de Igrejas Locais:¹¹⁴

a) Igreja Presbiteriana do Recife (foi a 1ª igreja fundada na cidade do Recife pela IPB, onde no ano de 1956 tornou-se IPFB, retornando para IPB no final da década de 1990);

b) Primeira Igreja Presbiteriana do Recife (foi a que deu continuidade aos trabalhos da IPB, e não aderiu ao movimento fundamentalista do Rev. Israel Gueiros);

¹¹⁴ Essas atas geralmente encontram-se nos arquivos das próprias igrejas locais supracitadas.

c) Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, no Bairro do IPSP-Recife (é a maior representante hoje, do movimento fundamentalista. Sendo o seu pastor José Vasconcelos, o mais antigo pastor da IPFB).

Livro de Atas da IP do Recife – Assembleia Geral (1950-1968)

Livro de Atas da IP do Recife – Conselho da Igreja (Jan. 1952- Dez. 1963)

Livro de Atas da IP do Recife – Conselho da Igreja (Dez. 1991- Abril 2003)

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:

<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>